

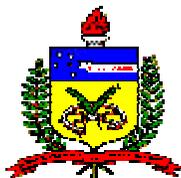


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia

**CONDIÇÕES DE VIDA DE CRIANÇAS E JOVENS QUE VIVEM EM UNIDADES
DE ABRIGO: A PERCEPÇÃO PELOS JOVENS E PELAS CRIANÇAS E OS
PROCESSOS DE GESTÃO DESSAS CONDIÇÕES PELOS QUE CUIDAM DA
INSTITUIÇÃO**

Jeisa Benevenuti Sartorelli

Florianópolis, SC
2004



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia

**CONDIÇÕES DE VIDA DE CRIANÇAS E JOVENS QUE VIVEM EM UNIDADES
DE ABRIGO: A PERCEPÇÃO PELOS JOVENS E PELAS CRIANÇAS E OS
PROCESSOS DE GESTÃO DESSAS CONDIÇÕES PELOS QUE CUIDAM DA
INSTITUIÇÃO**

Jeisa Benevenuti Sartorelli

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, elaborado sob a orientação do Prof. Dr. Silvio Paulo Botomé.

Florianópolis, SC
2004

SUMÁRIO

RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
1- CONDIÇÕES DE VIDA DE CRIANÇAS E JOVENS QUE VIVEM EM UNIDADES DE ABRIGO.....	1
1. Legislação sobre a institucionalização de crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo.....	2
2. As características das unidades de abrigo influenciam o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social de crianças e jovens que vivem nesses locais?.....	7
3. Características das condições institucionais que podem favorecer o desenvolvimento de crianças e jovens abrigadas.....	11
4. Práticas de atendimento de crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo.....	15
5. Decorrências da legislação, das condições institucionais e das práticas de atendimento de crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo.....	19
2- MÉTODO - O PROCESSO DE INVESTIGAR AS CARACTERÍSTICAS DAS CONDIÇÕES EM QUE VIVEM CRIANÇAS E JOVENS INTERNADOS EM UMA UNIDADE DE ABRIGO	21
1. Sujeitos.....	21
2. Outras fontes de informação.....	21
3. Características da unidade de abrigo.....	22
4. Situação e ambiente.....	23
5. Equipamento e material.....	23
6. Procedimentos.....	24
a. <i>Escolha dos sujeitos</i>	24
b. <i>Elaboração dos roteiros de entrevista</i>	24
c. <i>Elaboração do roteiro de observação por meio de documentos</i>	25
d. <i>Elaboração do roteiro de observação direta</i>	25
e. <i>Contato com os sujeitos</i>	25
f. <i>Realização das entrevistas com dirigentes e colaboradores</i>	26
g. <i>Realização das entrevistas com crianças</i>	27
h. <i>Observação por meio dos documentos</i>	27
i. <i>Observação direta das condições habitacionais</i>	28
j. <i>Organização e análise dos dados</i>	28

3. CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS CRIANÇAS E JOVENS QUE VIVEM EM UMA UNIDADE DE ABRIGO.....	30
1. Características da faixa etária e gênero das crianças e jovens abrigados.....	32
a) Decorrências para as unidades de abrigo de haver uma distribuição heterogênea quanto à variação por faixa etária.....	35
2. Características do fluxo (ingressos e egressos) de crianças e jovens abrigados.....	37
a) Há falhas nos procedimentos de registro das informações nos documentos do abrigo.....	45
b) Há oscilação na quantidade de crianças e adolescentes ingressos e egressos ao longo dos meses.....	46
3. Características do tempo de permanência das crianças e jovens abrigados.....	47
a) Quanto maior é o tempo de permanência, maior é a dificuldade em realizar encaminhamentos que promovam o bem estar das crianças e jovens	50
4. Origem, destino e motivo dos encaminhamentos para as crianças e adolescentes abrigados.....	51
a) As crianças chegam a instituição por falta de condição material e regressam para suas famílias encaminhadas pelo conselho tutelar.....	57
5. As características gerais de crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo fornecem informações importantes sobre as necessidades decorrentes dessas características.....	60
4. CARACTERÍSTICAS DAS CONDIÇÕES HABITACIONAIS DE UMA UNIDADE DE ABRIGO ONDE VIVEM CRIANÇAS E JOVENS.....	67
1. Características dos ambientes que fazem parte da estrutura física do abrigo de acordo com as características do grau do estado de conservação.....	68
a) Apesar do estado de conservação geral da maioria dos equipamentos dos dormitórios variar entre o grau muito bem conservado e bem conservado, há dormitórios no abrigo com quantidade insuficiente de móveis para atender as crianças e jovens	72
b) Há diferenças no estado de conservação dos equipamentos das salas que fazem parte da unidade de abrigo.....	80
c) Os equipamentos do refeitório e da cozinha do abrigo possuem como estado de conservação o grau muito bem conservado e são apropriados para atender as necessidades de alimentação das crianças e adolescentes.....	84

d) O grau do estado de conservação da maioria dos equipamentos dos banheiros e da lavanderia do abrigo é muito bem conservado e estão em boas condições para manter a higiene pessoal e as roupas das crianças e jovens.....	86
e) O revestimento do teto possui o menor grau no estado de conservação e a fonte de iluminação utilizada em todos os ambientes parece ser condizente com a estrutura habitacional do abrigo e está entre o grau muito bem conservado e bem conservado.....	89
2. Características gerais do grau do estado de higiene do abrigo.....	90
3. Algumas características das condições habitacionais são favoráveis e outras são “as que existem”	90
5.CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS DIRIGENTES DA UNIDADE DE ABRIGO E OS PROCESSOS DE GESTÃO DAS CONDIÇÕES INSTITUCIONAIS.....	92
1. Características gerais dos dirigentes da unidade de abrigo.....	93
a) Há diferença de idade, estado civil e grau de escolaridade entre os dirigentes institucionais.....	95
4. Características dos aspectos negativos e positivos da unidade de abrigo, dos recursos recebidos, dos procedimentos de supervisão, controle e regras e das relações estabelecidas entre os dirigentes, colaboradores, crianças e demais profissionais das entidades de proteção.....	96
a) Há características nos procedimentos de atendimento que afetam as condições de vida de crianças e jovens.....	102
2. As características gerais dos dirigentes institucionais são favoráveis e suas ações podem tanto aumentar quanto diminuir a eficácia do gerenciamento dos processos organizacionais.....	106
6.CARACTERÍSTICAS DOS COLABORADORES DA UNIDADE DE ABRIGO.....	107
1. Características da faixa etária, escolaridade, estado civil e origem de acordo com o gênero dos colaboradores da unidade de abrigo.....	108
a) A maioria dos colaboradores é do gênero feminino, com faixa etária e nível de escolaridade diversificados.....	110
2. Características gerais das condições de trabalho dos colaboradores da unidade de abrigo.....	111
a) Os colaboradores da unidade de abrigo possuem alto grau de satisfação com o seu trabalho, mesmo enfrentando algumas condições adversas.....	117

3. O controle sobre o trabalho dos colaboradores da unidade de abrigo....	120
a) A totalidade de colaboradores relata que as solicitações e cobranças são feitas em relação às crianças e jovens.....	126
4. Características das atividades desempenhadas pelos colaboradores e o reconhecimento pelo trabalho executado.....	129
a) Há um alto grau de reconhecimento do trabalho executado pelos colaboradores do abrigo.....	132
5. Características das exigências no trabalho.....	134
a) Não há treinamento para realizar as funções que os colaboradores desempenham na unidade de abrigo.....	136
6. As relações interpessoais no ambiente de trabalho.....	138
a) Os colaboradores da unidade de abrigo estabelecem relações agradáveis em seu ambiente de trabalho.....	141
7. Há características favoráveis e adversas nas condições de trabalho dos colaboradores da unidade de abrigo.....	143
7.CARACTERÍSTICAS DO RELATO DAS CRIANÇAS E JOVENS QUE VIVEM NA UNIDADE DE ABRIGO.....	146
1. Características gerais das crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo.....	147
a) As crianças e jovens apresentam nível de escolaridade incompatível com suas idades.....	149
2. Aspectos positivos e negativos da unidade de abrigo de acordo com a percepção das crianças e jovens.....	151
a) Os principais reforçadores que as crianças têm à sua disposição no abrigo são o comer, o brincar e os colegas.....	153
3. As atividades escolares das crianças e jovens do abrigo.....	155
a) As crianças não possuem um local fixo para realizarem suas atividades escolares.....	157
4. Outras atividades realizadas pelas crianças e as pessoas que os visitam no abrigo.....	159
a) A principal atividade realizada no abrigo segundo o relato das crianças é assistir T.V, a maioria das crianças entrevistadas não recebe visitas.....	162
5. O relato das crianças revela que há no ambiente institucional situações que elas gostariam de evitar.....	163
8.AS CARACTERÍSTICAS DAS CONDIÇÕES DE VIDA DE CRIANÇAS E JOVENS SÃO AFETADAS PELOS PROCESSOS DE GESTÃO DOS QUE CUIDAM DA UNIDADE DE ABRIGO.....	165
1. Limitações da pesquisa.....	167

2. Possibilidades de novas investigações sobre as características das condições de vida de crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo.....	167
REFERÊNCIAS.....	168
LISTA DE TABELAS.....	171
LISTA DE QUADROS.....	179
LISTA DE FIGURAS.....	180
ANEXO 1.....	181
ANEXO 2.....	183
ANEXO 3.....	194
ANEXO 4.....	201
ANEXO 5.....	216
ANEXO 6.....	223
ANEXO 7.....	230
ANEXO 8.....	237
ANEXO 9.....	255
ANEXO 10.....	267

RESUMO

A sociedade precisa conhecer como são realizados os cuidados de crianças e adolescentes que vivem em unidades de abrigo. Quando inseridas nessas instituições, crianças e jovens passam a ter por elas norteadas suas relações. Sendo assim, é fundamental que todos os recursos utilizados pela instituição sejam concebidos, realizados e administrados, em função das necessidades da população, produzindo os benefícios para os quais a instituição foi criada. Do ponto de vista da organização, nesse caso unidades de abrigo, os investimentos realizados na estrutura e processos organizacionais que permeiam os procedimentos de atendimento de crianças e jovens, refletem diretamente nas condições de trabalho dos colaboradores e nas condições de vida dessa população. É preciso identificar quais ações precisam ser realizadas para garantir um equilíbrio entre as necessidades básicas das crianças e adolescentes e o ambiente que lhes é oferecido. O encaminhamento para unidades de abrigo, em muitas dessas situações é a única medida de proteção existente e talvez possam, com conhecimentos apropriados, serem melhoradas. Para isso, foram utilizados como fontes de informação documentos (as fichas de controle das crianças e jovens), observação direta das condições habitacionais da unidade de abrigo e entrevistas. Participaram das entrevistas dois dirigentes do abrigo, oito colaboradores e dez crianças e jovens que vivem em abrigos. Os instrumentos de coletas de dados foram elaborados a partir da análise das variáveis consideradas importantes para construir resposta ao problema de pesquisa. Os resultados mostram que, a quantidade de crianças do gênero masculino e feminino são próximas e há uma distribuição de crianças em todas as faixas de idade, no entanto, ocorre uma maior densidade na faixa etária do zero aos três e dos dez aos doze. A maior parte dos abrigados permanece na instituição num período de zero a doze meses. Há maior quantidade de egressos nos meses de novembro, dezembro e janeiro. Existem falhas nos registros feitos para controlar o fluxo de crianças e adolescentes abrigados. Os dados são registrados de forma insuficiente. Os agentes da unidade de abrigo perdem o controle sobre o destino dos encaminhamentos das crianças, quando essas são retiradas do abrigo pelo conselho tutelar. Em relação às condições habitacionais, foi verificado que há dormitórios que não possuem quantidade suficiente de móveis para as crianças e jovens dormirem. Os equipamentos do refeitório e da cozinha são apropriados para atender as necessidades das crianças, assim como as instalações existentes nos banheiros e na lavanderia possuem os equipamentos necessários para manter em boas condições a higiene pessoal e as roupas das crianças e jovens. A fonte de iluminação utilizada em todos os ambientes parece ser condizente com a estrutura habitacional do abrigo. Os resultados da entrevista com os dirigentes mostram que há diferença de idade, estado civil e grau de escolaridade entre eles. Além disso, há características nos procedimentos de atendimento indicadas por eles que afetam as condições de vida das crianças e jovens. As entrevistas com colaboradores indicam que a maioria é do gênero feminino, com faixa etária e nível de escolaridade diversificado. Os colaboradores possuem alto grau de satisfação com o seu trabalho, mesmo enfrentando algumas condições adversas. Os principais reforçadores que as crianças têm são o comer, o brincar e os colegas. Os comportamentos dos administradores não dizem respeito às necessidades das crianças e aos problemas que precisam ser resolvidos pela instituição por meio de seus gestores.

Palavras-chave: comportamento de crianças abrigadas, comportamento de agentes institucionais, comportamento e condições habitacionais.

ABSTRACT

Society needs to know the way the cares of children and adolescents who live in units of shelter are made. Once inserted in those institutions, children and youngsters start to have their relationships orientated by them. Therefore, it is essential that all the resources spent by the institution be conceived, accomplished and managed towards the population's needs in order to produce the benefits for which the institution was created. From the organization's point of view, the investments made on the structure and on the organizational processes that permeate the procedures to receive the children and youngsters appear directly on the contributors' work conditions and on the life conditions of these people. It is necessary to identify which actions need to be made in order to assure a balance between the children's and adolescent's basic needs and the surroundings that is offered to them. The routing to the shelter, in many of these situations, is the only step of protection possible and maybe they can, with appropriate knowledge, be improved. For this, documents (the control records of the children and youngsters), direct observation of the habitation conditions of the units of shelter and interviews were used information sources. Two managers of the shelter, eight contributors and ten children and youngsters who live in protection units participated in the interviews. The instruments of data collection were made from the analysis of the variables considered important to answer the research problem. The obtained results show that the number of male is close to the female children and that there is a distribution of children in all the age groups. However, there is a bigger density in the age group from zero to three and from ten to twelve years old. Most of those sheltered people stay in the institution for a period from zero to twelve months. The biggest quantity of sheltered occurs in november, december and january. There are faults in the files done to control the flow of children and adolescents sheltered. The data are registered in an insufficient way. The agents of the units of shelter lose the control about the fate of children's routings when they are removed from the shelter by the guardian council. In relation to the habitation condition, it was verified that there are bedrooms with not enough furniture for the children and youngsters to sleep. The equipments of the dinning hall and the kitchen are appropriate to answer the children's needs as well as the existent facilities in the bathrooms and in the laundry have the equipments necessary to maintain in good condition the personal hygiene and the children's and youngster's clothes. The illumination source used in all the surroundings seems to be in keeping with the habitation structure of the shelter. The results if the interview with the rulers show that there are differences of age, marital status and education degree among them. Besides, there are characteristics in the service procedures indicated by them that affect the life condition of children and youngsters. The data of the interview with contributors indicate that most belong to the female sex, with diversified age group and education degree. Contributors have a high satisfaction degree with their work, even facing some adverse conditions. The main reinforcement that the children posses are eating, playing and their classmates. The behaviors of the administrators do not say respect to the necessities of the children and the problems that they need to be decided by the institution by means of its managers.

Key- words: behavior of sheltered children, behavior of institucional agents, behavior and habitational conditions.

CONDIÇÕES DE VIDA DE CRIANÇAS E JOVENS QUE VIVEM EM UNIDADES DE ABRIGO

Ser criança ou jovem e ter como contexto de desenvolvimento uma instituição de abrigo ou um lar familiar, faz diferença? O contexto no qual a circunstância de vida de crianças e adolescentes ocorre pode tanto favorecer quanto prejudicar o seu desenvolvimento. Há implicações desses contextos para o desenvolvimento humano. O ambiente familiar tem sido enfatizado como o local de excelência para propiciar o desenvolvimento saudável (Weber, 2002; Alves, 2000). No entanto, em algumas situações, nem sempre a família é o melhor meio de convivência para as crianças e jovens, especialmente, quando estão envolvidas em situações que as levam, por meio de decisão judicial, a perder o pátrio poder. O que dizer então, da situação de crianças e jovens que permanecem internados em tempo integral em unidades de abrigo, sem uma situação definida, excluídos da convivência de diversos grupos sociais? O que acontece com cada criança ou jovem nessa situação? Para uma melhor compreensão do que acontece, é necessário investigar e produzir conhecimento que caracterize as condições em que vivem crianças e jovens que impedidas de retornarem temporariamente ao convívio familiar, são internadas em unidades de abrigo.

A demonstração da necessidade de investigar e produzir conhecimento que caracterize as condições em que vivem crianças e jovens internadas em unidades de abrigo exige um exame de vários aspectos: 1) da legislação sobre a institucionalização de crianças e jovens; 2) das características das unidades de abrigo que influenciam o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social de crianças e jovens; 3) das características das condições institucionais que podem favorecer o desenvolvimento dessas crianças e jovens; 4) das práticas de atendimentos a crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo; 5) das decorrências da legislação, das condições institucionais e das práticas de atendimento de crianças e jovens abrigados. A partir desses aspectos, será possível examinar o que acontece com crianças e adolescentes que vivem em instituições desse tipo.

1. Legislação sobre a institucionalização de crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo

Dentre as práticas sociais de cuidados com a infância, a colocação de crianças que por algum motivo não podem retornar ao convívio familiar em instituições, tem sido, historicamente, a solução encontrada para proteger essa população (Guirado, 1986), a ponto de ser necessário legislar sobre isso. Essas instituições podem ser as entidades de atendimento chamadas unidades de abrigo, que são, nesse caso, os estabelecimentos responsáveis pelo cumprimento do regime de recolhimento ou tratamento determinado pelo Poder Judiciário e que recebem o nome geral de regime de abrigo. O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA, Lei nº 8.069/1990) é a principal garantia estatutária dos direitos das crianças e adolescentes, sendo por isso, importante conhecer quais condições são delimitadas por essa legislação sobre a institucionalização de crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo, uma vez que isso possibilitará examinar com mais precisão o grau de congruência entre as propostas legislativas e as reais condições institucionais.

A criação do Estatuto da Criança e do Adolescente é um marco fundamental na concepção, elaboração e implantação das políticas de atendimento às crianças e adolescentes brasileiros. Esse estatuto considera a criança e o adolescente como prioridades absolutas, merecedoras de atenção especial, tendo a família, a sociedade e o Estado o dever de lhes garantir esses direitos. Além disso, o Estatuto da Criança e do Adolescente define a política de atendimento para a infância e juventude, complementa preceitos constitucionais e estabelece a doutrina de proteção integral, consagrada na Convenção sobre os Direitos da Criança das Nações Unidas (Fachini, 1997). Anterior ao surgimento do Estatuto da Criança e do Adolescente, vigorava o Código de Menores em que não havia distinção entre as unidades de abrigo e de internamento para infratores (ECA, art. 103 a 105).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei nº 8.069/1990) prevê os seguintes tipos de regime para proteção a esse segmento da população: orientação e apoio sócio-familiar, apoio sócio educativo em meio aberto, colocação familiar, abrigo, liberdade assistida, semiliberdade, internação. O abrigamento é uma medida provisória e de proteção para garantir a segurança e sobrevivência de crianças, sempre que seus direitos forem violados. A violação desses direitos pode ocorrer por qualquer uma das formas previstas no artigo 98: pode ser aplicada por ação ou omissão da sociedade ou do Estado, por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsáveis. Ainda

segundo o Estatuto, o abrigo pode ser uma medida aplicada em razão da conduta de crianças e adolescentes. É uma medida de transição para a colocação de crianças em famílias substitutas, não implicando privação de liberdade (ECA, 1990). Em algumas situações, as unidades de abrigo também acolhem crianças e jovens sob outros tipos de regime impostos, como, por exemplo, jovens que receberam medidas sócio-educativas e devem ter participação em programas comunitários ou ter matrícula e frequência obrigatória em estabelecimentos de ensino fundamental.

O artigo 99 do Estatuto da Criança e do Adolescente prevê que as medidas de proteção podem ser aplicadas isoladas ou cumulativamente e serem substituídas a qualquer momento. No caso em que a medida de proteção aplicada for o abrigo, os encaminhamentos para instituições que recebem crianças ou jovens nesse tipo de regime, geralmente, são feitos pelo Conselho Tutelar ou Juizado da Infância e Juventude. As medidas que preconizam a colocação de crianças e adolescentes em família substituta são de competência do Juiz da Infância e da Juventude (art.101, inciso VIII, do ECA), enquanto que as demais como requisição de serviços públicos, expedição de notificações entre outras, cabem aos Conselheiros Tutelares municipais (art.136, I).

Os motivos dos encaminhamentos são diversos: maus-tratos, falta de condições materiais, exploração, práticas de atos infracionais, entre outros. Para Benetti (2002), é a partir da definição de maus-tratos que os casos podem ser melhor identificados e encaminhados. Essa mesma autora diz que os maus-tratos são agrupados em quatro categorias: abuso físico, abuso sexual, abuso emocional e negligência. As consequências dos maus-tratos podem ter importantes implicações sobre as vítimas: ocasionam seqüelas físicas ou psicológicas e podem também afetar o desenvolvimento cognitivo (Benetti, 2002). Sendo assim, a colocação de crianças e jovens em unidades de abrigo ocorre por meio de determinação judicial estando esses impossibilitados de retornar temporariamente ao convívio familiar. O abrigo de crianças, por falta de programas que contemplem medidas alternativas, acaba sendo o encaminhamento eleito, apesar de ser o último procedimento previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente. Outras alternativas, por vezes, são dificultadas. O processo de adoção de crianças no país é dificultado por meio de preconceitos que a sociedade constrói sobre aquele que é estigmatizado (Weber, 1999). Weber (1998) demonstra, por exemplo, que a colocação de crianças de raça negra, com

idade avançada, em famílias substitutas, são raras. As famílias brasileiras preferem crianças de pele clara e recém-nascidas.

As instituições que funcionam como unidades de abrigo, devem adotar entre os procedimentos de atendimento: preservação dos vínculos familiares, integração em família substituta quando esgotados os recursos para manter a criança na família de origem; atendimento personalizado e em pequenos grupos e outras como o desenvolvimento de atividades educativas, a participação na vida da comunidade local, o não desmembramento de grupos de irmãos, o evitar transferência para outros abrigos, a preparação gradativa para o desligamento (ECA, 1990 art.92). Essas instituições, ainda têm as seguintes obrigações previstas no artigo 94 do estatuto: respeitar os direitos e garantias das crianças e adolescentes, preservar a identidade e oferecer um ambiente de respeito e dignidade, realizar a preservação dos vínculos familiares, comunicar às autoridades competentes a situação de crianças e jovens. Além disso, também têm como obrigação, oferecer instalações físicas em condições adequadas de habitabilidade, segurança, higiene, oferecer cuidados necessários à preservação da saúde, propiciar atividades culturais, esportivas e de lazer e manter arquivo onde constem informações importantes das circunstâncias de atendimento.

Apesar da existência da legislação, será que essas determinações estão sendo cumpridas? As instituições de abrigo possuem características familiares configuradas pelo atendimento individualizado e pela preservação de vínculos com as famílias de origem? Autoras como Guirado (1986) e Alves (2000) revelam que essas instituições não substituem o papel da família, onde as relações são de outro tipo e as oportunidades de convivência com afeto são alargadas. As duas autoras ainda destacam a distância e a distorção existente entre a aplicação do Estatuto da Criança e do Adolescente e a realidade familiar. Outro estudo cujo objetivo foi o de caracterizar as práticas institucionais e a realidade familiar frente à situação de abrigamento de crianças foi o de Alves (2000). A autora coletou informações principalmente junto a oito famílias residentes em Florianópolis que possuíam crianças abrigadas em uma instituição. Outras informações foram obtidas junto à instituição estudada, ao fórum e aos técnicos do Conselho Tutelar e do SOS criança. Foram utilizados para a coleta de dados instrumentos de observação direta e indireta como entrevistas e questionários. As informações principais coletadas por esses instrumentos diziam respeito à origem da família; história passada; condições de vida; práticas familiares frente à situação de abrigamento e motivo do abrigamento.

A realidade encontrada por Alves (2000) é que as famílias dos jovens e crianças abrigadas em instituições possuem poucas condições financeiras e baixo nível de escolaridade. Essas características coincidem com os principais motivos dos encaminhamentos para as unidades de abrigo que são justificadas pelos técnicos para a retirada da criança de sua família. A autora descreve em seu estudo o caso da transferência de uma criança para uma unidade, que teve como motivo alegado pelos técnicos a negligência, sem terem sido avaliadas a realidade familiar (nesse caso permeada por dificuldades) e as conseqüências que tais medidas podem provocar na vida dessas famílias. Sendo assim, os resultados dos estudos de Alves (2000) evidenciam a necessidade de implementar políticas sociais básicas voltadas para as crianças e famílias de camadas populares. As crianças e adolescentes que vivem em instituições que funcionam como abrigo são provenientes de camadas populares e sua situação é de risco ou de abandono (Guirado, 1986).

Em um país como o Brasil, onde as condições sociais são precárias, com uma das piores concentrações de renda do mundo, é necessário avaliar, principalmente, as questões envolvidas na estrutura social oferecida à população. Silva e Hutz (2002) indicam que a realidade brasileira, caracterizada pela desigualdade social e pela ausência de políticas de atendimento voltadas às classes populares, contribui para que crianças e adolescentes vivam em uma situação não favorável ao desenvolvimento pleno saudável. Dessa situação, vale considerar a rede de variáveis (sócio-econômicas, estruturais, psicossociais, culturais entre outras), destacadas por Weber (1998), envolvidas no ato de abandonar uma criança que podem auxiliar na compreensão da situação de vida de crianças e jovens que necessitam da intervenção da sociedade para terem assegurados seus direitos. A autora salienta que o abandono é uma situação complexa e seu exame deve ser feito a partir das condições abandonantes de quem abandona, sendo notável a perpetuação de um ciclo cruel: o abandonado abandona. A falta de oportunidade para construir vínculos sócio-afetivos em suas existências está presente. Weber (1998) relata que a crise do abandono em orfanatos é desencadeada principalmente por falta de recursos financeiros. Assim, as restrições econômicas produzem efeitos diretos e indiretos nas famílias. Além de dificultarem o acesso a serviços de assistência básica a seus filhos, as restrições econômicas inviabilizam cuidados necessários ao provimento de seu bem-estar. Há uma alta probabilidade de que as famílias de baixa renda sejam obrigadas a enfrentar condições de vida (que incluem dificuldades

materiais, sociais e psicológicas) que não permitem a construção de relações sociais, afetivas e emocionais que poderiam auxiliar as crianças e os jovens em seu desenvolvimento.

Devido às dificuldades encontradas pelas famílias na criação de seus filhos, algumas são obrigadas por determinação judicial a encaminharem seus filhos para internamento provisório em estabelecimentos ou adoção temporária (Bonamigo, 1999). A maior parte das crianças abandonadas são encaminhadas para unidades de abrigo. De acordo com estimativa da Secretaria de Assistência Social, existem no Brasil cerca de 200.000 crianças abandonadas, das quais 195.000 estão sendo atendidas por instituições chamadas de “unidades de abrigo” (Weber, 2002). A institucionalização de crianças e jovens em condições precárias foi criada com o objetivo de proteção à infância e à adolescência. Vale a pena, diante da importância que tal tipo de medida social pode ter, perguntar: essa medida cumpre os objetivos propostos? Ou será que contribui para a segregação ou exclusão de produtos sociais indesejáveis (Weber 1998)?

No ano de 1996, Weber e Kossobudzki realizaram um estudo com a totalidade de crianças e adolescentes em regime de internamento em unidades de abrigo no Estado do Paraná. Revelaram que 70% deles nunca receberam visitas e outros 30% receberam somente no início do período de internamento. Dessa forma, passam sua infância e sua adolescência sem ter uma família, um direito fundamental assegurado nas garantias constitucionais e estatutárias. A crise do abandono nessas instituições confirma-se e une-se a outras carências: descaso das autoridades competentes, (Instituições de Abrigo; Poder Judiciário; Promotoria Pública); falta de conhecimento sobre o desenvolvimento infantil e lentidão burocrática, em relação à tutela dessas crianças. Souza (2001) descreve que muitas vezes o Judiciário não encontra as condições ideais para proteger a criança ou adolescente, porque o Poder Executivo não lhe propicia os meios necessários para a aplicação da lei protetora (ECA). Apesar de estarem institucionalizadas e abandonadas sem receber visitas de familiares, tendo poucos vínculos sociais, não são consideradas oficialmente abandonadas, e com isso, os pais não são destituídos do pátrio poder (Weber, 1998). Assim, essas crianças não podem receber um outro tipo de encaminhamento como, por exemplo, a adoção. Weber (1998) afirma que poderiam ser classificadas como “esquecidas”, “filhos de ninguém”, “filhos do Estado”. Enquanto dura essa espera, essas crianças ficam sujeitas as normas que regem as instituições que as abrigam e, desse modo, suscetíveis aos valores e a cultura veiculada pela entidade que tem como função protegê-las.

Assim, existe a necessidade de estudos científicos que avaliem o que acontece nesses locais. Os diferentes tipos de regime de proteção, os motivos dos encaminhamentos, os procedimentos de atendimento, juntamente com a estrutura social desigual e as carências encontradas nas instituições, constituem informações relevantes para examinar a ocorrência ou não de distância entre as determinações legislativas e as reais condições institucionais. Além disso, a avaliação dos resultados encontrados pode indicar melhorias nas condições de assistência às crianças e jovens e servir de base para subsidiar a ação dos responsáveis pela formulação de políticas futuras e novos estudos na área.

2. As características das unidades de abrigo influenciam o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social das crianças e jovens que vivem nesses locais?

A Psicologia e diversas áreas do conhecimento podem auxiliar na compreensão dos vários aspectos relativos à situação de crianças e jovens institucionalizados. Um dos aspectos diz respeito à influência do ambiente físico e social no desenvolvimento, ou seja, a influência e implicações do contexto no desenvolvimento. Algumas características do ambiente institucional, como por exemplo, a limitação da convivência social e a invariabilidade do ambiente físico, têm efeitos sobre as crianças e jovens que estão vivendo em unidades de abrigo. É importante, então, conhecer as características das condições em que vivem e em que grau essas influenciam no desenvolvimento afetivo, cognitivo e social dessa população.

A estrutura organizada para receber crianças e adolescentes em situação de abrigo é historicamente descrita como deficiente. Essas deficiências estão relacionadas principalmente aos efeitos danosos que as características do processo de institucionalização produzem no desenvolvimento dessa população. Guirado (1986), por exemplo, examinou as decorrências da institucionalização sob dois aspectos: de um lado, a internação como uma medida de atendimento oferecida às famílias que não possuem recursos necessários para a criação de seus filhos. De outro, os prejuízos advindos da institucionalização. A autora destaca, sobretudo, prejuízos afetivos. A mesma autora, em estudos realizados na FEBEM (SP) em 1978/1979, examinou a afetividade nas instituições, a partir do discurso de pessoas envolvidas no seu cotidiano. Para

isso, realizou entrevistas, em duas unidades da FEBEM (SP), com agentes institucionais (pessoas envolvidas no atendimento diário aos internos). As questões eram voltadas, sobretudo, à descrição do trabalho deles na instituição, suas dificuldades e aspectos positivos.

Os resultados permitem mostrar que os discursos dos colaboradores evidenciam diferentes percepções da instituição. O cotidiano desses colaboradores é vivenciado, de acordo com Guirado (1986), como de ataque ou defesa, sendo as relações mais conflitivas no grupo onde o contato entre os agentes é mais freqüente. As crianças são percebidas pelos colaboradores como sujeitos passivos, fora da razão de ser das práticas institucionais e estavam ausentes de determinados discursos dos agentes. Passados quatro anos das entrevistas feitas com os colaboradores, a autora criou outros objetivos para o estudo. Realizou entrevistas, em três unidades da FEBEM, com crianças e adolescentes, com idades a partir dos 12 anos, orientadas para as descrições do modo como os internos percebiam as relações em que estavam envolvidos. No discurso das crianças, a percepção era de abandono pela família, o presente era confirmado pelas constantes lembranças ao espaço institucional e seu futuro era descrito como incerto. O estudo de Guirado (1986) demonstra que, mesmo com a propagação dos direitos das crianças e adolescentes, ficam evidentes as deficiências no atendimento e outras alternativas de intervenção orientadas para a população infanto-juvenil encontradas nas unidades de abrigo.

Weber e Kossobudzki (1996) também examinaram as decorrências da institucionalização. Examinaram que a criança institucionalizada apresenta *déficit* em seu desenvolvimento motor, em sua linguagem e no desenvolvimento social e intelectual geral, não tendo oportunidades para a construção de uma identidade pessoal, com autoconceito positivo e estabilidade emocional. Para Rizzini (1997), a institucionalização causa mais danos do que benefícios para a maioria das crianças internas, devido a algumas características do ambiente institucional: limitação da convivência social, invariabilidade do ambiente físico e de grupos de companheiros, vigilância contínua, falta de autonomia. Como efeito dessas características, a autora mostra que a criança desenvolve uma auto-estima que interfere em seu desenvolvimento. Os efeitos causados pela institucionalização podem ser agravados quando, por exemplo, segundo De Antoni & Koller (2001) o encaminhamento para o abrigo vem acompanhado por uma história de vitimização sofrida na família de origem.

Dessa forma, é possível perceber a importância de que o ambiente institucional funcione, como diz Rizzini (1997), de modo a preservar e superar as características individuais e sociais saudáveis, não constituindo mais um evento revitimizador em suas vidas. Embora a institucionalização não seja a melhor solução (pois priva a criança de um convívio afetivo, possível em uma relação familiar), é uma medida prevista pelas leis e imposta pelo poder judiciário por intermédio de leis que regulamentam a situação de crianças e adolescentes que vivem em unidades de abrigo e estão impedidos de retornarem ao convívio com suas famílias. Além disso, por vezes, é a única forma de prevenir os maus-tratos envolvidos na relação cuidador (pessoa responsável pelos cuidados)-criança. É nesse tipo de relação que a maior parte dos casos de maus-tratos ocorrem em relação a crianças e adolescentes (Benetti, 2002).

Essas descobertas confirmam as decorrências do processo de institucionalização. Permanece assim, a necessidade de verificar o que acontece com as crianças institucionalizadas em regime de internamento em outras regiões ou Estados. Será que acontecem prejuízos? Quais são as conseqüências produzidas? A caracterização das condições em que vivem crianças e jovens em unidades de abrigo permitirá verificar quais as condições ambientais presentes que podem estar provocando prejuízos. Uma das condições inerentes ao processo de institucionalização é o afastamento e a perda de contato com a família ou grupo social de origem. Esse afastamento possui efeitos prejudiciais, sendo, portanto, um aspecto relevante para o desenvolvimento. Alguns autores, por exemplo, Bowlby (1990) e Spitz (1996), estudaram as conseqüências provocadas pela privação materna. Bowlby tem, como centro de suas investigações, a carência afetiva provocada pela perda do contato íntimo com a mãe. O autor destaca que esse desvio na relação de apego pode ser, inclusive, origem de outras perturbações físicas (atraso no crescimento, emagrecimento, doenças de pele e outras), intelectuais e sociais. Outros autores confirmam essa descoberta. Spitz (1996), por exemplo, descreveu quadros clínicos decorrentes da privação afetiva materna (depressão anaclítica e hospitalismo), quando não existem substitutos ou quando a substituição é feita de maneira inapropriada. No entanto, é importante considerar que os efeitos da privação materna listados por esses autores são reversíveis, talvez o que não esteja claro ainda para os pesquisadores é o grau dessa reversão.

Tizard citada por Guirado (1986), mostra que, mesmo em instituições com ótimas condições de estimulação, as crianças acabam por apresentar uma afetividade conturbada. Constata que sua

sociabilidade, em geral, é diferente das crianças que vivem em lares com suas famílias, principalmente por receberem cuidados de diferentes pessoas, não sendo estáveis as figuras de apego substitutas, o que dificulta a formação de vínculos estáveis entre adultos e crianças. Carvalho (2002) descreve que isso ocorre em função do esquema de trabalho em rodízio, associado ao elevado absenteísmo e a rotatividade de funcionários que passam sua jornada de trabalho nesse tipo de instituição. Quando isso acontece, as crianças tendem a desenvolver comportamentos pró-sociais, estabelecendo, entre si, figuras de amor substitutas, o que Carvalho (1999) denominou de rede suportiva de apoio.

O autor descreveu o papel desempenhado pelo grupo de companheiros nas instituições de cuidados infantis, mostrando o papel suportivo mútuo dos pares em situações onde não existe uma relação parental. Freud e Burlinghan (1954) confirmam o descrito por Carvalho (1999), ressaltando que o sistema interacional criança-criança, ainda que não seja suficiente para superar o sistema adulto-criança, pode ser um elemento facilitador de suas interações sociais. No caso das crianças que vivem em abrigos, as amizades entre os companheiros contribuem para o seu desenvolvimento, pois oferecem a segurança de pertencer a um grupo e servem de modelo para a construção de suas futuras relações (Carvalho, 2002).

Freud e Burlinghan (1954) também descreveram suas observações realizadas em três creches-lares inglesas onde viviam crianças separadas de suas famílias no período da guerra. Nesse estudo, as autoras avaliaram as vantagens e desvantagens da vida em um internato, nos diferentes períodos do desenvolvimento. Os resultados alcançados revelam, entre outros, que alguns comportamentos como o andar, o alimentar-se e o controle muscular desenvolviam-se com maior rapidez em crianças que viviam em instituições quando comparadas às crianças que viviam com suas famílias. Já com relação ao desenvolvimento da linguagem, as crianças institucionalizadas apresentaram um atraso no início do processo, em função do baixo grau de estimulação a qual estavam submetidas.

Apesar das características que fazem parte das unidades de abrigo terem algumas implicações negativas para o desenvolvimento de crianças e jovens, como, a convivência principalmente entre crianças, e a estruturação não-familiar, Carvalho (2002) conclui que o processo de desenvolvimento dessas crianças pode não ser totalmente negativo. A qualidade do cuidado oferecido às crianças e jovens, a quantidade de crianças abrigadas, a experiência da

equipe, a sensibilidade dos cuidadores, a adequação de suas programações às necessidades das crianças, são variáveis importantes que podem favorecer o seu desenvolvimento. Quando inseridas em instituições, crianças e jovens, passam a ter por elas norteadas suas relações. Dessa forma, é importante construir propostas que atendam realmente à infância e juventude. Essa população necessita ser assistida em suas carências, e, para isso, é preciso oferecer condições materiais, pedagógicas, psicológicas, culturais, sociais, entre outras, para que vivam como sujeitos de direitos.

Considerando que os estudos descritos (Carvalho (2002), Rizzini (1997)) em relação as instituições que funcionam como unidades de abrigo oferecem uma estrutura de atendimento deficiente que provoca prejuízos afetivos, cognitivos e sociais e que esse contexto de desenvolvimento modifica a afetividade e as relações sociais, é necessário conhecer em que aspectos os cuidados dispensados às crianças devem ser melhorados. Esse conhecimento poderá contribuir para aperfeiçoar os procedimentos e políticas de atendimento delimitadas pelos agentes de instituições como Conselhos Municipais, Estaduais e Conselhos Tutelares, gerando informações seguras para os profissionais que trabalham com a área social.

3. Características das condições institucionais que podem favorecer o desenvolvimento de crianças e jovens abrigadas

Uma das condições que devem ser privilegiadas para que os cuidados dispensados às crianças e jovens abandonados sejam melhorados, é o apoio social e afetivo. A rede de apoio social e afetiva pode ser compreendida de acordo com Brito e Koller (1999) como o conjunto de sistemas e de pessoas significativas que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos pelo indivíduo. O apoio social e afetivo é uma das dimensões importantes para o desenvolvimento humano e estabelece uma interface entre a pessoa e o ambiente social do qual faz parte. Pierce, Saranson e colaboradores (1996) trazem à consideração que o apoio social e afetivo está relacionado com a percepção que a pessoa tem de seu mundo social, com a maneira como se orienta nele, com as estratégias e com as competências para estabelecer vínculos e,

enfim, com os recursos que o ambiente lhe oferece como proteção e como força frente a situações de risco. Essas considerações evidenciam a importância de conhecer as características das redes de apoio social e afetiva existentes nas condições de institucionalização, que possam favorecer o desenvolvimento de crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo.

Para favorecer um desenvolvimento com características adaptativas, Brito e Koller (1999) identificaram três aspectos determinantes: rede de apoio social, rede de apoio afetiva e características individuais. É necessário a partir disso, avaliar qual desses aspectos estão presentes nas unidades de abrigo, verificando quais variáveis (sociais, afetivas e individuais) que podem proteger o indivíduo e quais podem dificultar seu desenvolvimento. Dessa forma, profissionais da área social poderão dispor de conhecimentos que demonstrem quais as redes de apoio (social e afetiva) estabelecidas, tornando mais provável a utilização dos recursos disponíveis e a eficácia de suas ações sobre as crianças e jovens abrigados. Permanece, assim, clara, a necessidade de que o ambiente institucional seja capaz de oferecer esses recursos como meio de facilitar a promoção do desenvolvimento psicológico de crianças.

Oliveira (1998) descreve que há condições de risco presentes nos contextos institucionais que podem agravar a vulnerabilidade de crianças e jovens abrigados, afetando seu desenvolvimento. Esse mesmo autor descreve que o risco no desenvolvimento humano está associado às condições multifatoriais e específicas do organismo e do contexto, não podendo ser compreendido isoladamente. O autor destaca a existência de fatores de risco genéticos e fatores de risco ecológicos e, ainda, à interação entre esses. Os fatores de risco ecológicos (falta de estimulação na criança, práticas educativas utilizadas, isolamento da criança de sua família) são importantes na medida que viabilizam a observação de condições adversas no ambiente institucional que podem ser mais rápida e facilmente caracterizados na avaliação das condições institucionais.

É importante lembrar que muitas crianças crescem e se desenvolvem em contextos que constituem ameaças a sua saúde física e psicológica. É o caso, por exemplo, de um outro grupo considerado de risco social, os meninos de rua, estudados por Craidy (1996). Em seu estudo, a autora avalia o quanto o processo de exclusão social é construtor do analfabetismo. Os dados surgem da experiência de alfabetização com meninos de rua e de entrevistas realizadas com crianças e adolescentes abordados na rua. A idade dos alunos do programa compreendia dos seis aos 17 anos. Com esse trabalho, a autora indica como principais aspectos relevantes na

construção do analfabetismo dos meninos de rua: o nomadismo, a instabilidade na cultura de rua e nas suas relações (suspensão de laços, rupturas com as instituições e a ordem social, privação da infância), que se contrapõem às exigências disciplinares da vida escolar.

Para esse grupo, a rua é descrita como um espaço possível e não alternativo em suas vidas (Craidy, 1996). Seu cotidiano é marcado pela suspensão de laços e de perspectivas. As causas geradoras dessa situação são descritas pela autora como sendo quase sempre a violência, a miséria material ou humana em que se encontram. Nesse aspecto, é possível perceber semelhanças quando comparadas à realidade de crianças as quais permanecem institucionalizadas em regime de internamento. As razões pelas quais estão na rua ou institucionalizadas, suas condições de vida e perspectivas, são na maioria das vezes marcadas pela miséria e por eventos de vida estressores como a negligência e a ausência de pessoas da família. Além disso, enquanto a existência dos meninos de rua é caracterizada por Craidy (1996) como um fluxo irregular, por serem encontrados em diferentes horários e locais, com diferentes pessoas, a de crianças institucionalizadas, caracteriza-se por uma situação permanente e regular.

Para Craidy (1996), as únicas relações institucionais mantidas pelos meninos de rua são com a polícia e com instituições assistenciais. As crianças e adolescentes que vivem em situação de rua (meninos de rua) estabelecem uma ruptura com as instituições sociais, permanecendo em uma condição de ausência de relações com adultos (Craidy, 1996). Essa situação também gera instabilidade, insegurança, estresse e pode causar prejuízos em seu desenvolvimento. Isso porque as crianças ficam afastadas de uma rede de relações que poderiam lhes oferecer suporte emocional. São membros de um grupo pobre e marginalizado socialmente. Essas crianças e jovens são uma preocupação constante para a sociedade.

É possível perceber que existem alguns grupos sociais que possuem um modo de vida diferenciado do padrão estabelecido socialmente. Grupos esses que, ao enfrentarem situações de estresse e risco em seu cotidiano, podem apresentar distúrbios emocionais e problemas de conduta, sendo considerados vulneráveis. Entretanto, nem todas as crianças que vivenciam as mesmas situações de risco apresentam problemas. Pelo contrário, algumas delas conseguem adaptar-se e superar essas situações, demonstrando, entre outras habilidades, competência social (Cecconello, 2000). Essas crianças são chamadas resilientes. Segundo Zimmerman e Arunkumar (1994), resiliência refere-se à capacidade dos indivíduos de superarem as situações de risco

vivenciadas. Vanistendael (1995) descreve que a resiliência designa a capacidade de uma pessoa para fazer as coisas bem apesar das condições de vida adversas. É a capacidade de uma pessoa ou sistema social de viver bem e desenvolver-se positivamente apesar das condições de vida difíceis e isto de maneira socialmente aceitável (Vanistendael, 1995).

Esse mesmo autor ressalta que o conceito de resiliência na engenharia é utilizado para descrever a capacidade que um material possui para voltar a sua forma original, depois de submeter-se a uma pressão deformadora. Assim, utilizamos o termo resiliência para descrever qualidades humanas que possuam analogia com o significado empregado na engenharia. Cecconello e Koller (2000) realizaram um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. Participaram desse estudo 100 crianças de ambos os sexos e com idade entre seis e nove anos. Os instrumentos utilizados foram o teste das histórias incompletas e a escala de empatia, para avaliar respectivamente, competência social e empatia. Os resultados mostram a importância dessas características (competência social e empatia) como fatores de proteção que contribuem para a resiliência e adaptação das crianças.

Outros aspectos destacados pelo estudo de Cecconello e Koller (2000) são as características do meio. Essas devem ser consideradas para o entendimento dos processos adaptativos dos indivíduos no curso de suas vidas. Entre os processos adaptativos encontram-se os fatores de proteção e os fatores de risco que estão relacionados com eventos da vida, recursos, disposições ou demandas e que podem proteger o indivíduo de eventos estressantes ou levá-los a desencadear patologias (Bronfenbrenner e Morris, 1998; Garmezy e Masten, 1994). Em geral, crianças e jovens institucionalizados possuem uma história de vida marcada por escassez de recursos e de estímulos, sendo que essas características podem torná-los mais vulneráveis. Investigar quais são as características das condições em que vivem crianças e jovens em unidades de abrigo permite verificar quais são as condições existentes durante a prestação do atendimento oferecido. Ainda permite identificar quais condições podem atuar como proteção (favorecendo a resiliência) e quais condições podem atuar como risco (induzindo a vulnerabilidade). É importante ressaltar que proteção e risco se referem a certos graus que determinadas variáveis podem assumir.

Uma vez caracterizadas as condições do meio que podem favorecer (variáveis protetoras) e que podem dificultar (variáveis de risco) o desenvolvimento de crianças e jovens abandonados, é relevante considerar que nem todos os indivíduos, apesar de vivenciarem situações de risco, irão

apresentar problemas. As redes de apoio sociais e afetivas existentes nas unidades de abrigo auxiliam na promoção do desenvolvimento saudável. Além disso, a avaliação das práticas de atendimento direcionadas à população infanto-juvenil pode ajudar a verificar essas redes de apoio e os diferentes aspectos que contribuem para o entendimento do fenômeno a ser investigado.

4. Práticas de atendimento de crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo

Existem diferentes tipos de estabelecimentos destinados ao atendimento de crianças e adolescentes. Esse resultado foi mostrado em um estudo realizado por Weber e Kossobudski (1996), a partir de avaliações feitas em instituições que funcionam em regime de internato oficiais e particulares do Estado do Paraná. As autoras ressaltam que, apesar das diferenças existentes nos tipos de estabelecimentos, o lado negativo e imperativo mantém-se presente quando a criança não vive em um lar familiar: falta de contato físico, ausência de reforçadores, verbalização limitada, ambiente monótono, ausência de objetos pessoais, entre outros. Embora essas sejam as características descritas no cotidiano das instituições do Estado do Paraná, é necessário verificar se tais condições também existem nas instituições de outras regiões ou Estados. Para que a institucionalização de crianças não seja considerada mais um evento negativo em suas vidas, mas sim um fator de proteção e fortalecimento da autonomia, é necessário avaliar os procedimentos de atendimento existentes nas condições institucionais de crianças e jovens abandonados.

Ao avaliar esses procedimentos, será possível identificar quais as ações praticadas pelas instituições e seus efeitos. E, com isso, derivar quais ações precisam realizar para garantir um equilíbrio entre as necessidades básicas das crianças e o ambiente que lhes é oferecido. Assim, poderá haver uma redução da exposição dessas crianças ao risco de ter o adjetivo “institucionalizada” como estigma. Para isso, é preciso um conhecimento que possibilite delimitar as condições existentes no âmbito da institucionalização infantil, já que o encaminhamento para o abrigo, em muitas dessas situações, é a única medida de proteção existente e talvez possam, com conhecimentos apropriados, serem melhoradas.

Outra autora que avaliou as práticas de atendimento voltadas a crianças e adolescentes pobres, assim como o sentido da existência dessas práticas foi Bonamigo (1999). Suas avaliações partem dos acontecimentos que surgiram durante a realização de seus estudos. Na primeira parte de seu trabalho, a autora descreve as diferentes práticas instituídas para o atendimento de crianças pobres da região de Xanxerê (SC). Os instrumentos utilizados foram: entrevista, análise documental e observação direta do cotidiano no contexto da instituição. A população estudada compreendeu 80 indivíduos para a entrevista. Foram utilizados 35 documentos como fontes de informação, e realizadas observações em instituições no âmbito do trabalho (Abrigos domiciliares e Centro de Atendimento Integral à Criança – CAIC) e, em outras, com diferentes práticas de atendimento: Conselho Tutelar, Conselho Municipal dos Direitos das Crianças e Adolescentes, entre outras.

A autora conclui que nem todas as famílias conhecem os atendimentos existentes. Além disso, algumas consideram importantes os serviços prestados e outras não sentem necessidade de participação em nenhum tipo de programa. Outras famílias, ainda, julgam necessário haver atendimentos não disponíveis. Mais do que uniformidade e homogeneidade, essas famílias possuem multiplicidade e diversidade em função de suas singularidades (Bonamigo, 1999). As formas de atendimento dirigidas às crianças e adolescentes em situações adversas devem estar disponíveis e acessíveis e precisam abranger uma rede comunitária externa ao ambiente das instituições. De Antoni e Koller (2001) relatam, a partir de uma experiência de trabalho em contexto institucional para meninas vítimas de violência, que não havia, no momento das intervenções, práticas de atendimentos voltadas às famílias ou que envolvessem integração nas instituições comunitárias disponíveis.

As práticas de atendimento são concebidas em sintonia com os contextos históricos nos quais emergem, podendo somente ser analisadas a partir dessa concepção (Bonamigo, 1999). As analisadas por Bonamigo (1999), em Xanxerê (SC), são executadas principalmente por técnicos e pessoas ligadas à administração municipal e estadual, não havendo participação da comunidade, apesar de ser um direito assegurado pelo Estatuto da Criança e Adolescente (ECA, 1990). De acordo com Bonamigo (1999), o ECA, garante no âmbito da legislação, proteção às crianças e adolescentes, no entanto, os agentes das entidades responsáveis pelas ações administrativas, enfrentam dificuldades em instituir sua política de atendimento. Quase sempre acaba tendo

diversos direcionamentos, dependendo das características do local onde são concretizadas. Para Weber (1998), ainda existem obstáculos para que a justiça ultrapasse os limites “do papel” e chegue à vida real dessas crianças.

Apesar das dificuldades encontradas nos procedimentos para atender crianças e adolescentes abandonados, existem propostas para a implantação de políticas de atendimento a partir de intervenções focalizadas em um referencial que permite uma compreensão integrada e contextualizada como as de Botomé (1996) e De Antoni e Koller (2001). Essas últimas autoras utilizam o modelo ecológico elaborado por Bronfenbrenner (1996). Esse modelo privilegia intervenções que levem em consideração a ecologia do mundo, avaliando quatro núcleos do sistema ecológico em permanente interação dinâmica: a pessoa, o processo, o contexto e o tempo. Os profissionais envolvidos passam a apoiar suas ações em todos os ambientes que têm qualquer implicação para o desenvolvimento das crianças, ultrapassando os limites da instituição (De Antoni e Koller, 2001). Dessa forma, podem surgir novas alternativas para a resolução de problemas (como a utilização de políticas sociais adotadas na região), melhorando a qualidade dos serviços prestados à população envolvida.

Botomé (1996) também com a preocupação de melhorar a qualidade dos serviços prestados nas instituições, realizou o planejamento e a administração de serviços públicos responsáveis pelo atendimento à saúde da população do município de São Paulo. Nesse estudo, o autor identificou e analisou as variáveis e os determinantes das características do problema a ser resolvido, assim como, avaliou quais aspectos poderiam ser alterados a partir dos recursos existentes na instituição ao longo do tempo. Ao analisar os dados relativos ao que acontecia e era feito na instituição, Botomé (1996) relata que era possível notar que os funcionários agiam sempre com base em ações familiares, ou fáceis de resolver. Desse modo, diz o autor, o que controlava suas ações não era o objetivo da instituição, mas sim seus interesses pessoais, demonstrando não haver uma preocupação com as reais necessidades da população que procurava os serviços. Eram mais importantes as normas, rotinas, interações entre os funcionários, do que a realidade dos problemas apresentados pelas pessoas que procuravam o posto de atendimento. Assim, é importante examinar as condições necessárias para que funcionários e administradores, direcionem suas ações em função das necessidades da população. Para isso, é necessário modificar as relações existentes entre as pessoas e entre essas e o meio (Botomé, 1996), para

haver classes de respostas mais adequadas no sentido de atender às necessidades da população a qual será objeto de intervenção.

A relação entre a ação humana, a situação onde ela acontece e as conseqüências que produz traz contribuições para a compreensão do que é um fenômeno psicológico. Essa definição de fenômeno psicológico coincide com o conceito de comportamento definido por Botomé (2001). Esse autor define comportamento como o conjunto de relações ou de micro relações, entre o que um organismo faz (resposta ou ação) e o ambiente (meio físico e social) e, ainda, o que antecede essas ações e os conseqüentes das mesmas. Quanto mais complexo for um organismo, mais complexas serão as relações que ele estabelece com o meio. Sendo assim, as relações são estabelecidas a partir de três componentes: a situação, a ação e a conseqüência.

A situação é o que acontece antes ou junto da ação de um organismo, a ação é aquilo que o organismo faz e a conseqüência é o que acontece depois da ação de um organismo (Botomé, 2001). O ambiente é entendido sob duas perspectivas: o que acontece junto ou antes da ação de um organismo e o que acontece depois dessa ação. Dessa forma, o ambiente é algo em constante mudança provocada pela ação de um organismo que age em relação a esse ambiente. O autor indica que a análise do comportamento implica em explicitar os aspectos que constituem as situações antecedentes de uma classe de resposta, as características dessa classe e o seu conseqüente. Assim, é possível identificar quais são os comportamentos que ocorrem e o que acontece com o comportamento de um organismo. Nesse sentido, a análise do comportamento constitui um recurso para compreender quais são os comportamentos que estão ocorrendo por parte dos agentes institucionais em relação as crianças e jovens. O que acontece com os comportamentos que apresentam? Quais comportamentos são mais apropriados para atender essa população?

Quando são identificados os comportamentos envolvidos nos procedimentos de atendimento, é possível avaliar os comportamentos praticados pelos dirigentes ou pessoas ligadas à instituição e seus efeitos. Também é possível perceber que os agentes responsáveis por instituir as práticas de atendimento precisam conter em suas ações um referencial integrador e abranger uma rede comunitária externa ao âmbito das instituições. Quando os modelos de atendimento passam a ser focados em um referencial integrador, há maiores chances de serem melhoradas as condições de atendimento, a partir de caminhos alternativos. Para isso, é preciso identificar e

avaliar quais são os procedimentos de atendimento das instituições que funcionam como unidades de abrigo.

5. Decorrências da legislação, das condições institucionais e das práticas de atendimento de crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo

A sociedade precisa conhecer como são realizados os cuidados de crianças e adolescentes que vivem em situação de abandono. Quando inseridas em instituições, crianças e jovens passam a ter por elas norteadas suas relações, sendo assim, é fundamental que todos os recursos utilizados pela instituição, sejam concebidos, realizados e administrados, em função das necessidades da população, produzindo os benefícios para os quais a instituição foi criada. Quando o problema de pesquisa investigado refere-se a caracterizar as condições em que vivem crianças e jovens internados em tempo integral em unidades de abrigos, um aspecto importante a considerar são as decorrências da legislação, das condições institucionais e das práticas de atendimento direcionadas a essa população.

A criação do Estatuto da Criança e do Adolescente mobilizou a sociedade brasileira, envolvendo um processo que durou várias décadas (Rizzini, 1995). Apesar das conquistas e transformações alcançadas pelo Estatuto, como a criação dos Conselhos de Direitos, dos Conselhos Tutelares e da integração de diversas entidades responsáveis pela proteção dessa população, é necessário verificar se ainda existem distâncias entre as propostas legislativas e as reais condições institucionais. Em que grau as instituições de abrigo estão garantindo às crianças e jovens as condições necessárias para seu desenvolvimento?

Do ponto de vista da instituição, nesse caso, unidades de abrigo, os investimentos realizados na estrutura e nos processos organizacionais que permeiam os procedimentos de atendimento das crianças e jovens, refletem diretamente nas condições de trabalho dos funcionários e nas condições de vida das crianças e jovens abrigados. Parece pertinente, então, caracterizar o que acontece nesses locais, caracterizar sua dinâmica de funcionamento, os aspectos da unidade de abrigo que favorecem ou dificultam o desenvolvimento psicológico de crianças e jovens institucionalizados, e outras variáveis que atuam sobre a instituição.

As práticas de atendimentos instituídas pelos agentes responsáveis e destinadas às crianças e jovens institucionalizados precisam ser avaliadas, principalmente porque essa população possui poucos recursos para controlar as ações que lhes são impostas. Sendo assim, é preciso verificar o que acontece nesses locais que abrigam crianças e jovens em situação de abandono, partindo da caracterização de suas condições de vida. As legislações existentes, a participação de diversos setores da sociedade, todos esses aspectos, fazem diferença, quando o contexto no qual se vive é uma instituição ou um lar familiar. Existem decorrências no processo de institucionalização, mas em que grau e o que acontece, ainda precisa ser descoberto. Isso indica a necessidade, talvez urgente, de produzir conhecimento que caracterize as condições em que vivem crianças e jovens que possuem suas circunstâncias de vida relacionadas ao contexto de entidades como as unidades de abrigos.

MÉTODO

O PROCESSO DE INVESTIGAR AS CARACTERÍSTICAS DAS CONDIÇÕES EM QUE VIVEM CRIANÇAS E JOVENS INTERNADOS EM UMA UNIDADE DE ABRIGO

1. Sujeitos

Foram sujeitos:

a) Oito colaboradores com vínculo permanente na unidade de abrigo, que trabalhavam no atendimento de crianças e adolescentes que receberam como medida de proteção, o regime de internamento em instituições de abrigo. Os sujeitos ocupavam diferentes funções profissionais e estavam pelo menos seis meses contratados pela instituição de recolhimento e tratamento.

b) Dez crianças e jovens, de ambos os sexos, com mais de seis anos de idade, residentes no abrigo por, no mínimo, três meses.

2. Outras fontes de informação

a) Documentos que continham informações a respeito das características gerais da população, tais como, faixa etária, gênero, tempo de permanência, origem, destino e motivo dos encaminhamentos, foram utilizados para a observação indireta. Os tipos de documentos utilizados foram as fichas dos registros de controle das crianças e jovens institucionalizados.

b) Outra fonte de informação foi a observação direta das condições habitacionais da instituição de abrigo.

3. Características da Unidade de Abrigo

A instituição escolhida como campo de pesquisa foi uma unidade de abrigo, caracterizada por ser uma associação civil, não governamental, de caráter assistencial, que tem como finalidade proteção e educação, sem fins lucrativos e que presta atendimento a crianças e jovens impedidos temporariamente de retornar ao convívio familiar. Essa instituição foi escolhida entre as existentes na região onde aconteceu a investigação. Segundo o estatuto social do abrigo a instituição tem por finalidade atender crianças de zero a doze anos de idade, de ambos os sexos, que se encontrem em situação de risco elevado ou abandono. A unidade de abrigo possui parceria com o Poder Público Municipal e foi fundada no ano de 1993. O patrimônio do abrigo é constituído das contribuições dos seus sócios, doações e recursos vindos de convênios.

A associação é dirigida por uma diretoria eleita por seus associados, em assembléia geral, por um período de 24 meses. A diretoria é composta pelos cargos diretores assim denominados: diretor presidente, diretor vice-presidente, diretor secretário e diretor tesoureiro. Há também, um conselho fiscal, composto de seis pessoas, com mandato de doze meses. Todas as receitas, despesas e obrigações financeiras são administradas conjuntamente pelo diretor presidente e diretor tesoureiro. A unidade de abrigo não remunera os cargos de sua diretoria e conselhos fiscais. O quadro de colaboradores do abrigo é formado segundo a denominação das funções que consta na relação de funcionários, por uma assistente social, uma assistente administrativa, dez educadores, quatro pessoas responsáveis por realizar serviços gerais, duas cozinheiras, um vigia e um motorista, totalizando 20 funcionários.

De acordo com o documento que registra o histórico da instituição, as crianças são atendidas com os seguintes programas e recursos: escola, transporte escolar, atendimento médico, odontológico, psicológico e fonoaudiológico, medicamentos, roupas e alimentação. Participam de atividades de integração comunitária como agito no bairro, apresentações artísticas, participação em festivais de dança e realizam passeios em locais que possuem atratividades turísticas. Seus colaboradores participam de treinamentos realizados quinzenalmente pelos técnicos e profissionais convidados. Há ainda um programa chamado

volta ao lar, realizado pela assistente social e psicóloga com o objetivo de resgatar o vínculo familiar.

4. Situação e ambiente

a) Das entrevistas e da observação por meio de documentos

As entrevistas e a observação por meio de documentos aconteceram nas salas da própria instituição. Nessa ocasião foi solicitado à pessoa responsável, a escolha de um ambiente protegido de ruído, para que a observação por meio de documentos e as entrevistas não fossem interrompidas. Além disso, o ambiente estava equipado com escrivaninha, cadeiras e tinha boa iluminação.

b) Da observação direta

A coleta de dados das condições habitacionais ocorreu em todos os ambientes (salas, cozinha, banheiros, quartos, lavanderia) que fazem parte da estrutura física da unidade de abrigo (Anexo 1).

5. Equipamento e material

Os materiais utilizados para a realização das entrevistas foram: caneta, roteiro de entrevista com folhas de papel ofício com perguntas abertas e com perguntas que continham possibilidades de resposta, organizadas individualmente para cada sujeito. O roteiro de entrevista com perguntas fechadas e o roteiro de entrevista com perguntas abertas possuíam, basicamente, as mesmas questões orientadoras. O roteiro com questões abertas serviu como complemento do roteiro estruturado. Tanto para a realização das observações por meio de documentos quanto para a observação direta foram elaborados roteiros que orientaram a busca das informações necessárias.

6. Procedimentos

a) Escolha dos sujeitos

Foram escolhidos como sujeitos todos os colaboradores que trabalhavam com vínculo permanente na unidade de abrigo, nos diferentes turnos de trabalho. Esses colaboradores ocupavam diferentes cargos e estavam há pelo menos seis meses fazendo parte do quadro de funcionários da instituição. Essas informações foram coletadas junto aos dirigentes do abrigo.

Também foi escolhido um grupo de crianças levando em consideração a quantidade de internos durante o mês de iniciação da coleta de dados. Dois critérios fizeram parte da seleção do grupo de crianças: idade (superior a seis anos) e tempo de permanência na instituição de abrigo (superior a um mês). A idade escolhida foi a de seis anos, pois nessa idade, geralmente a capacidade de expressão verbal está mais bem articulada. Nesse caso, nem todas as crianças e jovens tiveram igual oportunidade de fazer parte da amostra escolhida, pois havia crianças que estavam abrigadas por um período inferior a um mês e de idade inferior a seis anos. A quantidade de crianças abrigadas foi identificada por meio das fichas de controle, onde são registradas informações gerais sobre as crianças e jovens institucionalizados. Foi feito um levantamento das características dos sujeitos (idade, sexo e tempo de permanência no abrigo), conhecidas com base nesses documentos. Essas características foram agrupadas de forma a permitir determinar a proporção em relação à quantidade total de crianças que atendiam os critérios de faixa etária, sexo e tempo de permanência, que compõe o conjunto da população. Em seguida, foi escolhido 50 % das crianças, por meio de um sorteio, respeitando a proporcionalidade do tamanho de cada sub-grupo, de onde foi formado o grupo final de sujeitos da amostra.

b) Elaboração do roteiro de entrevista

Os roteiros de entrevistas foram elaborados com base na análise das variáveis envolvidas no fenômeno estudado, com o objetivo de obter informações que permitissem produzir conhecimento sobre o problema investigado. Quando há o exame de um problema

de pesquisa, é importante verificar a multiplicidade de variáveis envolvidas. Essas variáveis, após serem identificadas permitem uma maior visibilidade sobre o fenômeno investigado. Além de identificar as variáveis em seus aspectos principais, uma decomposição foi feita, descrevendo os componentes de um conjunto de variáveis (Anexo10) atingindo partes cada vez mais específicas, até chegar a uma unidade de análise satisfatória. As variáveis delimitadas em qualquer investigação, fazem parte das escolhas do pesquisador e não esgotam todo o conhecimento possível de ser produzido.

Antes da coleta final de dados por meio das entrevistas foram realizadas entrevistas testes que auxiliaram na reformulação de questões, com a finalidade de aprimorar os instrumentos e torná-los simples e precisos. Foram elaborados três roteiros de entrevista: um roteiro para os dirigentes da instituição (Anexos 4 e 5), um roteiro para os colaboradores (Anexos 6 e 7) e um roteiro para entrevistar o grupo de crianças e jovens abrigados (Anexo8).

c) Elaboração do roteiro de observação por meio de documentos

O roteiro de observação por meio de documentos também foi elaborado com base na identificação e descrição das variáveis envolvidas no fenômeno estudado (Anexo 2).

d) Elaboração do roteiro de observação direta

A partir das variáveis delimitadas foram selecionadas as que poderiam ser observadas diretamente. Assim, a elaboração do protocolo de observação direta (Anexo 3) teve como objetivo identificar as condições habitacionais que fazem parte da estrutura física da unidade de abrigo onde vivem crianças e jovens.

e) Contato com os sujeitos

A pesquisadora foi pessoalmente conversar com os dirigentes responsáveis pela instituição de abrigo. Nessa ocasião, identificou-se, informou a instituição a qual está filiada e apresentou o projeto de pesquisa a ser realizado. Também informou os

procedimentos éticos (não identificação dos participantes, autorização por escrito de participação voluntária) adotados para assegurar os direitos e deveres de todos os envolvidos. Após a autorização por parte dos dirigentes, os colaboradores da instituição foram encontrados em seu local de trabalho. No primeiro contato com esses sujeitos, a pesquisadora seguiu os mesmos procedimentos de apresentação, levando em consideração nesse momento, a disposição do sujeito para participar da pesquisa. Foi informada a duração média e o sigilo absoluto da autoria de cada entrevista. Os sujeitos que concordaram em participar das entrevistas, nos dias e locais marcados, assinaram um documento que comprova sua participação voluntária e define outros procedimentos éticos, como, por exemplo, o sigilo das informações registradas.

Em relação ao grupo de crianças e jovens, já no primeiro contato, foram realizadas as apresentações e explicada a razão pelas quais foram selecionadas a participarem da pesquisa. A pesquisadora fez primeiramente a sua apresentação e informou sobre a necessidade de conhecê-los melhor. Para isso, disse ao grupo de crianças e jovens que precisava realizar uma série de perguntas e algumas atividades. Além disso, informou que nenhuma resposta seria divulgada contendo a sua identificação. O termo de aceitação da participação do grupo de crianças e jovens foi firmado com a pessoa responsável pela guarda das crianças abrigadas, nesse caso, a diretora presidente da instituição de abrigo.

f) Realização das entrevistas com dirigentes e colaboradores do abrigo

A entrevista foi realizada com base nos roteiros elaborados a partir da identificação e descrição das variáveis. As perguntas das entrevistas foram feitas na ordem em que aparecem no roteiro. Porém, primeiro a pesquisadora fazia a pergunta do roteiro estruturado e logo em seguida, completava, quando necessário, com questões do roteiro aberto. Quando surgiram aspectos de interesse para a problemática investigada e não constava em nenhuma pergunta do roteiro, essas respostas foram registradas e sua relevância foi avaliada posteriormente. As entrevistas com os dirigentes ocorreram primeiro e logo em seguida com os colaboradores do abrigo. Essas aconteceram em um único encontro, individualmente. Foi escolhido um local onde a pesquisadora e os entrevistados estivessem preservados de interrupções. Durante as entrevistas, sujeito e pesquisadora ficaram sentados

frente a frente para a aplicação do instrumento. As entrevistas foram registradas em folhas de papel ofício no momento em que as respostas eram dadas.

g) Realização de entrevistas com o grupo de crianças e jovens

As entrevistas com as crianças e jovens foram realizadas também com base no roteiro elaborado a partir da identificação e descrição das variáveis. As entrevistas aconteceram individualmente com cada criança ou jovem em dois encontros. Antes de a pesquisadora iniciar a realização das entrevistas, foi proposto primeiramente aos dirigentes e depois às crianças, no período de uma semana, encontros diários com duração aproximada de uma hora, para que elas pudessem familiarizar-se e para que pudessem estabelecer um bom relacionamento com a entrevistadora. Além disso, aos poucos, puderam compreender melhor sua participação na pesquisa. Para esses encontros foram realizadas atividades programadas para o grupo como jogos infantis, leituras, e outras. Durante esses encontros, a pesquisadora também reuniu dados que a informaram a respeito da linguagem e do nível de compreensão dos informantes. Assim, pôde ser feita a reformulação das questões do roteiro de entrevista. Para o registro da entrevista, em folhas de papel ofício, foi respeitada a seqüência em que aparecem as perguntas.

h) Observação por meio dos documentos

Foram coletadas as informações impressas que constavam no roteiro de observação em anexo (Anexo 1). Para isso, a pesquisadora reuniu os documentos selecionados que estavam à disposição na instituição (fichas de controle, relatórios sociais e estatuto da entidade de abrigo) e escolheu o que continha maior quantidade de informações a respeito das variáveis investigadas. Foi feito o registro por escrito, separadamente, em folhas de papel ofício, após a leitura de cada documento. Esses documentos foram as primeiras fontes de informação coletadas.

i) Observação direta das condições habitacionais

No primeiro momento, a pesquisadora fez uma visita acompanhada de uma colaboradora da instituição a todos os ambientes que fazem parte do abrigo. No dia seguinte, a pesquisadora visitou sem acompanhantes, em horário pré-estabelecido pela presidente da unidade de abrigo, cada local onde era necessário coletar informações (sala, cozinha, banheiros, quartos, lavanderia, recepção), realizando o registro de acordo com as definições dos valores das variáveis, por escrito, em folhas de papel ofício, no protocolo de observação das condições habitacionais. As primeiras informações coletadas das condições habitacionais foram feitas em dois dias, no turno da manhã e caracterizavam o estado de conservação de cada móvel, equipamento e outros objetos que faziam parte de cada ambiente do abrigo. Essas informações foram coletadas após a observação feita nos documentos.

As demais informações do protocolo caracterizavam o estado de higiene dos objetos presentes em cada ambiente. Essas informações, registradas também de acordo com as categorias de definição elaboradas, em um primeiro momento foram realizadas em três dias alternados, em horários antes e depois da limpeza. Os horários da limpeza foram obtidos diretamente com os colaboradores responsáveis, a partir de um roteiro construído com essa finalidade (Anexo 9). Ao realizar a organização e a análise dos dados foi possível perceber que não ocorriam diferenças significativas na coleta de dados em horários antes e depois da limpeza. Sendo assim, a pesquisadora então, realizou a observação em dias e turnos diferentes: manhã, tarde e noite. Os horários escolhidos variaram, porém os resultados também não mostravam diferenças significativas quando comparados. Desse modo, os resultados apresentados no capítulo 4 caracterizam o estado geral de higiene dos objetos observados.

j) Organização e análise de dados

Os dados coletados foram organizados primeiramente em Tabelas gerais, por unidades de interesse para realizar o exame que auxiliou na primeira visualização das informações coletadas. Essa organização criou a primeira condição necessária para decidir o tipo de

tratamento mais apropriado aos dados. Parte dos dados foram tratados por porcentagem e parte em proporção. Após essa etapa, foi realizada a análise dos dados, representados por meio de tabelas e figuras, destacando as distribuições das variáveis consideradas importantes para responder aos objetivos da pesquisa. Para as questões que permitiam tipos de respostas livres, essas respostas foram agrupadas em categorias com propriedades comuns. Seguindo a análise dos dados, foi possível descrever os dados coletados, destacando aspectos importantes e que são fundamentais para apoiar a interpretação de dados. Durante a interpretação foram feitas relações entre as variáveis, quando pertinentes. Por exemplo, quantidade de crianças versus quantidade de cômodos, versus tipo de imóvel. Algumas informações fornecidas pelas crianças, colaboradores e dirigentes também foram comparadas entre si.

CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS CRIANÇAS E JOVENS QUE VIVEM EM UMA UNIDADE DE ABRIGO

A análise das características gerais de crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo fornecem informações importantes sobre as condições de vida e sobre as necessidades decorrentes das características gerais da população atendida nessas instituições. A análise das características gerais dessa clientela pode contribuir para derivar os comportamentos dos agentes que administram essas instituições e que são necessários para o gerenciamento eficaz. Os profissionais envolvidos com o trabalho em Unidades de Abrigo, mesmo que não conheçam ou não possuam condições suficientes para desenvolver projetos de atendimento que possam ir ao encontro das reais necessidades dessa população, precisam criar um tipo de gestão no qual haja clareza sobre suas funções. Quando a gestão de uma instituição ocorre de forma fragmentada, por meio de comportamentos de rotina, práticas e atividades institucionais, pode conduzir seus colaboradores a apenas executarem suas atividades sem que ocorra um projeto integrado de interesses comuns (Botomé, 1996). Cada indivíduo inserido na instituição realiza suas atividades, sem saber de que modo elas estão relacionadas a outras. Sendo assim, não conseguem reconhecer a importância de suas ações e entender seus significados.

As unidades de abrigo são instituições sociais criadas com o objetivo atribuído pela sociedade que é o de realizar o planejamento e execução de programas de proteção e programas sócio-educativos destinados às crianças e adolescentes (ECA, 1990). Esses objetivos servem para orientar as pessoas envolvidas com o trabalho em unidades de abrigo. Assim, possui um objetivo final delimitado, mas, de que forma estão acontecendo as ações que compõem as atividades-meio? Há clareza a respeito dessas atividades? Possuem essas instituições uma estrutura capaz de produzir os resultados esperados pela comunidade social? A rede de comportamentos de cada pessoa inserida na instituição

auxilia na realização das atividades-meio e, conseqüentemente, na consecução dos objetivos da instituição. A relação entre a ação humana, a situação onde ela acontece e suas conseqüências, coincide com o conceito de comportamento definido por Botomé (2001). Para esse autor o conceito de comportamento é compreendido como o conjunto de relações ou micro relações, entre o que um organismo faz (resposta ou ação) e o ambiente (meios físicos e sociais) e ainda, o que antecede essas ações e os conseqüentes das mesmas.

O conceito de comportamento constitui um recurso para compreender de que forma as pessoas responsáveis estão agindo em relação aos cuidados dispensados às crianças. O que acontece com as classes de respostas que apresentam? Essas classes possuem relações eficazes com o meio que constitui seu ambiente de trabalho? Botomé (2001) descreve que o meio, para efeito de compreensão do comportamento, é entendido sob duas perspectivas: o meio é o que acontece junto ou antes da ação de um organismo e o que acontece depois dessa ação. O conceito de meio não é algo estático ou fixo, mas sim, algo em constante mudança provocada pela ação de um organismo que age em relação ao meio.

As informações disponíveis na unidade de abrigo, como as características de sua população, são importantes fontes para os profissionais que ali trabalham aprenderem a atuar de forma eficaz em relação às situações problemas existentes. Dessa forma, as chances de produzir resultados positivos aumentam, pois suas ações acontecem de forma contextualizada no sentido de saber quais ações precisam realizar para garantir um equilíbrio entre as necessidades básicas das crianças e o ambiente que lhes é oferecido. São apresentadas nesse capítulo, as características da população atendida na unidade de abrigo investigada, tais como, faixa etária, gênero, fluxo de crianças (ingressos e egressos) motivo e destino dos encaminhamentos. Essas variáveis revelam quem é a população atendida nessas instituições e quais as decorrências dessas descobertas para as instituições, para os profissionais que trabalham nas unidades de abrigo e para as crianças e jovens que possuem temporariamente suas circunstâncias de vida ligadas a instituições desse tipo.

1. Características da faixa etária e gênero das crianças e jovens abrigados

As Tabelas 3.1 e 3.2 apresentam a distribuição da quantidade e da porcentagem de crianças e adolescentes abrigados de janeiro a abril de 2003, segundo a faixa de idade e o gênero.

Tabela 3.1
Distribuição da quantidade de crianças e adolescentes abrigados de janeiro a abril de 2003, segundo a faixa de idade e o gênero*

Mês do ano	Faixa de idade e gênero												Total	Total	
	0 a 3		4 a 6		7 a 9		10 a 12		13 a 16		Sem registro				Total
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F			
Janeiro de 2003	4	6	3	0	2	5	5	4	0	2	0	0	14	17	31
Fevereiro de 2003	3	6	2	1	5	1	5	5	1	3	0	0	16	16	32
Março de 2003	4	6	2	1	5	1	5	5	2	3	3	1	21	17	38
Abril de 2003	7	6	2	1	3	4	6	4	0	2	0	0	18	17	35
Total	18	24	9	3	15	11	21	18	3	10	3	1	69	67	136

Nota: Os dados dos meses anteriores a janeiro de 2003 não foram apresentados em função da falta desses registros nos documentos da instituição de abrigo.

Tabela 3.2
Distribuição da porcentagem de crianças e adolescentes que passaram pelo abrigo em cada mês, segundo a faixa de idade e o gênero.

Mês do ano 2003	Faixa de idade e gênero												Total
	0 a 3		4 a 6		7 a 9		10 a 12		13 a 16		Total		
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
Janeiro	12,9	19,3	9,7	--	6,4	16,2	16,2	12,9	--	6,4	45,2	54,8	100,0
Fevereiro	9,4	18,7	6,2	3,2	15,6	3,2	15,6	15,6	3,1	9,4	50,0	50,0	100,0
Março	11,8	17,7	5,9	2,9	14,7	2,9	14,7	14,7	5,9	8,8	52,9	47,1	100,0
Abril	20,0	17,1	5,8	2,8	8,6	11,4	17,1	11,4	--	5,8	51,4	48,6	100,0
Total	13,6	18,4	6,8	2,1	11,4	8,2	16,0	13,6	2,2	7,6	50,0	50,0	100,0

Nota: Somente foram considerados na Tabela 3.2 a quantidade de crianças e adolescentes com o registro da idade nos documentos. Foram observadas a falta do registro da idade de quatro crianças, três meninos e uma menina.

Foram abrigadas nesse período, 136 crianças e adolescentes, dos quais 69 são do gênero masculino e 67 do gênero feminino. O número de crianças e adolescentes abrigados varia progressivamente, embora ocorra um decréscimo no mês de abril de 2003. Os dados mostram também que a quantidade de meninos abrigados cresce no decorrer dos meses até março de 2003, enquanto que a quantidade de meninas mantém-se igual em todos os meses, com exceção do mês de fevereiro de 2003. Quanto à variação por faixa etária, a distribuição é heterogênea. No entanto, há uma predominância em todos os meses de crianças e adolescentes nas faixas etárias do zero aos três anos e dos 10 aos 12 sobre as demais faixas analisadas.

As crianças com idade do zero aos três (n= 42) correspondem a 32% do total de crianças que possuem o registro da idade nos documentos abrigadas no período (n= 132). Em seguida, aparece a faixa etária dos 10 aos 12 anos (n= 39), 21 meninos e 18 meninas, que corresponde a 29,6%. A faixa dos sete aos nove anos (n= 26), 15 meninos e 11 meninas, representa 19,6 % do total e a faixa dos 13 aos 16 (n=13), dos quais, três são meninos e 10 meninas, representa 9,8 %. Dos quatro aos seis anos são 12 abrigados e em relação ao total de crianças abrigadas no período representam 8,9 %, sendo nove meninos e 3 meninas. No mês de março de 2003 não há o registro completo nos documentos da instituição da idade de quatro crianças, todas do gênero masculino, o que não acontece nos meses de janeiro, fevereiro e abril de 2003.

Do total de 31 internos (100%) em janeiro de 2003, dez crianças (32,2%) têm entre zero e três anos de idade. Em fevereiro, do total de 32 internos (100%), dez crianças (31,2%) têm entre 10 a 12 anos. No mês de março há 34 crianças (100%), considerando somente as crianças com o registro da idade, das quais 10 crianças (29,5%) têm entre zero e três anos, e dez (29,5%) entre 10 a 12 anos. Já em abril, 13 crianças (37,1%) têm de zero a três anos, do total de 35 abrigados (100%). As demais faixas etárias possuem menor concentração de crianças e adolescentes, como é possível observar na Figura 3.1.

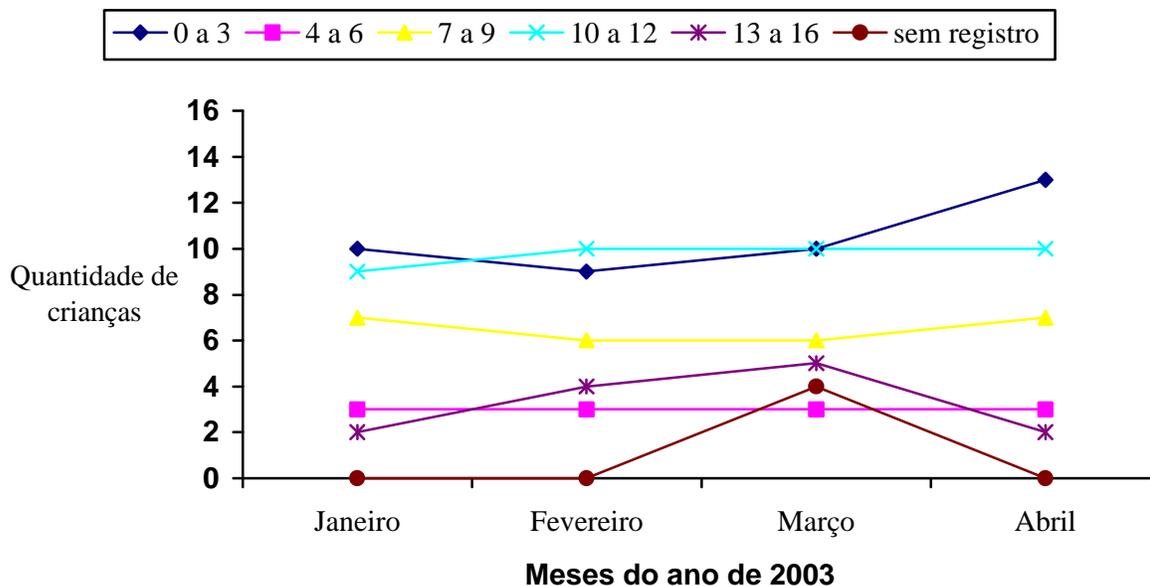


Figura 3.1. Variação da quantidade de crianças e adolescentes abrigados ao longo dos meses.

Enquanto as Tabelas 3.1 e 3.2 apresentam os dados com maior detalhamento de variáveis, a visibilidade dada pela Figura 3.1 revela melhor a variabilidade das faixas etárias ao longo dos meses. A Figura 3.1 mostra a evolução da quantidade de crianças e adolescentes abrigados ao longo dos meses, segundo a faixa etária. O gráfico evidencia que as faixas etárias do zero aos três anos e dos 10 aos 12 aparecem com maior concentração de crianças e adolescentes ao longo dos meses que as demais faixas analisadas.

A faixa de idade que compreende dos sete aos nove anos mantém-se praticamente com a mesma quantidade de crianças ao longo dos meses. É o que acontece também com a quantidade de crianças que têm entre quatro e seis anos de idade. Em relação à quantidade de adolescentes com idade entre 13 a 16 anos, há um aumento nos meses de fevereiro e março quando comparado aos meses de janeiro e abril. Essa é a faixa etária com maior variação ao longo dos meses da quantidade de crianças abrigadas.

- a) Decorrências para as unidades de abrigo de haver uma distribuição heterogênea quanto à variação por faixa etária

Por meio dos dados coletados é possível verificar que as Tabelas 3.1 e 3.2 mostram que existe uma distribuição heterogênea quanto à variação por faixa etária e que a quantidade de meninos e meninas abrigadas nesse período é próxima (69 são do gênero masculino e 67 do feminino). Essas características da população abrigada revelam que a instituição de abrigo precisa possuir condições habitacionais para atender de forma apropriada à variação existente na quantidade de meninos e meninas em diferentes faixas etárias. Assim, a forma como são distribuídos os espaços disponíveis, os móveis e equipamentos, a programação de atividades e a quantidade de profissionais com capacidades específicas à disposição do abrigo, deveriam levar em consideração as características de gênero e faixa etária das crianças e adolescentes abrigados.

Há exigências que são impostas nas diferentes fases e ritmos de desenvolvimento de crianças e jovens. A última linha da Tabela 3.2 mostra que a faixa de idade do zero aos três anos compreende 32,0% do total de crianças abrigadas no período analisado que possuem o registro da idade nos documentos. As crianças nessa idade necessitam de cuidados diferenciados. Crianças menores são acentuadamente dependentes de atendimentos prestados pelos adultos e esses por sua vez, precisam estar atentos as manifestações de seu comportamento para poder atribuir um significado, satisfazendo assim, suas necessidades. São muitas as necessidades das crianças nessa fase, e essas incluem desde necessidades biológicas como as de alimentação, sono, eliminação, banho, até as que envolvem aspectos da sociabilidade e da aprendizagem.

Em relação à sociabilidade, uma das condições inerentes ao processo de institucionalização é o afastamento e a perda do contato com a família ou grupo social de origem. Esse afastamento tem efeitos prejudiciais nas crianças em diferentes graus. A falta de contato íntimo com a mãe, a carência afetiva provoca prejuízos no desenvolvimento de crianças institucionalizadas (Bowlby, 1990; Spitz, 1996). Esses prejuízos variam desde perturbações físicas até intelectuais e sociais. Profissionais bem capacitados poderão minimizar os prejuízos decorrentes da falta de contato íntimo com a mãe, principalmente se

o esquema de trabalho do abrigo permitir o atendimento por figuras substitutas estáveis e a rotatividade de funcionários estiver controlada (Carvalho, 2002).

Outra faixa de idade com concentração de crianças é a dos dez aos 12 anos (n= 39) que correspondem a 29,6% do total de crianças que possuem o registro da idade nos documentos da instituição. As crianças nessa faixa de idade estão entrando em uma fase do desenvolvimento chamada, segundo a Organização Mundial da Saúde, de adolescência inicial. A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera duas fases na adolescência: a primeira, dos dez aos dezesseis e a segunda, dos dezesseis aos vinte anos. A adolescência inicial (de dez a catorze anos) é caracterizada principalmente pelas transformações físicas. Nessa fase, a criança está iniciando a puberdade. A puberdade é um processo biológico que inicia, aproximadamente entre nove e quatorze anos, sendo caracterizada pelo surgimento de uma atividade hormonal que desencadeia os chamados caracteres sexuais secundários (Outeiral, 1994).

Levando em consideração a fase de desenvolvimento dessas crianças, seria importante que elas tivessem à sua disposição no abrigo uma programação diversificada de atividades em sua rotina diária. Programas que as incluíssem em atividades de lazer, em atividades esportivas e outras que tenham relação direta com sua fase de desenvolvimento e suas características de vida. Esses programas poderiam propiciar informações e orientações sobre temas comuns discutidos na adolescência, principalmente os que digam respeito as transformações corporais. Poderiam inclusive, realizar um planejamento de atuação em conjunto com as escolas e outras entidades interessadas no bem-estar de crianças e adolescentes institucionalizados. A adolescência é basicamente um fenômeno psicológico e social. Sendo assim, terá diferentes peculiaridades conforme o ambiente social, econômico e cultural em que o adolescente está se desenvolvendo (Outeiral, 1994).

Outro dado que aparece na Tabela 3.1 é a falta do registro da idade de quatro crianças no mês de março de 2003. Essa falta do registro pode ter ocorrido em função do período de tempo que as crianças permanecem na instituição. Segundo informações coletadas junto às colaboradoras do abrigo, é comum crianças e jovens permanecerem na instituição por menos de 24 horas, o que não permite o registro adequado da idade mediante documentos oficiais de identificação. Nas Tabelas 3.8 e 3.9 é possível perceber que do total de 136

crianças e adolescentes abrigados de janeiro a abril de 2003, 84 (61,7%) permanecem de zero a 12 meses institucionalizados.

2. Características do fluxo (ingressos e egressos) de crianças e jovens abrigados

Identificar as características do fluxo (ingressos e egressos) de crianças e jovens abrigados auxilia a caracterizar, em parte, as condições necessárias para ocorrer os atendimentos em determinados períodos. As Tabelas 3.3 a 3.7 apresentam a ocorrência do fluxo (ingressos e egressos) de crianças e jovens, por características gerais, tais como, faixa etária e gênero.

Tabela 3.3
Distribuição da quantidade e da percentagem de crianças e adolescentes ingressos e egressos da instituição de abrigo, no período de abril de 2002 a abril de 2003, segundo o gênero*

Mês do ano	<u>Ingressos</u>				<u>Egressos</u>				<u>Total ingressos</u>		<u>Total egressos</u>	
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino		Ocor	%	Ocor	%
	Ocor	%	Ocor	%	Ocor	%	Ocor	%	Ocor	%	Ocor	%
2002 Abril	4	3,7	3	2,7	3	3,8	2	2,5	7	6,4	5	6,2
Maio	6	5,5	2	1,8	5	6,2	1	1,2	8	7,3	6	7,5
Junho	2	1,8	5	4,6	1	1,2	1	1,2	7	6,4	2	2,5
Julho	2	1,8	6	5,6	1	1,2	1	1,2	8	7,3	2	2,5
Agosto	8	7,3	7	6,5	2	2,5	1	1,2	15	13,8	3	3,8
Setembro	0	--	2	1,8	2	2,5	2	2,5	2	1,8	4	5,0
Outubro	5	4,5	4	3,7	3	3,8	3	3,9	9	8,3	6	7,5
Novembro	4	3,7	4	3,7	6	7,5	5	6,3	8	7,3	11	13,7
Dezembro	4	3,7	3	2,7	6	7,5	4	5,0	7	6,4	10	12,5
2003 Janeiro	8	7,3	7	6,5	9	11,3	9	11,3	15	13,8	18	22,5
Fevereiro	7	6,5	3	2,7	1	1,2	1	1,2	10	9,2	2	2,5
Março	10	9,2	3	2,7	6	7,5	2	2,5	13	12,0	8	10,0
Abril	0	--	0	--	3	3,8	0	--	0	---	3	3,8
Total	60	55,0	49	45,0	48	60,0	32	40,0	109	100,0	80	100,0

Nota: A diferença entre a quantidade de ingressos e egressos do gênero masculino, não coincide com o número total de crianças abrigadas em abril de 2003. Há a discrepância de seis crianças para alcançar os 18 meninos abrigados em abril de 2003.

Na Tabela 3.3 é possível observar a distribuição da quantidade e da porcentagem de crianças e adolescentes ingressos e egressos da instituição de abrigo, no período de abril de 2002 a abril de 2003, segundo o gênero. O total de ingressos nesse período é de 109 crianças e adolescentes, dos quais 60 (55,0 %) são meninos e 49 (45,0%) meninas. O número total de egressos é de 80, sendo 48 meninos (60,0%) e 32 meninas (40,0%). Nos meses de setembro, novembro e dezembro de 2002, janeiro e abril de 2003, o número de egressos é maior que o de ingressos nesses mesmos meses.

Há maior concentração de egressos nos meses de novembro, dezembro de 2002 e janeiro de 2003 do que nos demais meses do ano. É possível verificar que no mês de agosto de 2002, a diferença entre a quantidade de ingressos e egressos é maior que nos demais meses pesquisados. Enquanto ingressaram 15 crianças, o que corresponde a 13,8 % do total de ingressos, saíram três, o correspondente a 3,8 % do total de egressos. Abril e maio de 2002 são os meses em que a diferença entre a quantidade de ingressos e egressos mantém-se igual, nesse período. A quantidade de egressos em novembro de 2002 (n=11), seis do gênero masculino e cinco do feminino, em dezembro de 2002 (n= 10), seis meninos e quatro meninas e em janeiro de 2003 (n=18), dos quais nove são do gênero masculino e nove do feminino, é superior nesse período em relação aos demais meses.

Em junho e julho de 2002 e fevereiro de 2003, por exemplo, ocorre à saída de apenas duas crianças em cada mês, uma de cada gênero. Há semelhança na quantidade de crianças ingressas nos meses de agosto de 2002 e janeiro de 2003 (n=15), inclusive em relação ao gênero, oito meninos e sete meninas. Fevereiro e março de 2003 são os meses que aparecem a seguir em relação à quantidade de ingressos, com dez crianças, (9,2% do total de ingressos) sendo sete meninos e três meninas, e com 13 crianças (12,0%), dez meninos e três meninas, respectivamente. Em abril de 2003, não há o registro de nenhuma criança ou adolescente ingresso no abrigo.

A Figura 3.2 apresenta a variação da quantidade de crianças e adolescentes ingressos na instituição de abrigo de abril de 2002 a abril de 2003, segundo a faixa de idade. De acordo com esses dados, é possível observar que há oscilação no decorrer dos meses da quantidade de crianças e adolescentes ingressos. É possível observar também que

existe uma concentração de crianças e adolescentes que não possuem o registro da idade nos documentos da instituição em todos os meses.

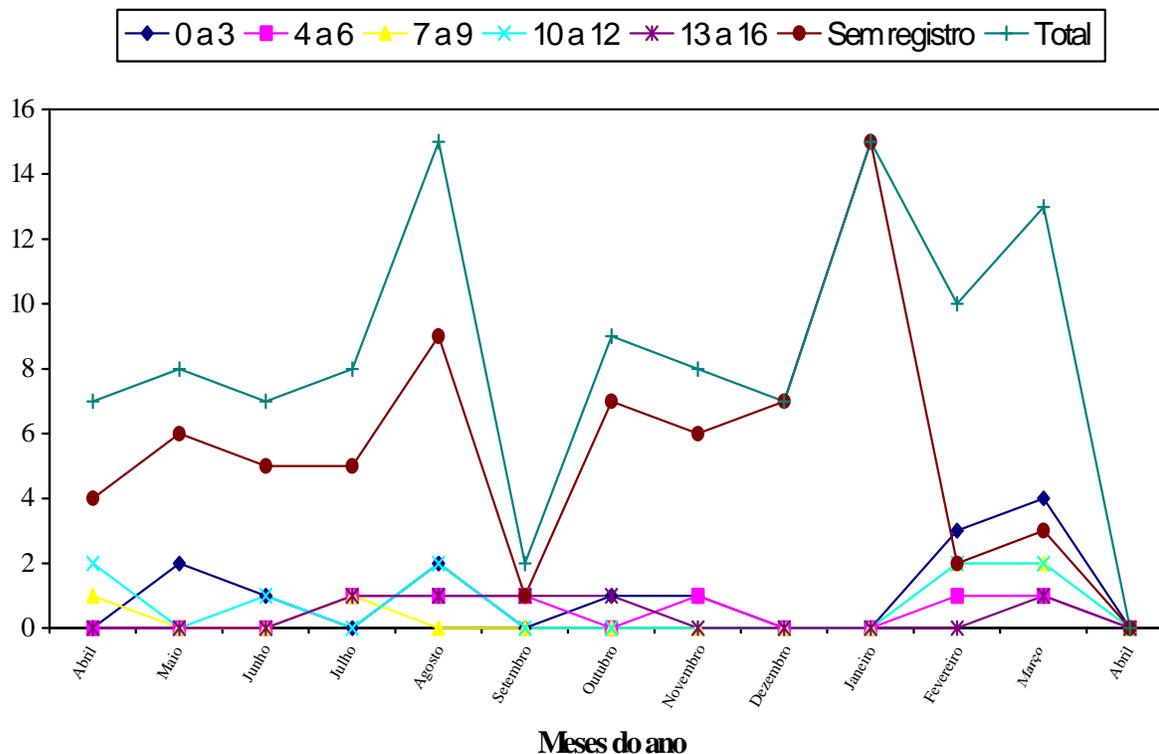


Figura 3.2. Variação da quantidade de crianças e adolescentes ingressos na instituição de abrigo de abril de 2002 a abril de 2003, segundo a faixa de idade

nos documentos da instituição em todos os meses.

Os meses de agosto de 2002 e janeiro de 2003 são os meses com maior quantidade de crianças e adolescentes ingressos em relação aos demais meses na instituição de abrigo seguido dos meses de março e fevereiro de 2003. A menor quantidade de ingressos é encontrada nos meses de setembro de 2002 e em abril de 2003, onde nenhuma criança ou adolescente ingressou no abrigo. No mês de dezembro de 2002 e janeiro de 2003, não há o registro da idade de nenhuma criança ou adolescente. Os meses com a maior quantidade de registro da idade são fevereiro e março.

As Tabelas 3.4 e 3.5 apesar de conter informações já examinadas na Figura 3.2 são apresentadas para ressaltar as diferenças existentes em relação ao gênero. Na última linha da Tabela 3.5, é possível perceber a porcentagem em relação à quantidade total de crianças e adolescentes ingressos (n=109). Do total de 109 crianças ingressas, 60 (55,0%) são do gênero masculino e 49 (45,0%) do gênero feminino. Das 70 crianças sem o registro da idade (64,2%), 42 são meninos e 28 meninas.

Tabela 3.4

Distribuição da quantidade de crianças e adolescentes ingressos na instituição de abrigo de abril de 2002 a abril de 2003, segundo a faixa de idade e o gênero

Mês do ano	Ingressos														Total
	0 a 3		4 a 6		7 a 9		10 a 12		13 a 16		Sem registro		Total		
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
Ano 2002															
Abril	---	---	---	---	---	1	1	1	--	---	3	1	4	3	7
Mai	2	---	---	---	---	---	---	---	--	---	4	2	6	2	8
Junho	---	1	---	---	---	---	---	1	--	---	2	3	2	5	7
Julho	---	---	---	1	---	1	---	---	--	1	2	3	2	6	8
Agosto	---	2	1	---	---	---	---	2	--	1	7	2	8	7	15
Setembro	---	---	---	1	---	---	---	---	--	1	---	1	---	2	2
Outubro	---	1	---	---	---	---	---	---	--	1	5	2	5	4	9
Novembro	---	1	1	---	---	---	---	---	--	---	3	3	4	4	8
Dezembro	---	---	---	---	---	---	---	---	--	---	4	3	4	3	7
Ano 2003															
Janeiro	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	8	7	8	7	15
Fevereiro	2	1	---	1	2	---	2	---	---	---	1	1	7	3	10
Março	4	---	---	1	1	1	2	---	---	1	3	---	10	3	13
Abril	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Total	8	6	2	4	3	3	5	4	-	5	42	28	60	49	109

Em relação às crianças que possuem o registro da idade, a faixa etária predominante das crianças e adolescentes ingressos é a do zero aos três anos de idade. 14 crianças têm entre zero e três anos de idade, oito são do gênero masculino e representam 7,3% do total e seis do feminino (5,5%). Quando analisada a porcentagem apresentada no corpo da Tabela, é possível notar que 50,0% das crianças nessa faixa de idade (0 a 3) do gênero masculino ingressaram em março de 2003 e 33,3% do gênero feminino ingressaram em agosto de 2002.

Tabela 3.5

Distribuição da porcentagem de crianças e adolescentes ingressos na instituição de abrigo de abril de 2002 a abril de 2003, segundo a faixa de idade e o gênero

Mês do ano	Ingressos														Total
	0 a 3		4 a 6		7 a 9		10 a 12		13 a 16		Sem registro		Total		
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
Ano 2002															
Abril	---	---	---	---	---	33,3	20,0	25,0	-	---	7,2	3,6	6,7	6,1	6,4
Maio	25,0	---	---	---	---	---	---	---	-	---	9,5	7,1	10,0	4,1	7,3
Junho	---	16,7	---	---	---	---	---	25,0	-	---	4,7	10,7	3,3	10,2	6,4
Julho	---	---	---	25,0	---	33,3	---	---	-	20,0	4,7	10,7	3,3	12,2	7,3
Agosto	---	33,3	50,0	---	---	---	---	50,0	-	20,0	16,7	7,1	13,3	14,3	13,8
Setembro	---	---	---	25,0	---	---	---	---	-	20,0	---	3,6	---	4,1	1,9
Outubro	---	16,7	---	---	---	---	---	---	-	20,0	11,9	7,1	8,3	8,2	8,2
Novembro	---	16,7	50,0	---	---	---	---	---	-	---	7,2	10,7	6,7	8,2	7,3
Dezembro	---	---	---	---	---	---	---	---	-	---	9,5	10,7	6,7	6,1	6,4
Ano 2003															
Janeiro	---	---	---	---	---	---	---	---	-	---	19,0	25,0	13,3	14,3	13,8
Fevereiro	25,0	16,7	---	25,0	66,7	---	40,0	---	-	---	2,4	3,6	11,7	6,1	9,2
Março	50,0	---	---	25,0	33,3	33,3	40,0	---	-	20,0	7,2	---	16,7	6,1	12,0
Abril	---	---	---	---	---	---	---	---	-	---	---	---	---	---	---
Total	7,3	5,5	1,8	3,6	2,7	2,7	4,5	3,6	-	4,5	38,5	25,6	55,0	45,0	100,0

Em seguida, aparece a faixa etária que compreende de 10 a 12 anos, com o ingresso de nove crianças e adolescentes no período de abril de 2002 a abril de 2003, cinco meninos (4,5%) e quatro meninas (3,6%). 80,0% dos ingressos masculinos nessa faixa etária entraram nos meses de fevereiro e março de 2003 enquanto 50,0 % das meninas entraram em agosto de 2002. Na faixa de idade de quatro a seis anos, seis crianças ingressaram nesse período, duas do gênero masculino representando 1,8% do total e quatro do feminino (3,6%). Nessa faixa, 50,0% dos meninos ingressaram em agosto de 2002 e 50,0% em novembro de 2002. Quanto às meninas, 25,0% ingressaram em julho, 25,0% em setembro, 25,0% em fevereiro e 25,0% em março. A faixa dos sete aos nove teve também seis ingressos, três meninos, 2,7% do total de ingressos e três meninas (2,7%). Desses ingressos, 66,7% dos meninos entraram no mês de fevereiro de 2003, enquanto 33,3% das meninas entraram em abril, outras 33,3% em julho e 33,3% em março de 2003.

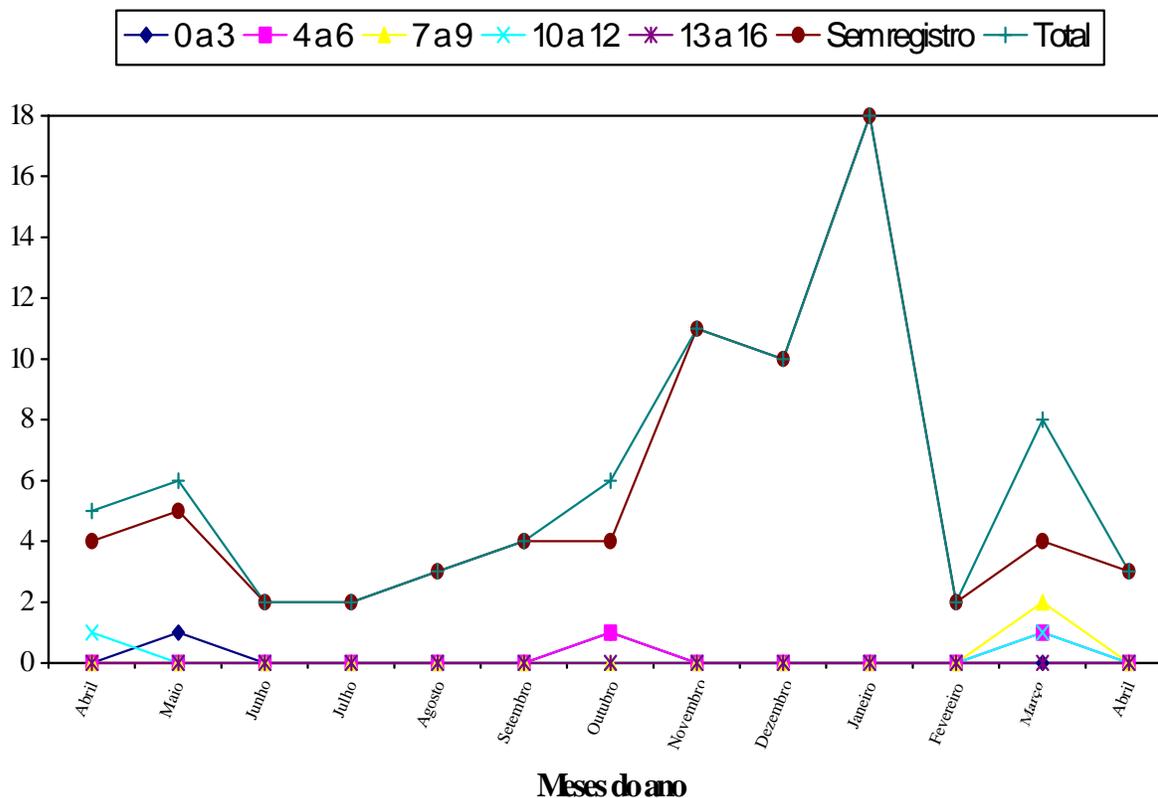


Figura 3.3. Variação da quantidade de crianças e adolescentes egressos na instituição de abrigo de abril de 2002 a abril de 2003, segundo a faixa de idade

A Figura 3.3 apresenta a variação da quantidade de crianças e adolescentes egressos da instituição de abrigo de abril de 2002 a abril de 2003, segundo a faixa de idade. É possível observar na figura uma concentração de crianças e adolescentes que não possuem o registro da idade em todos os meses. Há uma predominância de egressos da instituição de abrigo nos meses de janeiro de 2003, novembro e dezembro de 2002 sobre os demais meses analisados. Os meses de junho e julho de 2002 e fevereiro de 2003 têm menor quantidade de egressos que nos demais meses. A totalidade de egressos em junho, julho, agosto, setembro, novembro e dezembro de 2002 e janeiro e fevereiro de 2003, não possui o registro da idade nos documentos da instituição utilizados para fazer esse controle.

As Tabelas 3.6 e 3.7 apresentam a distribuição da quantidade e da porcentagem de crianças e adolescentes abrigados de abril de 2002 a abril de 2003, segundo a faixa de idade e o gênero. São apresentadas para ressaltar as diferenças existentes em relação ao gênero, que não aparecem na Figura 3.3. Na última linha da Tabela 3.7, aparecem as porcentagens em relação à quantidade total de egressos no período analisado. Nesse período, o número total de egressos é de 80 crianças e adolescentes, dos quais, 48 (60,0%) são meninos e 32 (40,0%) meninas.

Tabela 3.6
Distribuição da quantidade de crianças e adolescentes egressos da instituição de abrigo de abril de 2002 a abril de 2003, segundo a faixa de idade e o gênero

Mês do ano	Egressos														Total
	0 a 3		4 a 6		7 a 9		10 a 12		13a16		Sem registro		Total		
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
Ano 2002															
Abril	---	---	--	---	---	---	---	1	--	--	3	1	3	2	5
Maió	1	---	--	---	---	---	---	---	--	--	4	1	5	1	6
Junho	---	---	--	---	---	---	---	---	--	--	1	1	1	1	2
Julho	---	---	--	---	---	---	---	---	--	--	1	1	1	1	2
Agosto	---	---	--	---	---	---	---	---	--	--	2	1	2	1	3
Setembro	---	---	--	---	---	---	---	---	--	--	2	2	2	2	4
Outubro	---	1	--	1	---	---	---	---	--	--	3	1	3	3	6
Novembro	---	---	--	---	---	---	---	---	--	--	6	5	6	5	11
Dezembro	---	---	--	---	---	---	---	---	--	--	6	4	6	4	10
Ano 2003															
Janeiro	---	---	--	---	---	---	---	---	--	--	9	9	9	9	18
Fevereiro	--	---	--	---	---	---	---	---	--	--	1	1	1	1	2
Março	---	---	--	1	1	1	1	---	--	--	4	---	6	2	8
Abril	---	---	--	---	---	---	---	---	--	--	3	---	3	---	3
Total	1	1	-	2	1	1	1	1	-	-	45	27	48	32	80

Do total de 80 crianças e adolescentes, 72 (90,0%) não possuem o registro da idade, sendo 45 meninos e 27 meninas. Quanto às crianças e adolescentes que possuem o registro da idade, a distribuição ocorre da seguinte forma: Duas tem entre zero a três anos, uma do gênero masculino representando 1,2% do total e uma do gênero feminino (1,2%). A

porcentagem apresentada no corpo da Tabela, mostra a distribuição de egressos em relação ao total de crianças por faixa etária.

Quando analisada, é possível perceber que 100,0% dos egressos masculinos na faixa de idade do zero aos três saíram do abrigo no mês de maio de 2002, enquanto 100,0 % dos egressos femininos saíram em outubro de 2002. Com a mesma quantidade de egressos, aparece a faixa de idade dos quatro aos seis. Duas crianças (2,5% do total), ambas do gênero feminino, 50,0% com saída em outubro de 2002 e 50,0% com saída em março de 2003.

Tabela 3.7

Distribuição da porcentagem de crianças e adolescentes egressos da instituição de abrigo de abril de 2002 a abril de 2003, segundo a faixa de idade e o gênero

Mês do ano	Egressos														Total
	0 a 3		4 a 6		7 a 9		10 a 12		13a16		Sem registro		Total		
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
Ano 2002															
Abril	---	---	-	---	---	---	---	100,0	-	-	6,6	3,7	6,2	6,3	6,3
Maio	100,0	---	-	---	---	---	---	---	-	-	8,8	3,7	10,4	3,1	7,5
Junho	---	---	-	---	---	---	---	---	-	-	2,2	3,7	2,1	3,1	2,5
Julho	---	---	-	---	---	---	---	---	-	-	2,2	3,7	2,1	3,1	2,5
Agosto	---	---	-	---	---	---	---	---	-	-	4,4	3,7	4,2	3,1	3,8
Setembro	---	---	-	---	---	---	---	---	-	-	4,4	7,4	4,2	6,3	5,0
Outubro	---	100,0	-	50,0	---	---	---	---	-	-	6,6	3,7	6,2	9,4	7,5
Novembro	---	---	-	---	---	---	---	---	-	-	13,3	18,5	12,5	15,6	13,7
Dezembro	---	---	-	---	---	---	---	---	-	-	13,3	14,8	12,5	12,5	12,5
Ano 2003															
Janeiro	---	---	-	---	---	---	---	---	-	-	20,0	33,3	18,7	28,1	22,5
Fevereiro	---	---	-	---	---	---	---	---	-	-	2,2	3,7	2,1	3,1	2,5
Março	---	---	-	50,0	100,0	100,0	100,0	---	-	-	8,8	---	12,5	6,3	10,0
Abril	---	---	-	---	---	---	---	---	-	-	6,6	---	6,2	---	3,7
Total	1,2	1,2	-	2,5	1,2	1,2	1,2	1,2	-	-	56,2	40,0	60,0	40,00	100,0

Dos sete aos nove há também dois egressos, uma do gênero masculino (1,2%) e uma do feminino (1,2%). Desses egressos, 100,0% dos meninos e das meninas saíram em março de 2003. Dos 10 aos 12 anos são dois egressos, um do gênero masculino (1,2% do total) e um do feminino (1,2%), sendo que 100,0% dos meninos saíram em março de 2003 e

100,0% das meninas em maio de 2002. Na faixa etária dos 13 aos 16 anos nenhum adolescente saiu do abrigo.

a) Há falhas nos procedimentos de registro das informações nos documentos do abrigo

Os registros feitos nos documentos da instituição onde constam informações da quantidade de crianças e adolescentes ingressos e egressos não são fidedignos. Na Tabela 3.3 pode ser observado que a diferença entre a quantidade de ingressos e egressos do gênero masculino, não coincide com o número total de crianças abrigadas em abril de 2003, que pode ser visto na Tabela 3.1. Há a discrepância de seis crianças para alcançar os 18 meninos abrigados em abril de 2003. Ainda na Tabela 3.3, no mês de janeiro de 2003, 15 crianças estão sem o registro da idade nos documentos que controlam a quantidade de ingressos e egressos. No entanto, a Tabela 3.1 mostra que a totalidade de crianças abrigadas possui o registro da idade.

As Tabelas 3.4 e 3.5 mostram que em relação aos ingressos de abril de 2002 a abril de 2003, do total de 109, 70 (64,2%) não possuem o registro da idade nos documentos da instituição. Já em relação aos egressos (Tabelas 3.6 e 3.7), do total de 80, 90,0% estão sem o registro. A falta do registro da idade das crianças e adolescentes evidencia a ineficácia dos procedimentos de registro das informações que os documentos deveriam garantir. O artigo 94 do Estatuto da Criança e Adolescente (1990) diz que as entidades de abrigo devem providenciar os documentos necessários ao exercício da cidadania àqueles que não tiverem. As entidades devem também manter um arquivo de anotações onde constem datas e circunstâncias de atendimento, nome da criança, dos pais ou responsáveis, parentes, sexo, idade e outros que possibilitem sua identificação e a individualização do atendimento. Segundo informações dos colaboradores da unidade de abrigo investigada não há outro documento que pudesse informar sobre o registro da idade das crianças e adolescentes abrigados.

Nessas Tabelas também pode ser notado que há mais registro de idade de ingressos do que de egressos. Parece que os colaboradores da instituição de abrigo prestam mais atenção

no registro dos dados das crianças que permanecem internadas do que nas que saem da instituição, até porque nessa ocasião o registro da idade já deveria ter sido feito. Além disso, podem necessitar desse tipo de informação para preencher relatórios ou outros documentos solicitados por entidades de proteção como o conselho tutelar ou juizado da infância e adolescência. Esses dados ainda revelam assim como na Tabela 3.3, que existem falhas nos registros feitos para controlar o fluxo de crianças abrigadas, ou seja, novamente os dados aparecem registrados de forma insuficiente e sem integração das informações.

A faixa etária predominante das crianças e adolescentes ingressos que possuem o registro da idade nos documentos da instituição é a do zero aos três anos de idade. São 14 crianças que possuem o registro. A constatação dessa predominância na Tabela 3.4 provoca pelo menos uma pergunta: Apesar de no caso de crianças pequenas o acesso a documentos ser mais restrito, por que será que essa é a faixa etária que têm os registros mais garantidos que as demais nos documentos da instituição? Quando, por exemplo, as crianças já estão em idade escolar, as chances de possuírem outros documentos é maior, ou seja, há outros documentos que podem ser utilizados como informação para realizar o registro da idade e mesmo assim há falhas no registro. A faixa de idade do zero aos três corresponde a 32,0 % do total de crianças abrigadas no período considerado, como demonstrado nas Tabelas 3.1 e 3.2.

- b) Há oscilação da quantidade de crianças e adolescentes ingressos e egressos ao longo dos meses

A Figura 3.2 revela que há oscilação no decorrer dos meses da quantidade de crianças e adolescentes ingressos. Essa oscilação ao longo dos meses exige que a instituição de abrigo possua funcionários para suprir necessidades de trabalho em relação à quantidade de crianças e adolescentes abrigados em cada mês. Exige também por parte de seus administradores, um planejamento para gerenciar recursos financeiros para o armazenamento de roupas, alimentos, medicamentos, utensílios domésticos que mudam em função dos períodos oscilatórios da quantidade de crianças e jovens abrigados.

Na Tabelas 3.6 e 3.7 pode ser visto que nos meses de novembro, dezembro de 2002 e janeiro de 2003 há maior concentração de egressos do que nos demais meses do ano. Nos meses próximos ao final do ano acontecem comemorações festivas de forte apelo emocional. Essas datas comemorativas comuns na sociedade podem ser um dos aspectos que leva a família a realizar junto aos abrigos ou entidades responsáveis uma nova tentativa de estar perto de seus filhos. Pode ser também, que os representantes da instituição promovam nessas datas iniciativas que possibilitam a liberação das crianças e adolescentes ou que possibilitem outros tipos de encaminhamentos.

3. Características do tempo de permanência das crianças e jovens abrigados

As variáveis tempo de permanência e gênero podem ser observadas nas Tabelas 3.8 e 3.9 que apresentam a distribuição da quantidade e da porcentagem de crianças e adolescentes abrigados de janeiro a abril de 2003, segundo o gênero e o tempo de permanência na instituição. As porcentagens do corpo da Tabela 3.9 estão relacionadas à quantidade total de crianças abrigadas por mês. A porcentagem apresentada na última linha da Tabela diz respeito à quantidade total de crianças abrigadas no período.

Tabela 3.8

Distribuição da ocorrência de crianças e adolescentes abrigados de janeiro a abril de 2003, segundo o gênero e o tempo de permanência na instituição

Mês do ano	Tempo de permanência e gênero										Total
	0 a 12 meses		13 a 24 meses		25 a 36 meses		37 a 48 meses		Total		
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
Ano 2003											
Janeiro	6	10	5	4	---	1	3	2	14	17	31
Fevereiro	9	10	4	4	---	---	3	2	16	16	32
Março	13	11	5	4	---	---	3	2	21	17	38
Abril	12	13	2	2	---	---	4	2	18	17	35
Total	40	44	16	14	0	1	13	8	69	67	136

É possível notar que do total de 136 internos nesse período, 69 (50,7%) são do gênero masculino e 67 (49,3%) do gênero feminino. Dentre as 136 crianças abrigadas de janeiro a abril de 2003, 84 (61,4%), permanecem de 0 a 12 meses na instituição de abrigo, sendo 40 meninos e 44 meninas. O tempo de permanência de outras 30 (22,0%) crianças e adolescentes é de 13 a 24 meses (16 meninos e 14 meninas). Há uma menina (0,7%) abrigada de 25 a 36 meses, e ainda há outras 21 crianças (15,4%), sendo 13 meninos e oito meninas abrigados de 37 a 48 meses.

Tabela 3.9

Distribuição da porcentagem de crianças e adolescentes abrigados de janeiro a abril de 2003, segundo o gênero e o tempo de permanência na instituição

Mês do ano	Tempo de permanência e gênero										Total
	0 a 12 meses		13 a 24 meses		25 a 36 meses		37 a 48 meses		Total		
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
Ano 2003											
Janeiro	19,3	32,2	16,1	12,9	---	3,2	9,7	6,4	45,2	54,8	100,0
Fevereiro	28,1	31,2	12,5	12,5	---	---	9,4	6,2	50,0	50,0	100,0
Março	34,2	28,9	13,1	10,5	---	---	7,9	5,2	55,3	44,7	100,0
Abril	34,2	37,1	5,7	5,7	---	---	11,4	5,7	51,4	48,6	100,0
Total	29,4	32,3	11,8	10,2	---	0,7	9,5	5,9	50,7	49,3	100,0

Das 31 crianças e adolescentes abrigados no mês de janeiro de 2003, 16 (51,5%) permanecem de 0 a 12 meses, nove (29,0%) de 13 a 24 meses, uma (3,2%) de 25 a 36 meses e cinco (16,1%) de 37 a 48 meses. Em relação ao mês de fevereiro, do total de 32 crianças abrigadas, 19 (59,3%) ficam na instituição de 0 a 12 meses, oito (25,0%) de 13 a 24 meses, nenhuma de 25 a 36 meses, e cinco (15,6%) de 37 a 48 meses. Já no mês de março, 24 crianças (63,1%) estão na instituição por um período de 0 a 12 meses, nove (23,6%) por um período de 13 a 24 meses, nenhuma criança ou adolescente permaneceu por um período de 25 a 36 meses, e cinco (13,1%) estão de 37 a 48 meses abrigadas. Em abril, das 35 crianças e adolescentes abrigados, 25 (71,3%) estão na instituição de 0 a 12 meses, quatro (11,4%) de 13 a 24 meses, nenhuma de 24 a 36 meses, e seis (17,1%) estão no abrigo por um período de 37 a 48 meses.

As Figuras 3.4 a 3.6 apresentam a variação da porcentagem de crianças e jovens ingressos no abrigo de janeiro a abril de 2003, segundo o tempo de permanência. O tempo de permanência foi dividido em: pouca internação (de 0 a 12 meses), média internação (de 13 a 24 meses) e muita internação (de 37 a 48 meses). Os gráficos mostram que o tempo de permanência das crianças e jovens considerados na categoria “breve internação” é o que possui a porcentagem mais alta de tempo em que permanecem no abrigo, seguido do gráfico que apresenta “média internação” e “longa internação”.

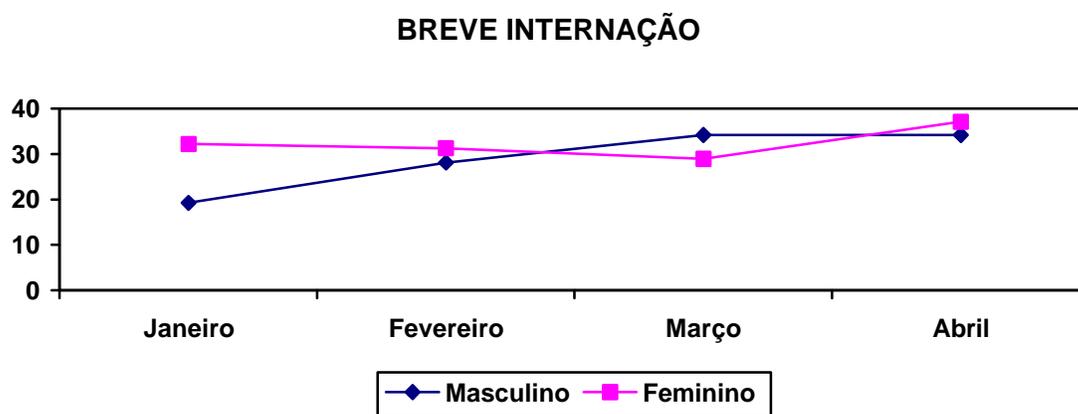


Figura 3.4. Variação da porcentagem de crianças e jovens ingressos no abrigo de janeiro a abril de 2003, segundo o tempo de permanência (0 a 12 meses)

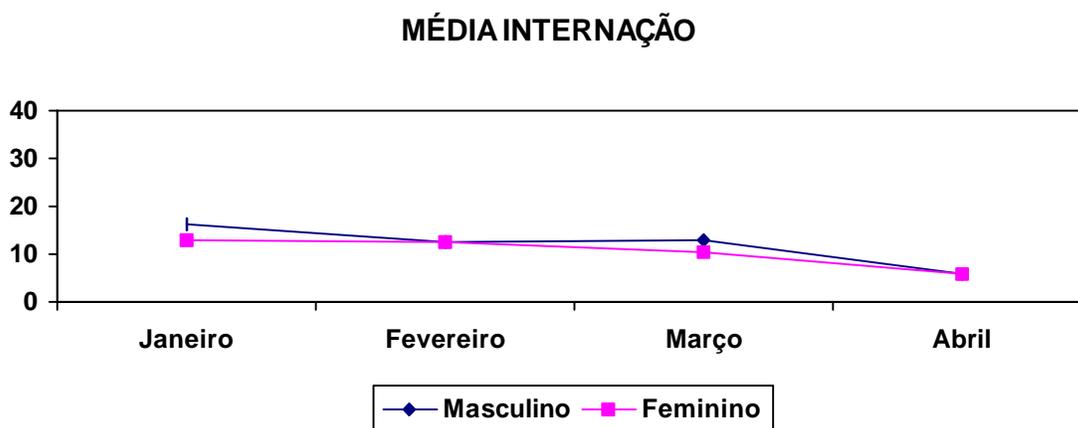


Figura 3.5. Variação da porcentagem de crianças e jovens ingressos no abrigo de janeiro a abril de 2003, segundo o tempo de permanência (13 a 24 meses)

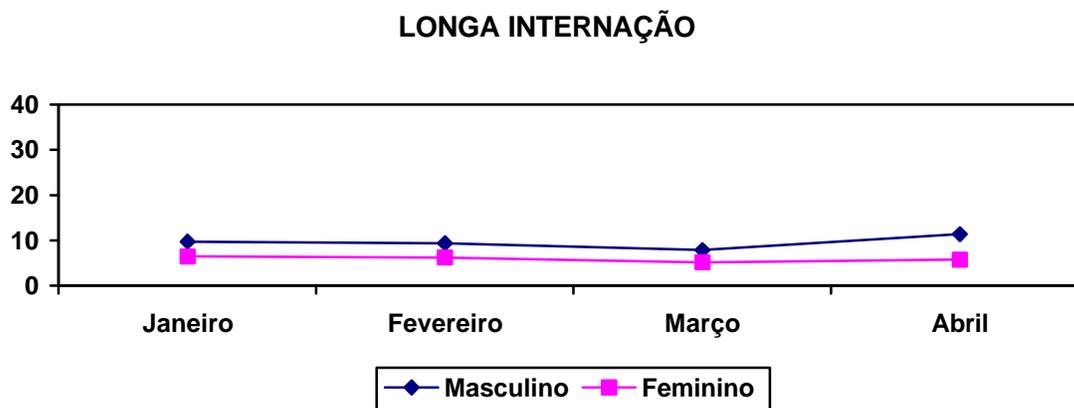


Figura 3.6. Variação da porcentagem de crianças e jovens ingressos no abrigo de janeiro a abril de 2003, segundo o tempo de permanência (37 a 48 meses)

- a) Quanto maior é o tempo de permanência, maior é a dificuldade em realizar encaminhamentos que promovam o bem estar das crianças e jovens

Os administradores da instituição necessitam planejar programas de atendimento em função do tempo de permanência das crianças e adolescentes no abrigo. É importante planejar os programas de atendimento de acordo com as variações que ocorrem no tempo de permanência. Os administradores do abrigo não possuem controle sobre essa variável. Como é possível observar nas Tabelas 3.8 e 3.9, do total de 136 abrigados de janeiro a abril de 2003, 84 (61,4%) permanece de 0 a 12 meses na instituição. O tempo de permanência de outras 30 (22,0%) crianças e adolescentes é de 13 a 24 meses. De uma criança (0,7%) é de 25 a 36 meses e de 21 (15,4%) crianças o tempo de permanência é de 37 a 48 meses.

Outro aspecto importante a ser considerado pelos administradores do abrigo seria a possibilidade de estabelecer vínculos com representantes das demais instituições de proteção de crianças e adolescentes. Essas instituições poderiam prestar atendimentos parciais em função do tempo de permanência. Nas Tabelas 3.8 e 3.9 é possível notar que há crianças que estão até 48 meses na unidade de abrigo. Quanto maior o tempo de permanência das crianças e jovens no abrigo e quando esses não possuem mais condições de retornar ao convívio familiar, provavelmente é maior a dificuldade dos agentes institucionais em realizar outros tipos de encaminhamentos. Os agentes das instituições de proteção precisam avaliar estratégias que minimizem o tempo de permanência, até porque o

abrigamento é uma medida provisória, de transição para a colocação de crianças em famílias substitutas (ECA, 1990).

Há 21 crianças que correspondem a 15,4% do total no abrigo de 37 a 48 meses. Esse dado mostra que as instituições de proteção encontram dificuldades em realizar outros encaminhamentos quando a criança ou adolescente não possui mais condições de retornar ao convívio familiar. O receio das famílias ou pessoas interessadas em adotar crianças e jovens que vivem em instituições dificulta essa medida que seria um meio de dar uma família para essas crianças e uma das saídas possíveis para diminuir a quantidade de crianças abrigadas. Weber (1998) demonstra que a colocação de crianças de cor negra, com idade avançada, em famílias substitutas, é rara. As famílias brasileiras preferem crianças de pele clara e recém-nascida. As famílias também possuem receio das dificuldades impostas pela legislação, que é considerada lenta e burocrática. A maioria dos Juizados da Infância e Juventude não promove ações para modificar sua imagem perante o público. Apesar das leis do Estatuto da Criança e Adolescente favorecerem o processo de realização da adoção em alguns aspectos (como a diminuição da idade dos adotantes), pouco se faz em relação à adoção de crianças institucionalizadas no país (Weber, 2002).

4. Origem, destino e motivo dos encaminhamentos para as crianças e adolescentes abrigados

O que acontece com as crianças e jovens que vivem em Unidades de Abrigo em relação à origem, destino e motivo de seus encaminhamentos? Por que chegam, para onde vão, quem são as entidades que as encaminham? Para conhecer melhor essas características as Tabelas 3.10 a 3.13 e a Figura 3.7 apresentam a distribuição de ocorrências das origens, dos destinos e dos motivos dos encaminhamentos realizados com as crianças e adolescentes institucionalizados.

Tabela 3.10
Distribuição da quantidade de crianças e adolescentes abrigados nos meses de janeiro, fevereiro, março e abril de 2003, de acordo com a faixa etária e o motivo do encaminhamento para o ingresso na instituição*

Motivo encaminhamento	0 a 3				4 a 6				7 a 9				10 a 12				13 a 16				Total	
	J	F	M	A	J	F	M	A	J	F	M	A	J	F	M	A	J	F	M	A	N	%
Cond. material	3	4	6	4	1	2	2	2	1	4	4	4	-	3	3	3	-	-	-	-	46	34,8
Abandono família	5	3	3	2	1	-	-	-	3	-	-	-	2	1	1	1	-	-	-	-	22	16,6
Agressão física	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	2	-	-	-	3	-	-	-	1	8	6,0
Ordem Judicial	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	1	2	2	1	1	1	1	1	12	9,0
Pais presos	1	-	-	2	-	1	1	-	-	-	-	-	1	1	1	1	-	-	-	-	9	6,8
Pais alcoólatras	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,75
Desadap.fam.subs.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	0,75
Desadap.fam.nucl.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	1	1	-	1	2	2	-	10	7,5
Mãe mora abrigo	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,75
Suspeita seqüestro	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1,5
Sem registro	1	2	1	-	1	-	-	-	2	2	2	-	2	2	2	-	-	1	2	-	20	15,1
Total	10	9	10	13	3	3	3	3	7	6	6	7	9	10	10	10	2	4	5	2	132	100,0

* Não consta o registro da idade de quatro crianças e adolescentes.

A Tabela 3.10 apresenta a distribuição da quantidade de crianças e adolescentes abrigados, segundo o motivo do encaminhamento e a faixa etária, no período de janeiro a abril de 2003. Do total de 132 encaminhamentos nesse período, 34,8 % (n=46) são encaminhadas por falta de condições materiais dos pais. Dessas 46 crianças e adolescentes, 17 tem de zero a três anos, sete de quatro a seis, nove crianças de sete a nove anos, seis de 10 a 12 anos, e dos treze aos 16, não há nenhum adolescente encaminhado por falta de condição material dos pais. O segundo motivo de maior ocorrência é o abandono pela família (n=22), dos quais 13 têm entre zero a três anos de idade, cinco entre dez a 12, três entre sete a nove, um entre quatro e seis anos e nenhum entre os 13 e 16 anos. Em seguida, há 12 crianças e adolescentes que chegam ao abrigo por meio de ordem judicial.

Dessas 12, seis têm de 10 a 12, quatro de 13 a 16 anos, duas de sete a nove, e nenhuma de zero a seis. Dez crianças são encaminhadas pelo motivo desadaptação na família nuclear, sendo que cinco têm de 10 a 12 e cinco de 13 a 16 anos. Nove, têm como motivo do encaminhamento os pais estarem presos, dos quais quatro têm de dez a 12, três de zero a três, dois de quatro a seis, e nenhum nas demais faixas de idade. Oito crianças têm como

motivo agressão física, três têm de 10 a 12 anos, duas de sete a nove, uma de zero a três, uma de quatro a seis e uma de 13 a 16 anos. Outras duas crianças têm como motivo a suspeita de serem vítimas de suspeita de seqüestro, ambas com idades compreendidas entre zero e três anos. Os demais motivos são, pais alcoólatras (n=1, de zero a três), desadaptação em família substituta (n=1, de dez a 12), e mãe estar morando no abrigo (n=1, de zero a três).

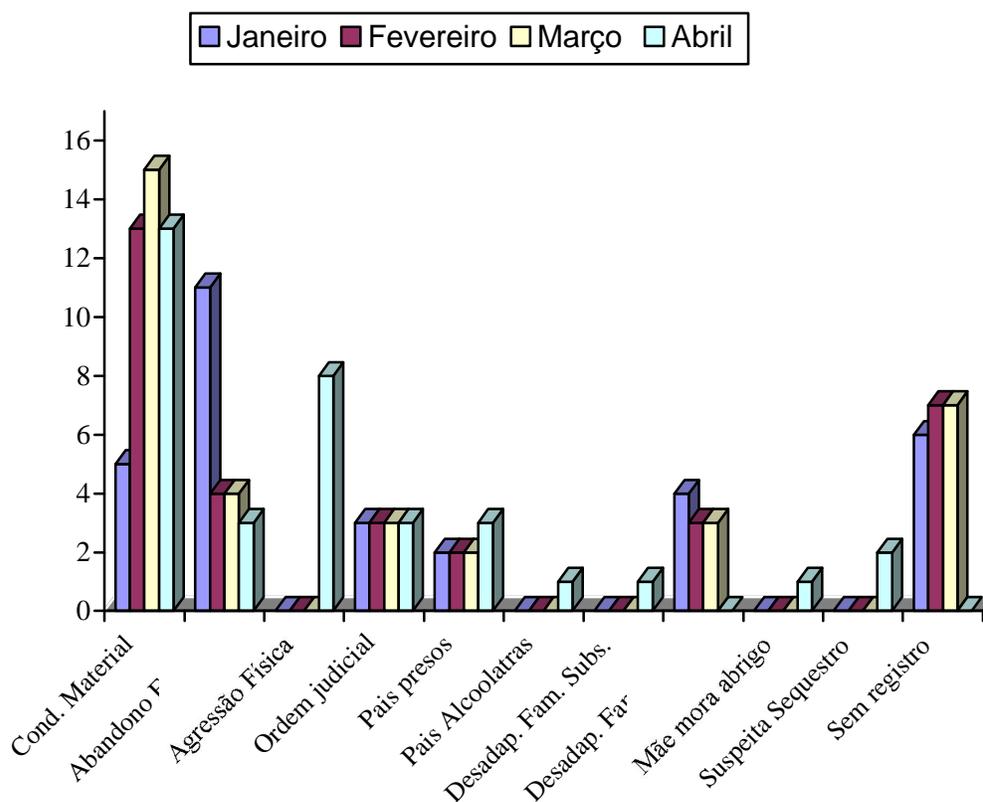


Figura 3.7. Distribuição da quantidade de crianças e adolescentes abrigados de janeiro a abril de 2003, de acordo com o motivo de encaminhamento para o ingresso no abrigo

A Figura 3.7 apresenta a distribuição da quantidade de crianças e adolescentes abrigados de janeiro a abril de 2003, de acordo com o motivo do encaminhamento para o ingresso na instituição. Analisando os meses que ocorreram maior quantidade de crianças

abrigadas segundo cada motivo de encaminhamento obtém-se a seguinte distribuição: Das 46 crianças e adolescentes que têm como motivo de encaminhamento falta de condição material, a maioria (n=15) foi encaminhada no mês de março. Do total de 22 crianças encaminhadas por abandono da família, 11, quando considerado esse período, foram abrigadas em janeiro de 2003.

No mês de abril de 2003, a totalidade de crianças (n=8) foi abandonada por agressão física. Quanto ao motivo do encaminhamento descrito como ordem judicial, há a mesma quantidade de crianças encaminhadas segundo esse motivo, em todos os meses (n=3), do total de 12 abrigados. Das nove crianças que têm como motivo de encaminhamento os pais estarem presos, três ingressaram no mês de abril de 2003. Os motivos, pais alcoólatras, desadaptação família substituta e mãe mora no abrigo, têm um encaminhamento para cada motivo, ocorrido no mês de abril. Dos dez encaminhados por desadaptação na família nuclear, quatro ingressaram no mês de janeiro de 2003, enquanto que a totalidade de crianças suspeitas de terem sido vítimas de seqüestro (n=2) ingressaram em abril de 2003. Há 20 crianças sem o registro do encaminhamento, sendo que a falta desse registro ocorre em maior quantidade nos meses de fevereiro e março de 2003. Os demais meses têm menor concentração de crianças, quando considerado cada motivo de encaminhamento.

Na Tabela 3.11 é possível verificar a distribuição da ocorrência e da porcentagem de crianças e adolescentes egressos da instituição de abrigo, no período de abril de 2002 a abril de 2003, segundo o destino do encaminhamento realizado. Do total de 80 internos que saíram da instituição de abrigo, 55 (68,7%) têm como encaminhamento o regresso para a família, 22 (27,5%), a retirada pelo conselho tutelar, e três (3,7%) a fuga do abrigo. Novembro e dezembro de 2002 e janeiro de 2003 são os meses em que há maior quantidade de crianças e adolescentes egressos. Das 11 crianças egressas em novembro de 2002, 10 regressaram para a família. Em dezembro de 2002, das 10 egressas, sete também regressaram para a família, e em janeiro de 2003, do total de 18 crianças que saíram, 13 da mesma forma regressaram para a família.

Tabela 3.11

Distribuição da ocorrência e da porcentagem de crianças e adolescentes egressos da instituição de abrigo no período de abril de 2002 a abril de 2003, segundo o destino do encaminhamento realizado

		Tipo de destino							
		Regresso p/ família		Retirada pelo conselho tutelar		Fuga do abrigo		Total	
Mês do ano		Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
2002	Abril	5	6,2	---	---	---	---	5	6,2
	Maio	2	2,5	4	5,1	---	---	6	7,6
	Junho	1	1,2	1	1,2	---	---	2	2,5
	Julho	2	2,5	---	---	---	---	2	2,5
	Agosto	1	1,2	2	2,5	---	---	3	3,7
	Setembro	2	2,5	2	2,5	---	---	4	5,0
	Outubro	3	3,7	3	3,8	---	---	6	7,6
	Novembro	10	12,6	---	---	1	1,2	11	13,7
2003	Dezembro	7	8,7	3	3,8	---	---	10	12,5
	Janeiro	13	16,3	5	6,2	---	---	18	22,5
	Fevereiro	---	---	1	1,2	1	1,2	2	2,5
	Março	6	7,6	1	1,2	1	1,3	8	10,0
	Abril	3	3,7	---	---	---	---	3	3,7
Total		55	68,7	22	27,5	3	3,7	80	100,0

As fugas do abrigo ocorreram uma em cada mês em novembro de 2002, fevereiro e março de 2003. Somente em maio (n=4) e agosto (n= 2) de 2002, o número de crianças e adolescentes retirados pelo conselho tutelar é superior ao número de crianças que regressaram para suas famílias.

Nas Tabelas 3.12 e 3.13 é possível observar a distribuição da quantidade e da porcentagem de crianças e adolescentes abrigados de janeiro a abril de 2003, segundo o gênero e a instância de encaminhamento. Dos 136 ingressos, 69 (50,7%) são meninos e 67 (49,3%) meninas. 91,2% do total de encaminhamentos (n= 124) é feito pelo conselho tutelar. Desse modo, as crianças e adolescentes são recebidas para o ingresso no abrigo por meio dessa instância de encaminhamento. O juizado da infância e da adolescência segundo consta na coluna intermediária da Tabela, fez o encaminhamento de 12 crianças (8,8% do total), todas meninas, sendo três encaminhamentos realizados em cada mês pesquisado.

Tabela 3.12

Distribuição da quantidade de crianças e adolescentes abrigados de janeiro a abril de 2003, segundo o gênero e a instituição responsável pelo encaminhamento

Mês do ano	Instituição responsável pelo encaminhamento e gênero						
	Conselho Tutelar		Juizado da Infância e Adolescência		Total		Total
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
Ano 2003							
Janeiro	14	14	---	3	14	17	31
Fevereiro	16	13	---	3	16	16	32
Março	21	14	---	3	21	17	38
Abril	18	14	---	3	18	17	35
Total	69	55	0	12	69	67	136

Tabela 3.13

Distribuição da porcentagem de crianças e adolescentes abrigados de janeiro a abril de 2003, segundo o gênero e a instituição responsável pelo encaminhamento

Mês do ano	Instituição responsável pelo encaminhamento e gênero						
	Conselho Tutelar		Juizado da Infância e Adolescência		Total		Total
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
Ano 2003							
Janeiro	45,1	45,1	---	9,7	45,2	54,8	100,0
Fevereiro	50,0	40,6	---	9,3	50,0	50,0	100,0
Março	55,3	36,8	---	7,9	55,3	44,7	100,0
Abril	51,4	40,0	---	8,6	51,4	48,6	100,0
Total	50,7	40,5	---	8,8	50,7	49,3	100,0

- a) As crianças chegam a instituição por falta de condição material e regressam para suas famílias encaminhadas pelo conselho tutelar

A estrutura social oferecida à população marcada pela desigualdade social, concentração de renda, influencia e contribui para que crianças e adolescentes vivam em uma situação não favorável ao desenvolvimento pleno saudável. Em todas as faixas etárias pesquisadas, o motivo do encaminhamento descrito como falta de condição material apresentado na Tabela 3.10 corresponde a 34,8 % do total, sendo o que aparece com o maior quantidade de crianças (N=.46). Esse dado coincide com o resultado das investigações de Alves (2000), Weber (1998) e Guirado (1986) onde a falta de condição financeira é o principal motivo de encaminhamento para as Unidades de Abrigo. Os técnicos responsáveis justificam esse tipo de encaminhamento para a retirada da criança de sua família. Sendo assim, eles precisam avaliar a necessidade de implementar políticas sociais básicas voltadas para as famílias de classes populares. As restrições econômicas possuem efeitos diretos e indiretos nas famílias. Além de dificultarem o acesso a serviços de assistência básica a seus filhos, as restrições econômicas inviabilizam cuidados necessários ao provimento de seu bem-estar.

Famílias pobres são obrigadas a enfrentar condições de vida que não permitem a construção de relações sociais, afetivas e emocionais que poderiam auxiliar o seu desenvolvimento. Em um país como o Brasil, onde as condições sociais são precárias, e a concentração de renda é uma das piores do mundo, fica evidente a necessidade de englobar nas políticas de atendimento as questões envolvidas na estrutura social oferecida à população. Silva e Hutz (2002) chamam a atenção para o fato de não haver políticas de atendimento voltadas às classes populares e isso contribui para que vivam em uma situação que não favorece seu desenvolvimento.

Um segundo aspecto a ser considerado em relação aos motivos do encaminhamento (falta de condição material, abandono família e outros) descritos na Tabela 3.10 e na Figura 3.4 é que esses motivos foram representados conforme coletados nos registros dos documentos da instituição de abrigo. É possível perceber que as categorias utilizadas para nomear os motivos dos encaminhamentos não definem com precisão a realidade dos mesmos. Essas categorias não definem os tipos e nem o grau de abrangência dos maus-

tratos, do tipo de ordem judicial entre outras. Além disso, quando é necessário identificar e avaliar o motivo do encaminhamento de uma criança que chega ao abrigo, por exemplo, com o motivo “abandono família”, não é possível saber se o abandono ocorreu em função das condições de saúde dos responsáveis, se ocorreu em função de maus-tratos ou outro. Provavelmente, as crianças chegam à unidade de abrigo por mais de um motivo.

Em relação à saída das crianças e jovens do abrigo, por meio dos dados coletados é possível notar que do total de 80 internos que saíram no período de abril de 2002 a abril de 2003, 68,7% têm como encaminhamento o regresso para a família. O ambiente familiar é compreendido como o local de excelência para propiciar o desenvolvimento saudável (Weber, 2002; Alves, 2000). Sendo assim, é possível observar que a maior parte das crianças que passam pelo abrigo está sendo encaminhada para a família. Há uma preocupação por parte dos profissionais em assegurar esse direito às crianças. Os profissionais que escolhem e decidem o destino dos encaminhamentos das crianças e jovens abrigados devem assegurar que a opção feita é apropriada para favorecer seu bem estar.

Da mesma maneira que parece haver certa preocupação por um lado em relação aos encaminhamentos, por outro é possível notar falhas na troca de informações nesse aspecto entre a unidade de abrigo e o conselho tutelar. Quando as crianças são retiradas do abrigo pelo conselho tutelar, os profissionais da unidade de abrigo não são capazes de identificar com precisão o destino do encaminhamento que foi realizado, pois somente há o registro dessa forma, “retiradas pelo conselho tutelar”. Já quando as crianças e adolescentes egressam diretamente do abrigo para suas famílias ou quando ocorre fuga, os profissionais, conseguem então, identificar com maior precisão o destino das crianças que estavam em regime de internamento. A Tabela 3.12 mostra que o conselho tutelar é a instância que realiza a maior quantidade de encaminhamentos de crianças para a unidade de abrigo em relação à outra instância (juizado da infância e juventude). Dessa forma fica evidente que os responsáveis pelas instituições de proteção estão realizando um trabalho incompleto, fragmentado. Não há um acompanhamento total de cada caso, apesar de ser uma obrigação das entidades de abrigo manter programas destinados ao apoio e acompanhamento de egressos (ECA, 1990 art.94). O que acontece com essas crianças quando são retiradas do abrigo pelo conselho tutelar?

Botomé (1996) assinala que uma instituição não pode ser reduzida as suas condições físicas e estruturais. Essas instituições são, muito mais, uma rede de relações entre as pessoas que as constituem. Assim, fica evidente a necessidade de produzir integração em cada uma das atividades desempenhadas pelas autoridades ou profissionais que trabalham com crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo. Quais aspectos em suas ações podem ser alterados a partir dos recursos existentes? Para haver uma modificação em suas ações, é necessário modificar as relações entre as pessoas e entre essas e o meio (Botomé, 1996). As normas, rotinas, as interações entre os responsáveis não podem ser mais importantes do que as reais necessidades da população que precisa ser atendida. A obediência às normas e regulamentos não podem substituir os objetivos propostos pelas instituições.

Outro dado que merece destaque na Tabela 3.11 em relação ao destino dos encaminhamentos são as fugas que ocorreram no abrigo. De acordo com a Tabela 3.11 as fugas ocorreram uma em cada mês em novembro de 2002, fevereiro e março de 2003. Por que será que aconteceram fugas no abrigo? Podem as unidades de abrigo representar ameaças à essas crianças? Sidman (1989) ressalta que os indivíduos entregues às instituições estão inseridos em um ambiente onde as relações sociais são limitadas, há privação de liberdade, de movimento e de oportunidades de tomar decisões. Sendo assim, há a configuração de um ambiente com baixa probabilidade de permitir às crianças e jovens experiências no mundo externo, ou seja, no mundo que ultrapassa as paredes da instituição. Além disso, essas fugas do abrigo podem ter acontecido devido à falhas no controle por parte dos colaboradores da instituição da entrada e saída de crianças e adolescentes. Outro aspecto que pode estar contribuindo é que os internos podem estar aproveitando as oportunidades para fugir quando realizam algum tipo de atividade fora do ambiente institucional. As fugas da unidade de abrigo tem implicações legais sobre os dirigentes dessas instituições que são definidos no Estatuto da Criança e Adolescente (1990) para todos os efeitos de direito, como guardiões e, portanto, são responsáveis pela proteção dessas crianças.

Outra instância que tem competências decisivas no atendimento de crianças e jovens que necessitam da intervenção da sociedade para ter assegurado seus direitos é o conselho

tutelar como pode ser visto nas Tabelas 3.12 e 3.13. O conselho tutelar foi a instância que realizou a maior parte dos encaminhamentos (91,2%) para a unidade de abrigo investigada em relação à outra instância que é o juizado da infância e adolescência. Segundo o Estatuto da Criança e Adolescente (1990) o conselho tutelar é a principal entidade responsável pela proteção de crianças e adolescentes privados da convivência familiar. O juizado da infância e adolescência é outra instância que consta nos registros dos documentos e realizou nesse período o total de 8,8 % dos encaminhamentos. Esses casos, provavelmente envolvem situações que ultrapassam as competências dos profissionais do conselho tutelar e exigem a interferência dessa instância.

5. As características gerais de crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo fornecem informações importantes sobre as necessidades decorrentes dessas características

As unidades de abrigo devem oferecer, segundo sua função, proteção às crianças e jovens que estão impedidas temporariamente de retornarem ao convívio familiar. Sendo assim, a instituição que abriga precisa fazer algo em relação a essas crianças e jovens. Os resultados que podem ser obtidos com as várias modalidades de atuação dos agentes e dos colaboradores do Abrigo não podem ser apenas modalidades que sirvam para atenuar o sofrimento dessa população. A análise das características gerais dessa clientela pode contribuir para derivar os comportamentos dos agentes que administram essas instituições e que são necessários para um gerenciamento eficaz. Para isso, é importante investigar e produzir conhecimento sobre as características dos comportamentos dos agentes de uma instituição de abrigo para crianças, a partir das características de sua clientela. Os Quadros 3.1 a 3.3 apresentam as ações que os planejadores ou administradores da unidade de abrigo deveriam realizar como parte de seu papel na instituição.

QUADRO 3.1
DERIVAÇÃO DE COMPORTAMENTOS IMPORTANTES PARA OS AGENTES
DE INSTITUIÇÃO DE ABRIGO A PARTIR DAS DESCOBERTAS FEITAS

Considerando que	Cabe ao agente da instituição	Realizar as seguintes ações como parte de seu papel na instituição
<p>Há uma distribuição de crianças em todas as faixas de idade</p>	<p>Planejador ou administrador</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar quantidade de crianças nas diferentes faixas etárias • Registrar em documentos as diferentes faixas etárias • Planejar o tipo de atendimento necessário para cada uma das diferentes faixas etárias • Planejar as condições habitacionais necessárias ao atendimento de crianças em diferentes fixas etárias • Identificar profissionais capazes de atender as necessidades das crianças em diferentes faixas etárias • Administrar recursos financeiros para atender as necessidades das crianças e jovens em diferentes faixas etárias • Estabelecer regras de convivência para as crianças e jovens em diferentes faixas etárias • Gerenciar queixas das crianças e adolescentes em diferentes faixas de idade • Identificar aspectos de risco para cada uma das diferentes faixas etárias <p style="text-align: right;">(etc)</p>

QUADRO 3.2
DERIVAÇÃO DE COMPORTAMENTOS IMPORTANTES PARA OS AGENTES
DE INSTITUIÇÃO DE ABRIGO A PARTIR DAS DESCOBERTAS FEITAS

Considerando que	Cabe ao agente da instituição	Realizar as seguintes ações como parte de seu papel na instituição
<p>A falta de condição material é a principal causa do motivo do encaminhamento</p>	<p>Planejador ou administrador</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar a veracidade do motivo do encaminhamento • Diferenciar o tipo de atendimento que deve ser oferecido às crianças em função do motivo do encaminhamento • Informar a sociedade civil e organizada os principais motivos dos encaminhamentos • Planejar políticas preventivas junto a sociedade civil e organizada em relação ao motivo de encaminhamento <li style="text-align: center;">(etc)

QUADRO 3.3
DERIVAÇÃO DE COMPORTAMENTOS IMPORTANTES PARA OS AGENTES
DE INSTITUIÇÃO DE ABRIGO A PARTIR DAS DESCOBERTAS FEITAS

Considerando que	Cabe ao agente da instituição	Realizar as seguintes ações como parte de seu papel na instituição
<p>Há dificuldade em realizar encaminhamento das crianças e jovens quando o tempo de permanência é prolongado</p>	<p>Planejador ou administrador</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer vínculo com outras instituições que possam prestar atendimento em função do tempo de permanência • Elaborar junto a outras instituições estratégias que minimizem o tempo de permanência • Planejar experiências de convívio em famílias temporárias em função do tempo de permanência • Avaliar o resultado de experiências do convívio em famílias temporárias em função do tempo de permanência <p style="text-align: center;">(etc)</p>

QUADRO 3.4
DERIVAÇÃO DE COMPORTAMENTOS IMPORTANTES PARA OS AGENTES
DE INSTITUIÇÃO DE ABRIGO A PARTIR DAS DESCOBERTAS FEITAS

Considerando que	Cabe ao agente da instituição	Realizar as seguintes ações como parte de seu papel na instituição
<p>Há oscilação na quantidade de crianças e adolescentes ingressos e egressos</p>	<p>Planejador ou administrador</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a quantidade de crianças e adolescentes ingressos e egressos • Registrar a quantidade de crianças e adolescentes ingressos e egressos • Avaliar a quantidade de crianças e adolescentes ingressos e egressos • Escolher as informações que precisam ser registradas em relação a quantidade de crianças e adolescentes ingressos e egressos <ul style="list-style-type: none"> • Elaborar banco de dados de funcionários para suprir necessidades de trabalho em relação a oscilação na quantidade de crianças e adolescentes ingressos e egressos • Planejar condições habitacionais em relação a oscilação na quantidade de crianças e adolescentes ingressos e egressos • Distribuir horários de trabalho em relação a oscilação na quantidade de crianças e adolescentes ingressos e egressos • Administrar recursos financeiros em função da oscilação da quantidade de crianças e adolescentes ingressos e egressos <p style="text-align: center;">(etc)</p>

QUADRO 3.5
DERIVAÇÃO DE COMPORTAMENTOS IMPORTANTES PARA OS AGENTES
DE INSTITUIÇÃO DE ABRIGO A PARTIR DAS DESCOBERTAS FEITAS

Considerando que	Cabe ao agente da instituição	Realizar as seguintes ações como parte de seu papel na instituição
<p>Há perda no controle do destino dos encaminhamentos das crianças e jovens</p>	<p>Planejador ou administrador</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar o destino do encaminhamento das crianças e jovens • Registrar em documentos o destino do encaminhamento de crianças e jovens • Avaliar por meio de relatórios o destino do encaminhamento de crianças e jovens • Solicitar das instituições a especificação por escrito do destino do encaminhamento de crianças e jovens • Acompanhar o desenvolvimento da criança após ser indicado o destino do encaminhamento de crianças e jovens • Avaliar junto com as instituições de proteção o destino do encaminhamento a ser indicado <ul style="list-style-type: none"> • Impedir o destino do encaminhamento que não seja favorável ao desenvolvimento pleno da criança <p>(etc)</p>

A derivação desses comportamentos permite que os agentes da unidade de abrigo tenham ações sob controle de um problema identificado e suficientemente caracterizado, para o qual devem procurar a solução (Botomé, 1996). Caso contrário, cada agente da instituição pode fazer sua interpretação particular sobre o que considera importante realizar em relação às crianças e jovens. Outro aspecto importante a considerar para conhecer melhor as condições de vida dos abrigados é investigar as características que fazem parte das condições habitacionais da unidade de abrigo. Quais são as condições habitacionais oferecidas? A estrutura física da unidade de abrigo é apropriada para atender as necessidades de crianças e jovens em diferentes fases do desenvolvimento? A caracterização das condições habitacionais está apresentada no próximo capítulo.

CARACTERÍSTICAS DAS CONDIÇÕES HABITACIONAIS DE UMA UNIDADE DE ABRIGO ONDE VIVEM CRIANÇAS E JOVENS

Conhecer as características das condições habitacionais de uma unidade de abrigo onde vivem crianças e jovens, é um dos aspectos importantes para a compreender o modo de vida dessas crianças. Essas crianças e jovens vivem em tempo integral em um contexto caracterizado, entre outros aspectos, por uma estruturação não-familiar, intensa convivência entre crianças e ausência de espaço individualizado (Carvalho, 2002). Tais características do contexto influenciam em algum grau as interações que elas estabelecem com o meio, que podem tanto ser facilitadas como prejudicadas pelas condições existentes, ou seja, algumas configurações ambientais favorecem interações mais apropriadas que outras.

Parte da configuração ambiental, diz respeito às características da estrutura física dos ambientes. Essa estrutura influencia a capacidade das crianças em lidar com o ambiente. Sendo assim, identificar as características da estrutura física dos ambientes permite avaliar entre outros aspectos, a existência ou não, por parte dos dirigentes e técnicos institucionais, de um planejamento apropriado para atender crianças que estão em diferentes fases de desenvolvimento. Será que as características dos ambientes organizados para receber crianças e jovens que estão em diferentes fases do desenvolvimento oferecem espaços divididos em áreas que possam corresponder a interesses específicos de determinadas faixas etárias? As condições habitacionais estão organizadas e equipadas de forma a facilitar o envolvimento das crianças e jovens em qualquer tipo de atividade realizada na instituição?

Ambientes bem planejados e administrados são evidências de que os responsáveis pela instituição de abrigo estão preocupados com os cuidados e bem estar que precisam ser oferecidos às crianças. O modo pelo qual as pessoas utilizam os espaços em que vivem é um meio de regular sua interação com o contexto no qual elas atuam (Meneghini e

Carvalho, 2003). Da mesma maneira, a interação das crianças com os contextos onde elas vivem pode determinar em parte, a maneira como elas interagem entre si.

1. Características dos ambientes que fazem parte da estrutura física do abrigo de acordo com as características do grau do estado de conservação

As Tabelas 4.1 a 4.15 apresentam os ambientes que fazem parte da estrutura física do abrigo assim como as características do grau do estado de conservação de cada tipo de equipamento observado.

Tabela 4.1
Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte do berçário da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação*

Equipamentos	Estado de conservação	Tipo					Total
		Cama solteiro	Armário	Berço	Cadeira	Penteadeira	
Móveis	++ ^(*)	----	----	----	----	----	----
	+	1,0 (4)	----	0,63 (5)	----	----	0,56 (9)
	$\frac{3}{4}$	----	----	0,37 (3)	----	1,0 (1)	0,25 (4)
	----	----	1,0(2)	----	1,0 (1)	----	0,19 (3)
	Estado de conservação	Quadro	Pintura infantil	Tapete	Cortina	Total	
Decoração	++	1,0 (2)	1,0 (3)	1,0 (3)	1,0 (3)	1,0 (11)	
	+	----	----	----	----	----	
	$\frac{3}{4}$	----	----	----	----	----	
	----	----	----	----	----	----	
	Estado de conservação	Tanque	Banheira	Ventilador	Frigobar	Total	
Outros	++	1,0 (1)	1,0 (3)	----	1,0 (1)	0,71 (5)	
	+	----	----	1,0 (2)	----	0,29 (2)	
	$\frac{3}{4}$	----	----	----	----	----	
	----	----	----	----	----	----	

Nota: A faixa de idade das crianças que ficam no berçário é do zero aos três.

Há no berçário bichos de pelúcia dispostos em prateleiras.

(*)

++ = muito bem conservado

— = mal conservado

+ = bem conservado

---- = muito mal conservado

Na Tabela 4.1 pode ser examinada a distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte do berçário da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação. O estado de conservação dos móveis presentes no berçário pode ser visto

na segunda linha da Tabela 4.1. É mostrado que do total de 16 tipos de móveis que fazem parte do berçário, mais da metade (nove =0,56), estão bem conservados, quatro (0,25) estão mal conservados e três (0,19) estão muito mal conservados. As quatro camas de solteiro, ou seja, o total desse tipo de móvel (1,0) estão bem conservadas assim como o total de armários (n=2) estão muito mal conservados. Dos oito berços, cinco (0,63) estão bem conservados e três (0,37) mal conservados. Há ainda uma cadeira muito mal conservada e uma penteadeira mal conservada. Em relação à decoração do berçário, a totalidade dos recursos utilizados (n=11) estão muito bem conservados. Dos outros equipamentos (n=7), cinco (0,71) estão muito bem conservados enquanto dois (0,29) estão bem conservados. Esses outros equipamentos são o tanque, as banheiras o frigobar e estão todos muito bem conservados. Há ainda dois ventiladores bem conservados.

Tabela 4.2
Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte do quarto dos meninos que vivem no abrigo de acordo com o estado de conservação*

Equipamentos	Estado de conservação	Tipo			Total
		Cama solteiro	Armário	Beliche	
Móveis	++ ^(*)	----	----	----	----
	+	0,50 (2)	----	1,0 (2)	0,50 (4)
	$\frac{3}{4}$	0,50 (2)	----	----	0,25 (2)
	----	----	1,0 (2)	----	0,25 (2)
	Estado de conservação	Cortina		Bicho de pelúcia	Total
Decoração	++	1,0 (1)		----	0,17 (1)
	+	----		1,0 (5)	0,83 (5)
	$\frac{3}{4}$	----		----	----
	----	----		----	----
	Estado de conservação	Ventilador			Total
Outros	++	1,0 (1)			1,0 (1)
	+	----			----
	$\frac{3}{4}$	----			----
	----	----			----

Nota: No quarto dos meninos não há uma distribuição por faixa etária, sendo o único quarto onde ficam os meninos com idade superior a três anos.

(*)

++ = muito bem conservado

+ = bem conservado

— = mal conservado

---- = muito mal conservado

Na Tabela 4.2 pode ser visto a distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte do quarto dos meninos da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação. Do total de oito móveis presentes no quarto, quatro (0,50) estão bem conservados, dois (0,25) estão mal conservados e outros dois (0,25) muito mal conservados. Das quatro camas de solteiro duas (0,50) estão bem conservadas e duas (0,50) mal conservadas. O total de armários (n=2 ou 1,0) estão muito mal conservados e os dois beliches bem conservados. Do total de seis recursos decorativos, cinco (0,83) estão bem conservados e um (0,17) muito bem conservado. Há dois tipos de recursos decorativos no quarto dos meninos sendo que um é a cortina e está muito bem conservado, e o outro recurso é bichos de pelúcia (n=5) e estão todos bem conservados. Há também um ventilador (1,0) que está muito bem conservado.

Tabela 4.3
Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte do quarto das meninas da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação*

Equipamentos	Estado de conservação	Tipo			Total
		Cama solteiro	Armário	Penteadeira	
Móveis	++ (*)	----	----	----	----
	+	0,57 (4)	----	1,0 (1)	0,55 (5)
	$\frac{3}{4}$	0,43 (3)	----	----	0,34 (3)
	----	----	1,0 (1)	----	0,11 (1)
	Estado de conservação	Cortina	Bicho de pelúcia	Total	
Decoração	++	----	----	----	
	+	1,0 (1)	1,0 (3)	1,0 (4)	
	$\frac{3}{4}$	----	----	----	
	----	----	----	----	
	Estado de conservação	Ventilador		Total	
Outros	++	1,0 (1)		1,0 (1)	
	+	----		----	
	$\frac{3}{4}$	----		----	
	----	----		----	

Nota: A faixa de idade das meninas que ficam nesse quarto é dos quatro aos nove anos.

(*)

++ = muito bem conservado

+ = bem conservado

— = mal conservado

---- = muito mal conservado

A distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte do quarto das meninas da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação pode ser observada na Tabela 4.3. Em relação aos móveis, do total de nove (1,0), cinco (0,55) estão bem conservados. Três (0,34) estão mal conservados e um (0,11) está muito mal conservado. Do total de sete camas de solteiro, há quatro camas (0,57) bem conservadas e três (0,43) mal conservadas. O armário está muito mal conservado e a penteadeira bem conservada. Os recursos decorativos (uma cortina e três bichos de pelúcia) estão todos bem conservados. O ventilador está muito bem conservado.

Tabela 4.4
Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte do quarto das adolescentes da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação*

Equipamentos	Estado de conservação	Tipo					Total
		Cama de solteiro	Beliche	Armário	Penteadeira	Balcão	
Móveis	++ ^(*)	----	----	----	----	----	----
	+	1,0 (1)	1,0 (1)	----	1,0 (1)	1,0 (1)	0,80 (4)
	$\frac{3}{4}$	----	----	----	----	----	----
	----	----	----	1,0 (1)	----	----	0,20 (1)
	Estado de conservação	Cortina					Total
Decoração	++	1,0 (1)					1,0 (1)
	+	----					----
	$\frac{3}{4}$	----					----
	----	----					----
	Estado de conservação	Ventilador		Aparelho de som		Total	
Outros	++	----		----		----	
	+	----		1,0 (1)		0,33(1)	
	$\frac{3}{4}$	1,0 (2)		----		0,67 (2)	
	----	----		----		----	

Nota: A faixa etária das adolescentes que ficam nesse quarto é dos dez aos 16 anos.

Há objetos pessoais em cima da penteadeira e do balcão como escova de cabelo, esmaltes, xampus e cremes.

(*)

++ = muito bem conservado

+ = bem conservado

— = mal conservado

---- = muito mal conservado

É possível notar na Tabela 4.4 a distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte do quarto das adolescentes da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação. Em relação aos móveis, dos cinco (1,0) presentes no quarto, quatro (0,80) estão bem conservados e um (0,20) muito mal conservado. A cama de solteiro, o beliche, a penteadeira e o balcão estão bem conservados. O armário está muito mal conservado. A cortina considerada como recurso decorativo está muito bem conservada. Outros equipamentos como os ventiladores (n=2) estão mal conservados e o aparelho de som (n=1) está bem conservado.

- a) Apesar do estado de conservação geral da maioria dos equipamentos dos dormitórios variar entre o grau muito bem conservado e bem conservado, há dormitórios no abrigo com quantidade insuficiente de móveis para atender as crianças e jovens

A partir da Tabela 4.1 pode ser observado que a quantidade de berços e camas de solteiro disponíveis no berçário da instituição foi insuficiente para atender a quantidade de crianças na faixa de idade do zero aos três abrigadas em abril de 2003. A Tabela 4.1 mostra que há oito berços no berçário e quatro camas de solteiro para a instalação das crianças. A Tabela 3.1 (ver capítulo 1) mostra que em janeiro de 2003 havia 10 crianças com idades entre zero e três, em fevereiro nove, em março dez e em abril 13 crianças. Nas Tabelas 3.1 e 3.2 é possível notar que as crianças com idade do zero aos três (n= 42) correspondem a 32,0% do total de crianças que possuem o registro da idade nos documentos abrigadas no período que vai de janeiro a abril de 2003 (n= 132). Apesar dos dados evidenciarem a falta de lugares, é provável que os responsáveis pela distribuição dos locais para dormir das crianças, planejem, quando necessário, outros locais no abrigo para essas crianças ficarem.

Os móveis que fazem parte do berçário são cama de solteiro, armário, berço, cadeira e penteadeira. Em relação à decoração do berçário, a totalidade dos recursos utilizados (n=11) estão muito bem conservados. Os recursos decorativos são quadros, pintura infantil, tapete e cortina. Dos outros equipamentos (n=7), cinco (0,71) estão muito bem conservados enquanto dois (0,29) estão bem conservados. Esses outros equipamentos são o tanque, as banheiras o frigobar e estão todos muito bem conservados. Há ainda dois ventiladores bem conservados. É possível notar que o berçário do abrigo possui os equipamentos necessários

para o atendimento das crianças com faixa etária do zero aos três. Alguns tipos de móveis precisam de reparos ou mesmo ser trocados, pois seu estado de conservação varia de mal conservado a muito mal conservado. É o caso de dois armários, uma cadeira, três berços e uma penteadeira. Quando os móveis encontram-se nesse estado de conservação, há a possibilidade de ocorrer algum tipo de acidente com as crianças ou jovens que utilizam os móveis. Do total de 16 tipos de móveis que fazem parte do berçário, quatro (0,25) estão mal conservados e três (0,19) estão muito mal conservados. O total de armários (n=2) está muito mal conservado. Dos oito berços, três estão (0,37) mal conservados. Há ainda uma cadeira muito mal conservada e uma penteadeira mal conservada.

Em relação ao quarto dos meninos e das meninas é possível notar a presença de poucos materiais e objetos pessoais, que são estímulos importantes para favorecer sentimentos de auto-referência. Os móveis existentes no quarto das meninas são cama de solteiro, armário e penteadeira. No quarto dos meninos, os móveis são cama de solteiro, armário e beliche. A decoração tanto do quarto das meninas quanto dos meninos é feita com cortina e bicho de pelúcia. Nessa idade, as crianças necessitam de diversos materiais para suas brincadeiras. Objetos em relação à decoração como desenhos, fotos, brinquedos e outros como revistas, livros infantis, materiais para construção, poderiam favorecer o envolvimento com atividades culturais e criativas.

Quanto aos móveis utilizados para dormir no quarto dos meninos, há quatro camas de solteiro e dois beliches. A Tabela 3.1 (capítulo1) mostra que no mês de janeiro de 2003 havia 10 meninos abrigados com idade superior a três anos. Em fevereiro e março de 2003 havia treze meninos, e em abril dez meninos. O registro em documentos da quantidade de crianças abrigadas por mês no abrigo somente existe a partir de janeiro de 2003, como pode ser observado na apresentação das Tabelas 3.1 e 3.2. Em relação ao período analisado, ou seja, de janeiro a abril de 2003, a quantidade de camas e beliches no quarto dos meninos foi insuficiente em todos esses meses para atender a quantidade de meninos abrigados com mais de três anos. Assim como no berçário, é provável que ocorra um remanejamento dos locais para dormir, pois a oscilação no mês da quantidade de crianças escapa do controle dos dirigentes do abrigo. Isso porque não ocorre o registro em documentos de forma apropriada, e mesmo que houvesse o controle de uma quantidade média de crianças, em

alguns meses o fluxo de ingressos pode ser maior que o de egressos como mostrado na Tabela 3.3 (ver capítulo 1).

No quarto das meninas, há sete camas de solteiro. A Tabela 3.1 mostra que no mês de janeiro de 2003 havia cinco meninas abrigadas com idade entre quatro e nove anos. Em fevereiro e março de 2003 havia sete meninas, e em abril cinco meninas. Em relação ao período de janeiro a abril de 2003, a quantidade de camas existentes no quarto das meninas foi suficiente para atender a quantidade de meninas em cada mês com idade de quatro a nove anos. Entretanto, é possível notar que caso haja um aumento da quantidade de meninas nessa faixa de idade, as camas serão insuficientes para acomodá-las, como ocorre em alguns períodos com o quarto dos meninos e com o berçário.

Das sete camas de solteiro do quarto das meninas, três (0,43) estão mal conservadas. No quarto dos meninos, das quatro camas de solteiro, duas estão mal conservadas. O armário está muito mal conservado, em ambos os quartos. O grau do estado de conservação do armário do quarto das meninas, assim como do quarto dos meninos pode dificultar a organização de suas vestimentas em função de avarias existentes. As camas mal conservadas também precisam de consertos ou trocas para garantir a segurança e bem estar das crianças.

A partir dos dados do quarto das adolescentes, é possível notar que a quantidade de equipamentos presentes é superior a quantidade de equipamentos existentes no quarto dos meninos e das meninas. Provavelmente, nessa idade as adolescentes possuem mais recursos para reivindicarem os direitos que consideram importantes. Além disso, é possível notar que os dirigentes do abrigo tiveram a preocupação de inserir no quarto das adolescentes objetos apropriados a essa faixa etária, como por exemplo, o aparelho de som e a penteadeira onde podem guardar seus objetos pessoais. A quantidade de equipamentos presentes no quarto das adolescentes é superior a quantidade de equipamentos existentes no quarto dos meninos e das meninas. Os móveis existentes no quarto das adolescentes são cama de solteiro, beliche, armário, penteadeira e balcão. O recurso decorativo utilizado é a cortina. Há ainda equipamentos como aparelho de som e ventilador. O armário do quarto das adolescentes também está muito mal conservado, o que mostra que todos os dormitórios do abrigo em relação aos armários precisam de reparos.

Em relação aos lugares para dormir no quarto das adolescentes, a quantidade de móveis no período avaliado (janeiro a abril de 2003) também é insuficiente. Os dados novamente evidenciam a falta de lugares. A estrutura física dos dormitórios está inapropriada para acomodar com conforto as crianças e jovens. No quarto das adolescentes há uma cama de solteiro e um beliche. De acordo com a Tabela 3.1 no mês de janeiro de 2003, havia seis meninas abrigadas na faixa de idade dos dez aos 16 anos. Em fevereiro e março havia oito e em abril havia seis meninas com essa idade.

Tabela 4.5
Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da sala de estar do abrigo de acordo com o estado de conservação

Equipamentos	Estado de conservação	Tipo				Total
		Sofá	Cadeira	Mesa	Armário	
Móveis	++ (*)	----	----	----	----	---- 0,33(2)
	+	----	1,0 (1)	----	1,0 (1)	0,67(4)
	$\frac{3}{4}$	1,0 (3)	----	1,0 (1)	----	----
	----	----	----	----	----	----
	Estado de conservação	Quadro	Pintura na parede		Tapete	Total
Decoração	++	1,0 (1)	1,0 (1)		----	0,67(2)
	+	----	----		----	----
	$\frac{3}{4}$	----	----		1,0 (1)	0,33(1)
	----	----	----		----	----
	Estado de conservação	Televisão	Vídeo	Ventilador	Extintor de incêndio	Total
Outros	++	1,0 (1)	1,0 (1)	0,50 (1)	1,0 (1)	0,80(4)
	+	----	----	----	----	----
	$\frac{3}{4}$	----	----	0,50 (1)	----	0,20(1)
	----	----	----	----	----	----

(*)

++ = muito bem conservado

+ = bem conservado

— = mal conservado

---- = muito mal conservado

Na Tabela 4.5 é possível notar a distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da sala de estar do abrigo de acordo com o estado de conservação. Do total de seis móveis presentes na sala de estar, dois (0,33) estão bem conservados e quatro (0,67) mal conservados. Há três sofás, sendo que os três estão mal

conservados. A cadeira e o armário estão bem conservados enquanto que a mesa está mal conservada. Em relação à decoração, o quadro e a pintura na parede estão muito bem conservados. O tapete está mal conservado. Outros equipamentos como televisão, vídeo e extintor de incêndio estão muito bem conservados. Há dois ventiladores, um muito bem conservado e outro mal conservado.

Tabela 4.6
Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da sala dos dirigentes da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação

Equipamentos	Estado de conservação	Tipo				
		Balcão	Cadeira	Mesa	Armário	Total
Móveis	++ (*)	1,0 (1)	1,0 (4)	1,0 (2)	0,67 (2)	0,90(9)
	+	----	----	----	0,33 (1)	0,10(1)
	$\frac{3}{4}$	----	----	----	----	----
	— —	----	----	----	----	----
	Estado de conservação	Quadro	Cortina	Tapete	Total	
Decoração	++	----	1,0 (1)	----	0,20(1)	
	+	1,0 (2)	----	1,0 (2)	0,80(4)	
	$\frac{3}{4}$	----	----	----	----	
	— —	----	----	----	----	
	Estado de conservação	Ventilador	Extintor	Total		
Outros	++	1,0 (2)	1,0 (1)	1,0(3)		
	+	----	----	----		
	$\frac{3}{4}$	----	----	----		
	— —	----	----	----		

(*)

++ = muito bem conservado

+ = bem conservado

— = mal conservado

— — = muito mal conservado

A distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da sala dos Dirigentes da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação pode ser examinada na Tabela 4.6. Em relação aos móveis, do total de dez, nove (0,90) estão muito bem conservados. Esses móveis são, um balcão, quatro cadeiras, duas mesas e dois armários. Há ainda um armário que está bem conservado. Do total de cinco recursos

decorativos, quatro (0,80) estão bem conservados e um (0,20) muito bem conservado. Há dois quadros e dois tapetes bem conservados e uma cortina muito bem conservada. Outros equipamentos como ventilador (n=2) e extintor (n=1) estão muito bem conservados.

Tabela 4.7
Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte das salas de recepção da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação

Equipamentos	Estado de conservação	Tipo							Total
		Balcão	Cadeira	Mesa	Armário	Quadro	Cortina	Tapete	
Móveis	++ (*)	0,33 (1)	0,40 (2)	1,0 (3)	1,0 (2)				0,62(8)
	+	0,67 (2)	0,40 (2)	----	----				0,30(4)
	¾	----	0,20 (1)	----	----				0,08(1)
	----	----	----	----	----				----
Decoração	Estado de conservação	Quadro		Cortina		Tapete		Total	
	++	----		1,0 (1)		1,0 (1)		0,67(2)	
	+	1,0 (1)		----		----		0,33(1)	
	¾	----		----		----		----	
Outros	Estado de conservação	Televisão	Aparelho som	Aparelho fax	Máquina calcular	Mural	Computador	Bebedouro	Total
	++	----	1,0 (1)	1,0 (1)	----	1,0 (1)	1,0 (1)	1,0 (1)	0,72(5)
	+	1,0 (1)	----	----	1,0 (1)	----	----	----	0,28(2)
	¾	----	----	----	----	----	----	----	----
----	----	----	----	----	----	----	----	----	----

(*)

++ = muito bem conservado

+ = bem conservado

— = mal conservado

---- = muito mal conservado

Na Tabela 4.7 é possível observar a distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte das salas de recepção da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação. Do total de 13 móveis, oito (0,62) estão muito bem conservados. Os móveis bem conservados são, um balcão, duas cadeiras, três mesas e dois armários. Os móveis bem conservados são dois balcões e duas cadeiras. E o móvel que está mal conservado é uma cadeira. Na decoração é possível notar que a cortina (n=1) e o tapete (n=1) estão muito bem conservados e que há um quadro bem conservado. O total de outros equipamentos pode ser visto na última linha da Tabela 4.9. Do total de sete equipamentos, cinco (0,72) estão muito bem conservados e dois (0,28) bem conservados. Os que estão muito bem conservados são, aparelho de som (n=1), aparelho fax (n=1), mural informativo

(n=1), computador (n=1) e bebedouro (n=1). Os que estão bem conservados são televisão (n=1) e máquina de calcular (n=1).

Tabela 4.8
Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da sala de dança da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação

Equipamentos	Estado de conservação	Tipo					Total
		Armário		Cadeira			
Móveis	++ (*)	1,0 (1)		1,0 (1)			1,0 (2)
	+	----		----			----
	¾	----		----			----
	----	----		----			----
	Estado de conservação	Barra de apoio	Espelho	Aparelho de som	Bebedouro	Ventilador	Total
Outros	++	1,0 (1)	1,0 (1)	1,0 (1)	1,0 (1)	1,0 (1)	1,0 (5)
	+	----	----	----	----	----	----
	¾	----	----	----	----	----	----
	----	----	----	----	----	----	----

(*)

++ = muito bem conservado

+ = bem conservado

— = mal conservado

---- = muito mal conservado

Na Tabela 4.8 pode ser visto a distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da sala de dança da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação. O total de equipamentos (n=7) existentes na sala de dança está muito bem conservado. Os móveis que compõe a sala de dança são um armário e uma cadeira. Os demais equipamentos da sala de dança podem ser vistos na terceira linha da Tabela 4.8 e são uma barra de apoio, um espelho, um aparelho de som, um bebedouro e um ventilador.

Sala de brinquedos

Há também no abrigo uma sala de brinquedos. Os brinquedos estão dispostos em cinco prateleiras. Variam em tamanhos, texturas e formas e abrangem desde jogos de encaixe,

jogos competitivos até bonecos, carrinhos, bolas, fitas de vídeo, pedaços de pano, fitas elásticas, lápis de cor, giz de cera, livros entre outros.

Tabela 4.9
Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da sala onde acontecem atendimentos médicos no abrigo de acordo com o estado de conservação

Equipamentos	Estado de conservação	Tipo				
		Cama	Cadeira	Mesa	Armário	Total
Móveis	++ (*)	1,0 (1)	1,0 (2)	1,0 (1)	1,0 (2)	1,0 (6)
	+	---	---	---	---	---
	$\frac{3}{4}$	---	---	---	---	---
	---	---	---	---	---	---
	Estado de conservação	Espelho	Cortina	Tapete	Total	
Decoração	++	1,0 (1)	1,0 (1)	1,0 (1)	1,0 (3)	
	+	---	---	---	---	
	$\frac{3}{4}$	---	---	---	---	
	---	---	---	---	---	
	Estado de conservação	Ventilador	Lixeira	Total		
Outros	++	1,0 (1)	1,0 (1)	1,0 (2)		
	+	---	---	---		
	$\frac{3}{4}$	---	---	---		
	---	---	---	---		

(*)

++ = muito bem conservado

+ = bem conservado

— = mal conservado

--- = muito mal conservado

A Tabela 4.9 apresenta a distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da sala onde acontecem atendimentos médicos no abrigo de acordo com o estado de conservação. O total de equipamentos (n=11) utilizados na sala de atendimento médico apresenta como estado de conservação o grau muito bem conservado. A sala possui como móveis uma cama, duas cadeiras, uma mesa e dois armários. A decoração é feita por meio de uma cortina, um tapete e um espelho. Outros equipamentos são um ventilador e uma lixeira e estão muito bem conservados.

- b) Há diferenças no estado de conservação dos equipamentos das salas que fazem parte da unidade de abrigo

Os tipos de móveis da sala de estar são sofá, cadeira, mesa e armário. A decoração é feita com quadros, pintura na parede e tapete. Há ainda na sala, televisão, vídeo, ventilador e extintor de incêndio. Sendo assim, a sala de estar parece estar organizada e equipada de forma a facilitar o envolvimento das crianças em algumas atividades, como, por exemplo, assistir televisão, filmes. De acordo com os dados da Tabela 7.10 (capítulo 7) o assistir T.V é a atividade que as crianças indicam fazer com mais freqüência em detrimento de outras.

Os dados obtidos permitem notar que provavelmente as crianças e adolescentes que vivem no abrigo permanecem algumas horas por dia na sala de estar, assistindo televisão, brincando com jogos ou realizando outras atividades, que podem estar contribuindo para a danificação dos sofás e do tapete. Há dois sofás, sendo que um está bem conservado e dois mal conservados. Há também um tapete mal conservado.

Outra sala existente no abrigo é a dos dirigentes institucionais. Em relação aos móveis dessa sala, do total de dez, nove (0,90) estão muito bem conservados. Do total de cinco recursos decorativos, quatro (0,80) estão bem conservados e um (0,20) muito bem conservado. Outros equipamentos como ventilador (n=2) e extintor (n=1) estão muito bem conservados. É possível perceber que o grau do estado de conservação dos equipamentos da sala dos dirigentes evidencia a preocupação por parte dos mesmos, com a preservação da sala que provavelmente é utilizada juntamente com a sala de recepção para receber as pessoas que chegam no abrigo com motivos diversos.

Em relação a sala de recepção, mesmo havendo um computador muito bem conservado que pode ser utilizado como recurso para realizar o controle das características gerais das crianças e jovens abrigados e o controle de outras características como o fluxo (ingressos e egressos), o registro dessas informações é insuficiente como já mostrado nas Tabelas 3.4 e 3.5 (capítulo1). Nessas Tabelas ocorre a falta do registro de informações. Isso pode estar mostrando a falta de preparo dos profissionais (não sabem de que forma realizar os registros de maneira apropriada) ou ainda que esses profissionais não possuem conhecimento da importância do registro fidedigno de informações. A falta do registro de

informações possui, inclusive, implicações legais, sendo uma exigência feita pelo Estatuto da Criança e Adolescente em seu Artigo 94.

A sala de dança do abrigo possui equipamentos apropriados para que as crianças e jovens participem de atividades relacionadas a dança. Esse local representa para as crianças e jovens do abrigo a oportunidade de desenvolver aprendizagens relacionadas à música, a dança e movimentos corporais. As oscilações rítmicas, o balanço corporal acompanhando o som da música desenvolvem habilidades como a criatividade e a sociabilidade por meio da cooperação entre o grupo de crianças e jovens. Essas atividades ocorrem em horários programados e as crianças e jovens fazem apresentações de dança fora do abrigo como em concursos ou promoções culturais da cidade ou região conforme pode ser visto na Tabela 5.8, o que auxilia a desenvolver o senso de responsabilidade e disciplina das crianças e jovens. O total de equipamentos (N=7) existentes na sala de dança está muito bem conservado. Os móveis que compõe a sala são um armário e uma cadeira. Os demais equipamentos da sala de dança são uma barra de apoio, um espelho, um aparelho de som, um bebedouro e um ventilador.

Há também no abrigo uma sala de brinquedos. Apesar de existir nessa sala todos os tipos de brinquedos em quantidade suficiente para atender as necessidades lúdicas das crianças e jovens que vivem no abrigo, a sua localização não facilita o acesso às crianças e jovens. Conforme pode ser observado no anexo que apresenta a planta baixa do abrigo a sala de brinquedos só possui acesso via a sala de atendimento médico. Portanto, provavelmente quando a sala de atendimento médico está sendo usada, as crianças não podem entrar. Também o acesso delas fica dificultado por ser um ambiente exclusivo para ser utilizado por médicos.

O total de equipamentos (N=11) utilizados na sala de atendimento médico apresenta como estado de conservação o grau muito bem conservado. Esse dado evidencia que os dirigentes e colaboradores do abrigo preservam os equipamentos da sala, pois provavelmente os profissionais que ali realizam seus atendimentos exigem condições apropriadas para desempenharem suas funções.

Tabela 4.10

Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte do refeitório da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação

Equipamentos	Estado de conservação	Tipo					Total
		Pia	Balcão	Freezer	Bebedouro	Buffet	
Instalações	++ (*)	----	----	1,0 (2)	1,0 (1)	1,0 (1)	0,57 (4)
	+	1,0 (2)	1,0 (1)	----	----	----	0,43 (3)
	$\frac{3}{4}$	----	----	----	----	----	----
	----	----	----	----	----	----	----
	Estado de conservação	Quadro de parede		Pintura infantil		Total	
Decoração	++	1,0 (1)		1,0 (5)		1,0 (6)	
	+	----		----		----	
	$\frac{3}{4}$	----		----		----	
	----	----		----		----	
	Estado de conservação	Mesa		Banco		Total	
Móveis	++	1,0 (2)		1,0 (4)		1,0 (6)	
	+	----		----		----	
	$\frac{3}{4}$	----		----		----	
	----	----		----		----	

(*)

++ = muito bem conservado

+ = bem conservado

— = mal conservado

---- = muito mal conservado

Na Tabela 4.10 pode ser visto a distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte do refeitório da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação. Do total de oito instalações que podem ser notadas na primeira linha da Tabela 4.10, quatro (0,57) estão muito bem conservadas e três (0,43) estão bem conservadas. Essas instalações são dois freezer, um bebedouro e um buffet e estão muito bem conservados. Há ainda duas pias e um balcão bem conservados. Na decoração do refeitório é possível notar que há um quadro de parede e está muito bem conservado e cinco pinturas de temáticas infantis, sendo que todas estão também muito bem conservadas. Os móveis do refeitório são duas mesas e quatro bancos e estão todos muito bem conservados.

Tabela 4.11

Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da cozinha da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação*

Equipamentos	Estado de conservação	Tipo								Total
		Fogão	Forno	Freezer	Exaustor	Liquidif.	Batedeira	Fritadeira	Máq.pão	
Instalações	++ (*)	1,0(2)	1,0(1)	1,0(2)	1,0(1)	1,0(1)	1,0(1)	1,0(1)	1,0(1)	1,0 10
	+	----	----	----	----	----	----	----	----	----
	¾	----	----	----	----	----	----	----	----	----
	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----
	Estado de conservação	Mesa			Armário		Pia		Total	
Móveis	++	1,0 (1)			1,0 (1)		1,0 (1)		1,0 (3)	
	+	----			----		----		----	
	¾	----			----		----		----	
	---	----			----		----		----	

Nota: Todos os equipamentos existentes na cozinha são de material do tipo inox.

(*)

++ = muito bem conservado

+ = bem conservado

— = mal conservado

--- = muito mal conservado

A Tabela 4.11 apresenta a distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da cozinha da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação. A totalidade dos equipamentos utilizados na cozinha (n=10) estão muito bem conservados. Os equipamentos são fogão (n=2), forno (n= 1), freezer (n=2), exaustor (n=1), liquidificador (n=1), batedeira (n=1), fritadeira (n=1) e máquina de pão (n=1). Os móveis utilizados na cozinha são uma mesa, um armário e uma pia e estão todos muito bem conservados.

- c) Os equipamentos do refeitório e da cozinha possuem como estado de conservação o grau muito bem conservado e são apropriados para atender as necessidades de alimentação das crianças e adolescentes

Os dados obtidos revelam que o estado de conservação dos equipamentos do refeitório varia entre o grau muito bem conservado e bem conservado. Esses graus no estado de conservação e os tipos de equipamentos existentes garantem as crianças e adolescentes uma das condições apropriadas para realizarem suas refeições. O grau de conservação dos equipamentos do refeitório também revela a preocupação dos dirigentes do abrigo em realizar investimentos em áreas que são consideradas necessidades básicas como as relacionadas à alimentação.

O mesmo ocorre com os equipamentos da cozinha do abrigo. É provável que os responsáveis pela administração dos recursos disponíveis tenham dado prioridade em investimentos que envolveram a compra de equipamentos para a cozinha. A quantidade de equipamentos existentes na cozinha parece ser suficiente para que as responsáveis pelo preparo das refeições tenham condições de atender as necessidades das crianças em diferentes faixas etárias. A totalidade dos equipamentos utilizados na cozinha (n=10) estão muito bem conservados. Os equipamentos são fogão (n=2), forno (n= 1), freezer (n=2), exaustor (n=1), liquidificador (n=1), batedeira (n=1), fritadeira (n=1) e máquina de pão (n=1). Os móveis utilizados na cozinha são uma mesa, um armário e uma pia e estão todos muito bem conservados.

A partir da Tabela 4.12 está apresentada a distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte dos banheiros da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação. É possível notar que o grau de conservação do total de equipamentos (N=19) que fazem parte dos banheiros (N= 4) do abrigo é o muito bem conservado. Há semelhança na quantidade de equipamentos distribuídos no banheiro dos meninos e no das meninas. Também há semelhança na quantidade de equipamentos do banheiro dos adultos do abrigo. A exceção é o banheiro dos adultos que fica localizado na recepção, que não está equipado com chuveiro.

Tabela 4.12

Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte dos banheiros da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação

Equipamentos	Estado de conservação	Tipo				
		Pia	Vaso sanitário	Chuveiro	Lixeira	Total
Banheiro dos meninos	++ (*)	1,0 (2)	1,0 (2)	1,0 (1)	1,0 (1)	1,0 (6)
	+	----	----	----	----	----
	$\frac{3}{4}$	----	----	----	----	----
	----	----	----	----	----	----
	Estado de conservação	Pia	Vaso sanitário	Chuveiro	Lixeira	Total
Banheiro das meninas	++	1,0 (2)	1,0 (2)	1,0 (1)	1,0 (1)	1,0 (6)
	+	----	----	----	----	----
	$\frac{3}{4}$	----	----	----	----	----
	----	----	----	----	----	----
	Estado de conservação	Pia	Vaso sanitário	Chuveiro	Lixeira	Total
Banheiro dos adultos no abrigo	++	1,0 (1)	1,0 (1)	1,0 (1)	1,0 (1)	1,0 (4)
	+	----	----	----	----	----
	$\frac{3}{4}$	----	----	----	----	----
	----	----	----	----	----	----
	Estado de conservação	Pias	Vaso sanitário	Chuveiro	Lixeira	Total
Banheiro dos adultos na recepção	++	1,0 (1)	1,0 (1)	----	1,0 (1)	1,0 (3)
	+	----	----	----	----	----
	$\frac{3}{4}$	----	----	----	----	----
	----	----	----	----	----	----

(*)

++ = muito bem conservado

+ = bem conservado

— = mal conservado

---- = muito mal conservado

Na Tabela 4.13 pode ser vista a distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da lavanderia da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação. Do total de seis móveis existentes na lavanderia, cinco (0,80) estão muito bem conservados, enquanto um (0,20) está mal conservado. Esses móveis são um armário, uma mesa, duas cadeiras e dois balcões. Em relação ao total de outros

equipamentos, todos (n=13) estão muito bem conservados. Os outros equipamentos são uma máquina de lavar, uma máquina de secar, um tanque, oito baldes e uma centrífuga.

Tabela 4.13

Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da lavanderia da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação

Equipamentos	Estado de conservação	Tipo					Total
		Armário	Mesa	Cadeira	Balcão		
Móveis	++ (*)	1,0 (1)	----	1,0 (2)	1,0 (2)		0,80 (5)
	+	----	----	----	----		----
	¾	----	1,0 (1)	----	----		0,20 (1)
	----	----	----	----	----		----
	Estado de conservação	Máquina lavar	Máquina secar	Tanque	Balde	Centrífuga	Total
Outros	++	1,0 (1)	1,0 (1)	1,0 (2)	1,0 (8)	1,0 (1)	1,0 (13)
	+	----	----	----	----	----	----
	¾	----	----	----	----	----	----
	----	----	----	----	----	----	----

Nota: A máquina de lavar, a máquina de secar e a centrífuga são todos equipamentos industriais.

(*)

++ = muito bem conservado

+ = bem conservado

— = mal conservado

---- = muito mal conservado

d) O grau do estado de conservação da maioria dos equipamentos dos banheiros e da lavanderia do abrigo é muito bem conservado e estão em boas condições para manter a higiene pessoal e as roupas das crianças e jovens

É possível notar que o grau do estado de conservação do total de equipamentos (n=19) que fazem parte dos banheiros (n= 4) do abrigo é muito bem conservado. O banheiro é um dos cômodos que precisa ser utilizado com frequência por todos que estão no abrigo. A frequência de seu uso pode ser um dos aspectos que leva dirigentes e colaboradores a observar a necessidade de manter seus equipamentos em um estado de conservação apropriado.

Da mesma forma, a lavanderia possui os equipamentos necessários para manter em boas condições de higiene as roupas das crianças e jovens. O tipo (máquinas industriais) e quase a totalidade de equipamento disponível está muito bem conservado e isso facilita o trabalho das responsáveis no cuidado dos diferentes tipos de roupas. Do total de seis móveis existentes na lavanderia, cinco (0,80) estão muito bem conservados, enquanto um (0,20) está mal conservado. Esses móveis são um armário, uma mesa, duas cadeiras e dois balcões. Em relação ao total de outros equipamentos, todos (n=13) estão muito bem conservados. Os outros equipamentos são uma máquina de lavar, uma máquina de secar, um tanque, oito baldes e uma centrífuga.

Tabela 4.14

Distribuição da ocorrência do estado de conservação do chão da parede e do teto dos ambientes que fazem parte da instituição de abrigo

Estado de conservação	**				***				****				Refeit.	Cozin.	Lavan.	
	Quarto 1	Quarto 2	Quarto 3	Quarto 4	Sala 1	Sala 2	Sala 3	Sala 4	Banh. 1	Banh. 2	Banh. 3	Banh. 4				
Chão	++	X	---	---	---	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	+	---	X	X	X	X	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	-	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	--	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Parede	++	X	X	X	X	---	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	+	---	---	---	---	X	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	-	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	--	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
Teto	++	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	+	X	---	---	---	X	X	X	X	---	---	---	---	X	X	---
	-	---	X	X	---	---	---	---	---	X	---	---	X	---	---	X
	--	---	---	---	X	---	---	---	---	---	X	X	---	---	---	---

Nota: Na sala onde são realizados os atendimentos médicos o grau do estado de conservação do chão da parede e do teto é também muito bem conservado.

Os pisos do chão e da parede são todos do tipo cerâmico. O revestimento do teto de todos os ambientes é de madeira, com exceção do banheiro dos adultos localizado na sala de estar do abrigo onde o revestimento é de plástico.

(*) ↙

++ muito bem conservado
+ bem conservado
- mal conservado
-- muito mal conservado

**

Quarto1 = berçário
Quarto2 = quarto meninos
Quarto3 = quarto meninas
Quarto4 = quarto adolesc.

Sala 1 = sala de estar
Sala 2 = sala presidente
Sala 3 = sala recepção
Sala 4 = sala de dança

Banheiro 1 = meninos
Banheiro 2 = meninas
Banheiro 3 = adultos
Banheiro 4 = adultos

Na Tabela 4.14 é possível notar a ocorrência do estado de conservação do chão, da parede e do teto dos ambientes que fazem parte da instituição de abrigo. No quarto um, que corresponde ao berçário é possível notar que o revestimento do chão está muito bem conservado. A parede está muito bem conservada e o teto bem conservado. No quarto dois, o quarto dos meninos, o revestimento do chão está bem conservado. O revestimento da parede está muito bem conservado e o teto está mal conservado. No quarto três, das meninas, o revestimento do chão está bem conservado. O revestimento da parede muito bem conservado e o do teto mal conservado. No quarto quatro, das adolescentes, é possível perceber que o revestimento do chão está bem conservado. O revestimento da parede está muito bem conservado e o do teto muito mal conservado.

Na sala um, que corresponde à sala de estar do abrigo, o revestimento do chão, da parede e do teto estão bem conservados. Na sala dois, dos dirigentes do abrigo, na sala três, de recepção e na sala quatro, de dança, os revestimentos do chão e da parede estão muito bem conservados e o do teto está bem conservado. No refeitório, o chão e a parede estão muito bem conservados. O teto está bem conservado. Na cozinha os revestimentos do chão e da parede estão muito bem conservados. O teto está bem conservado. Em relação aos banheiros, o revestimento do chão e da parede do banheiro dos meninos, das meninas e dos adultos estão muito bem conservados, enquanto que o revestimento do teto variam de mal conservados a muito mal conservados.

Tabela 4.15
Distribuição da ocorrência do estado de conservação da fonte de iluminação dos ambientes que fazem parte da instituição de abrigo*

Estado de conservação	**				***				****				Refeit.	Cozin	Lavan
	Quart 1	Quart 2	Quart 3	Quart 4	Sala 1	Sala 2	Sala 3	Sala 4	Banh. 1	Banh. 2	Banh. 3	Banh. 4			
Fonte de iluminação	++*	X	---	---	---	X	X	X	---	---	X	---	X	X	---
	+	---	X	X	X	---	---	---	X	X	---	X	---	---	X
	-	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
	--	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Nota: Todos os ambientes são iluminados com lâmpadas do tipo fluorescentes, com exceção das salas de recepção, onde são utilizadas lâmpadas comuns.

Na sala onde são realizados os atendimentos médicos o tipo de iluminação do ambiente está muito bem conservado.

(*) ↙

++ muito bem conservado
+ bem conservado
- mal conservado
-- muito mal conservado

**

Quarto 1 = berçário
Quarto 2 = quarto meninos
Quarto 3 = quarto meninas
Quarto 4 = quarto adolesc.

Sala 1 = sala de estar
Sala 2 = sala dirigente
Sala 3 = sala recepção
Sala 4 = sala de dança

Banheiro 1 = meninos
Banheiro 2 = meninas
Banheiro 3 = adultos
Banheiro 4 = adultos

A Tabela 4.15 apresenta a distribuição da ocorrência do estado de conservação da fonte de iluminação dos ambientes que fazem parte da instituição de abrigo. De acordo com as categorias de observação, no berçário, a iluminação com lâmpada do tipo fluorescente está muito bem conservada. No quarto dos meninos, das meninas e no quarto das adolescentes, a fonte de iluminação também está bem conservada. Na sala de estar a fonte de iluminação é bem conservada. Na sala dos dirigentes, na sala de recepção e na sala de dança a iluminação está muito bem conservada. No banheiro dos meninos e no das meninas a iluminação está bem conservada. Já em um dos banheiros dos adultos a iluminação está muito bem conservada e no outro bem conservada. No refeitório e na cozinha o grau do estado de conservação do tipo de iluminação é muito bem conservado, enquanto que na lavanderia o grau é bem conservado.

- e) O revestimento do teto possui o menor grau no estado de conservação e a fonte de iluminação utilizada em todos os ambientes parece ser condizente com a estrutura habitacional do abrigo e está entre o grau muito bem conservado e bem conservado

É possível notar que o revestimento do teto é o que possui menor grau no estado de conservação quando comparado com o revestimento do chão e da parede dos demais ambientes observados. A fonte de iluminação utilizada em todos os ambientes do abrigo variam do grau muito bem conservado a bem conservado. Todos os ambientes são iluminados com lâmpadas do tipo fluorescentes, com exceção das salas de recepção, onde são utilizadas lâmpadas comuns. A fonte de iluminação utilizada (lâmpadas fluorescentes) parece ser condizente com a estrutura habitacional do abrigo. Lâmpadas fluorescentes, geralmente são as que oferecem menos gastos das fontes disponíveis e proporciona luz bem difusa. Fontes de iluminação apropriadas é um aspecto ambiental de importância que auxilia na redução de acidentes e na criação de ambientes de trabalho agradáveis e eficazes.

2. Características gerais do grau do estado de higiene do abrigo

O grau do estado de higiene de todos os ambientes que fazem parte do abrigo variou entre o muito bem limpo e bem limpo. A quantidade de colaboradores responsáveis pela limpeza (quatro) parece ser suficiente para manter esse grau no estado de higiene dos ambientes. Outro aspecto que facilita é a divisão de tarefas existente entre os colaboradores. As cozinheiras, por exemplo, são responsáveis também pela limpeza da cozinha. Portanto, as responsáveis pelos serviços gerais não precisam cuidar da limpeza da cozinha e nem da lavanderia onde há outros responsáveis. Elas cuidam da limpeza dos quartos, das salas e dos banheiros.

3. Algumas características das condições habitacionais são favoráveis e outras são “as que existem”

Os dados apresentados revelam que algumas características das condições habitacionais da unidade de abrigo são favoráveis. O estado de conservação da maioria dos equipamentos dos ambientes que fazem parte do abrigo está entre o grau muito bem conservado e bem conservado. A quantidade de equipamentos existente na cozinha, no refeitório parece ser suficiente para atender as necessidades de alimentação das crianças. O mesmo ocorre com os equipamentos do banheiro e da lavanderia. Esses estão em boas condições para manter a higiene pessoal e manter limpa as roupas das crianças e jovens. O grau do estado de higiene do abrigo está entre o muito bem limpo e bem limpo, o que indica outro aspecto favorável.

No entanto, foi possível perceber que há dormitórios no abrigo com quantidade insuficiente de móveis para atender às crianças e jovens. Ter um local definido para dormir é um aspecto importante para favorecer o bem estar das crianças e jovens. De acordo com Meneghini e Carvalho (2003), os comportamentos infantis são influenciados pelo ambiente físico e social, fornecido pelos adultos, que os organizam de acordo com seus objetivos e de acordo com o que consideram e sabem sobre o comportamento e desenvolvimento infantil. Além disso, segundo Botomé (1980) uma instituição que presta serviços não pode

funcionar de modo a aproveitar apenas as condições que existem (e não as que seriam necessárias), deixando de lado o que realmente os usuários de tais serviços necessitam. Esse mesmo autor avalia que a estrutura e a organização da instituição não pode ser concebida a partir do que já existe como idéia ou modelo e sim, construída a partir do que deverá ser resolvido pela instituição.

Ainda do ponto de vista das características das condições habitacionais e considerando que os agentes das unidades de abrigo são os principais responsáveis pela estruturação e reestruturação dos espaços oferecidos às crianças e jovens, seria importante que suas atuações identificassem planejamentos ou procedimentos para garantir maior efetividade, principalmente, em relação a quantidade insuficiente de locais para dormir. Os agentes das unidades de abrigo precisam suprir as necessidades da população abrigada, precisam oportunizar autonomia às crianças para elas escolherem os objetos com os quais querem brincar. A sala de brinquedos com acesso restrito para elas, dificulta suas interações.

Existem várias possibilidades de organização dos espaços e cada uma delas pode proporcionar às crianças e jovens oportunidades diferentes de explorar esses espaços. Espaços amplos, com zonas circunscritas, podem oportunizar múltiplas escolhas de locais e de atividades e esse tipo de organização colabora para uma melhor qualidade do atendimento oferecido às crianças em instituições (Meneghini e Carvalho, 2003). Para uma melhor avaliação das atividades desenvolvidas pelos dirigentes institucionais, o capítulo 5 apresenta as características gerais dos dirigentes e os procedimentos de atendimento utilizados indicados por eles.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS DIRIGENTES DA UNIDADE DE ABRIGO E OS PROCESSOS DE GESTÃO DAS CONDIÇÕES INSTITUCIONAIS

As atividades desenvolvidas pelos dirigentes da unidade de abrigo, o modo como agem em relação às situações que fazem parte do cotidiano de uma instituição, contribuem para modificar os processos de trabalho dentro do próprio abrigo, inclusive podendo tanto aumentar como diminuir a eficácia do gerenciamento dos processos organizacionais. Do ponto de vista da organização, nesse caso unidades de abrigo, os investimentos realizados na estrutura e nos processos organizacionais que permeiam os procedimentos de atendimentos das crianças e jovens, refletem diretamente nas condições de vida da população abrigada.

Além disso, o modo como os dirigentes planejam o tipo de atendimento e as condições habitacionais necessárias, o modo como administram os recursos financeiros e realizam a distribuição de horários entre os colaboradores, o modo como estabelecem regras de convivência para as crianças e jovens, também influencia diretamente em suas condições de vida. Nesse capítulo, serão apresentados dados referentes às características gerais dos dirigentes, as características dos recursos recebidos pelo abrigo, dos procedimentos de supervisão, controle e regras, além das relações estabelecidas no ambiente de trabalho entre dirigentes, colaboradores, crianças e demais profissionais das entidades de proteção.

1. Características gerais dos dirigentes da unidade de abrigo

As Tabelas 5.1 a 5.3 apresentam as características gerais dos dirigentes da unidade de abrigo. A Tabela 5.1 mostra a distribuição da ocorrência das características gerais dos dirigentes institucionais por gênero e idade, estado civil, grau de escolaridade, estado de origem e tempo de residência na cidade, indicados por eles, de acordo com o cargo que ocupam na unidade de abrigo.

Tabela 5.1

Distribuição da ocorrência das características gerais dos dirigentes institucionais por gênero e idade, estado civil, grau de escolaridade, estado de origem e tempo de residência na cidade, indicados por eles, de acordo com o cargo que ocupam na unidade de abrigo*

Cargo	<u>Gênero e idade</u>		<u>Estado civil</u>		<u>Grau de escolaridade</u>		<u>Estado de origem</u>	<u>Tempo de residência na cidade</u>
	Fem. 35 anos	Masc. 55 anos	Separado	Casado	Ensino médio completo	* Ensino Superior completo	Santa Catarina	30 a 35 anos
Presidente	X	--	X	--	--	X	X	X
Vice- presidente	--	X	--	X	X	--	X	X

* Ensino superior completo com formação em Psicologia.

É possível perceber que a idade da presidente da unidade de abrigo é de 35 anos e seu estado civil é separado, enquanto que a do vice-presidente é de 55 anos e seu estado civil é casado. O grau de escolaridade da presidente da unidade de abrigo é ensino superior completo e o do vice-presidente é o ensino médio completo. Ambos têm como estado de origem Santa Catarina e o tempo de residência na cidade varia de 30 a 35 anos.

Na tabela 5.2 pode ser visto a distribuição da ocorrência das características das condições de trabalho dos dirigentes institucionais, segundo indicado por eles, de acordo com o cargo que ocupam na unidade de abrigo. O tempo de trabalho na unidade de abrigo da presidente é de 10 anos, enquanto que do vice-presidente é de três anos. A quantidade de horas de jornada de trabalho de ambos varia de 10 a mais de 12 horas diárias. É possível notar que os dirigentes institucionais não recebem salários e nem horas extras de trabalho.

Tabela 5.2

Distribuição da ocorrência das características das condições de trabalho dos dirigentes institucionais, segundo indicado por eles, de acordo com o cargo que ocupam na unidade de abrigo

Cargo	<u>Tempo de trabalho</u>		<u>Horas de jornada de trabalho diária</u>		<u>Horas extras</u>		<u>Remuneração de horas extras</u>		<u>Faixa de salário</u>
	10 anos	3 anos	De 10 a 12 horas	Mais de 12 horas	Sim	Não	Sim	Não	Não há
Presidente	X	--	--	X	--	X	--	X	X
Vice- presidente	--	X	X	--	--	X	--	X	X

A distribuição da ocorrência do tipo de suporte profissional existente para desempenhar sua função na unidade de abrigo, segundo indicado por eles, de acordo com o cargo que ocupam na unidade de abrigo pode ser visto na Tabela 5.3. Ambos indicam a ocorrência de treinamento para realizar sua função na unidade de abrigo. O tipo de treinamento existente envolve o auxílio às crianças e o auxílio burocrático. A ocasião em que recebeu o treinamento indicado pela presidente do abrigo foi quando ingressou no abrigo e também depois de estar ocupando esse cargo. O vice-presidente indicou como ocasião de recebimento de treinamento depois que teve seu ingresso na unidade.

O profissional responsável pelo treinamento indicado por ambos é a assistente social. A frequência de ocorrência de treinamento é de aproximadamente a cada três meses.

Tabela 5.3

Distribuição da ocorrência do tipo de suporte profissional existente para desempenhar sua função na unidade de abrigo, segundo indicado por eles, de acordo com o cargo que ocupam na unidade de abrigo

Cargo	Treinamento		Tipo de treinamento		Ocasão do treinamento		Profissional responsável	Período do treinamento
	Sim	Não	Auxílio às crianças	Auxílio burocrático	Quando ingressou no abrigo	Depois de estar no abrigo	Assistente social	Aproximadamente a cada 3 meses
Presidente	X	--	X	X	X	X	X	X
Vice-presidente	X	--	X	X	--	X	X	X

a) Há diferença de idade, estado civil e grau de escolaridade entre os dirigentes institucionais

De acordo com os dados obtidos, é possível observar uma diferença de idade entre a presidente da unidade de abrigo que possui 35 anos e o vice-presidente que possui 55 anos. Há diferenças também em relação ao estado civil e grau de escolaridade. Respeito à escolaridade é notado um elevado nível de escolarização, principalmente da presidente da unidade de abrigo que possui ensino superior completo. Para concretizar o trabalho que precisa ser realizado nas unidades de abrigo, as exigências técnicas e a experiência com a atividade profissional são fundamentais para o desenvolvimento de competências pessoais, que lhes permitam ser cooperativos e ter iniciativas que promovam o bem estar das crianças e jovens que vivem nesses locais. Há outras características homogêneas dos dirigentes institucionais que dizem respeito ao estado de origem e tempo de residência na cidade.

Ambos são provenientes do Estado de Santa Catarina e da cidade na qual está localizada a Unidade de Abrigo, o que permite considerar que os dirigentes estão inseridos na cultura local, acostumados com o modo de funcionamento da cidade, sendo que esse aspecto pode inclusive, auxiliar na dinâmica de funcionamento da unidade de abrigo. Sendo assim, é possível concluir que os dirigentes da unidade de abrigo possuem características gerais favoráveis para ocupar a função desempenhada na instituição.

2. Características dos aspectos positivos e negativos da unidade de abrigo, dos recursos recebidos, dos procedimentos de supervisão, controle e regras e das relações estabelecidas entre os dirigentes, colaboradores, crianças e demais profissionais das entidades de proteção

As Tabelas 5.4 a 5.10 apresentam a indicação de características que fazem parte da rotina de funcionamento da unidade de abrigo feita pelos dirigentes institucionais.

Tabela 5.4

Distribuição da ocorrência dos eventos que agradam, incomodam e dos aspectos positivos e negativos relacionados a instituição, segundo indicação dos dirigentes institucionais e de acordo com o cargo que ocupam na unidade de abrigo

Cargo	O que agrada		O que incomoda		Aspectos positivos		Aspectos negativos	
	Ajudar as crianças	Contribuir p/ melhorar a sociedade	A falta de verbas p/ contratar pessoas qualificadas	Interação dos pais c/ as crianças	A união da diretoria	As pessoas que trabalham no abrigo	Falta de pessoal qualificado	Mudança de turno de trabalho
Presidente	X	X	X	--	X	--	X	X
Vice- presidente	X	--	X	X	X	X	X	X

Na Tabela 5.4 é possível perceber a distribuição da ocorrência dos eventos que agradam, incomodam e dos aspectos positivos e negativos relacionados à instituição, segundo indicação dos dirigentes institucionais e de acordo com o cargo que ocupam na unidade de abrigo. Segundo a indicação da presidente do abrigo o que agrada no seu trabalho é poder

ajudar as crianças e contribuir para melhorar a sociedade. O vice-presidente indicou que lhe agrada ajudar as crianças. Ambos indicam que os incomoda a falta de verbas para contratar pessoas qualificadas para cuidar das crianças e jovens, sendo que o vice-presidente indicou também que o incomoda o modo de interação dos pais com as crianças. Em relação aos aspectos positivos, ambos indicam a união da diretoria da instituição e o vice-presidente acrescenta as pessoas que trabalham no abrigo. Os aspectos negativos indicados referem-se a falta de pessoal qualificado para trabalhar e a mudança do turno de trabalho dos colaboradores.

Tabela 5.5

Descrição das características dos recursos recebidos pela instituição, segundo a indicação dos dirigentes da unidade de abrigo

-
1. A instituição recebe recursos que auxiliam nos cuidados das crianças e jovens que vivem em Unidades de Abrigo.
 2. A origem do recurso é pública, proveniente da prefeitura municipal ou governo federal.
 3. A Unidade de Abrigo recebe recursos mensalmente.
 4. O tipo de recurso oferecido é financeiro.
 5. Quando há falta de recursos os dirigentes da Unidade de Abrigo planejam eventos sociais, como jantares, para suprir suas necessidades financeiras.
 6. A Unidade de Abrigo utiliza outros recursos da comunidade como o postos de saúde, escolas, igrejas e grupos de ajuda voluntária.
-

Na Tabela 5.5 pode ser visto a descrição das características dos recursos recebidos pela instituição, segundo a indicação dos dirigentes da unidade de abrigo. É possível notar que a unidade de abrigo recebe recursos financeiros de origem pública mensalmente. Quando há falta de recurso financeiro o abrigo procura alternativas como o planejamento de eventos sociais, para suprir suas necessidades.

Tabela 5.6**Descrição das características dos procedimentos de supervisão, de controle e regras utilizados pelos colaboradores na rotina de atendimento das crianças da instituição, segundo a indicação dos dirigentes da unidade de abrigo**

-
1. Quando uma criança ingressa no abrigo a prioridade é realizar o preenchimento da ficha cadastral e acompanhar a criança ou jovem para conhecer a Unidade de Abrigo.
 2. Também é prioridade realizar exame de saúde completo e realizar matrícula em escolas, creches ou programas sociais.
 3. Todos os colaboradores do abrigo são responsáveis pela supervisão das crianças e jovens que ali vivem.
 4. Os procedimentos utilizados para realizar o controle da rotina das crianças e jovens são a distribuição de tarefas entre os colaboradores e aviso por escrito deixado no mural.
 5. Não há regras explícitas a serem seguidas na rotina do abrigo. As rotinas são planejadas de acordo com a faixa de idade de cada criança.
 6. Quando uma criança ou jovem desrespeita as regras institucionais é feito o encaminhamento para o Juizado da Infância ou Adolescência. Também há a possibilidade de resolver o problema no abrigo.
 7. Geralmente a ocasião em que as regras não são cumpridas é quando há fugas do abrigo e maus tratos entre as crianças.
 8. As crianças e jovens possuem entrada e saída livre da Unidade de Abrigo. São orientadas quanto as suas saídas e essa regra é aplicada aos maiores que costumam ter circulação livre todo o dia.
-

A Tabela 5.6 mostra a descrição das características dos procedimentos de supervisão, de controle e regras utilizadas pelos colaboradores na rotina de atendimento das crianças da instituição, segundo a indicação dos dirigentes da unidade de abrigo. É possível perceber que existem algumas regras na rotina de atendimento às crianças como o preenchimento da ficha cadastral, a matrícula em escolas ou creches. As rotinas são planejadas de acordo com a faixa de idade de cada criança. Algumas regras quando não são cumpridas pelas crianças ou jovens são resolvidas por intermédio do juizado da infância e adolescência. É possível

perceber também que há fugas (apesar da circulação no abrigo ser livre) e maus tratos entre as crianças que vivem no abrigo.

Tabela 5.7

Descrição das características dos procedimentos utilizados durante as visitas realizadas na instituição, segundo a indicação dos dirigentes da unidade de abrigo

-
1. Todas as crianças e jovens institucionalizados podem receber visitas, com exceção daquelas proibidas pelos juízes. Nesse caso, há um documento redigido pelo Juiz.
 2. Os dias da semana programados para visitas são terça, quinta e às vezes no domingo. Aos pais é solicitado para não visitarem seus filhos todos os dias, pois as crianças choram muito quando eles precisam ir embora.
 3. O Horário para realizar as visitas é livre. Não há regras explícitas a serem seguidas durante as visitas, no entanto, algumas visitas são feitas com o acompanhamento dos colaboradores do abrigo.
 4. As crianças e jovens podem receber visitas dos pais, de familiares, amigos, técnicos de outras entidades e pessoas da comunidade.
-

A Tabela 5.7 mostra a descrição das características dos procedimentos utilizados durante as visitas realizadas na instituição, segundo a indicação dos dirigentes da unidade de abrigo. É possível notar que os horários programados para as visitas são livres, porém os responsáveis pelo abrigo preferem as visitas programadas na terça, quinta e domingo. As crianças e jovens podem receber visitas de qualquer pessoa desde que não haja documento expressando a proibição de seu ingresso no abrigo.

Tabela 5.8**Descrição das características das atividades de lazer disponíveis na instituição, segundo a indicação dos dirigentes da unidade de abrigo**

-
1. Os tipos de atividades de lazer disponíveis no abrigo são dança, esportes, atividades artísticas, brincadeiras no pátio e jogos livres.
 2. As crianças podem escolher as atividades que querem realizar, desde que respeitem os horários programados. Há programação de horários para as aulas de dança e esportes. Esses horários são estabelecidos em função do horário escolar.
 3. Nas atividades de lazer como dança e esportes o grupo de crianças e jovens é dividido em função da faixa etária. As demais atividades ocorrem com grupos de diversas faixas etárias.
 4. Algumas atividades de lazer ocorrem fora da Unidade de Abrigo, em períodos que variam a cada mês. Essas atividades geralmente são passear pela cidade ou ir à praia.
-

A descrição das características das atividades de lazer disponíveis na instituição, segundo a indicação dos dirigentes da unidade de abrigo, pode ser vista na Tabela 5.8. É possível perceber há uma diversidade de atividades de lazer à disposição das crianças no abrigo, em horários programados e de acordo com a faixa de idade. Há também atividades que acontecem fora da unidade de abrigo.

Na Tabela 5.9 é possível perceber a descrição das características do tipo de relacionamento existente entre os dirigentes do abrigo, os colaboradores, as crianças e demais entidades de proteção, segundo a indicação dos dirigentes da unidade de abrigo. O tipo de relação indicado pelos dirigentes em relação aos colaboradores e crianças é agradável e amigável. Os aspectos positivos da relação dos dirigentes do abrigo com os responsáveis pelas demais entidades de proteção referem-se ao respeito e a amizade existente. Os aspectos negativos referem-se à falta de compromisso com as crianças e jovens depois que esses ingressam no abrigo.

Tabela 5.9**Descrição das características do tipo de relacionamento existente entre os dirigentes do abrigo, os colaboradores, as crianças e profissionais das demais entidades de proteção, segundo a indicação dos dirigentes da unidade de abrigo**

-
1. O tipo de relação existente entre os dirigentes e seus colegas de trabalho é amigável e agradável. A frequência de ocorrência desse tipo de relação é sempre.
 2. Em relação às crianças e jovens, o tipo de relação existente também é sempre amigável e agradável.
 3. As palavras utilizadas para avaliar os aspectos positivos do relacionamento dos dirigentes do abrigo com os responsáveis pelas demais entidades de proteção são: respeitoso, amigável e com possibilidades de melhorar.
 4. Os aspectos negativos do relacionamento dos dirigentes com os responsáveis pelas demais entidades de proteção foram avaliados com as palavras: pouco caso com as crianças, as crianças são largadas no abrigo, falta de compromisso depois que colocam as crianças no abrigo.
 5. Os dirigentes da Unidade de Abrigo estabelecem contatos com os responsáveis pelas demais entidades de proteção todos os dias por meio de telefonemas ou contato pessoal.
-

A Tabela 5.10 apresenta a descrição das características do tipo de encaminhamento feito para tratamento de saúde das crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo, segundo a indicação dos dirigentes da instituição. É possível notar que as crianças e jovens são atendidos por profissionais da área de saúde com diferentes formações profissionais. A maior frequência de ocorrência de atendimentos é feita por médicos no abrigo.

Tabela 5.10

Descrição das características do tipo de encaminhamento feito para tratamento de saúde das crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo, segundo a indicação dos dirigentes da instituição

-
1. Os tipos de encaminhamentos existentes para cuidados com a saúde são tratamento médico, odontológico, psicológico, fonoaudiológico e pedagógico.
 2. Os atendimentos ocorrem na Unidade de Abrigo, em hospitais da rede pública ou postos de saúde da comunidade.
 3. Os atendimentos médicos de rotina ocorrem na Unidade de Abrigo, semanalmente.
 4. O profissional responsável pelos encaminhamentos para qualquer tipo de tratamento de saúde é o médico.
 5. As ocasiões em que as crianças são atendidas pelos profissionais de saúde são rotina, dor, queixas ou acidentes. No caso de pedagogos, quando há dificuldades escolares.
 6. O atendimento odontológico ocorre nos postos de saúde da comunidade e o atendimento psicológico ocorre na sede de programas sociais do município. O atendimento fonoaudiológico e pedagógico é feito no Abrigo.
 7. Há outros tipos de ajuda complementar oferecida às crianças e jovens que têm por objetivo auxiliar na melhoria de suas condições de saúde que variam desde grupos de oração até medicamentos alternativos como florais de bach.
-

- a) Há características nos procedimentos de atendimento que afetam as condições de vida das crianças e jovens

Ambos os dirigentes institucionais relataram a falta de verbas para contratar pessoal qualificado para trabalhar. Também no relato dos aspectos negativos (Tabela 5.4), é ressaltada por eles a falta de pessoal qualificado. Apenas um colaborador da unidade de abrigo possui ensino superior completo como pode ser observado na Tabela 6.1, que é um dos indicativos para avaliar a qualificação profissional. Parece que, de maneira geral, os recursos financeiros de origem pública recebidos mensalmente pela instituição e que são destinados aos cuidados das crianças e jovens são insuficientes para que os dirigentes da unidade de abrigo tenham estabilidade econômica para administrar a instituição de forma

apropriada no que diz respeito à contratação de colaboradores qualificados. Sendo assim, não há a possibilidade de haver maior quantidade de contratações de pessoal com nível de escolaridade superior. Segundo a indicação dos dirigentes na Tabela 5.5, quando há falta de recursos, são planejados eventos sociais, como jantares, para suprir suas necessidades financeiras. Os investimentos que são realizados na estrutura e nos processos organizacionais que permeiam os procedimentos de atendimento refletem diretamente nas condições de trabalho dos colaboradores e nas condições de vida das crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo.

Outra característica importante a ressaltar é que a referência feita pelos dirigentes institucionais em relação à falta de pessoal qualificado pode estar indicando também que os colaboradores da unidade de abrigo cometem falhas nos atendimentos prestados às crianças e jovens. Esses colaboradores podem estar desatentos quanto às expectativas de trabalho dos dirigentes do abrigo. Será que o grau de exigência é alto por parte dos dirigentes em relação às competências que os colaboradores devem possuir para realizar o trabalho com as crianças? Ou será que realmente existem falhas nos cuidados dispensados às crianças em função de dificuldades no desempenho de suas funções? Não seria importante um investimento em treinamento e capacitação de seus colaboradores? É importante destacar que o trabalho dos colaboradores na unidade de abrigo pode ser facilitado ou dificultado em função das condições (físicas, materiais, instrumentais, organizacionais) disponibilizadas pela instituição.

Há regras e procedimentos específicos que são utilizados na rotina de trabalho dos colaboradores da Unidade de Abrigo. Por meio dos dados obtidos nas Tabelas 5.6 e 5.7, é possível notar que a descrição feita das regras e procedimentos utilizados pelos colaboradores na rotina de trabalho do abrigo são, de modo geral, apropriados às necessidades das crianças e jovens. São asseguradas nas descrições indicadas, os procedimentos utilizados durante as visitas, a matrícula em escolas, a realização de exames de saúde e o preenchimento da ficha de cada criança. No entanto, é importante destacar, que na prática, algumas dessas regras e procedimentos não são cumpridos. As Tabelas 3.3 a 3.5 do capítulo três, mostram que há falhas nos procedimentos de registro, apesar dessa atividade ser descrita como sendo “prioridade realizar o preenchimento da ficha cadastral”.

Ainda em relação aos procedimentos de supervisão e controle, é importante destacar que os jovens possuem entrada e saída livre do abrigo como pode ser observado na Tabela 5.6. Esses jovens possuem autonomia quanto a sua circulação dentro e fora da unidade, o que identifica em parte, o modo como esses jovens se relacionam e o tipo de convivência que possuem com os responsáveis legais por eles, nesse caso, os dirigentes do abrigo. Parece haver uma relação de confiança e respeito em relação à circulação desses jovens. Assim, há a possibilidade de algumas privações que esses jovens vivenciam no seu dia-a-dia serem supridas. De acordo com Sidman (2001) há privações que são socialmente impostas. Muitos reforçadores que estavam fora de seu alcance no ambiente institucional podem ser alcançados em outros locais. No entanto, outro aspecto quanto à entrada e saída livre da unidade de abrigo é que essas ocasiões oportunizam aos jovens as fugas do abrigo. A Tabela 3.11 mostra que no período de abril de 2002 a abril de 2003 ocorreram três fugas da instituição.

Quanto às opções de atividades de lazer disponíveis no abrigo, a Tabela 5.8 mostra que há uma diversidade de atividades de lazer disponíveis no abrigo, em horários programados e de acordo com a faixa de idade. Algumas atividades ocorrem fora da Unidade de Abrigo. Essas atividades são importantes para as crianças e jovens, pois auxiliam, principalmente, no desenvolvimento social e intelectual geral, no desenvolvimento motor e em sua linguagem, que são os aspectos indicados por Weber e Kossobudski (1996) como os mais prejudicados nas crianças internas. No entanto, as Tabelas 7.10 e 7.11 mostram que a principal atividade feita pelas crianças e jovens é o assistir T.V. Parece que o tempo das crianças na unidade de abrigo é ocupado na maior parte do tempo com as mesmas atividades. Essa característica não fornece às crianças condições de ampliação de seu repertório comportamental para a obtenção de novas competências que favorecem o desenvolvimento saudável.

Outro aspecto que pode favorecer o desenvolvimento saudável das crianças na instituição é o tipo de relação que ocorre nesse ambiente. A Tabela 5.9 apresenta as características do tipo de relacionamento existente entre os dirigentes do abrigo, os colaboradores, as crianças e os responsáveis pelas demais entidades de proteção. Essas relações são descritas pelos dirigentes como agradáveis e amigáveis, portanto, ao menos

aparentemente, os dirigentes estabelecem relações positivas com as pessoas com quem convivem no seu ambiente de trabalho. As relações estabelecidas entre as pessoas no seu ambiente de trabalho, fornecem suporte social para a realização de suas atividades. Quando essas relações incluem cooperação e vontade de trabalhar em conjunto, há mais possibilidades de haver satisfação e comprometimento e, conseqüentemente, melhora nas condições de vida e de trabalho. Na descrição dos aspectos negativos do relacionamento dos dirigentes com os responsáveis pelas demais entidades de proteção indicadas na Tabela 5.9 aparece a falta de compromisso com as crianças e jovens depois que eles ingressam no abrigo. O abrigamento é uma medida provisória, de transição para a colocação de crianças em famílias substitutas (ECA, 1990). No entanto, como foi possível observar nas Tabelas 3.8 e 3.9 há crianças que ficam até 48 meses internadas no abrigo. Diante dessa característica, vale a pena perguntar, precisa da unidade de abrigo como medida provisória? Qual é a função das unidades de abrigo? Embora o discurso dos dirigentes institucionais esteja de acordo com as expectativas da sociedade, não foi possível constatar a existência de planejamento ou procedimento que garantisse maior efetividade nos encaminhamentos. Essa falta de compromisso indicada pelos dirigentes também pode estar relacionada às dificuldades encontradas pelas entidades de proteção em realizar encaminhamentos que promovam o bem estar das crianças e jovens.

Quanto à promoção do bem estar das crianças em relação à sua saúde, enquanto as crianças e jovens estão internadas na unidade de abrigo, elas são atendidas por profissionais da área da saúde com diferentes formações profissionais, como pode ser observado na Tabela 5.10. A maior freqüência de ocorrência de atendimentos é feita por médicos na própria unidade de abrigo. Encaminhamentos para qualquer tipo de tratamento de saúde também são feitos pelos médicos, o que confirma a predominância da indicação médica em relação as demais profissões habilitadas a cuidarem das questões de saúde da população.

3. As características gerais dos dirigentes institucionais são favoráveis e suas ações podem tanto aumentar como diminuir a eficácia do gerenciamento dos processos organizacionais

Qualquer intervenção realizada pelos dirigentes da unidade de abrigo deve ter como objetivo alterar a situação problema existente. Esses agentes precisam ter comportamentos apropriados que resultem em melhorias nas condições de vida das crianças e jovens abrigados. Para que isso seja possível é necessária uma atuação diferenciada em relação a algumas características indicadas por eles no que diz respeito aos procedimentos de atendimento utilizados pela instituição. Os dados apresentados mostram que o discurso dos dirigentes institucionais ocorre de forma a garantir o que consideram importante oferecer para as crianças e jovens. Eles indicam oferecer diversas atividades de lazer, garantem manter um bom relacionamento com as crianças e demais pessoas envolvidas com o abrigo, indicam também a existência de profissionais com diversas formações para o atendimento de saúde das crianças. No entanto, o que estão fazendo as pessoas que administram para garantir maior efetividade dos encaminhamentos? E maior efetividade nos procedimentos de registro de informações? E em relação as fugas ? Os administradores da unidade de abrigo estão oferecendo condições de apoio de que tipo? Condições apenas de vivência ou de mudança de comportamentos? Apesar das características gerais dos dirigentes institucionais serem favoráveis para que ocupem os cargos (possuem elevado nível de escolarização, principalmente a presidente, ambos estão inseridos na cultura local, e estão de 30 a 35 anos morando na cidade), é preciso modificar algumas de suas ações para que a população abrigada tenha oportunidade de seguir outros caminhos. As ações dos colaboradores da unidade de abrigo, suas características e de suas condições de trabalho, também precisam ser investigadas para melhor compreender o que acontece com a população abrigada. Essas características estão apresentadas no capítulo seis.

CARACTERÍSTICAS DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS COLABORADORES DA UNIDADE DE ABRIGO

Investigar as características que fazem parte das condições de trabalho dos colaboradores da unidade de abrigo pressupõe, de certo modo, investigar as variáveis que determinam essas condições. As informações a respeito de suas condições de trabalho permitem ampliar o entendimento do que acontece com esses colaboradores na situação de trabalho. Afinal, todas as atividades desenvolvidas pelo pessoal que trabalha na unidade de abrigo, devem envolver comportamentos que facilitem e melhorem as condições de vida das crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo. Há uma interdependência de condutas profissionais em relação aos resultados desejados (Botomé, 1981), ou seja, atendimento adequado e melhora nas condições de vida da população atendida.

Botomé (1981) descreve a necessidade de envolvimento com a realidade do trabalho para alterar o ambiente físico, social e organizacional. Ressalta ainda que cada indivíduo com seu repertório pode oferecer contribuições na realização do trabalho comum. Os agentes da unidade de abrigo e seus colaboradores precisam trabalhar juntos para construir recursos de atuação que lhes capacite a lidar melhor com a realidade com a qual se defrontarão. Precisam adquirir clareza a respeito de como e por que devem executar as atividades que lhes compete. Conhecer as condições que caracterizam o trabalho desempenhado na unidade de abrigo contribui para a compreensão dos comportamentos dos colaboradores em relação aos procedimentos de atendimentos com as crianças.

As condições de trabalho dos colaboradores são configuradas a partir de um conjunto de variáveis relacionadas em graus e arranjos diferentes. Nesse capítulo, serão apresentados dados que ampliem a compreensão das características das condições de trabalho dos colaboradores que influenciam as condições de vida das crianças e jovens, já que o que as pessoas que trabalham nesse ambiente fazem determina, em grande parte, o modo de vida da população abrigada.

1. Características da faixa etária, escolaridade, estado civil e origem de acordo com o gênero dos colaboradores da unidade de abrigo

Na Tabela 6.1 é possível observar a distribuição da quantidade de colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o gênero e nível de escolaridade, em diferentes faixas etárias. Do total de oito sujeitos, seis são do gênero feminino e um do masculino. Apenas o colaborador do gênero masculino possui ensino superior completo e têm idade entre 46 e 50 anos. Duas colaboradoras, do gênero feminino, com idades entre 31- 35 e 36-40 têm como grau de escolaridade o ensino básico incompleto.

Tabela 6.1

Distribuição da quantidade de colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o gênero e nível de escolaridade, em diferentes faixas etárias

Idade	Nível de escolaridade e gênero										Total
	<u>Ensino básico completo</u>		<u>Ensino básico incompleto</u>		<u>Ensino médio completo</u>		<u>Ensino médio incompleto</u>		<u>Ensino superior completo</u>		
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
20-25	---	---	---	---	---	1	---	1	---	---	2
26-30	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	---	---	1	---	---	---	---	---	---	1
36-40	---	1	---	1	---	---	---	---	---	---	2
41-45	---	---	---	---	---	1	---	1	---	---	2
46-50	---	---	---	---	---	---	---	---	1	---	1
Total	---	1	---	2	---	2	---	2	1	---	8

Outras duas possuem ensino médio completo, com idades entre 20-25 e 41-45 e com essa mesma faixa de idade há também mais duas colaboradoras que possuem ensino médio incompleto. Uma colaboradora indicou possuir ensino básico completo com idade entre 36-40 anos.

Na Tabela 6.2 são descritos o estado civil e o gênero dos colaboradores do Abrigo. Entre os colaboradores que afirmaram ser solteiros, cinco são do gênero feminino. Entre os casados, um é do gênero masculino e dois do feminino.

Tabela 6.2

Distribuição da quantidade de colaboradores da unidade de abrigo por estado civil e gênero em diferentes faixas etárias

Idade	Estado civil e gênero				Total
	Solteiros		Casados		
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
20-25	---	2	---	---	2
26-30	---	---	---	---	---
31-35	---	---	---	1	1
36-40	---	1	---	1	2
41-45	---	2	---	---	2
46-50	---	---	1	---	1
Total	---	5	1	2	8

A Tabela 6.3 apresenta o estado de origem dos colaboradores da Unidade de abrigo. É possível observar que a metade dos colaboradores (N= 4) possui como estado de origem Santa Catarina.

Tabela 6.3

Distribuição da quantidade de colaboradores da unidade de abrigo por estado de origem e gênero em diferentes faixas etárias*

Idade	Estado de origem e gênero						Total
	Santa Catarina		Paraná		Rio Gde.do Sul		
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
20-25	---	---	---	1	---	1	2
26-30	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	---	---	1	---	---	1
36-40	---	2	---	---	---	---	2
41-45	---	1	---	---	---	---	1
46-50	1	---	---	---	---	---	1
Total	1	3	---	2	---	1	7

* Há uma colaboradora de origem uruguaia que tem 41 anos.

Há um total de dois colaboradores do Estado do Paraná, um do Rio Grande do Sul e uma colaboradora de origem uruguaia.

- a) A maioria dos colaboradores é do gênero feminino, com faixa etária e nível de escolaridade diversificados

De acordo com os dados obtidos, é possível perceber que a maioria dos colaboradores do abrigo (N= 6) são do gênero feminino. Apenas um sujeito é do gênero masculino. Esse dado pode estar relacionado ao fato das mulheres estarem mais acostumadas nos cuidados com as crianças. Sendo assim, provavelmente os Dirigentes da Unidade de Abrigo preferem contratar colaboradores do gênero feminino para trabalhar. A faixa etária dos colaboradores é diversificada e está distribuída, variando de 20 a 50 anos. Apenas o colaborador do gênero masculino possui ensino superior completo e duas colaboradoras o ensino médio completo. O restante dos colaboradores (N= 5) possui baixo nível de escolaridade. Há a possibilidade de que nas unidades de abrigo, as exigências técnicas e de experiência sejam menos solicitadas do que em outros setores por quem os contrata. Quanto ao estado civil, a maioria dos colaboradores (N= 5) são solteiros e do gênero feminino. Entre os casados, um é do gênero masculino e dois do feminino. Os que estão casados, têm entre 31 e 50 anos. Os que estão solteiros têm entre 20 e 45 anos. Em relação ao estado de origem, a maioria (N= 4) é proveniente do estado onde está localizada a unidade de abrigo. Há outros quatro sujeitos provenientes de estados diferentes.

2. Características gerais das condições de trabalho dos colaboradores da unidade de abrigo

O tempo em que os colaboradores trabalham na unidade de abrigo é apresentado na Tabela 6.4. É possível notar que do total de oito, quatro colaboradores trabalham a mais de 36 meses na instituição. Outros três trabalham de seis a 12 meses e uma colaboradora de 13 a 24 meses.

Tabela 6.4

Distribuição da quantidade de colaboradores de acordo com o tempo em que trabalha na unidade de abrigo e gênero em diferentes faixas de idade

Idade	Tempo de trabalho e gênero								Total
	6 a 12 meses		13 a 24 meses		25 a 36 meses		Mais 36 meses		
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
20-25	---	1	---	1	---	---	---	---	2
26-30	---	---	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	1	---	---	---	---	---	---	1
36-40	---	---	---	---	---	---	---	2	2
41-45	---	---	---	---	---	---	---	2	2
46-50	1	---	---	---	---	---	---	---	1
Total	1	2	---	1	---	---	---	4	8

A Tabela 6.5 apresenta a distribuição da quantidade de colaboradores da unidade de abrigo por horas de jornada de trabalho e indicação da ocorrência ou não ocorrência de horas extras remuneradas em diferentes faixas etárias. É possível notar que a quantidade de horas de jornada de trabalho da metade dos colaboradores (n= 4) é de seis a nove horas e que esse grupo não realiza horas extras de trabalho. A quantidade de horas extras da outra metade de colaboradores é de dez a treze horas. Desse grupo, duas realizam horas extras de trabalho e são remuneradas e outras dois não recebem remuneração de horas extras.

Tabela 6.5

Distribuição da quantidade de colaboradores da unidade de abrigo por horas de jornada de trabalho e indicação da ocorrência ou não ocorrência de horas extras remuneradas em diferentes faixas etárias

Idade	Horas de jornada de trabalho e ocorrência ou não ocorrência de horas extras remuneradas						Total
	De 6 a 9 horas		De 10 a 13 horas		Mais de 13 horas		
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	
20-25	---	---	2	---	---	---	2
26-30	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	1	---	---	---	---	1
36-40	---	---	---	2	---	---	2
41-45	---	2	---	---	---	---	2
46-50	---	1	---	---	---	---	1
Total	---	4	2	2	---	---	8

A faixa de salário e a ocorrência ou não ocorrência de registro na carteira de trabalho dos colaboradores do abrigo, pode ser visto na Tabela 6.6. É possível notar que quase a totalidade dos sujeitos (n=7) indicaram receber de um a dois salários. Todos esses colaboradores possuem registro na carteira de trabalho. Apenas um colaborador recebe de três a quatro salários mínimos por mês e não possui o registro na carteira.

Tabela 6.6

Distribuição da quantidade de colaboradores da unidade de abrigo de acordo com a faixa de salário e ocorrência ou não ocorrência de registro na carteira em diferentes faixas de idade

Idade	Faixa de salário e ocorrência ou não ocorrência de registro na carteira						Total
	De 1 a 2 salários		De 2 a 3 salários		De 3 a 4 salários		
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	
20-25	2	---	---	---	---	---	2
26-30	---	---	---	---	---	---	---
31-35	1	---	---	---	---	---	1
36-40	2	---	---	---	---	---	2
41-45	2	---	---	---	---	---	2
46-50	---	---	---	---	---	1	1
Total	7	---	---	---	---	1	8

A Tabela 6.7 apresenta a distribuição da quantidade de colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o gênero e a indicação da ocorrência ou não ocorrência do tipo de benefício social que recebe em diferentes faixas de idade. É possível observar que a totalidade das respostas indica que nenhum colaborador recebe algum tipo de benefício social.

Tabela 6.7

Distribuição da quantidade de colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o gênero e a indicação da ocorrência ou não ocorrência do tipo de benefício social que recebe em diferentes faixas de idade

Idade	Benefício social e gênero								Total
	Nenhum		Vale transporte		Vale alimento		Cesta básica		
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem	Masc.	Fem	Masc.	Fem	
20-25	---	2	---	---	---	---	---	---	2
26-30	---	---	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	1	---	---	---	---	---	---	1
36-40	---	2	---	---	---	---	---	---	2
41-45	---	2	---	---	---	---	---	---	2
46-50	1	---	---	---	---	---	---	---	1
Total	1	7	---	---	---	---	---	---	8

A Tabela 6.8 apresenta a indicação feita pelos colaboradores do tipo de suporte profissional existente para auxiliar na realização de seu trabalho. Três sujeitos do gênero feminino indicaram não haver nenhum tipo de suporte profissional que o auxilie. Outros três indicaram que há cursos e palestras no abrigo, sendo dois do gênero feminino e um do masculino. Há também a indicação de cursos e palestras que acontecem fora do abrigo feita por duas colaboradoras.

Tabela 6.8
Distribuição da quantidade de colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o gênero e a indicação do tipo de suporte profissional existente para auxiliar seu trabalho em diferentes faixas etárias*

Idade	Tipo de suporte profissional e gênero						Total
	<u>Cursos e Palestras no abrigo</u>		<u>Cursos e Palestras fora do abrigo</u>		<u>Nenhum</u>		
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
20-25	---	---	---	1	---	1	2
26-30	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	---	---	1	---	---	1
36-40	---	1	---	---	---	1	2
41-45	---	1	---	---	---	1	2
46-50	1	---	---	---	---	---	1
Total	1	2	---	2	---	3	8

Nota: Os cursos e palestras que acontecem no abrigo são ministrados pela presidente da instituição.

Na Tabela 6.9 é apresentada a indicação do grau de satisfação que os colaboradores têm em relação ao seu trabalho na unidade de abrigo. Do total de oito sujeitos pesquisados, cinco do gênero feminino indicaram estar completamente satisfeitos com seu trabalho. Três colaboradores, um do gênero masculino e dois do feminino, indicaram estar satisfeitos.

Tabela 6.9
Distribuição da quantidade de colaboradores de acordo com o gênero e a indicação do grau de satisfação com o seu trabalho na unidade de abrigo em diferentes faixas etárias

Idade	Grau de satisfação no trabalho e gênero								Total
	<u>Completamente Insatisfeito</u>		<u>Insatisfeito</u>		<u>Satisfeito</u>		<u>Completamente satisfeito</u>		
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
20-25	---	---	---	---	---	2	---	---	2
26-30	---	---	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	---	---	---	---	---	---	1	1
36-40	---	---	---	---	---	---	---	2	2
41-45	---	---	---	---	---	---	---	2	2
46-50	---	---	---	---	1	---	---	---	1
Total	---	---	---	---	1	2	---	5	8

Na Tabela 6.10 estão indicadas algumas categorias que dizem respeito aos eventos que, de modo geral, incomodam e que agradam os colaboradores da unidade de abrigo. Cinco colaboradores indicaram que nenhum evento os incomoda no ambiente de trabalho. Quatro indicaram que a incerteza do futuro das crianças que vivem na unidade de abrigo os incomoda. Quanto aos eventos que os agradam, quatro indicaram o reconhecimento por parte das crianças em relação ao trabalho que realizam no abrigo e outros quatro referiram que os agrada poder ajudar as crianças e jovens. Dois colaboradores indicaram que tudo os agrada em relação à unidade de abrigo.

Tabela 6.10

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo, segundo a ocorrência ou não ocorrência de eventos que os incomodam e que os agradam no ambiente de trabalho, em diferentes faixas etárias*

Idade	Tipo de coisa que incomoda		Tipo de coisa que agrada			Total	
	<u>Nada os incomoda</u>	<u>Incerteza do futuro das crianças</u>	<u>O reconhecimento das crianças</u>	<u>Ajudar as crianças</u>	<u>Tudo os agrada</u>	<u>Total incomoda</u>	<u>Total agrada</u>
20-25	2	---	2	1	---	2	3
26-30	---	---	---	---	---	---	---
31-35	1	---	---	---	1	1	1
36-40	1	1	---	1	1	2	2
41-45	1	2	1	1	---	3	2
46-50	---	1	1	1	---	1	2
Total	5	4	4	4	2	9	10

Nota: Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado

Os aspectos positivos da unidade de abrigo de acordo com a indicação dos colaboradores podem ser observados na Tabela 6.11. Do total de doze respostas, seis indicaram como pontos positivos aspectos relacionados às crianças. Quatro indicaram aspectos relacionados aos colaboradores e dois referiram outros aspectos positivos.

Tabela 6.11

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores de acordo com o gênero e aspectos positivos relacionados à unidade de abrigo em diferentes faixas etárias*

Idade	Indicação de pontos positivos						Total
	<u>Relacionado às crianças</u>		<u>Relacionado aos colaboradores</u>		<u>Outros **</u>		
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
20-25	---	2	---	---	---	---	2
26-30	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	1	---	1	---	1	3
36-40	---	1	---	1	---	---	2
41-45	---	1	---	1	---	---	2
46-50	1	---	1	---	1	---	3
Total	1	5	1	3	1	1	12

Nota: Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado.

** As respostas dadas em outros pontos positivos indicados na Tabela referiam-se a existência do abrigo para proteger a crianças e ao fato de propiciar a geração de empregos.

Os aspectos negativos da unidade de abrigo indicados pelos colaboradores podem ser vistos na Tabela 6.12. Do total de 11 respostas, há oito indicações negativas relacionadas ao poder público. Há também duas indicações relacionadas aos colaboradores e uma relacionada à unidade de abrigo.

Tabela 6.12**Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores de acordo com o gênero e aspectos negativos relacionados à unidade de abrigo em diferentes faixas etárias***

Idade	Indicação de pontos negativos								Total
	Relacionado às crianças		Relacionado aos colaboradores*		Relacionado a Unidade de Abrigo**		Relacionado ao poder público***		
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
20-25	---	---	---	---	---	---	---	2	2
26-30	---	---	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	---	---	---	---	1	---	1	2
36-40	---	---	---	---	---	---	---	2	2
41-45	---	---	1	---	---	---	---	2	3
46-50	---	---	1	---	---	---	1	---	2
Total	---	---	2	---	---	1	1	7	11

Nota: Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado

*: A indicação negativa relativa aos colaboradores referia-se a falta de qualificação profissional para atender às crianças

** : A indicação de pontos negativos referentes a Unidade de Abrigo referia-se ao fato de as crianças ficarem muito tempo na casa, sendo que não é um orfanato.

*** : A indicação de pontos negativos relacionados ao poder público referia-se a falta de colaboração com a sociedade e ao descaso dos profissionais do conselho tutelar em relação a documentação das crianças.

- a) Os colaboradores da unidade de abrigo possuem alto grau de satisfação com o seu trabalho, mesmo enfrentando algumas condições adversas

As informações obtidas por meio da coleta de dados permitem notar que a metade dos colaboradores investigados trabalham a mais de 36 meses na unidade de abrigo. Dessa forma, devem estar familiarizados com as atividades que são desenvolvidas no seu trabalho aumentando as chances de que essas atividades envolvam ações que facilitem e melhorem as condições de vida da população que vive nessas instituições. Pode ser notado também, que a metade dos colaboradores (N= 4) possui de 6 a 9 horas de jornada de trabalho e não realiza horas extras, enquanto que os outros quatro colaboradores realizam de 10 a 13 horas de trabalho diário, sendo que desse grupo duas colaboradoras realizam horas extras e são

remuneradas e outras duas não realizam horas extras de trabalho. É possível perceber que, para quatro colaboradores, a carga de trabalho é mais intensa que para os demais.

Apenas as colaboradoras com idade entre 20-25 anos são remuneradas por suas horas extras de trabalho. É possível que essas colaboradoras mais jovens tenham maior disponibilidade de tempo para dedicarem-se as suas atividades na unidade de abrigo e, por isso, serem escolhidas pelos dirigentes para realizarem horas extras. Quanto ao descumprimento de horas extras não remuneradas de duas colaboradoras, é possível notar que algumas das características de suas condições de trabalho são desfavoráveis. Outra característica desfavorável é indicada na Tabela 6.7 onde é possível observar que nenhum sujeito recebe algum tipo de benefício social. É importante considerar também, que essas colaboradoras além de dedicarem seu tempo no trabalho com as crianças e jovens que vivem nas unidades de abrigo, elas possuem, provavelmente, outras atividades distintas (cuidados com a casa, com os filhos, por exemplo).

Essa dupla atividade exige maior esforço de adaptação nos diferentes ambientes, além de maior planejamento para cumprir suas atividades laborais. Além disso, o tipo de trabalho a ser realizado nas unidades de abrigo, não é tão simples quanto possa parecer ser. Esse tipo de trabalho requer dos colaboradores uma série de competências relativas a relacionamento interpessoal, conhecimentos sobre desenvolvimento infantil, esforço físico, exigências de ordem estética por meio da apresentação pessoal, o que requer do colaborador um constante ajuste às mudanças que ocorrem em seu ambiente de trabalho.

Em relação à faixa de salário, é possível notar que quase a totalidade de sujeitos (N= 7) recebe de um a dois salários mínimos e possui o registro na carteira de trabalho. Chama a atenção, o fato de apenas o colaborador que recebe maior faixa de salário não possuir o registro na carteira. Provavelmente a faixa salarial desse colaborador, caso houvesse o registro, acarretaria custos trabalhistas adicionais em relação aos demais colaboradores para a unidade de abrigo. No que se refere ao tipo de suporte profissional existente para auxiliar em seu trabalho é possível observar que as indicações estão distribuídas de forma dispersa. Três sujeitos informam não haver nenhum tipo de suporte profissional, enquanto outros cinco informam haver cursos e palestras dentro e fora do abrigo que os auxiliam a

realizar suas atividades.

Uma outra percepção possível nos dados organizados é o grau de satisfação com o seu trabalho, apresentado na Tabela 6.9. Cinco sujeitos indicaram estar completamente satisfeitos e três indicaram estar satisfeitos. Assim, o grau de satisfação dos colaboradores com seu trabalho é alto. Parece que, de uma maneira geral, as respostas apresentadas na Tabela 6.10 possam estar relacionadas ao grau de satisfação, na medida que demonstram o envolvimento das colaboradoras com as crianças e jovens. Em todas as respostas relacionadas aos eventos que os agrada e os incomoda as crianças aparecem como o centro de suas falas. Na Tabela 6.11 também a maioria das indicações de pontos positivos (N= 5) refere aspectos relacionados às crianças. Parece que as colaboradoras estão utilizando ao máximo as contingências naturais existentes e que tornam mais provável o prosseguimento de seu trabalho (Botomé, 1981). Nesse caso, as crianças e jovens oferecem sentido, significado para seu trabalho, aumentando a motivação das colaboradoras para agirem no ambiente.

3. O controle sobre o trabalho dos colaboradores da unidade de abrigo

As exigências diárias impostas de diferentes formas e em diferentes graus pelos agentes envolvidos com o trabalho nas unidades de abrigo são apresentadas nas Tabelas 6.13 a 6.19. É investigado o modo como ocorre o controle sobre o trabalho dos colaboradores, assim como as características do tipo de coisas que acontecem no ambiente de trabalho e os deixam constrangidos. Além disso, são investigados os tipos e modos de solicitações e os tipos de advertências e críticas que os colaboradores recebem em seu ambiente de trabalho. Na Tabela 6.13 pode ser visto a distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores de acordo com o gênero e o tipo de cobrança feita em relação ao seu trabalho na unidade de abrigo, em diferentes faixas etárias. Do total de 13 respostas, sete indicaram que as cobranças são feitas em relação ao cuidado com a saúde das crianças. Três colaboradores indicaram que são cobrados em relação ao que falam para as crianças. Outros dois indicaram que são cobrados para não deixarem as crianças sozinhas e um indicou que o tipo de cobrança feito é para não deixar as crianças usarem roupas rasgadas.

Tabela 6.13
Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores de acordo com o gênero e o tipo de cobrança feita em relação ao seu trabalho na unidade de abrigo, em diferentes faixas etárias*

Idade	Indicação do tipo de cobrança e gênero								Total
	<u>Não deixar crianças sozinhas</u>		<u>Não deixar criança com roupas rasgadas</u>		<u>Saber o que falar para as crianças</u>		<u>Cuidar da saúde das crianças</u>		
	<u>Masc.</u>	<u>Fem.</u>	<u>Masc.</u>	<u>Fem.</u>	<u>Masc.</u>	<u>Fem.</u>	<u>Masc.</u>	<u>Fem.</u>	
20-25	---	2	---	1	---	---	---	1	4
26-30	---	---	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	---	---	---	---	1	---	1	2
36-40	---	---	---	---	---	---	---	2	2
41-45	---	---	---	---	---	1	---	2	3
46-50	---	---	---	---	1	---	1	---	2
Total	---	2	---	1	1	2	1	6	13

Nota: A ocorrência corresponde ao total de respostas dadas. Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado.

A distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores de acordo com o gênero e de acordo com as pessoas responsáveis pelas cobranças feitas em relação ao seu trabalho na unidade de abrigo, em diferentes faixas etárias pode ser visto na Tabela 6.14. É possível notar que das doze respostas seis colaboradores indicaram que as cobranças são feitas pelo coordenador geral do abrigo. Quatro indicaram que são cobrados pelos dirigentes do abrigo. Um colaborador indicou que é cobrado pelas crianças e jovens e um indicou não ser cobrado por ninguém.

Tabela 6.14

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores de acordo com o gênero e de acordo com as pessoas responsáveis pelas cobranças feitas em relação ao seu trabalho na unidade de abrigo, em diferentes faixas etárias*

Idade	Indicação das pessoas que fazem as cobranças								Total
	<u>Dirigentes do abrigo</u>		<u>Coordenador geral do abrigo</u>		<u>Crianças e jovens do abrigo</u>		<u>Ninguém</u>		
	<u>Masc.</u>	<u>Fem.</u>	<u>Masc.</u>	<u>Fem.</u>	<u>Masc.</u>	<u>Fem.</u>	<u>Masc.</u>	<u>Fem.</u>	
20-25	---	1	---	2	---	1	---	---	4
26-30	---	---	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	---	---	1	---	---	---	---	1
36-40	---	2	---	2	---	---	---	---	4
41-45	---	1	---	1	---	---	---	---	2
46-50	---	---	---	---	---	---	1	---	1
Total	---	4	---	6	---	1	1	---	12

Nota: A ocorrência corresponde ao total de respostas dadas. Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado.

Na Tabela 6.15 são apresentados os tipos de solicitações que costumam receber dos dirigentes, relatados pelos colaboradores da unidade de abrigo. Segundo seus relatos, quatro indicaram que o tipo de solicitação mais comum diz respeito aos cuidados com a alimentação das crianças e outros quatro indicaram os cuidados com a higiene das crianças. Outra categoria de solicitação indicada por três colaboradores refere-se a manter o abrigo

limpo e arrumado. Duas colaboradoras indicaram que o tipo de solicitação comum é feito em relação aos cuidados com as crianças durante a recreação.

Tabela 6.15

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo, de acordo com o gênero e o tipo de solicitação que costuma receber dos dirigentes no ambiente de trabalho, em diferentes faixas etárias*

Idade	Tipos de solicitações								Total
	<u>Abrigo limpo e arrumado</u>		<u>Cuidados com a alimentação das crianças</u>		<u>Cuidados com a higiene das crianças</u>		<u>Cuidados com as crianças durante a recreação</u>		
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
20-25	---	---	---	1	---	2	---	1	4
26-30	---	---	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	---	---	1	---	---	---	---	1
36-40	---	1	---	1	---	1	---	---	3
41-45	---	1	---	---	---	1	---	1	3
46-50	1	---	1	---	---	---	---	---	2
Total	1	2	1	3	---	4	---	2	13

Nota: A ocorrência corresponde ao total de respostas dadas. Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado.

A distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo, de acordo com o gênero e a ocasião em que lhes são feitas as solicitações no ambiente de trabalho, em diferentes faixas etárias pode ser observado na Tabela 6.16. Do total de dez respostas, seis indicaram que as solicitações são feitas durante as conversas informais que ocorrem no abrigo. Quatro indicaram que as solicitações são feitas durante as reuniões de trabalho do abrigo.

Tabela 6.16

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo, de acordo com o gênero e a ocasião que lhes são feitas as solicitações no ambiente de trabalho, em diferentes faixas etárias*

Idade	Ocasão que lhes são feitas as solicitações e gênero				Total
	<u>Durante conversas informais</u>		<u>Durante as reuniões</u>		
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
20-25	--	2	---	---	2
26-30	---	---	---	---	---
31-35	---	1	---	---	1
36-40	---	1	---	2	3
41-45	---	1	---	1	2
46-50	1	---	1	---	2
Total	1	5	1	3	10

Nota: Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado.

Na Tabela 6.17 está indicado o tipo de situação nas quais recebem críticas ou advertências no ambiente de trabalho. Do total de 13 respostas, cinco indicaram que recebem críticas ou advertências quando ocorre a troca de horários de trabalho entre os colaboradores sem avisar á direção do abrigo. Quatro deles indicaram que nunca receberam críticas ou advertências e outros quatro que receberam quando ocorreu a falta de algum colaborador na instituição.

Tabela 6.17

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o gênero e os tipos de situações nas quais receberam críticas ou advertências no ambiente de trabalho, em diferentes faixas etárias*

Idade	Tipo de situação						Total
	<u>Quando há falta de algum funcionário</u>		<u>Quando há troca de horários de trabalho entre funcionários sem avisar</u>		<u>Nenhuma</u>		
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
20-25	---	1	---	---	---	1	2
26-30	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	---	---	1	---	1	2
36-40	---	2	---	1	---	1	4
41-45	---	---	---	2	---	1	3
46-50	1	---	1	---	---	---	2
Total	1	3	1	4	---	4	13

Nota: Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado.

Na Tabela 6.18 está indicada a ocorrência de situações que acontecem no ambiente de trabalho e que deixam os colaboradores constrangidos, em diferentes faixas etárias. Do total de 14 respostas, quatro colaboradores indicaram que ficam constrangidos quando as crianças chegam no abrigo sujas e com fome. Outros quatro indicaram que ficam constrangidos quando não sabem oferecer informação sobre a situação das crianças. Três colaboradores indicaram que ficam constrangidos quando os parentes das crianças tratam de forma desrespeitosa os colaboradores e outras três respostas referiam-se a ter que chamar a atenção de alguma colaboradora na frente das crianças.

Tabela 6.18

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo, de acordo com o gênero e ocorrência de situações que acontecem no ambiente de trabalho e os deixam constrangidos, em diferentes faixas etárias*

Idade	Tipo de situação e gênero								Total
	<u>Quando parentes das crianças tratam de forma desrespeitosa os colaboradores</u>		<u>Quando crianças chegam no abrigo sujas, com fome</u>		<u>Quando tem que chamar atenção de alguma educadora na frente da cça.</u>		<u>Quando não sabem oferecer informação sobre a situação das crianças</u>		
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
20-25	---	1	---	1	---	---	---	1	3
26-30	---	---	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	---	---	1	---	1	---	---	2
36-40	---	2	---	1	---	1	---	---	4
41-45	---	---	---	1	---	---	---	2	3
46-50	---	---	---	---	1	---	1	---	2
Total	---	3	---	4	1	2	1	3	14

Nota: A ocorrência corresponde ao total de respostas dadas. Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado.

A indicação dos colaboradores em relação à ocorrência da frequência com que acontecem situações constrangedoras está apresentada na Tabela 6.19. Do total de oito colaboradores, cinco relataram que as vezes ocorrem situações constrangedoras no ambiente de trabalho. Dois relataram que nunca ocorrem situações desse tipo e um indicou que sempre ocorrem situações constrangedoras em seu ambiente de trabalho.

Tabela 6.19

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo, de acordo com o gênero e a ocorrência da frequência com que acontecem situações constrangedoras, em diferentes faixas etárias

Idade	Grau de frequência						Total
	<u>Sempre</u>		<u>As vezes</u>		<u>Nunca</u>		
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
20-25	---	1	---	1	---	---	2
26-30	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	---	---	1	---	---	1
36-40	---	---	---	1	---	1	2
41-45	---	---	---	1	---	1	2
46-50	---	---	1	---	---	---	1
Total	---	1	1	4	---	2	8

- a) A totalidade de colaboradores relata que as solicitações e cobranças são feitas em relação às crianças e jovens

É possível observar a partir da Tabela 6.13 que a totalidade de colaboradores (N= 8) relata que em seu ambiente de trabalho as cobranças são feitas em relação às crianças e jovens. Essas cobranças são em relação ao cuidado com a saúde das crianças (N= 7), ao cuidado com o que falam para as crianças (N= 3), para não as deixarem sozinhas (N= 2) e para não deixar as crianças usarem roupas rasgadas (N= 1). Essas cobranças são feitas principalmente pelo coordenador geral do abrigo como mostrado na Tabela 6.14, que provavelmente tem a função de supervisionar diretamente o trabalho dos demais colaboradores. Há a preocupação, por parte do coordenador geral e dos colaboradores, de realizar um controle das variáveis que fazem parte de seu trabalho. É provável que os colaboradores tenham algum controle sobre as atividades a serem realizadas, no entanto, será que esses colaboradores têm uma definição clara das atividades que precisam realizar? A maioria dos colaboradores como pode ser visto na Tabela 6.15 também indicou que as solicitações são feitas em relação aos cuidados que devem ter com as crianças. A Tabela 6.4 mostra que metade dos colaboradores trabalha a mais de 36 meses na instituição. Nenhum dos entrevistados trabalha a menos de seis meses. Isso sugere que talvez os

colaboradores não estejam cumprindo algumas atividades que envolvem os cuidados das crianças e jovens apesar de já estarem há algum tempo na organização. Uma outra possibilidade é que mesmo que os colaboradores já saibam de suas obrigações, as solicitações são feitas de forma burocrática para assegurar seu cumprimento e garantir um apropriado gerenciamento da instituição. Os relatos dos colaboradores acerca dos tipos de solicitações e o modo como são feitas apresentados na Tabela 6.16 indicam que há controle sobre suas atividades. A natureza das solicitações, das advertências e críticas que foram por eles relatadas, permite identificar que o controle sobre suas atividades ocorre em algum grau. A utilização de outros métodos de coletas de dados como, por exemplo, a observação direta, permitiria estudar outros aspectos e obter informações além das relatadas pelos colaboradores.

Na Tabela 6.17 aparece a indicação dos tipos de situação nas quais receberam críticas ou advertências. As críticas ou advertências estão relacionadas à falta (N= 4) e a troca de horários entre os colaboradores sem avisar à direção do abrigo (N= 4). Outros quatro colaboradores do gênero feminino indicaram que nunca receberam críticas ou advertências. Essas colaboradoras parecem não perceber a ocorrência de controle feita por meio de críticas e advertências. Elas podem não estar aptas a perceberem as influências as quais estão submetidas. No entanto, esse controle ocorre sutilmente pela solicitação de cumprimento de horários, faltas no trabalho e mesmo em relação às solicitações feitas com os cuidados das crianças. O controle coercitivo tem sido uma prática dominante nas diversas instituições das quais as pessoas fazem parte (famílias, empresas, escolas, prisões, orfanatos, asilos e outras). Em decorrência disso, as pessoas aprendem a controlar os demais com o objetivo de conseguir o que desejam (Sidman, 2001).

Ao modificar o tipo de controle exercido pelos dirigentes, é provável que os colaboradores formem uma nova visão sobre a unidade de abrigo, pois profissionais que trabalham à base de controle coercitivo são, geralmente, mais inflexíveis, menos criativos e pouco empreendedores (Sidman, 2001). Modificando o tipo de controle os colaboradores podem desenvolver competências de atuação mais eficazes. As faltas e as trocas de horários entre os funcionários podem diminuir, quando ocorrer à troca de coerção por gratificações de comportamentos desejados. Ambientes agradáveis, não produzem tentativas de fuga ou

esquiva (como, por exemplo, as faltas relatadas na Tabela 6.17). Isso geralmente ocorre em ambientes aversivos.

Quanto às situações que acontecem no ambiente de trabalho e deixam os trabalhadores constrangidos, é possível notar que elas podem gerar insegurança em relação ao trabalho dos colaboradores. São situações onde não conseguem informar, quando solicitadas, a respeito da situação das crianças, situações onde os pais das crianças as tratam sem respeito e outras que podem inclusive ser obstáculo para realizarem o que precisa ser feito. Ao observar o grau de ocorrência da frequência com que acontecem situações desse tipo na Tabela 6.19 é possível verificar que os colaboradores indicaram com maior frequência o grau as vezes.

Os pais das crianças também utilizam a coerção para obter o que desejam. Segundo relato das colaboradoras quando elas não atendem exigências do tipo (“quero levar meu filho embora”, “quero entrar para visitar”) são tratadas sem respeito. A única ação que lhes compete é de, em alguns casos, ter que chamar a polícia, o que envolve uma situação constrangedora para as crianças e colaboradores. Há um esforço, portanto, por parte das colaboradoras de fugir de situações que lhes são aversivas, atuando de modo a fazer coisas que lhes ofereçam segurança.

3. Características das atividades desempenhadas pelos colaboradores e o reconhecimento pelo trabalho executado

As Tabelas 6.20 a 6.23 apresentam as características das atividades desempenhadas pelos colaboradores bem como o reconhecimento recebido em seu ambiente de trabalho. A Tabela 6.20 apresenta a indicação das principais atividades que os colaboradores desempenham em seu ambiente de trabalho em diferentes faixas etárias. Do total de 19 respostas, seis indicaram a supervisão da alimentação das crianças. Quatro indicaram a supervisão da higiene e outras quatro a supervisão durante a recreação. Três respostas referem a supervisão das tarefas escolares e duas a supervisão da educação das crianças.

Tabela 6.20

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o gênero e ocorrência das principais atividades que desempenha em seu ambiente de trabalho em diferentes faixas etárias*

Idade	Tipo de atividade e gênero										Total
	Supervisão de tarefas escolares		Supervisão da alimentação		Supervisão da higiene		Supervisão da recreação		Supervisão da educação das crianças		
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
20-25	---	1	---	1	---	1	---	2	---	---	5
26-30	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	---	---	1	---	1	---	---	---	1	3
36-40	---	1	---	1	---	1	---	---	---	1	4
41-45	---	---	---	2	---	1	---	1	---	---	4
46-50	1	---	1	---	---	---	---	1	---	---	3
Total	1	2	1	5	---	4	1	3	---	2	19

Nota: Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado.

Na Tabela 6.21 está apresentada a indicação da ocorrência do tipo de coisas que os colaboradores fazem no ambiente de trabalho e são reconhecidas como positivas e negativas. Em relação ao tipo de coisas consideradas positivas há a indicação de oito respostas em relação à atenção que os colaboradores fornecem às crianças. Duas respostas

indicam como aspecto positivo o tratamento existente entre os colaboradores e uma indica o estado de higiene do abrigo. Quanto aos aspectos negativos aparece o falar alto ou gritar com as crianças com cinco indicações, três relatam como aspecto negativo quando as crianças são deixadas sozinhas na recreação e há também uma indicação referindo quando ocorrem sugestões feitas pelos homens que trabalham na unidade de abrigo.

Tabela 6.21

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o tipo de coisas que fazem no ambiente de trabalho e são reconhecidas como positivas e negativas, em diferentes faixas etárias*

Idade	Tipo de coisas reconhecidas como positivas			Tipo de coisas reconhecidas como negativas			Total	
	<u>Atenção fornecida às crianças</u>	<u>Tratamento existente entre colaboradores</u>	<u>Estado de higiene do abrigo</u>	<u>Falar alto ou gritar com as crianças</u>	<u>Quando há sugestão de algo vindo dos homens</u>	<u>Quando crianças ficam na recreação sozinhas</u>	<u>Total positivas</u>	<u>Total negativas</u>
20-25	2	1	---	1	---	2	3	3
26-30	---	---	---	---	---	---	---	---
31-35	1	---	---	1	---	---	1	1
36-40	2	---	---	1	---	1	2	2
41-45	2	---	---	2	---	---	2	2
46-50	1	1	1	---	1	---	3	1
Total	8	2	1	5	1	3	11	9

Nota: Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado

A Tabela 6.22 apresenta a indicação de quem realiza o reconhecimento pelo trabalho dos colaboradores desempenhado na unidade de abrigo. Das 14 respostas, seis indicam que as pessoas responsáveis pelo reconhecimento de seu trabalho são os dirigentes do abrigo. Três indicam que o reconhecimento é feito pelo coordenador geral do abrigo. Outros três indicam que são reconhecidos pelas crianças e jovens do abrigo e duas respostas indicam os colegas de trabalho como responsáveis pelo reconhecimento.

Tabela 6.22

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores de acordo com o gênero e de acordo com quem realiza o reconhecimento pelo trabalho desempenhado na unidade de abrigo em diferentes faixas etárias*

Indicação das pessoas que realizam reconhecimento pelo trabalho									
Idade	Dirigentes do abrigo		Coordenador geral do abrigo		Crianças e jovens do abrigo		Colegas de trabalho		Total
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
20-25	---	1	---	1	---	1	---	1	4
26-30	---	---	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	1	---	1	---	---	---	---	2
36-40	---	2	---	---	---	---	---	---	2
41-45	---	1	---	1	---	1	---	---	3
46-50	1	---	---	---	1	---	1	---	3
Total	1	5	---	3	1	2	1	1	14

Nota: A ocorrência corresponde ao total de respostas dadas. Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado. A totalidade de sujeitos pesquisados informaram que a forma comum de reconhecimento pelo seu trabalho é verbal e ocorre por meio de elogios.

A indicação do grau de reconhecimento pelo trabalho que os colaboradores desempenham na unidade de abrigo é apresentado na Tabela 6.23. Quase a totalidade dos sujeitos (n=7) indicou o grau muito reconhecimento. Um sujeito indicou o grau de reconhecimento médio.

Tabela 6.23

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o gênero e o grau de reconhecimento pelo seu trabalho em diferentes faixas etárias

Idade	Grau do reconhecimento						Total
	<u>Muito reconhecimento</u>		<u>Médio reconhecimento</u>		<u>Pouco reconhecimento</u>		
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
20-25	---	1	---	1	---	---	2
26-30	---	---	---	---	---	---	---
31-35	---	1	---	---	---	---	1
36-40	---	2	---	---	---	---	2
41-45	---	2	---	---	---	---	2
46-50	1	---	---	---	---	---	1
Total	1	6	---	1	---	---	8

a) Há um alto grau de reconhecimento do trabalho executado pelos colaboradores do abrigo

A percepção que os colaboradores têm das atividades que desempenham na unidade de abrigo é que todas as atividades são voltadas às crianças e jovens. A Tabela 6.20 mostra que os colaboradores relataram como suas principais atividades supervisionar acontecimentos que fazem parte da rotina das crianças que vivem no abrigo (atividades escolares, recreação, higiene, educação). Parece que os colaboradores relataram essas atividades, pois a possibilidade de fazer atividades que melhorem o bem estar das crianças faz com que essas tenham um significado maior. Dessa forma, eles conseguem extrair satisfação e prazer de suas ações.

O tipo de coisas que fazem e são reconhecidas como positivas ou negativas aparece na Tabela 6.21. As coisas positivas referem acontecimentos ligados ao modo de estabelecer relações no trabalho. O modo como fornecem atenção às crianças, o modo como ocorre o tratamento entre os colaboradores e o modo como conservam o estado de higiene do abrigo. Novamente são reforçadas pelos agentes institucionais atividades que promovem o bem estar das crianças. As crianças e jovens estão sempre presentes no discurso dos

colaboradores, tanto em relação aos aspectos positivos como aos negativos (falar alto com as crianças, deixar elas sozinhas, opiniões masculinas) relatados na Tabela 6.24. A indicação do aspecto negativo “quando há sugestão de algo vindo dos homens” foi feita pelo único colaborador do gênero masculino entrevistado. Provavelmente, as colaboradoras em algumas situações não aceitam as sugestões de trabalho vindas dele. Podem estar considerando que por serem mulheres possuem maior habilidade para lidar com as crianças e jovens.

Quanto à pessoa responsável por realizar o reconhecimento pelo trabalho desempenhado na unidade de abrigo, é possível observar a partir da Tabela 6.22, que das 14 respostas, seis indicam que os dirigentes são os responsáveis, três que o reconhecimento é feito pelo coordenador geral, outros três que são reconhecidos pelas crianças e jovens do abrigo e duas respostas indicam os colegas de trabalho. Sendo assim, apesar de os dirigentes serem indicados como as pessoas que oferecem maior reconhecimento pelo trabalho dos colaboradores, é possível notar que os demais agentes também reconhecem seu trabalho. Em relação à indicação do grau de reconhecimento apresentado na Tabela 6.23 quase a totalidade dos sujeitos (N= 7) indicou o grau “muito reconhecimento” e um indicou o grau “médio reconhecimento”, demonstrando que os colaboradores recebem indicação de reforçadores positivos à medida que conseguem interagir com diferentes ambientes e com pessoas que são importantes para eles. (Sidman, 2001).

4. Características das exigências no trabalho

Os colaboradores realizaram algum tipo de treinamento para desempenhar sua função na unidade de abrigo? Quais são os imprevistos que ocorrem em seu ambiente de trabalho? O que é considerado positivo e negativo pelas pessoas que prestam atendimento às crianças? As Tabelas 6.24 a 6.26 apresentam essas características que fazem parte das exigências de trabalho nas unidades de abrigo. A Tabela 6.24 apresenta a indicação da ocorrência ou não ocorrência de treinamento para realizar a sua função no ambiente de trabalho em diferentes faixas etárias. É possível observar que a totalidade dos sujeitos indicou que não ocorreu treinamento para realizar a função que desempenha na unidade de abrigo.

Tabela 6.24

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o gênero e a ocorrência ou não ocorrência de treinamento para realizar a sua função no ambiente de trabalho em diferentes faixas etárias

Idade	Ocorrência de treinamento e gênero				Total
	<u>Sim</u>		<u>Não</u>		
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
20-25	---	---	---	2	2
26-30	---	---	---	---	---
31-35	---	---	---	1	1
36-40	---	---	---	2	2
41-45	---	---	---	2	2
46-50	---	---	1	---	1
Total	---	---	1	7	8

O tipo de imprevisto que ocorre no ambiente de trabalho dos colaboradores em diferentes faixas etárias pode ser visto na Tabela 6.25. Do total de 15 respostas, quatro indicaram a falta de produtos de limpeza ou alimentícios. Outros quatro indicaram como imprevisto a troca de horários entre os funcionários. Três relataram a falta de funcionários,

dois os acidentes com as crianças e dois relataram como imprevisto a chegada dos profissionais do conselho tutelar para retirar as crianças do abrigo.

Tabela 6.25

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o tipo de imprevisto que ocorre em seu ambiente de trabalho em diferentes faixas etárias*

Idade	Tipo de imprevisto					Total
	<u>Acidentes com as crianças</u>	<u>Falta de produtos de limpeza ou alimentícios</u>	<u>Falta de funcionários</u>	<u>Troca de horários entre funcionários</u>	<u>Profissionais do conselho tutelar que chegam para retirar as crianças</u>	
20-25	1	---	1	---	1	3
26-30	---	---	---	---	---	---
31-35	---	---	1	1	---	2
36-40	---	2	---	1	1	4
41-45	---	1	---	2	---	3
46-50	1	1	1	---	---	3
Total	2	4	3	4	2	15

Nota: Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado

Na Tabela 6.26 está apresentada a distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores de acordo com o tipo de coisas que fazem para resolver os imprevistos que ocorrem em seu ambiente de trabalho. Cinco das dez repostas, indicaram que os colaboradores pedem ajuda para outros colaboradores para tentar resolver os imprevistos. Três relataram cuidar das situações mais urgentes e duas respostas indicaram que fazem a comunicação aos responsáveis para tentar resolver os imprevistos.

Tabela 6.26

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o tipo de coisas que fazem para resolver os imprevistos que ocorrem em seu ambiente de trabalho em diferentes faixas etárias*

Idade	Tipo de coisas que fazem para resolver imprevistos			Total
	<u>Pedir ajuda para outras colaboradoras</u>	<u>Cuidar das situações mais urgentes</u>	<u>Comunicar aos responsáveis</u>	
20-25	1	1	---	2
26-30	---	---	---	---
31-35	1	---	---	1
36-40	1	1	1	3
41-45	1	1	---	2
46-50	1	---	1	2
Total	5	3	2	10

* Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado

- a) Não há treinamento para realizar as funções que os colaboradores desempenham na unidade de abrigo

O trabalho dos colaboradores nas unidades de abrigo exige uma série de ações que precisam ser praticadas para garantir um equilíbrio entre as necessidades básicas das crianças e o ambiente que lhes é oferecido. As ações dos agentes institucionais precisam considerar, principalmente, as características gerais da clientela atendida. Assim, aumentam as chances de haver um gerenciamento eficaz. Apesar de haver competências essenciais a serem desempenhadas, a Tabela 6.24 mostra que a totalidade dos sujeitos entrevistados não recebeu nenhum tipo de treinamento para realizar sua função. Provavelmente as colaboradoras chegam na unidade de abrigo e realizam seu trabalho tendo como modelo de atuação as demais colaboradoras ou realizam da forma como consideram mais apropriadas. Parece não haver a delimitação de quais ações deveriam ser praticadas pelas colaboradoras para que ocorra um atendimento adequado e melhore nas condições de vida da população que vive em unidades de abrigo.

Uma outra percepção possível em relação aos dados organizados é que os tipos de imprevistos que ocorrem mostrados na Tabela 6.25 interferem no funcionamento geral da Unidade de Abrigo. Os tipos de imprevistos relatados dizem respeito a falta de produtos de limpeza ou alimentícios (N= 4), a troca de horários entre os colaboradores (N= 4), a falta de funcionários (N= 3), os acidentes com as crianças (N= 2) e a chegada de profissionais do conselho tutelar para retirar as crianças do abrigo (N= 2). Esses imprevistos demonstram novamente que os colaboradores devem ser capazes de lidar com essas situações de forma apropriada. No entanto, parece não haver procedimentos que os auxiliem na tomada de decisões. Os tipos de coisas que fazem para resolver os imprevistos (Tabela 6.26), como pedir ajuda para outras colaboradoras (N= 5), cuidar das situações mais urgentes (N= 3), comunicar aos responsáveis (N= 2) não revelam ações específicas para a resolução dos problemas. O que os colaboradores deveriam ser capazes de fazer quando ocorre um acidente no abrigo com as crianças e jovens? Para treinar os colaboradores de uma instituição, é necessário ter claro o que eles devem fazer. Para definir este o que fazer, a instituição deve ter seus objetivos bem definidos e especificados (Botomé, 1981). Ainda de acordo com esse autor é importante ressaltar que as competências dos colaboradores devem atender as necessidades da população que está sendo atendida por meio de seus serviços.

5. As relações interpessoais no ambiente de trabalho

As Tabelas 6.27 a 6.30 apresentam os tipos e os graus das relações que ocorrem entre os agentes em seu ambiente de trabalho. Na Tabela 6.27 está indicado o grau de frequência dos tipos de relações que os colaboradores estabelecem com seus colegas de trabalho em diferentes faixas etárias. Sete sujeitos indicaram que sempre estabelecem relações agradáveis com seus colegas de trabalho. Um sujeito relatou que as vezes as relações são agradáveis. Oito sujeitos relataram que para o tipo de relação denominada indiferente e competitiva o grau de frequência é nunca.

Tabela 6.27

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o grau de frequência dos tipos de relações que estabelecem com seus colegas de trabalho em diferentes faixas etárias*

Idade	Grau de frequência e tipos de relações								
	Sempre			As vezes			Nunca		
	agradável	indiferente	competitiva	agradável	indiferente	competitiva	agradável	indiferente	competitiva
20-25	2	---	---	---	---	---	---	2	2
26-30	---	---	---	---	---	---	---	---	---
31-35	1	---	---	---	---	---	---	1	1
36-40	1	---	---	1	---	---	---	2	2
41-45	2	---	---	---	---	---	---	2	2
46-50	1	---	---	---	---	---	---	1	1
Total	7	---	---	1	---	---	---	8	8

Nota: Há uma resposta por sujeito pesquisado em relação ao grau de frequência de cada tipo de relação estabelecida com seus colegas de trabalho.

A indicação do grau de frequência do tipo de relação que os colaboradores estabelecem com as crianças e jovens que vivem no abrigo é apresentado na Tabela 6.28. Seis sujeitos relataram que sempre estabelecem relações agradáveis com as crianças e jovens. Dois sujeitos indicaram que as vezes as relações com as crianças são agradáveis. O tipo de

relação denominada indiferente e competitiva de acordo com a indicação dos colaboradores, nunca ocorrem.

Tabela 6.28

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o grau de frequência do tipo de relação que estabelecem com as crianças e jovens que vivem no abrigo em diferentes faixas etárias*

Idade	Grau de frequência e tipos de relações								
	Sempre			As vezes			Nunca		
	agradável	indiferente	competitiva	agradável	indiferente	competitiva	agradável	indiferente	competitiva
20-25	1	---	---	1	---	---	---	2	2
26-30	---	---	---	---	---	---	---	---	---
31-35	1	---	---	---	---	---	---	1	1
36-40	2	---	---	---	---	---	---	2	2
41-45	1	---	---	1	---	---	---	2	2
46-50	1	---	---	---	---	---	---	1	1
Total	6	---	---	2	---	---	---	8	8

Nota: Há uma resposta por sujeito pesquisado em relação ao grau de frequência de cada tipo de relação estabelecida com seus colegas de trabalho.

Na Tabela 6.29 pode ser vista a distribuição da quantidade de indicações de colaboradores de acordo com aspectos percebidos como positivos e negativos em relação ao relacionamento das pessoas que trabalham na unidade de abrigo com as que trabalham nas demais entidades de proteção de crianças. Quanto aos aspectos positivos, quatro indicaram quando ocorrem providências rápidas e outros quatro quando há a possibilidade de crianças maltratadas serem retiradas de casa. Três sujeitos indicaram a colaboração entre os funcionários. Em relação aos aspectos negativos, sete responderam a falta de informação e comunicação em relação à situação das crianças. Duas indicaram como aspecto negativo quando não há possibilidade de encaminhamentos para as crianças e uma a demora nos processos de adoção.

Tabela 6.29

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores de acordo com aspectos percebidos como positivos e negativos em relação ao relacionamento das pessoas que trabalham na unidade de abrigo com as que trabalham nas demais entidades de proteção de crianças, em diferentes faixas etárias*

Idade	Aspectos positivos			Aspectos negativos		
	<u>Colaboração entre os funcionários</u>	<u>Quando ocorrem providências rápidas</u>	<u>Quando retiram de casa crianças mal-tratadas</u>	<u>Falta de informação e comunicação em relação as crianças</u>	<u>Demora no processo de adoção</u>	<u>Quando não há encaminhamento para as crianças</u>
20-25	1	---	2	2	---	---
26-30	---	---	---	---	---	---
31-35	1	1	---	1	---	1
36-40	---	1	1	1	1	---
41-45	---	2	1	2	---	---
46-50	1	---	---	1	---	1
Total	3	4	4	7	1	2

Nota: Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado

A indicação da ocasião em que os colaboradores estabelecem contato com as demais entidades de proteção de crianças está apresentada na Tabela 6.30. Oito respostas indicam que a ocasião ocorre quando as crianças chegam na unidade de abrigo. Duas indicam a ocasião quando as crianças saem do abrigo e outras duas quando os profissionais chegam no abrigo nos finais de semana e as salas da diretoria estão fechadas. Uma resposta indica as reuniões e uma indica que durante as palestras é que estabelecem contatos.

Tabela 6.30

Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com a ocasião em que estabelecem contato com as demais entidades de proteção de crianças, em diferentes faixas etárias*

Idade	Ocasião em que estabelecem contato				
	<u>Quando as crianças chegam na unidade de abrigo</u>	<u>Quando as crianças saem da unidade de abrigo</u>	<u>Em reuniões</u>	<u>Em palestras</u>	<u>Quando chegam no abrigo nos finais de semana e as salas da diretoria estão fechadas</u>
20-25	2	---	---	---	---
26-30	---	---	---	---	---
31-35	1	1	---	---	---
36-40	2	---	---	---	1
41-45	2	---	---	---	1
46-50	1	1	1	1	---
Total	8	2	1	1	2

Nota: Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado

- a) Os colaboradores da unidade de abrigo estabelecem relações agradáveis em seu ambiente de trabalho

A partir dos resultados apresentados na Tabela 6.27, é possível notar que as relações dos colaboradores com seus colegas de trabalho são quase sempre agradáveis. Sete sujeitos indicaram que sempre estabelecem relações agradáveis com seus colegas. Apenas um sujeito indicou o grau as vezes. Para o tipo de relação denominada indiferente ou competitiva o grau de frequência de ocorrência é nunca. Na Tabela 6.28 também é possível notar que as relações que os colaboradores estabelecem com as crianças são quase sempre agradáveis (N= 6). Dois sujeitos indicaram o grau as vezes para o tipo de relação denominada agradável. As relações competitivas e indiferentes nunca ocorrem com as crianças. É possível perceber que ao menos aparentemente, os colaboradores estabelecem mais relações positivas do que negativas com as pessoas em seu ambiente de trabalho. Esse resultado pode estar indicando também, que os colaboradores possuem suporte social no ambiente de trabalho. De acordo com Soratto e Ramos (2000), o que fornece suporte social no trabalho são as relações estabelecidas entre as pessoas durante a realização de suas atividades produtivas. O auxílio que essas relações de amizade podem trazer minimizam a

sobrecarga de trabalho desses colaboradores. Soratto e Ramos (2000) também descreveram as decorrências da existência de suporte social. Esses autores mencionam, satisfação, melhores possibilidades de lidar com conflitos e com situações estressantes, melhores possibilidades de ajustamento e, conseqüentemente, melhores condições pessoais e de qualidade no trabalho. É preciso lembrar que outros aspectos também interferem no modo como as pessoas estabelecem relações. A existência de suporte social por si só, não garante condições de trabalho adequadas. Levando em consideração que esses colaboradores podem permanecer como mostrado na Tabela 6.5 de seis a 13 horas no mesmo ambiente de trabalho, é positivo que consigam manter uma boa convivência.

Na Tabela 6.29 pode ser vista a distribuição da quantidade de colaboradores de acordo com a indicação de aspectos percebidos como positivos e negativos em relação ao relacionamento das pessoas que trabalham na unidade de abrigo com as que trabalham nas demais entidades de proteção de crianças. Em relação aos aspectos positivos é possível notar que há a preocupação por parte dos colaboradores em proporcionar o bem estar das crianças por meio das medidas indicadas, tais como, tomar providências rápidas (N= 4), retirar crianças maltratadas de suas casas (N= 4) e a colaboração entre os colegas de trabalho, indicada por três sujeitos. Quanto aos aspectos negativos, sete colaboradores relatam a falta de informação em relação às crianças, dois relatam quando não há encaminhamento para as crianças e um a demora no processo de adoção.

Esses resultados sugerem que os colaboradores percebem as dificuldades encontradas pelos agentes responsáveis pelas crianças para administrar a situação das crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo. A falta de informação a respeito das crianças, indicada pelos colaboradores, pode ser um dos aspectos que dificulta o registro dos dados de forma suficiente e apropriada. As Tabelas 3.4 e 3.5, por exemplo, mostram a falta do registro da idade das crianças nos documentos do abrigo. Outros aspectos mencionados pelos colaboradores foram a demora nos processos de adoção e as dificuldades de encaminhamentos para as crianças. Weber (1998) ressalta que enquanto dura a espera das crianças nas unidades de abrigo para resolverem sua situação, elas ficam sujeitas às normas que regem as instituições que as abrigam e, desse modo, suscetíveis aos valores e a cultura veiculada pela entidade que tem como função protegê-las.

Os resultados apresentados na Tabela 6.30 mostram a ocasião em que os colaboradores estabelecem contato com os profissionais das demais entidades de proteção das crianças e adolescentes. As ocasiões indicadas revelam que esses contatos ocorrem principalmente em situações burocráticas. Praticamente os profissionais das demais entidades não estabelecem um tipo de relação com os colaboradores da unidade de abrigo que pudesse auxiliar em relação a alguns cuidados com as crianças. Esses profissionais poderiam, por exemplo, oferecer informações importantes que fogem do alcance das pessoas que trabalham diretamente com as crianças na instituição. No entanto, há poucas situações que promovem a troca entre essas pessoas. Oito respostas indicam que a ocasião ocorre quando as crianças chegam no abrigo. Duas indicam quando as crianças saem do abrigo e outras duas quando os profissionais vão ao abrigo nos finais de semana. Apenas uma resposta indica as reuniões e outra, durante as palestras.

7. Há características favoráveis e adversas nas condições de trabalho dos colaboradores da unidade de abrigo

Os dados apresentados permitem notar que quase a totalidade (N=7) de colaboradores que prestam atendimento às crianças e jovens são do gênero feminino, com faixa de idade e nível de escolaridade diversificados. Quanto às características de suas condições de trabalho, é possível perceber que há diferenças nessas condições relatadas pelos colaboradores. Alguns deles recebem horas extras de trabalho enquanto outros não recebem. A jornada de trabalho também é diversificada. A faixa de salário de um colaborador é mais alta (de três a quatro salários) que a dos demais colaboradores que recebem de um a dois salários mínimos. Alguns colaboradores (N=5) indicam receber suporte profissional para realizar seu trabalho, enquanto outros três indicam não haver suporte profissional. Em relação ao grau de satisfação com o seu trabalho, os colaboradores dizem possuir um alto grau de satisfação. Parece que as crianças e jovens oferecem significado para seu trabalho, aumentando a motivação dos colaboradores.

As solicitações e cobranças feitas aos colaboradores estão relacionadas aos cuidados que devem ter com a saúde, com a educação, com a alimentação e com os cuidados diários (roupas, higiene) das crianças e jovens. O responsável por fazer essas solicitações e cobranças é principalmente o coordenador geral da unidade de abrigo. Outro aspecto a destacar é que algumas colaboradoras parecem não perceber o controle que é exercido sobre o seu trabalho. Quatro colaboradoras disseram que nunca receberam críticas ou advertências em relação ao seu trabalho. No entanto, as exigências para cumprir os horários, para não ocorrer faltas e também as exigências em relação às crianças e jovens podem ser consideradas uma forma de controle. Para Sidman (2001) o controle coercitivo tem sido uma prática dominante nas diversas instituições das quais as pessoas fazem parte (famílias, escolas, prisões, orfanatos e outras).

Há situações que acontecem no ambiente de trabalho dos colaboradores e provocam sentimento de insegurança no seu trabalho. Essas situações acontecem quando os colaboradores não conseguem obter e nem informar a respeito da situação das crianças e jovens que vivem no abrigo, ou quando são tratadas com desrespeito pelos pais dos abrigados. As crianças e jovens estão sempre presentes no discurso dos colaboradores, tanto em relação aos aspectos positivos relatados como em relação aos negativos. Quanto ao reconhecimento pelo trabalho executado, os dirigentes são os indicados como os que oferecem maior reconhecimento. No entanto, outras pessoas envolvidas que fazem parte da unidade de abrigo também oferecem reconhecimento (os colaboradores, as crianças). Quase a totalidade de sujeitos (N= 7) indicou o grau “muito reconhecimento” pelo seu trabalho.

Outro resultado que merece destaque é que os colaboradores da unidade de abrigo relataram não realizaram nenhum treinamento para desempenharem suas atividades. Além disso, parece não haver a delimitação de quais ações deveriam ser praticadas pelas colaboradoras para que ocorra um atendimento adequado e melhore nas condições de vida da população abrigada. Há também alguns imprevistos que ocorrem e dificultam a ação dos colaboradores do abrigo como a falta de produtos de limpeza ou alimentícios, a troca de horários entre os colaboradores, os acidentes com as crianças. O que os colaboradores precisam ser capazes de fazer para resolver esses imprevistos e atender as necessidades da população que é atendida por meio dos serviços prestados?

Quanto às relações interpessoais no ambiente de trabalho é possível notar que os colaboradores da unidade de abrigo estabelecem relações agradáveis entre eles. Também estabelecem relações agradáveis com as crianças e jovens. Sendo assim, estabelecem mais relações positivas do que negativas com as pessoas em seu ambiente de trabalho. Apesar do tipo de relação estabelecida ser um aspecto positivo, outros aspectos relatados pelos colaboradores mostram as dificuldades encontradas para administrar a situação dos jovens como a falta de informação a respeito das crianças, a demora no processo de adoção, as dificuldades em realizar os encaminhamentos e o pouco contato existente entre os colaboradores e profissionais de outras entidades de proteção. É preciso, portanto, administrar as contingências existentes para que as pessoas envolvidas com o trabalho nessas instituições possam analisar e intervir em uma realidade complexa, tal como é a realidade das unidades de abrigo. Ao considerar a realidade dessas instituições, encontramos as crianças e jovens que possuem um modo de vida diferenciado do padrão estabelecido socialmente. No próximo capítulo está apresentada a percepção das crianças e jovens que possuem como principal espaço de convivência as unidades de abrigo.

CARACTERÍSTICAS DO RELATO DAS CRIANÇAS E JOVENS QUE VIVEM NA UNIDADE DE ABRIGO

As crianças e jovens que permanecem em tempo integral internadas em unidades de abrigo estão impedidas de retornarem temporariamente ao convívio familiar. Assim, estão impedidas de experienciar a vida dentro de um núcleo familiar. O internamento em unidades de abrigo têm sido a principal solução encontrada para proteger essa população (Guirado, 1986). É preciso um conhecimento que possibilite delimitar as condições existentes no âmbito da institucionalização infantil, já que o encaminhamento para o abrigo, em muitas dessas situações é a única medida de proteção existente e talvez possa ser melhorado, com conhecimentos apropriados. As crianças chegam a instituições desse tipo por motivos diversos: maus-tratos, falta de condições materiais, exploração, práticas de atos infracionais, entre outros. É importante conhecer o que essas crianças e jovens têm a dizer sobre sua situação.

Nesse capítulo serão analisados os relatos das crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo. A análise dessas características fornece informações importantes a respeito da percepção das crianças e jovens que possuem como espaço de convivência as unidades de abrigo. Além dos resultados apresentados nos outros capítulos, os resultados das entrevistas permitem identificar características gerais das crianças como, gênero, faixa etária, nível de escolaridade, estado de origem e o motivo pelo qual está no abrigo. Também são apresentados dados referentes aos aspectos percebidos pelas crianças como positivos e negativos e outros em relação as atividades desempenhadas e as visitas recebidas durante o período que estão na instituição.

1. Características gerais das crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo

As Tabelas 7.1 a 7.3 apresentam as características gerais das crianças e jovens, tais como, faixa etária, gênero, nível de escolaridade, estado de origem e motivo pelo qual está morando no abrigo. A Tabela 7.1 apresenta a distribuição da quantidade de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo de acordo com o gênero e nível de escolaridade, em diferentes faixas etárias. É possível perceber que do total de dez crianças, duas possuem idade entre sete e oito anos e são do gênero masculino. Outras duas têm entre nove e dez, sendo uma menina e um menino. Quatro crianças estão na faixa de idade dos 11 aos 12. Dessas, dois são do gênero masculino e duas do feminino.

Há também duas crianças com idade entre 13 e 14 anos, sendo uma menina e um menino. Três crianças estão freqüentando a terceira série com idade entre 11 e 12 anos. A quinta série é freqüentada também por três crianças, uma com idade entre 11 e 12 e duas com idade entre 13 e 14. Duas crianças estão na primeira série, uma com idade entre sete e oito e outra entre nove e dez. Há também uma criança na segunda série com idade entre sete e oito e outra na quarta série com idade entre nove e dez anos.

Tabela 7.1
Distribuição da quantidade de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo de acordo com o gênero e nível de escolaridade, em diferentes faixas etárias

Idade	Nível de escolaridade e gênero										Total
	1º série		2º série		3º série		4º série		5º série		
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
7 - 8	1	---	1	---	---	---	---	---	---	---	2
9- 10	1	---	---	---	---	---	---	1	---	---	2
11-12	---	---	---	---	2	1	---	---	---	1	4
13-14	---	---	---	---	---	---	---	---	1	1	2
Total	2	---	1	---	2	1	---	1	1	2	10

O estado de origem e o gênero das crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo podem ser observado na Tabela 7.2. É possível notar que a totalidade das crianças entrevistadas indicou possuir como estado de origem Santa Catarina.

Tabela 7.2

Distribuição da quantidade de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo por estado de origem e gênero em diferentes faixas etárias

Idade	Estado de origem e gênero						Total
	Santa Catarina		Paraná		Rio Gde.do Sul		
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
7- 8	2	---	---	---	---	---	2
9-10	1	1	---	---	---	---	2
11-12	2	2	---	---	---	---	4
13-14	1	1	---	---	---	---	2
Total	6	4	---	---	---	---	10

A Tabela 7.3 apresenta a distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo segundo o motivo pelo qual está morando na instituição, em diferentes faixas etárias. Do total de dez crianças entrevistadas, seis relataram como motivo de estar no abrigo o fato de os pais beberem, usarem drogas ou baterem nas crianças. Dois sujeitos indicaram como motivo a mãe estar presa. Um sujeito relatou que a mãe não tem casa para morar e outro diz não saber o motivo pelo qual está na unidade de abrigo.

Tabela 7.3

Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo segundo o motivo pelo qual está morando na instituição, em diferentes faixas etárias

Idade	Motivo				Total
	<u>Pai bebe, usa droga e bate nas crianças</u>	<u>Mãe não tem casa para morar</u>	<u>Mãe foi presa</u>	<u>Não sabe</u>	
7- 8	2	---	---	---	2
9-10	---	---	1	1	2
11-12	2	1	1	---	4
13-14	2	---	---	---	2
Total	6	1	2	1	10

a) As crianças e jovens apresentam nível de escolaridade incompatível com suas idades

As características gerais das crianças e jovens apresentadas na Tabela 7.1 mostram que a maioria (N= 4) das crianças e jovens entrevistados possui de 11 a 12 anos de idade. As demais faixas etárias das crianças entrevistadas possuem uma distribuição homogênea. Outra característica é que os informantes são em maioria (N= 6) do gênero masculino. Há também quatro meninas. Quanto ao estado de origem, as dez crianças indicaram ser de Santa Catarina (Tabela 7.2). Em relação ao nível de escolaridade, é possível observar que há crianças que poderiam estar freqüentando séries mais avançadas. Três crianças freqüentam a terceira série do ensino básico e tem idade entre 11 e 12 anos. Ainda há duas crianças com idade entre 13 e 14 anos que freqüentam a quinta série e que poderiam estar freqüentando a sétima ou oitava série. Provavelmente, essas crianças tiveram em seu histórico escolar e histórico de vida dificuldades que as impediram de estar acompanhando outras crianças de sua idade. Weber e Kossobudski (1996) ao examinarem as decorrências da institucionalização mostram que a criança institucionalizada apresenta déficit em seu desenvolvimento motor, em sua linguagem e no desenvolvimento social e intelectual geral. Para essas autoras, as crianças não possuem oportunidades de construir uma identidade pessoal, com auto conceito positivo e estabilidade emocional. Rizzini (1997) também avalia

que a institucionalização causa mais danos do que benefícios para a maioria das crianças institucionalizadas, devido a algumas características do ambiente institucional: limitação da convivência social, invariabilidade do ambiente físico e de grupo de companheiros, vigilância contínua e falta de autonomia.

É importante ressaltar ainda, que quando o encaminhamento dessas crianças vem acompanhado de uma história de vitimização sofrida na família de origem, esses prejuízos podem ser agravados em algum grau. Na Tabela 7.3 é mostrado segundo a percepção das crianças, o motivo pelo qual está morando no abrigo. Seis crianças indicaram que vivem no abrigo, pois seu pai bebe, usa drogas ou bate nelas. Duas relataram que a mãe está presa, uma que não tem lugar para morar e outra não sabe indicar. É possível perceber que há em suas vidas eventos vitimizadores. Assim, o ambiente institucional deve funcionar de modo a preservar as características individuais e sociais saudáveis, não sendo mais um aspecto negativo em suas vidas (Rizzini, 1997).

2. Aspectos positivos e negativos da unidade de abrigo de acordo com a percepção das crianças e jovens

Os aspectos percebidos como positivos e negativos pelas crianças e jovens em relação à unidade de abrigo, aos colaboradores e aos colegas são apresentados nas Tabelas 7.4 a 7.6. A indicação feita pelas crianças dos aspectos positivos e negativos da unidade de abrigo é apresentada na Tabela 7.4. É possível perceber quatro crianças indicaram como aspecto positivo os amigos que moram com eles na unidade de abrigo. Três indicaram o comer o que gosta e outros três o brincar. Quanto aos aspectos negativos, sete relataram a briga com os colegas, dois comer o que não gosta e um o fato de ter que dormir sem roupa de cama.

Tabela 7.4

Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens segundo a percepção dos aspectos positivos e negativos da unidade de abrigo, em diferentes faixas etárias

Idade	<u>Aspectos positivos</u>			<u>Aspectos negativos</u>		
	Comer o que gosta	Os amigos	Brincar	Comer o que não gosta	Dormir sem roupa de cama	Brigar com amigos
7- 8	1	---	1	---	1	1
9-10	1	1	---	---	---	2
11-12	1	2	1	1	---	3
13-14	---	1	1	1	---	1
Total	3	4	3	2	1	7

O que agrada as crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo em relação aos colaboradores e em relação aos colegas do abrigo está apresentado na Tabela 7.5. Em relação aos colegas o que agrada é brincar juntos, indicado por seis crianças. Quatro relatam que agrada os colegas serem legais, divertidos e um indica que agrada quando algum colega lhe oferece lanche. Quanto ao que agrada em relação aos colaboradores, quatro crianças relatam que gostam quando elas não brigam com eles, três indicam que

gostam quando elas os deixam brincar e outras três indicam o fato das colaboradoras serem legais.

Tabela 7.5

Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens segundo o que os agrada em relação aos colaboradores e em relação aos colegas do abrigo, em diferentes faixas etárias*

Idade	O que agrada quanto aos colegas			O que agrada quanto aos colaboradores		
	Brincar juntos	Eles serem legais, divertidos	Quando eles oferecem seu lanche	Eles serem legais	Quando deixam brincar	Quando elas não brigam c/ eles
7- 8	2	---	1	1	---	1
9-10	2	---	---	---	1	1
11-12	2	2	---	2	1	1
13-14	---	2	---	---	1	1
Total	6	4	1	3	3	4

Nota: Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado.

Na Tabela 7.6 é possível notar a distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens segundo o que os desagrada em relação aos colaboradores e em relação aos colegas do abrigo. O que os desagrada em relação aos colegas é quando eles brigam, indicado por seis crianças. Quatro dizem que os desagrada quando os colegas falam palavrões e um quando os colegas os empurram. Quanto aos colaboradores, seis crianças relatam não saber o que os desagrada em relação aos colaboradores. Três indicam que não gostam quando eles brigam entre si e as colaboradoras os colocam de castigo. Uma criança indica que não gosta quando as colaboradoras pedem para ser ajudadas no abrigo.

Tabela 7.6

Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens segundo o que os desagrada em relação aos colaboradores e em relação aos colegas do abrigo, em diferentes faixas etárias*

Idade	O que desagrada quanto aos colegas			O que desagrada quanto aos colaboradores		
	Quando brigam	Quando eles falam palavrão	Quando eles empurram	Não sabe	Quando brigam e colocam de castigo	Quando elas pedem ajuda para trabalhar no abrigo
7- 8	1	---	1	2	---	---
9-10	1	1	---	1	1	---
11-12	3	2	---	2	2	---
13-14	1	1	---	1	---	1
Total	6	4	1	6	3	1

Nota: Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado.

- a) Os principais reforçadores que as crianças têm à sua disposição no abrigo são o comer, o brincar e os colegas

Os aspectos positivos e negativos percebidos pelas crianças em relação a unidade de abrigo são apresentados na Tabela 7.4. Na Tabela 7.5 são apresentados o que agrada as crianças em relação aos colegas e colaboradores. É possível notar que as indicações positivas feitas tanto na Tabela 7.4 como na 7.5 referem situações cotidianas que fazem parte da rotina das crianças. O comer, o brincar e os colegas do abrigo. São essas as situações concretas e os principais reforçadores que as crianças têm à sua disposição na unidade de abrigo. A indicação positiva dos colegas provavelmente ocorre porque as crianças podem estabelecer entre si o que Carvalho (2002) denominou de rede suportiva de apoio. O fato de as crianças institucionalizadas receberem cuidados de diferentes pessoas dificulta a formação de vínculos estáveis entre os adultos e elas. Assim, as crianças tendem a desenvolver comportamentos em relação ao grupo de companheiros que fortalecem suas relações. Freud e Burlinghan (1954), ressaltam que o sistema interacional criança-criança,

ainda que não seja suficiente para superar o sistema adulto-criança, pode ser um elemento facilitador de suas relações sociais.

As indicações negativas apresentadas na Tabela 7.4 mostram que sete crianças indicaram brigar com os amigos, duas indicaram comer o que não gosta e uma ter que dormir sem roupa de cama. As brigas também relatadas na Tabela 7.6 como um aspecto que desagrada na relação com os colegas, provavelmente ocorrem com frequência alta, pois suas solicitações muitas vezes não podem ser atendidas pelos seus colegas. Disputas por brinquedos, disputa entre meninos e meninas, disputa por atenção das colaboradoras e outras, devem provocar atritos entre eles. Quanto à indicação de duas crianças de comer o que não gosta, isso deve ocorrer quando o cardápio servido nas refeições não atende suas expectativas quanto à alimentação. A indicação de uma criança de dormir sem roupa de cama pode estar relacionada à falta de recursos financeiros que às vezes ocorre, indicada pelos dirigentes na Tabela 5.5.

Quanto ao que desagrada as crianças em relação aos colaboradores é possível perceber que a maioria das crianças (N= 6) não sabe informar. Três dizem que as desagrada quando são colocadas de castigo e uma quando elas pedem ajuda para trabalhar no abrigo. As crianças que disseram não saber o que as desagrada, será que elas ficaram com receio de indicar, apesar da pesquisadora lembrar que as respostas não eram repassadas para ninguém do abrigo?

3. As atividades escolares das crianças e jovens do abrigo

A indicação feita pelas crianças dos locais disponíveis no abrigo para realizarem suas tarefas escolares está apresentado na Tabela 7.7. Quatro crianças indicam que podem realizar suas tarefas escolares no refeitório. Três crianças indicam a sala, duas o quarto e uma relata não estudar durante o período que está no abrigo.

Tabela 7.7

Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo segundo os locais disponíveis no abrigo para realizarem suas tarefas escolares, em diferentes faixas etárias

Idade	<u>Locais disponíveis para realizar tarefas escolares</u>				Total
	<u>Quarto</u>	<u>Sala</u>	<u>Refeitório</u>	<u>Não estuda no abrigo</u>	
7- 8	1	---	1	---	2
9-10	1	1	---	---	2
11-12	---	1	3	---	4
13-14	---	1	---	1	2
Total	2	3	4	1	10

Na Tabela 7.8 está apresentada a distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo de acordo com as pessoas que os auxiliam nas atividades escolares. Das 13 respostas, sete indicaram que os colaboradores ajudam nas tarefas escolares. Quatro crianças relataram que são ajudadas pelos colegas e duas dizem que ninguém as ajuda a realizar as tarefas escolares.

Tabela 7.8

Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo de acordo com as pessoas que os auxiliam nas atividades escolares feitas no abrigo, em diferentes faixas etárias*

Idade	<u>Pessoas que os ajudam nas atividades escolares</u>			Total
	<u>Ninguém ajuda</u>	<u>Colaboradores</u>	<u>Colegas</u>	
7- 8	---	2	1	3
9-10	---	3	1	4
11-12	1	1	2	4
13-14	1	1	---	2
Total	2	7	4	13

* Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado.

Na Tabela 7.9 aparece a indicação do grau da frequência de ocorrência com que as pessoas que trabalham no abrigo auxiliam as crianças em suas atividades escolares feitas na instituição. Seis crianças relatam ser ajudadas as vezes, três sempre e uma relata nunca ter sido ajudada em suas tarefas escolares.

Tabela 7.9

Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo segundo o grau da frequência de ocorrência com que as pessoas os auxiliam nas atividades escolares feitas no abrigo, em diferentes faixas etárias

Idade	Frequência de ocorrência			Total
	<u>Sempre</u>	<u>As vezes</u>	<u>Nunca</u>	
7- 8	1	1	---	2
9-10	1	1	---	2
11-12	1	3	---	4
13-14	---	1	1	2
Total	3	6	1	10

a) As crianças não possuem um local fixo para realizarem suas atividades escolares

Os locais disponíveis no abrigo para realizarem suas tarefas escolares aparecem na Tabela 7.7. Quatro crianças indicaram que podem realizar suas tarefas escolares no refeitório. Três indicam a sala de estar, duas o quarto e uma relata não estudar durante o período que está no abrigo. A partir desses resultados é possível notar que as crianças e jovens não possuem um local fixo para realizar suas tarefas escolares. Parece que cada uma pode escolher o local que deseja dependendo da situação de cada ambiente no abrigo. No entanto, não há tanto no quarto dos meninos quanto no quarto das meninas (Ver Tabelas 4.2 e 4.3) móveis que poderiam facilitar a realização de suas tarefas escolares. Assim, parece que os locais mais apropriados, no abrigo, para as crianças realizarem suas atividades escolares são a sala e o refeitório, pois como mostrado nas Tabelas 4.5 e 4.10 há mesas nesses ambientes. A criança que indicou não estudar deve estar referindo que não executa suas atividades escolares no abrigo, pois a frequência escolar é obrigatória para todas as crianças, inclusive as abrigadas.

Na Tabela 7.8 é possível verificar que as crianças possuem ajuda de diferentes pessoas para realizarem suas atividades escolares. Das 13 respostas, sete indicaram os colaboradores, quatro que são ajudadas pelos colegas e duas que ninguém as ajuda a realizar suas atividades. Quanto ao grau de frequência da ocorrência da ajuda, seis crianças dizem que às vezes são ajudadas, três que sempre e uma que nunca recebeu auxílio. Esse grau de auxílio às tarefas escolares deve sofrer influência de outras variáveis envolvidas no trabalho dos colaboradores. É possível que nem sempre, no momento que as crianças solicitam e precisam de ajuda, elas possam ser atendidas em suas expectativas. Também é possível notar que não existe, ao menos algumas vezes na semana, uma ajuda especializada para as crianças, como pedagogas ou outros profissionais. Os dirigentes do abrigo indicaram na Tabela 5.10 que existe o atendimento pedagógico no abrigo. No entanto, esse atendimento parece acontecer somente quando há dificuldades escolares mais graves apresentadas pelas crianças.

4. Outras atividades realizadas pelas crianças e as pessoas que os visitam no abrigo

As atividades desenvolvidas durante o dia pelas crianças e jovens no abrigo e as pessoas que as visitam na instituição estão apresentadas nas Tabelas 7.10 a 7.13. Na Tabela 7.10 é apresentada a distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo segundo o tipo de atividade desenvolvida durante o dia no abrigo. Oito crianças em todas as faixas etárias pesquisadas indicam como atividade de assistir T.V. Três indicam o brincar de correr e outras três desenhar ou brincar com jogos. Duas crianças indicam o jogar bola e uma indica como atividade o dançar.

Tabela 7.10

Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo segundo o tipo de atividade desenvolvida durante o dia no abrigo, em diferentes faixas etárias*

Idade	Tipo de atividade					Total
	<u>Assistir T.V</u>	<u>Brincar de correr</u>	<u>Dançar</u>	<u>Jogar bola</u>	<u>Desenho ou jogos</u>	
7- 8	2	---	---	---	1	3
9-10	2	1	---	1	1	5
11-12	3	2	---	---	---	5
13-14	1	---	1	1	1	4
Total	8	3	1	2	3	17

* Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado.

A distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo segundo a frequência de ocorrência do tipo de atividade desenvolvida durante o dia no abrigo está apresentada na Tabela 7.11. É possível notar que 20 respostas indicam o grau sempre, 19 o grau as vezes e 11 o grau nunca. O assistir T.V com oito respostas no grau sempre e o dançar com cinco respostas também no grau sempre, aparecem com maior quantidade de indicações que as demais atividades. Em relação ao grau as vezes, o brincar de correr (n=6) e o jogar bola (n=4) são as atividades que aparecem com maior quantidade de indicações. Quanto ao grau nunca, a maior quantidade de indicações aparecem no jogar bola ou brincar de desenhar com quatro respostas.

Tabela 7.11

Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo segundo a frequência de ocorrência do tipo de atividade desenvolvida durante o dia no abrigo

Atividade	Frequência de ocorrência		
	<u>Sempre</u>	<u>As vezes</u>	<u>Nunca</u>
Assistir T.V	8	2	---
Brincar de correr	3	6	1
Dançar	5	3	2
Jogar bola	1	5	4
Desenho ou jogos	3	3	4
Total	20	19	11

A indicação feita pelas crianças ou jovens das pessoas que os visitam no abrigo está apresentada na Tabela 7.12. Uma criança relata que pessoas da família a visitam, enquanto três indicam os amigos e outras seis afirmam não receber visitas. Há também duas crianças que indicam receber a visita dos pais.

Tabela 7.12
Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo segundo as pessoas que os visitam na instituição, em diferentes faixas etárias*

Idade	<u>Pessoas que os visitam</u>				Total
	<u>Os pais</u>	<u>Os amigos</u>	<u>Os familiares</u>	<u>Não recebe visita</u>	
7- 8	---	1	---	2	3
9-10	---	---	1	1	2
11-12	1	2	---	2	5
13-14	1	---	---	1	2
Total	2	3	1	6	12

* Há mais de uma resposta por sujeito pesquisado.

Na Tabela 7.13 é apresentada a distribuição da quantidade de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo por faixa etária, segundo a indicação feita por eles se gostam ou não gostam das visitas que recebem na instituição. É possível observar que a totalidade das crianças afirmaram gostar de receber as visitas na unidade de abrigo.

Tabela 7.13
Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo por faixa etária, segundo a avaliação feita por eles se gostam ou não gostam das visitas que recebem na instituição

Idade	<u>Faixa etária</u>				Total
	<u>7-8</u>	<u>9-10</u>	<u>11-12</u>	<u>13-14</u>	
Sim	2	2	4	2	10
Não	---	---	---	---	---
Total	2	2	4	2	10

- a) A principal atividade realizada no abrigo segundo o relato das crianças é assistir T.V
A maioria das crianças entrevistadas não recebe visitas

De acordo com os resultados da Tabela 7.10, há a indicação de oito crianças e jovens que relatam como uma de suas atividades no abrigo assistir T.V. Três indicam o brincar de correr e outras três desenhar ou brincar com jogos. Ainda há duas crianças que indicam jogar bola e uma criança o dançar. Sendo assim, parece que as crianças e jovens no abrigo realizam atividades de natureza diversas. É importante observar na Tabela 7.11 que a totalidade de crianças e jovens entrevistados (N= 10) indicou como grau de freqüência de ocorrência da atividade assistir T.V o sempre (N= 8) e o às vezes (N= 2). Em relação aos demais dados da Tabela 7.11 parece que em relação as demais a atividade principal das crianças é o assistir T.V.

Em relação às pessoas que os visitam no abrigo, a Tabela 7.12 mostra que uma resposta indica os familiares, três indicam os amigos, outras seis dizem não receber visitas e duas recebem visita dos pais. Provavelmente as crianças que não recebem visitas, ou seus pais estão proibidos por meio de ordem judicial de entrarem no abrigo, ou estão na prisão, ou em outra situação que faz com que não venham rever seus filhos. Além disso, de acordo com Weber (1998) mesmo estando institucionalizadas, sem receber visitas de seus familiares, tendo poucos vínculos sociais, não são consideradas oficialmente abandonadas, e, com isso, os pais não são destituídos do pátrio poder. Outro aspecto é que essas crianças não podem receber um outro tipo de encaminhamento como, por exemplo, a adoção.

Na Tabela 7.13 é possível perceber que a totalidade das crianças (N= 10) afirma gostar de receber as visitas no abrigo. As visitas devem configurar o momento em que elas têm a oportunidade de preservar alguns vínculos com as pessoas que originalmente tinham contato. As características presentes na unidade de abrigo segundo Guirado (1986) e Alves (2000) não são suficientes para substituírem o papel da família, onde as relações são de outro tipo e as oportunidades de convivência com afeto são alargadas. Weber e Kossobudski (1996) realizaram um estudo com a totalidade de crianças e adolescentes em regime de internamento no Estado do Paraná. Revelaram que 70 % das crianças nunca receberam visitas e outros 30 % receberam somente no início do período de internamento.

Dessa forma, passam parte de sua infância sem ter uma família, uma necessidade fundamental assegurada nas garantias constitucionais e estatutárias.

5. O relato das crianças revela que há no ambiente institucional situações que elas gostariam de evitar

Os dados apresentados revelam que as crianças entrevistadas (N= 4) possuem idades entre sete e 14 anos. A maioria delas (N= 4) tem de 11 a 12 anos de idade e são do gênero masculino. Todas as crianças disseram possuir como estado de origem Santa Catarina. Foi observado também em relação ao nível de escolaridade que algumas crianças provavelmente tiveram em seu histórico de vida e escolar dificuldades que não as permitiram frequentar séries escolares mais avançadas. Quanto a percepção das crianças e jovens do motivo pelo qual está morando no abrigo são relatadas por elas situações que mostram a ocorrência de eventos de vida vitimizadores (pai bebe, usa drogas, mãe está presa, não tem lugar para morar).

As indicações dos aspectos negativos revelam que há no ambiente institucional acontecimentos que as crianças e jovens gostariam de evitar ou fugir. Os aspectos relatados por eles são as brigas, ter que comer o que não gosta e ter que dormir sem roupa de cama. De acordo com Sidman (2001) situações aversivas produzem, em geral, reações de medo e ansiedade. Ainda segundo esse autor essas reações são observadas em situações nas quais os indivíduos são submetidos a situações aversivas, produzindo comportamentos de fuga e esquiva, raiva, contra-ataque, ressentimento e outras. Outro aspecto que pode estar relacionado a situações aversivas é o fato de algumas crianças e jovens (N= 6) não saberem dizer o que os desagrada em relação aos colaboradores. Isso também pode estar relacionado a reações de medo e, portanto, não conseguem dizer o que os incomoda. Os próprios colaboradores podem estar se tornando agentes punitivos para as crianças e jovens e a tendência então, é que eles fujam ou evitem contato.

Em relação aos locais disponíveis no abrigo para as crianças realizarem suas tarefas escolares, foi possível perceber que não há um local determinado para essa atividade. Parece que as crianças e jovens possuem ajuda de diferentes pessoas para realizarem suas

tarefas escolares, no entanto, essa ajuda não ocorre sempre que elas necessitam. As crianças e jovens realizam outras atividades na unidade de abrigo. A realizada com maior frequência pelos jovens é o assistir T.V quando comparada com as demais atividades (brincar de correr, brincar com jogos, brincar com bola, dançar ou desenhar). Também no abrigo os jovens podem e gostam (Tabela 7.13) de receber visitas de familiares, amigos e pessoas da comunidade. No entanto, a maioria deles (N= 6) afirmou não receber visita de ninguém.

AS CARACTERÍSTICAS DAS CONDIÇÕES DE VIDA DE CRIANÇAS E JOVENS SÃO AFETADAS PELOS PROCESSOS DE GESTÃO DOS QUE CUIDAM DA UNIDADE DE ABRIGO

As características das condições de vida de crianças e jovens são afetadas pelos processos de gestão dos que cuidam da unidade de abrigo. Sendo assim, algumas perguntas precisam ser respondidas: Condições de apoio de que tipo devem ser oferecidas às crianças e jovens? Será que apenas condições de vivência? Ou também é necessário oferecer condições que proporcionem mudanças de comportamento? Mudança de comportamento de quem? Das crianças e jovens? Das famílias das crianças? Dos que cuidam das crianças e jovens? Dos que administram? Quais procedimentos de atendimento permitem obter avanços em relação aos que já existem? Parece que o trabalho a ser desenvolvido pelas pessoas nas instituições que funcionam como unidades de abrigo precisa ser realizado em várias direções.

Uma delas consiste em definir claramente qual a função das unidades de abrigo. Os dados obtidos e os exames feitos revelam que as características presentes na unidade de abrigo investigada estão oportunizando mais condições de vivência do que de mudanças de comportamento. Não foi possível verificar nenhum planejamento ou procedimento que garantisse maior efetividade em relação aos problemas identificados. Alguns dos resultados obtidos mostram que há crianças e jovens abrigados que permanecem na instituição até 48 meses. Mostram também que há dificuldade em realizar encaminhamento quando o tempo de permanência das crianças e jovens é prolongado e que não há um acompanhamento dos egressos. A falta de condição material é o principal motivo que faz com que as crianças e jovens cheguem na unidade de abrigo. A estrutura social oferecida à população, marcada pela desigualdade social e concentração de renda, influencia e contribui para que crianças e jovens vivam em uma situação não favorável ao desenvolvimento pleno e saudável.

Há ainda falhas nos procedimentos de registro das informações nos documentos da instituição. Há também incongruência entre as propostas legislativas e as reais condições institucionais. Em relação às condições habitacionais foi possível perceber que em vários ambientes existe uma quantidade insuficiente de móveis para garantir o conforto e o bem estar da população abrigada. Esses dados revelam que há uma série de problemas que necessitam de uma intervenção imediata, de maneira a resolver os problemas existentes ou mesmo impedir a ocorrência desses problemas. Além disso, é necessário que a abrangência dos resultados obtidos com as várias modalidades de atuação não permaneçam apenas no âmbito de resolver os problemas existentes. As atuações para serem eficazes precisam abranger outros níveis.

Os agentes responsáveis pelas unidades de abrigo devem ser capazes de identificar os problemas relativos a institucionalização de crianças e jovens, devem examinar e analisar os problemas existentes assim como devem ser capazes de propor alternativas de solução diferentes das já existentes que parecem não ter melhorado as condições de vida da população que necessita de instituições desse tipo. Os dados revelam que há a necessidade de reformular o planejamento das ações dos agentes institucionais.

As condições de vida das crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo, assim como seus comportamentos e o comportamento dos agentes institucionais dependem da estruturação e do relacionamento de diferentes variáveis do meio em que tais condições de vida e comportamento ocorrem. Os comportamentos dos administradores não dizem respeito às necessidades das crianças e aos problemas que precisam ser resolvidos pela instituição por meio de seus gestores. Os comportamentos de intervir, administrar, planejar corrigir procedimentos ou alterar condições existentes nos processos de gestão ainda dependem de um conhecimento mais preciso e completo das variáveis que constituem condições e comportamentos que são importantes para os gestores e que possibilitem mudanças específicas nas condições existentes.

1. Limitações da pesquisa

O estudo realizado sobre as condições de vida de crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo possui algumas limitações. Uma delas diz respeito ao procedimento utilizado na observação direta das condições habitacionais. Apesar da pesquisadora ter realizado a definição das categorias a serem observadas e dos procedimentos de observação, não houve uma medida de fidedignidade da observação que poderia ter sido obtida por meio do grau de concordância entre observadores independentes. Outro aspecto que limitou o estudo e que poderia ampliar o grau de generalização da investigação seria a busca de outros sujeitos e fontes de informação que poderiam completar algumas informações. Realizar entrevistas com os profissionais do conselho tutelar e outras entidades de proteção e mesmo ampliar as observações diretas em relação às situações que fazem parte da rotina de vida dessas crianças e jovens. As características da instituição escolhida é outro aspecto que não permite generalizar os resultados do fenômeno estudado para qualquer outra unidade de abrigo. Há unidades de abrigo que possuem características diferentes da estudada a começar pela quantidade de crianças e jovens abrigados, pelo tamanho da cidade, da quantidade de habitantes, entre outras.

2. Possibilidades de novas investigações sobre as características das condições de vida de crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo

Os resultados obtidos sobre as condições de vida de crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo deixam clara a necessidade de continuar investigando esse tipo de fenômeno. Investigar em outras unidades de abrigo, em outras cidades com características diferentes pode ser uma nova possibilidade de estudo. Continuar investigando quais classes de comportamentos são mais apropriadas para um gerenciamento eficaz e quais devem fazer parte do repertório dos agentes institucionais, dos colaboradores, dos técnicos é importante e parece não estar suficientemente estudado para atender a população que precisa viver em instituições.

REFERÊNCIAS

- Alves, E. S. (2000). *Abrigamento de crianças e realidade familiar: A desmistificação do abandono*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Benetti, S.P.C. (2002). Maus-tratos da Criança: Abordagem preventiva. In Hutz, C.S. (Org.). *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bonamigo, I. (1999). *Disciplina e exclusão*. Xanxerê: Grifos.
- Botomé, S.P (2001). Sobre a noção de comportamento. Em: U. Zilles, H.P.M. Feltes, (Orgs.). *Filosofia: diálogo de horizontes*. 685-708. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Botomé, S.P. (1981). *Administração de comportamento humano em instituições de saúde- Uma experiência para serviço público*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo.
- Botomé, S. P. (1996). *Serviço à população ou submissão ao poder: o exercício do controle na intervenção social do psicólogo*. Estudos de psicologia, 1(2), 173-201.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brasil. (1990). *Estatuto da Criança e do Adolescente*, Lei nº8.069 de 13 de julho de 1990. Brasília, D.F: Senado.
- Brito, R. C. & Koller, S. H. (1999). Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In A. M. Carvalho, (Org.). *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação*. (pp.115-126). São Paulo: Casa do psicólogo.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.(Original publicado em 1979).
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon (Org.). *Handbook of child psychology*. (pp.993-1027). New York: John Wiley & Sons.
- Carvalho, A.M. (1999). Interações pró-sociais entre crianças e seus contextos de emergência. In A.M. Carvalho, (Org). *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação*. (pp.71-88). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Carvalho, A. M, (2002). Crianças institucionalizadas e desenvolvimento: possibilidades e desafios. Em: Lordelo, E. da R; Carvalho, A. M. A; Koller, S. H. (Org.). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*.(pp.19-44). São Paulo: Casa do Psicólogo: Salvador: editora da Universidade Federal da Bahia.

Cecconello, A. M. & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. In *Estudos em psicologia (Natal)*, 5(1).(Scielo).

Craidy, C. M. (1996). *O analfabetismo do menino de rua como produção simbólica da exclusão social*. Tese de doutorado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

De Antoni, C. & Koller, S. H. (2001). O psicólogo ecológico no contexto institucional: uma experiência com meninas vítimas de violência. *Psicologia, ciência e profissão*, 21(1), 14-29.

Fachini, P.G. (1997) O trabalho do psicólogo junto à Febem. Em: Aletheia. Canoas: Ed.Ulbra.

Freud, A. & Burlinghan, D. (1954). *Meninos sem lar*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura.

Garmezy, N. & Masten, A (1994). Chronic adversities. In M. Rutter, E. Taylor, & L. Herson (Orgs.). *Child and adolescent psychiatry*. (pp.191-207). Oxford: Blackwell Scientific.

Guirado, M. (1986). *Instituição e relações afetivas - o vínculo com o abandono*. São Paulo: Summus.

Meneghini, R; Carvalho, M. C. (2003). Arranjo espacial na creche: espaços para interagir, brincar isoladamente, dirigir-se socialmente e observar o outro. *Psicologia, reflexão e crítica*, 16(2), 367-378.

Oliveira, E. A. de. (1998). Modelos de risco na psicologia do desenvolvimento. *Psicologia: teorias e pesquisa*,14(1),19-26.

Outeiral, J.O. (1994). *Adolescer: Estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Pierce, G. R.; Saranson, B. R.; e col. (1996). Conceptualizing and assessing social support in the context of the family. In Pierce, G. R.; e col.(Orgs.). *Handbook of social support and the family*. New York: Plenum Press.

Rizzini, I. (1995). *A arte de governar crianças: A história das políticas da legislação e da assistência à infância no Brasil*. Rio de Janeiro: Amais.

Rizzini, I. (1997). *A criança no Brasil hoje - desafio para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula.

Sidman, M. (2001). *Coerção e suas implicações*. (M.A.Andery, T.M. Sério, Trad). Campinas (SP): Livro Pleno.

Silva, D. F. M. & Hutz, C. S. (2002). Abuso infantil e comportamento delinqüente na adolescência: prevenção e intervenção. In Hutz, C.S. (Org.). *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Spitz, R. A. (1996). *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes.

Soratto, L. Ramos, F. (2000). Burnout e relações sociais no trabalho. Em W. Codo (coord.), *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes.

Souza, A.A.G.S. (2001). O Judiciário protege a criança e o adolescente? Em: *Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção. Conhecendo, articulando, integrando e multiplicando*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Vanistendael, S. (1995). *Como crescer superando los percances: Resiliência: capitalizar las fuerzas del individuo*. Oficina Internacional católica de la Infancia.

Zimmerman, M. A & Arunkumar, R. (1994). Resiliency research: implications for schools and policy. In *Social Policy Report*, 8 (1), 1-18.

Weber, L. N. D. (2002). *Pais e filhos por adoção no Brasil - características, expectativas e sentimentos*. Curitiba: Juruá.

Weber, L. N. D. (1999). *Laços de ternura*. Curitiba: Juruá.

Weber, L. N. D. (1998). Quero que alguém me chame de filho - abandono, pobreza, institucionalização e o direito à convivência familiar. *Resumo da Conferência-Abandon dès enfants: regards sur l'Amérique Latine, apresentado no Congresso "Lê bébe face à l'adoption. Moutrouge (França)"*.

Weber, L. N. D. & Kossobudzki, L. H. M. (1996). *Filhos da solidão: institucionalização, abandono e adoção*. Curitiba: Governo do Estado do Paraná.

LISTA DE TABELAS

Tabela 3.1	Distribuição da quantidade de crianças e adolescentes abrigados de janeiro a abril de 2003, segundo a faixa de idade e o gênero.....	32
Tabela 3.2	Distribuição da percentagem de crianças e adolescentes que passaram pelo abrigo em cada mês, segundo a faixa de idade e o gênero.....	32
Tabela 3.3	Distribuição da quantidade e da percentagem de crianças e adolescentes ingressos e egressos da instituição de abrigo, no período de abril de 2002 a abril de 2003, segundo o gênero.....	37
Tabela 3.4	Distribuição da quantidade de crianças e adolescentes ingressos na instituição de abrigo de abril de 2002 a abril de 2003, segundo a faixa de idade e o gênero.....	40
Tabela 3.5	Distribuição da porcentagem de crianças e adolescentes ingressos na instituição de abrigo de abril de 2002 a abril de 2003, segundo a faixa de idade e o gênero.....	41
Tabela 3.6	Distribuição da quantidade de crianças e adolescentes egressos da instituição de abrigo de abril de 2002 a abril de 2003, segundo a faixa de idade e o gênero.....	43
Tabela 3.7	Distribuição da porcentagem de crianças e adolescentes egressos da instituição de abrigo de abril de 2002 a abril de 2003, segundo a faixa de idade e o gênero.....	44
Tabela 3.8	Distribuição da ocorrência de crianças e adolescentes abrigados de janeiro a abril de 2003, segundo o gênero e o tempo de permanência na instituição.....	47
Tabela 3.9	Distribuição da porcentagem de crianças e adolescentes abrigados de janeiro a abril de 2003, segundo o gênero e o tempo de permanência na instituição.....	48
Tabela 3.10	Distribuição da quantidade de crianças e adolescentes abrigados nos meses de janeiro, fevereiro, março e abril de 2003, de acordo com a faixa etária e o motivo do encaminhamento para o ingresso na instituição.....	52
Tabela 3.11	Distribuição da ocorrência e da porcentagem de crianças e adolescentes egressos da instituição de abrigo no período de abril de 2002 a abril de 2003, segundo o destino do encaminhamento realizado.....	55

Tabela 3.12	Distribuição da quantidade de crianças e adolescentes abrigados de janeiro a abril de 2003, segundo o gênero e a instituição responsável pelo encaminhamento.....	56
Tabela 3.13	Distribuição da porcentagem de crianças e adolescentes abrigados de janeiro a abril de 2003, segundo o gênero e a instituição responsável pelo encaminhamento.....	56
Tabela 4.1	Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte do berçário da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação.....	68
Tabela 4.2	Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte do quarto dos meninos que vivem no abrigo de acordo com o estado de conservação.....	69
Tabela 4.3	Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte do quarto das meninas da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação.....	70
Tabela 4.4	Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte do quarto das adolescentes da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação.....	71
Tabela 4.5	Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da sala de estar do abrigo de acordo com o estado de conservação.....	75
Tabela 4.6	Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da sala dos dirigentes da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação.....	76
Tabela 4.7	Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte das salas de recepção da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação.....	77
Tabela 4.8	Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da sala de dança da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação.....	78
Tabela 4.9	Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da sala onde acontecem atendimentos médicos no abrigo de acordo com o estado de conservação.....	79
Tabela 4.10	Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte do refeitório da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação.....	82

Tabela 4.11	Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da cozinha da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação.....	83
Tabela 4.12	Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte dos banheiros da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação.....	85
Tabela 4.13	Distribuição da proporção e da quantidade de equipamentos que fazem parte da lavanderia da instituição de abrigo de acordo com o estado de conservação.....	86
Tabela 4.14	Distribuição da ocorrência do estado de conservação do chão da parede e do teto dos ambientes que fazem parte da instituição de abrigo.....	87
Tabela 4.15	Distribuição da ocorrência do estado de conservação da fonte de iluminação dos ambientes que fazem parte da instituição de abrigo.....	88
Tabela 5.1	Distribuição da ocorrência das características gerais dos dirigentes institucionais por gênero e idade, estado civil, grau de escolaridade, estado de origem e tempo de residência na cidade, indicados por eles, de acordo com o cargo que ocupam na unidade de abrigo.....	93
Tabela 5.2	Distribuição da ocorrência das características das condições de trabalho dos dirigentes institucionais, segundo indicado por eles, de acordo com o cargo que ocupam na unidade de abrigo.....	94
Tabela 5.3	Distribuição da ocorrência do tipo de suporte profissional existente para desempenhar sua função na unidade de abrigo, segundo indicado por eles, de acordo com o cargo que ocupam na unidade de abrigo.....	95
Tabela 5.4	Distribuição da ocorrência dos eventos que agradam, incomodam e dos aspectos positivos e negativos relacionados a instituição, segundo indicação dos dirigentes institucionais e de acordo com o cargo que ocupam na unidade de abrigo.....	96
Tabela 5.5	Descrição das características dos recursos recebidos pela instituição, segundo a indicação dos dirigentes da unidade de abrigo.....	97
Tabela 5.6	Descrição das características dos procedimentos de supervisão, de controle e regras utilizados pelos colaboradores na rotina de atendimento das crianças da instituição, segundo a indicação dos dirigentes da unidade de abrigo.....	98

Tabela 5.7	Descrição das características dos procedimentos utilizados durante as visitas realizadas na instituição, segundo a indicação dos dirigentes da unidade de abrigo.....	99
Tabela 5.8	Descrição das características das atividades de lazer disponíveis na instituição, segundo a indicação dos dirigentes da unidade de abrigo.....	100
Tabela 5.9	Descrição das características do tipo de relacionamento existente entre os dirigentes do abrigo, os colaboradores, as crianças e profissionais das demais entidades de proteção, segundo a indicação dos dirigentes da unidade de abrigo.....	101
Tabela 5.10	Descrição das características do tipo de encaminhamento feito para tratamento de saúde das crianças e jovens que vivem em unidades de abrigo, segundo a indicação dos dirigentes da instituição.....	102
Tabela 6.1	Distribuição da quantidade de colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o gênero e nível de escolaridade, em diferentes faixas etárias.....	108
Tabela 6.2	Distribuição da quantidade de colaboradores da unidade de abrigo por estado civil e gênero em diferentes faixas etárias.....	109
Tabela 6.3	Distribuição da quantidade de colaboradores da unidade de abrigo por estado de origem e gênero em diferentes faixas etárias.....	109
Tabela 6.4	Distribuição da quantidade de colaboradores de acordo com o tempo em que trabalha na unidade de abrigo e gênero em diferentes faixas de idade.....	111
Tabela 6.5	Distribuição da quantidade de colaboradores da unidade de abrigo por horas de jornada de trabalho e indicação da ocorrência ou não ocorrência de horas extras remuneradas em diferentes faixas etárias.....	112
Tabela 6.6	Distribuição da quantidade de colaboradores da unidade de abrigo de acordo com a faixa de salário e ocorrência ou não ocorrência de registro na carteira em diferentes faixas de idade.....	112
Tabela 6.7	Distribuição da quantidade de colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o gênero e a indicação da ocorrência ou não ocorrência do tipo de benefício social que recebe em diferentes faixas de idade.....	113
Tabela 6.8	Distribuição da quantidade de colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o gênero e a indicação do tipo de suporte	

	profissional existente para auxiliar seu trabalho em diferentes faixas etárias.....	114
Tabela 6.9	Distribuição da quantidade de colaboradores de acordo com o gênero e a indicação do grau de satisfação com o seu trabalho na unidade de abrigo em diferentes faixas etárias.....	114
Tabela 6.10	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo, segundo a ocorrência ou não ocorrência de eventos que os incomodam e que os agradam no ambiente de trabalho, em diferentes faixas etárias.....	115
Tabela 6.11	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores de acordo com o gênero e aspectos positivos relacionados à unidade de abrigo em diferentes faixas etárias.....	116
Tabela 6.12	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores de acordo com o gênero e aspectos negativos relacionados à unidade de abrigo em diferentes faixas etárias.....	117
Tabela 6.13	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores de acordo com o gênero e o tipo de cobrança feita em relação ao seu trabalho na unidade de abrigo, em diferentes faixas etárias.....	120
Tabela 6.14	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores de acordo com o gênero e de acordo com as pessoas responsáveis pelas cobranças feitas em relação ao seu trabalho na unidade de abrigo, em diferentes faixas etárias.....	121
Tabela 6.15	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo, de acordo com o gênero e o tipo de solicitação que costuma receber dos dirigentes no ambiente de trabalho, em diferentes faixas etárias.....	122
Tabela 6.16	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo, de acordo com o gênero e a ocasião que lhes são feitas as solicitações no ambiente de trabalho, em diferentes faixas etárias.....	123
Tabela 6.17	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o gênero e os tipos de situações nas quais receberam críticas ou advertências no ambiente de trabalho, em diferentes faixas etárias.....	124
Tabela 6.18	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo, de acordo com o gênero e ocorrência de situações que acontecem no ambiente de trabalho e os deixam	

	constrangidos, em diferentes faixas etárias.....	125
Tabela 6.19	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo, de acordo com o gênero e a ocorrência da frequência com que acontecem situações constrangedoras, em diferentes faixas etárias.....	126
Tabela 6.20	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o gênero e ocorrência das principais atividades que desempenha em seu ambiente de trabalho em diferentes faixas etárias.....	129
Tabela 6.21	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o tipo de coisas que fazem no ambiente de trabalho e são reconhecidas como positivas e negativas, em diferentes faixas etárias.....	130
Tabela 6.22	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores de acordo com o gênero e de acordo com quem realiza o reconhecimento pelo trabalho desempenhado na unidade de abrigo em diferentes faixas etárias.....	131
Tabela 6.23	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o gênero e o grau de reconhecimento pelo seu trabalho em diferentes faixas etárias.....	132
Tabela 6.24	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o gênero e a ocorrência ou não ocorrência de treinamento para realizar a sua função no ambiente de trabalho em diferentes faixas etárias.....	134
Tabela 6.25	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o tipo de imprevisto que ocorre em seu ambiente de trabalho em diferentes faixas etárias.....	135
Tabela 6.26	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o tipo de coisas que fazem para resolver os imprevistos que ocorrem em seu ambiente de trabalho em diferentes faixas etárias.....	136
Tabela 6.27	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o grau de frequência dos tipos de relações que estabelecem com seus colegas de trabalho em diferentes faixas etárias.....	138
Tabela 6.28	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com o grau de frequência do tipo de	

	relação que estabelecem com as crianças e jovens que vivem no abrigo em diferentes faixas etárias.....	139
Tabela 6.29	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores de acordo com aspectos percebidos como positivos e negativos em relação ao relacionamento das pessoas que trabalham na unidade de abrigo com as que trabalham nas demais entidades de proteção de crianças, em diferentes faixas etárias.....	140
Tabela 6.30	Distribuição da quantidade de indicações dos colaboradores da unidade de abrigo de acordo com a ocasião em que estabelecem contato com as demais entidades de proteção de crianças, em diferentes faixas etárias.....	141
Tabela 7.1	Distribuição da quantidade de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo de acordo com o gênero e nível de escolaridade, em diferentes faixas etárias.....	147
Tabela 7.2	Distribuição da quantidade de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo por estado de origem e gênero em diferentes faixas etárias.....	148
Tabela 7.3	Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo segundo o motivo pelo qual está morando na instituição, em diferentes faixas etárias.....	149
Tabela 7.4	Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens segundo a percepção dos aspectos positivos e negativos da unidade de abrigo, em diferentes faixas etárias.....	151
Tabela 7.5	Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens segundo o que os agrada em relação aos colaboradores e em relação aos colegas do abrigo, em diferentes faixas etárias.....	152
Tabela 7.6	Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens segundo o que os desagrada em relação aos colaboradores e em relação aos colegas do abrigo, em diferentes faixas etárias.....	153
Tabela 7.7	Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo segundo os locais disponíveis no abrigo para realizarem suas tarefas escolares, em diferentes faixas etárias.....	155
Tabela 7.8	Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo de acordo com as pessoas que os auxiliam nas atividades escolares feitas no abrigo, em diferentes faixas etárias.....	156

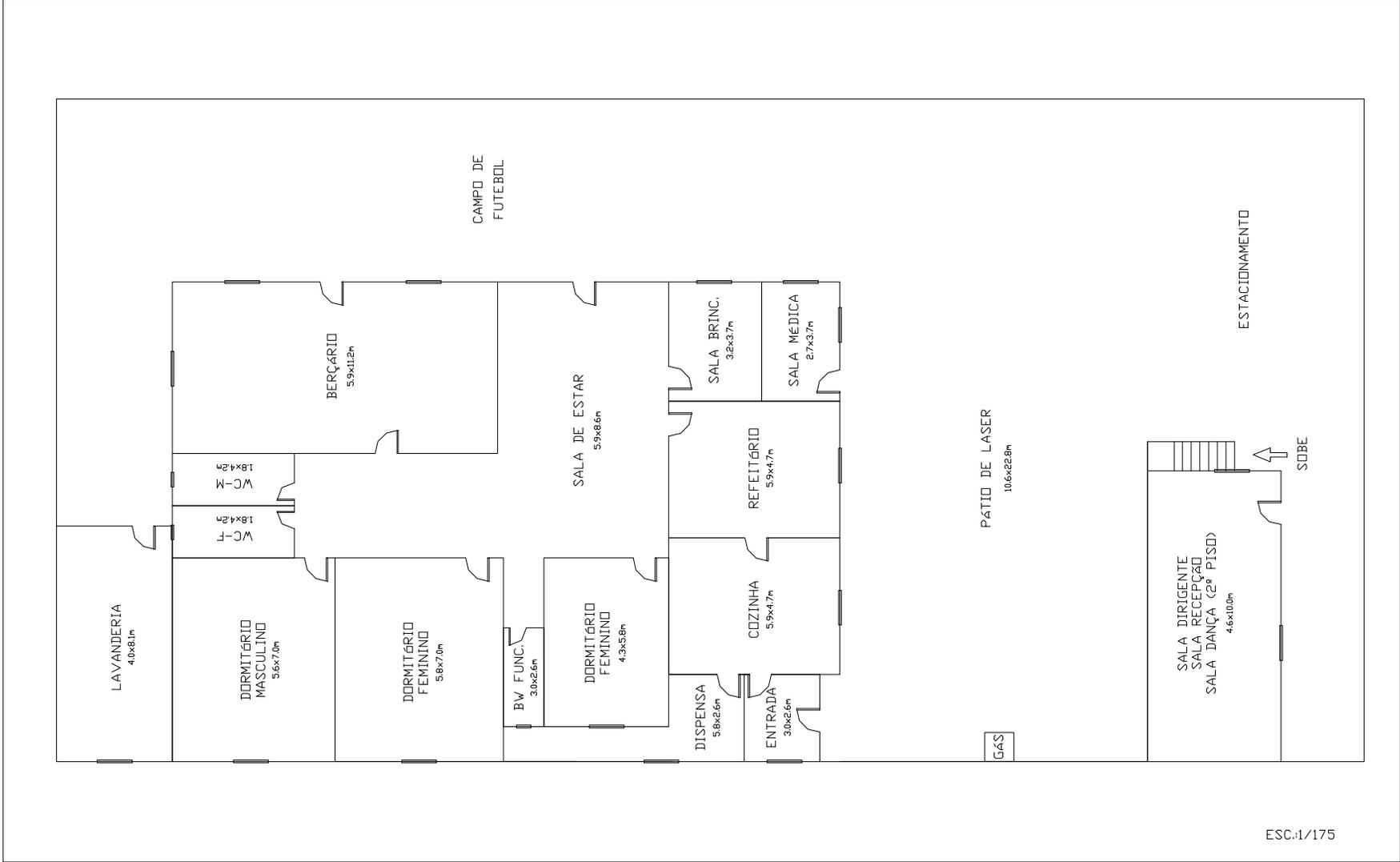
Tabela 7.9	Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo segundo o grau da frequência de ocorrência com que as pessoas os auxiliam nas atividades escolares feitas no abrigo, em diferentes faixas etárias.....	157
Tabela 7.10	Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo segundo o tipo de atividade desenvolvida durante o dia no abrigo, em diferentes faixas etárias.....	159
Tabela 7.11	Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo segundo a frequência de ocorrência do tipo de atividade desenvolvida durante o dia no abrigo.....	160
Tabela 7.12	Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo segundo as pessoas que os visitam na instituição, em diferentes faixas etárias.....	161
Tabela 7.13	Distribuição da quantidade de indicações de crianças e jovens que vivem na unidade de abrigo por faixa etária, segundo a avaliação feita por eles se gostam ou não gostam das visitas que recebem na instituição.....	161

LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1	Derivação de comportamentos importantes para os agentes de instituição de abrigo a partir das descobertas feitas.....	61
Quadro 3.2	Derivação de comportamentos importantes para os agentes de instituição de abrigo a partir das descobertas feitas.....	62
Quadro 3.3	Derivação de comportamentos importantes para os agentes de instituição de abrigo a partir das descobertas feitas.....	63
Quadro 3.4	Derivação de comportamentos importantes para os agentes de instituição de abrigo a partir das descobertas feitas.....	64
Quadro 3.5	Derivação de comportamentos importantes para os agentes de instituição de abrigo a partir das descobertas feitas.....	65

LISTA DE FIGURAS

Figura 3.1	Variação da quantidade de crianças e adolescentes abrigados ao longo dos meses.....	34
Figura 3.2	Variação da quantidade de crianças e adolescentes ingressos na instituição de abrigo de abril de 2002 a abril de 2003, segundo a faixa de idade.....	39
Figura 3.3	Variação da quantidade de crianças e adolescentes egressos na instituição de abrigo de abril de 2002 a abril de 2003, segundo a faixa de idade.....	42
Figura 3.4	Variação da porcentagem de crianças e jovens ingressos no abrigo de janeiro a abril de 2003, segundo o tempo de permanência (0 a 12 meses).....	49
Figura 3.5	Variação da porcentagem de crianças e jovens ingressos no abrigo de janeiro a abril de 2003, segundo o tempo de permanência (13 a 24 meses).....	49
Figura 3.6	Variação da porcentagem de crianças e jovens ingressos no abrigo de janeiro a abril de 2003, segundo o tempo de permanência (37 a 48 meses).....	50
Figura 3.7	Distribuição da quantidade de crianças e adolescentes abrigados de janeiro a abril de 2003, de acordo com o motivo de encaminhamento para o ingresso no abrigo.....	53



ANEXO 1

PLANTA BAIXA DAS CONDIÇÕES HABITACIONAIS DA UNIDADE DE ABRIGO

ANEXO 2

OBSERVAÇÃO POR MEIO DE DOCUMENTOS

ASPECTOS QUE PRECISAM SER OBSERVADOS POR MEIO DE DOCUMENTOS

Data:

1- CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS CRIANÇAS E JOVENS INSTITUCIONALIZADOS

Quantidade de crianças e jovens que a instituição é capaz de atender:

Quantidade de crianças abrigadas por sexo no período de abril de 2002 a abril de 2003

Mês	N	
	Masculino	Feminino
Abril de 2002		
Mai de 2002		
Junho de 2002		
Julho de 2002		
Agosto de 2002		
Setembro de 2002		
Outubro de 2002		
Novembro de 2002		
Dezembro de 2002		
Total		

Mês	Quantidade de crianças abrigadas por sexo	
	Masculino	Feminino
Janeiro de 2003		
Fevereiro de 2003		
Março de 2003		
Abril de 2003		
Total		

Quantidade de crianças abrigadas por idade no período de abril de 2002 a abril de 2003:

Abril de 2002

Idade	Ocorrência	Total
-1		
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		
16		
Total		

Maio de 2002

Idade	Ocorrência	Total
-1		
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		
16		
Total		

Junho de 2002

Idade	Ocorrência	Total
-1		
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		
16		
Total		

Julho de 2002

Idade	Ocorrência	Total
-1		
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		
16		
Total		

Agosto de 2002

Idade	Ocorrência	Total
-1		
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		
16		
Total		

Setembro de 2002

Idade	Ocorrência	Total
-1		
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		
16		
Total		

Outubro de 2002

Idade	Ocorrência	Total
-1		
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		
16		
Total		

Novembro de 2002

Idade	Ocorrência	Total
-1		
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		
16		
Total		

Quantidade de crianças que ingressaram na instituição por sexo e idade no período de abril de 2002 a abril de 2003

Mês	Ingressos	Idades
Abril de 2002	F	
	M	

Mês	Ingressos	Idades
Mai de 2002	F	
	M	

Mês	Ingressos	Idades
Junho de 2002	F	
	M	

Mês	Ingressos	Idades
Julho de 2002	F	
	M	
Mês	Ingressos	Idades
Agosto de 2002	F	
	M	

Mês	Ingressos	Idades
Setembro de 2002	F	
	M	

Mês	Ingressos	Idades
Outubro de 2002	F	
	M	

Mês	Ingressos	Idades
Novembro de 2002	F	
	M	

Mês	Ingressos	Idades
Dezembro de 2002	F	
	M	

Mês	Ingressos	Idades
Janeiro de 2003	F	
	M	

Mês	Ingressos	Idades
Fevereiro de 2003	F	
	M	

Mês	Ingressos	Idades
Março de 2003	F	
	M	

Mês	Ingressos	Idades
Abril de 2003	F	

Quantidade de crianças que saíram da instituição por sexo, idade e tipo de encaminhamento no período de abril de 2002 a abril de 2003

Mês	Egressos	Idades	
Abril de 2002	F		
	M		
Tipo de encaminhamento	Quantidade	Idades	

Mês	Egressos	Idades	
Mai de 2002	F		
	M		
Tipo de encaminhamento	Quantidade	Idades	

Mês	Egressos	Idades	
Junho de 2002	F		
	M		
Tipo de encaminhamento	Quantidade	Idades	

**2- ENCAMINHAMENTOS FEITOS PARA O INGRESSO NA INSTITUIÇÃO
EM RELAÇÃO A QUANTIDADE DE CRIANÇAS ABRIGADAS POR MÊS**

Dia/Mês/ Ano _____

Motivo do encaminhamento	Sexo	Idade	Cidade de origem	Encaminhada Pelo:	Data de ingresso:
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					
12					
13					
14					
15					
16					
17					
18					
19					

20					
21					
22					
23					
24					
25					
26					
27					
28					
29					
30					
31					
32					
33					
34					
35					

3- Histórico da instituição

3.1- Data de fundação:

3.2- Pessoas responsáveis pela fundação:

3.3- Contexto de fundação:

3.4- Objetivos da instituição:

3.5- Estatuto ou regimento:

3.6- Fundos de financiamento:

3.7- Natureza da instituição: () municipal () estadual () federal

ANEXO 3

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO DIRETA

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO DIRETA*Condições habitacionais de crianças e jovens institucionalizados***Data:****Horário:**

1- Tipo de material de construção da habitação:

2- Quantidade de metros quadrados construídos:

3- Tipo e quantidade de cômodos existentes na instituição:

() Sala () Cozinha () Quartos () Banheiros () Lavanderia () Outros _____

4- Tipo e quantidade de instalações exclusivas para meninas:

() quartos () banheiros () outras _____

5- Tipo e quantidade de instalações exclusivas para meninos:

() quartos () banheiros () outras _____

6- Tipo e quantidade de instalações mistas:

() quartos () banheiros () outras _____

Definições dos valores das variáveis consideradas na observação direta das condições habitacionais

Estado de conservação dos equipamentos, móveis e utensílios em uso

Muito bem conservado: quando cada tipo de móvel, de equipamento eletrônico, de equipamento de segurança, de iluminação, de revestimento de parede, de recursos decorativos, a ser observado apresentar:

- 1- Revestimento totalmente íntegro= superfície com ausência de rasgos ou arranhões ou riscos, no tipo de material que é constituído o objeto observado (madeira, tecido, plástico, inox, ferro).
- 2- grau de coloração forte e uniforme= as cores devem ter intensidade forte e igual em todas as partes componentes do objeto a ser observado.
- 3- condições para ser utilizado= ausência de avaria que inviabilize o seu uso.

Bem conservado: quando cada tipo de móvel, de equipamento eletrônico, de equipamento de segurança, de iluminação, de revestimento de parede, de recursos decorativos, a ser observado apresentar:

- 1- revestimento parcialmente íntegro= superfície com até três tipos de rasgos ou arranhões ou riscos, no tipo de material que é constituído o objeto observado (madeira, tecido, plástico, inox, ferro).
- 2- grau de coloração forte e uniforme= as cores devem ter intensidade forte e igual em todas as partes componentes do objeto a ser observado.
- 3- condições para ser utilizado= ausência de avaria que inviabilize o seu uso.

Mal conservado: quando cada tipo de móvel, de equipamento eletrônico, de equipamento de segurança, de iluminação, de revestimento de parede, de recursos decorativos, a ser observado apresentar:

- 1- revestimento defeituoso = superfície com mais de três tipos de rasgos ou arranhões ou riscos, no tipo de material que é constituído o objeto observado (madeira, tecido, plástico, inox, ferro).
- 2- grau de coloração fraco e desigual= as cores devem ter intensidade fraca (desbotada) e diferente em todas as partes componentes do objeto a ser observado.
- 3- condições parciais para ser utilizado= há pelo menos um tipo de avaria, porém continua sendo utilizado.

Muito mal conservado: quando cada tipo de móvel, de equipamento eletrônico, de equipamento de segurança, de iluminação, de revestimento de parede, de recursos decorativos, a ser observado apresentar:

- 1- revestimento defeituoso= superfície com rasgos, arranhões, riscos, no tipo de material que é constituído o objeto observado (madeira, tecido, plástico, inox, ferro).
- 2- grau de coloração fraco e desigual= as cores devem ter intensidade fraca (desbotada) e diferente em todas as partes componentes do objeto a ser observado.
- 3- condições que inviabilizem seu uso= há mais de um tipo de avaria e mesmo assim continua sendo utilizado.

Estado de higiene dos equipamentos, móveis e utensílios em uso

Muito bem limpo: quando cada tipo de móvel, de equipamento eletrônico, de equipamento de segurança, de iluminação, de revestimento de parede, de recursos decorativos, a ser observado apresentar:

- 1- superfície lisa = superfície com ausência de acúmulo de poeira.
- 2- superfície sem manchas = superfície com ausência de sinais de gordura, de tinta, de barro.
- 3- superfície com brilho = superfície com aspecto lustroso.

Bem limpo: quando cada tipo de móvel, de equipamento eletrônico, de equipamento de segurança, de iluminação, de revestimento de parede, de recursos decorativos, a ser observado apresentar:

- 1- superfície lisa = superfície com ausência de acúmulo de poeira.
- 2- superfície sem manchas= superfície com ausência de sinais de gordura, de tinta, de barro.
- 3- superfície sem brilho= superfície com ausência de aspecto lustroso.

Mal limpo: quando cada tipo de móvel, de equipamento eletrônico, de equipamento de segurança, de iluminação, de revestimento de parede, de recursos decorativos, a ser observado apresentar:

- 1- superfície áspera = superfície com acúmulo de poeira.
- 2- superfície sem manchas= ausência de sinais de gordura, de tinta, de barro.
- 3- superfície sem brilho = superfície com ausência de aspecto lustroso.

Muito mal limpo: quando cada tipo de móvel, de equipamento eletrônico, de equipamento de segurança, de iluminação, de revestimento de parede, de recursos decorativos, a ser observado apresentar:

- 1- superfície áspera = superfície com acúmulo de poeira
- 2- superfície com manchas= superfície com sinais de gordura, de tinta, de barro.
- 3- superfície sem brilho = superfície com ausência de aspecto lustroso.

Móveis	Sala 1		Sala 2		Sala 3		Sala 4	
<u>Sofás</u>	N		N		N		N	
Estado de conservação:								
Estado de Higiene:	N		N		N		N	
	Antes	Depois	Antes	Depois	Antes	Depois	Antes	Depois
Muito bem limpo								
Bem limpo								
Mal limpo								
Muito mal limpo								
Observações:								

Móveis	Sala 1		Sala 2		Sala 3		Sala 4	
<u>Cadeiras</u>	N		N		N		N	
Estado de conservação:								
Muito bem conservado								
Bem conservado								
Mal conservado								
Muito mal conservado								
Estado de Higiene:	N		N		N		N	
	Antes	Depois	Antes	Depois	Antes	Depois	Antes	Depois
Muito bem limpo								
Bem limpo								
Mal limpo								
Muito mal limpo								
Observações:								

Móveis	Sala 1	Sala 2	Sala 3	Sala 4
<u>Mesas</u>	N	N	N	N
Estado de conservação:				
Muito bem conservado				
Bem conservado				
Mal conservado				
Muito mal conservado				
Estado de Higiene:	N	N	N	N
	Antes Depois	Antes Depois	Antes Depois	Antes Depois
Muito bem limpo				
Bem limpo				
Mal limpo				
Muito mal limpo				
Observações:				

Móveis	Sala 1	Sala 2	Sala 3	Sala 4
<u>Outros: _____</u>	N	N	N	N
Estado de conservação:				
Muito bem conservado				
Bem conservado				
Mal conservado				
Muito mal conservado				
Estado de Higiene:	N	N	N	N
	Antes Depois	Antes Depois	Antes Depois	Antes Depois
Muito bem limpo				
Bem limpo				
Mal limpo				
Muito mal limpo				
Observações:				

Equipamentos eletrônicos	Sala 1	Sala 2	Sala 3	Sala 4
<u>Televisão</u>	N	N	N	N
Estado de conservação:				
Muito bem conservado				
Bem conservado				
Mal conservado				
Muito mal conservado				
Estado de Higiene:	N	N	N	N
	Antes Depois	Antes Depois	Antes Depois	Antes Depois
Muito bem limpo				
Bem limpo				
Mal limpo				
Muito mal limpo				
Observações:				

Equipamentos eletrônicos	Sala 1	Sala 2	Sala 3	Sala 4
<u>Vídeo</u>	N	N	N	N
Estado de conservação:				
Muito bem conservado				
Bem conservado				
Mal conservado				
Muito mal conservado				
Estado de Higiene:	N	N	N	N
	Antes Depois	Antes Depois	Antes Depois	Antes Depois
Muito bem limpo				
Bem limpo				
Mal limpo				
Muito mal limpo				
Observações:				

ANEXO 4

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS DIRIGENTES INSTITUCIONAIS

Roteiro de entrevista estruturada para os dirigentes institucionais

Data: ----/----/-----

Horário de início: -----

Horário final:-----

1- Características gerais

1.1- Sexo Masculino Feminino

1.2- Idade:

1.3- Escolaridade: 1º grau () 2º grau () 3º grau ()
 Completo () Incompleto ()
 Continua estudando?

1.4- Estado Civil: Solteiro () Casado () Separado () Viúvo () Coabitando ()

1.5- Cidade onde nasceu:

1.6- Tempo de residência na cidade atual:

2- Características das condições de trabalho

A) Características gerais

2.1- Quanto tempo você trabalha no abrigo?

Menos de 1 mês () De 1 a 3 meses () De 3 a 6 meses () De 6 a 9 meses () Mais de 9 meses ()

2.2- De quantas horas é sua jornada de trabalho?

De 3 a 6 horas () De 6 a 9 horas () Mais de 9 horas ()

2.3- Qual a quantidade de pausas você tem em cada turno durante a jornada de trabalho?

Uma () Duas () Três () Quatro () Mais de quatro ()

2.4- A instituição tem solicitado a você fazer horas extras?

Sim () Não ()

2.5- Em quantos dias dessa semana você fez horas extras?

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

2.6- Qual a quantidade de horas extras que você fez em cada dia?

2.7- Qual a quantidade de horas extras você faz geralmente?

Uma hora () Duas horas () Três horas () Quatro horas () Mais de quatro ()

2.8- Suas horas extras são remuneradas?

Sim () Não ()

2.9- Qual o horário você começa a trabalhar?

2.10- Qual o horário você termina de trabalhar?

2.11- Qual a faixa de seu salário?

() De 1 a 2 salários () De 2 a 3 salários () De 3 a 4 salários () De 4 a 5 salários
() Mais de 5 salários

2.12- Você tem algum tipo de benefício social?

() Não () Convênio médico () Vale transporte () Cesta básica
() Vale alimentação () Outro _____

2.13- Você está trabalhando com registro em carteira?

() Sim Não ()

2.14- Você faltou no trabalho algum dia desta semana?

() Sim Não ()

2.15- Quantos dias desta semana você faltou no trabalho?

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

2.16- E na semana passada, você faltou algum dia?

() Sim Quantos? _____ () Não

2.17- Você costuma faltar no trabalho?

() Sim () Não

2.18- Qual o motivo de suas faltas?

- Problemas de saúde Problemas familiares Problemas com a instituição
 Outros _____

2.19- Quando você falta, quem realiza seu trabalho?

2.20- Existe algum tipo de suporte profissional (grupos de discussão, orientação, treinamento), que auxilie você a realizar seu trabalho?

- Sim Não

2.21- Qual o tipo de suporte profissional existente?

2.22- Você teve algum tipo de treinamento para realizar essa função?

- Sim Não

2.23- Em que ocasião você recebeu o treinamento?

- Quando ingressou na instituição Antes de começar a trabalhar na instituição
 Outra _____

2.24- Você realizou esse treinamento, porque:

- A instituição lhe exigiu Aperfeiçoamento Outro _____

2.25- Quais os profissionais responsáveis pelo treinamento que você fez?

2.26- Existe uma pessoa ou segmento da instituição responsável por receber notícias das dificuldades que as pessoas encontram no seu trabalho?

- Sim Não

2.28- Avalie o grau de satisfação com o seu trabalho:

- Completamente insatisfeito Insatisfeito Mais ou menos insatisfeito Satisfeito
 Completamente satisfeito

2.33- Alguém faz “cobranças” em relação ao seu trabalho?

- Sim Não

B) Características dos recursos recebidos pela instituição

2.36- A instituição recebe algum tipo de recurso para auxiliar nos cuidados dispensados às crianças e aos jovens?

Sim Não

2.37- Qual a origem do recurso?

Público Privado Outra _____

2.38- Com que frequência recebe esses recursos?

Semanal Quinzenal Mensal Anual

2.39- Qual o tipo de recurso oferecido?

Financeiro Humano Alimentos Produtos de higiene
 Móveis Roupas Sapatos Roupas de cama Outros _____

2.40- Qual o órgão responsável pelos recursos oferecidos?

Prefeitura Conselho tutelar Conselho municipal da criança e do adolescente
 Governo Empresas Comunidade Outros _____

2.41- Em que ocasiões recebem recursos?

Quando são solicitados Espontaneamente Em casos de urgência
 Outra _____

2.43- Quais os recursos da comunidade utilizados pela instituição?

Postos de saúde Escolas Igrejas Grupos de ajuda voluntária
 Outro _____

3- Características das condições de vida e saúde

A) Visitas

3.1- Todas as crianças e jovens institucionalizados podem receber visitas?

Sim Não

3.2- Em que ocasiões não podem receber visitas?

- Quando há documento redigido pelo juiz Quando há documento redigido por um técnico
 Outra _____

3.3- Em que dias da semana, a instituição autoriza o recebimento de visitas?

- Segunda Terça Quarta Quinta Sexta Sábado
 Domingo Todos os dias

3.4- Qual o horário estabelecido pela instituição para o recebimento das visitas?

3.5- As crianças e jovens institucionalizados, recebem visitas de seus familiares?

- Sim Não

3.6- Em que dias da semana ocorre a visita dos familiares?

- Segunda Terça Quarta Quinta Sexta Sábado
 Domingo Todos os dias

3.7- A maior parte dos familiares realiza a visita:

- 1x por semana 2x por semana 3x por semana 4x por semana
 5x por semana 6x por semana 7x por semana Livre

3.8- Quanto tempo os familiares permanecem na visita?

- 30 min 1 hora 2 horas mais de duas horas

3.9- As crianças e jovens institucionalizados recebem visitas de amigos?

- Sim Não

3.10- Em que dias da semana ocorre a visita dos amigos?

- Segunda Terça Quarta Quinta Sexta Sábado
 Domingo Todos os dias

3.11- Os amigos realizam as visitas?

- 1x por semana 2x por semana 3x por semana 4x por semana
 5x por semana 6x por semana 7x por semana Livre

3.12- Quanto tempo os amigos permanecem nas visitas?

- 30 min 1 hora 2 horas mais de duas horas

3.13- Em que ocasiões acontecem as visitas dos amigos?

- Nos dias da semana Nos finais de semana Nos feriados Outras

3.14- As crianças e jovens institucionalizados recebem visitas de pessoas da comunidade?

- Sim Não

3.15- Em que dias da semana ocorre a visita das pessoas da comunidade?

- Segunda Terça Quarta Quinta Sexta Sábado
 Domingo Todos os dias

3.16- As pessoas da comunidade realizam as visitas:

- 1x por semana 2x por semana 3x por semana 4x por semana
 5x por semana 6x por semana 7x por semana Livre

3.17- Quanto tempo às pessoas da comunidade permanecem nas visitas?

- 30 min 1 hora 2 horas mais de duas horas

3.18- Em que ocasiões acontecem às visitas da comunidade?

- Nos dias da semana Nos finais de semana Nos feriados Outras

3.19- Existe algum tipo de acompanhamento durante as visitas?

- Livre Com acompanhamento dos funcionários Com acompanhamento dos técnicos
 Outro _____

3.20- Em que local geralmente são realizadas as visitas?

- No pátio Nas salas Nos quartos Recepção Livre

3.21- As crianças e jovens institucionalizados recebem visitas de técnicos vindos de outras instituições?

- Sim Não

3.22- Essa semana, as crianças receberam a visita de técnicos vindos de outras instituições?

- Sim Não

3.23- E na semana passada, receberam a visita de algum técnico?

- Sim Não

3.24- Qual a periodicidade das visitas dos técnicos?

Sempre As vezes Nunca

3.25- Qual é a duração das visitas dos técnicos?

30 min 1 hora 2 horas mais de duas horas

3.26- Em que ocasiões acontecem às visitas dos técnicos?

Quando é solicitada por algum funcionário ou dirigente do abrigo Quando é solicitada pelo Juizado da Infância Quando é solicitada pelo Conselho Tutelar Outra _____

B) Queixas

3.27- Em relação a quem as crianças e jovens institucionalizados possuem queixas?

Aos colegas As dirigentes Aos visitantes Aos familiares
 A professora Aos funcionários

3.28- Quanto à quantidade de queixas, você considera que existe em relação:

Aos colegas: nenhuma queixa pouca queixa muita queixa

3.29- Você lembra que tipos de queixas são feitos em relação aos colegas deles?

3.30- Aos dirigentes: nenhuma queixa pouca queixa muita queixa

3.31- Você lembra que tipos de queixas são feitos em relação aos dirigentes?

3.32- Aos visitantes: nenhuma queixa pouca queixa muita queixa

3.33- Você lembra que tipos de queixas são feitos em relação aos visitantes?

3.34- Aos familiares: nenhuma queixa pouca queixa muita queixa

3.35- Que tipos de queixas são feitos em relação aos familiares?

3.36- À professora: nenhuma queixa pouca queixa muita queixa

3.37- Que tipos de queixas são feitos em relação à professora?

3.38- Aos funcionários: nenhuma queixa pouca queixa muita queixa

3.39- Que tipos de queixas são feitos em relação aos funcionários?

C) Atividades de lazer

4.40- Quais são as atividades de lazer disponíveis para as crianças e jovens no abrigo?

Assistir t.v Jogar bola Correr Desenhar
 Brincar com jogos Brincar com areia Outras _____

As crianças dos três aos sete anos: (Repetir para as demais faixas de idade, dos 8 aos 12 e dos 13 aos 16)

4.41- As crianças e jovens dos três aos sete anos assistem T.V:

Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3xpor semana
 Mais de 3x por semana Nunca

4.42- Qual o horário que eles assistem T.V?

No horário que eles querem No horário determinado pelas pessoas que os cuidam Depois do horário da escola Depois do almoço Depois do café da manhã Outro _____

4.43- Que tipo de programa na T.V eles assistem?

Desenhos Filmes Novelas Programas infantis Outros _____

4.44- Com que frequência eles assistem:

Desenhos: Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3xpor semana
 Mais de 3x por semana Nunca

Filmes: Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3xpor semana
 Mais de 3x por semana Nunca

Novelas: Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3xpor semana
 Mais de 3x por semana Nunca

Programas infantis: Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3xpor semana
 Mais de 3x por semana Nunca

Outros programas: _____

- Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3x por semana
 Mais de 3x por semana Nunca

4.45- As crianças e jovens dos três aos sete anos jogam bola:

- Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3x por semana
 Mais de 3x por semana Nunca

4.46- Qual o horário em que eles jogam bola?

- No horário que eles querem No horário determinado pelas pessoas que os cuidam Depois do horário da escola Depois do almoço Depois do café da manhã Outro _____

4.47- As crianças e jovens jogam bola:

- Sozinhas Com seus amigos do abrigo Com amigos fora do brigo
 Com os funcionários

4.48- As crianças e jovens brincam de correr:

- Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3x por semana
 Mais de 3x por semana Nunca

4.49- Qual o horário que eles brincam de correr?

- No horário que eles querem No horário determinado pelas pessoas que os cuidam Depois do horário da escola Depois do almoço Depois do café da manhã Outro _____

4.50- Que tipos de brincadeira de correr eles brincam?

- Esconde-esconde Disputar corrida Outra _____

4.51- Com que frequência eles brincam de:

- Esconde-esconde:** Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3x por semana
 Mais de 3x por semana Nunca

- Disputar corrida:** Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3x por semana
 Mais de 3x por semana Nunca

Outra brincadeira de correr: _____

- Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3x por semana
 Mais de 3x por semana Nunca

4.52- As crianças e jovens brincam de correr:

- Sozinhas Com seus colegas Com os funcionários

4.53- As crianças e jovens fazem desenhos durante as suas atividades de lazer:

- Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3xpor semana
 Mais de 3x por semana Nunca

4.54- Qual o horário que eles desenharam?

- No horário que eles querem No horário determinado pelas pessoas que os cuidam Depois do horário da escola Depois do almoço Depois do café da manhã Outro _____

4.55- Com quem eles desenharam:

- Com os colegas Sozinhos Com os funcionários

4.56- Eles brincam com jogos:

- Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3xpor semana
 Mais de 3x por semana Nunca

4.57- Quando eles brincam com os jogos?

- No horário que eles querem No horário determinado pelas pessoas que os cuidam Depois do horário da escola Depois do almoço Depois do café da manhã Outro _____

4.58-Que tipo de jogos eles brincam?

- Jogos de encaixe Jogos competitivos Outros_____

4.59- Com que frequência eles brincam de:

- Jogos de encaixe:** Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3xpor semana
 Mais de 3x por semana Nunca

- Jogos competitivos:** Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3xpor semana
 Mais de 3x por semana Nunca

Outros jogos: _____

- Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3xpor semana
 Mais de 3x por semana Nunca

4.60-Eles jogam:

- Com seus amigos Sozinhos Com os funcionários

4.61- As crianças brincam com a areia do pátio:

- Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3xpor semana
 Mais de 3x por semana Nunca

4.62- Qual o horário que eles brincam na areia do pátio?

- No horário que eles querem No horário determinado pelas pessoas que os cuidam Depois do horário da escola Depois do almoço Depois do café da manhã Outro _____

4.63- Com quem eles brincam na areia do pátio:

- Com seus amigos Sozinhos Com os funcionários

4.64- Quais são as atividades que as crianças e jovens realizam fora do abrigo:

- Ir à praia Passear na cidade Esportes Outra _____ Nenhuma

4.65- Com que frequência eles realizam atividades fora do abrigo:

- Praia:** Uma vez por mês Duas vezes por mês Três vezes por mês Mais de três vezes por mês

- Passear na cidade:** Uma vez por mês Duas vezes por mês Três vezes por mês
 Mais de três vezes por mês

- Praticar esportes:** Uma vez por mês Duas vezes por mês Três vezes por mês
 Mais de três vezes por mês

Outra atividade: _____

- Uma vez por mês Duas vezes por mês Três vezes por mês Mais de três vezes por mês

4.66- Quem os leva na praia?

4.67- Com quem eles vão a praia?

- Sozinhos Com os amigos do abrigo Com os funcionários

4.68- Quem os leva para passear na cidade?

4.69- Com quem eles vão passear na cidade?

- Sozinho Com os amigos do abrigo Com os funcionários

4.70- Quem os leva para praticar esportes?

4.71- Com quem eles praticam esportes?

- Sozinhos Com os amigos do abrigo Com os funcionários

4.72- Que tipo de esporte eles praticam?

Futebol Natação Ginástica Dança Outro_____

4.73- Com que frequência eles praticam:

Futebol: Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3xpor
semana Mais de 3x por semana Nunca

Natação: Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3xpor
semana Mais de 3x por semana Nunca

Ginástica: Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3xpor
semana Mais de 3x por semana Nunca

Dança: Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3xpor
semana Mais de 3x por semana Nunca

Outras: _____
 Todos os dias 1x por semana 2x por semana 3xpor semana
 Mais de 3x por semana Nunca

4.74- Quem os leva para fazer outras atividades?

4.75- Com quem eles fazem essa outra atividade?

Sozinho Com os amigos do abrigo Com os funcionários

D) Relacionamento

4.87- Que tipo de relação geralmente existe entre você e seus colegas de trabalho?

Amistoso Agressivo Indiferente Agradável Competitiva Afetiva
 Amigável Hostil Outra_____

4.88- Avalie a intensidade do tipo de relação estabelecida com os seus colegas de trabalho:

Amistosa: Nunca As vezes Sempre

Agressiva: Nunca As vezes Sempre

Indiferente: Nunca As vezes Sempre

Agradável: Nunca As vezes Sempre

Competitiva: Nunca As vezes Sempre

Outra:_____ Nunca As vezes Sempre

4.89- Avalie a intensidade do tipo de relação estabelecidas com as crianças e jovens institucionalizados:

- Amistosa: Nunca As vezes Sempre
- Agressiva: Nunca As vezes Sempre
- Indiferente: Nunca As vezes Sempre
- Agradável: Nunca As vezes Sempre
- Competitiva: Nunca As vezes Sempre
- Outra: _____ Nunca As vezes Sempre

E) Problemas de saúde e tratamento terapêutico

4.101- Em que ocasiões são atendidas por médicos?

- Rotina Dor Queixas Acidentes Outras _____

4.102-Essa semana, alguma criança foi atendida pelo médico?

- Sim Não

4.103-E nas outras semanas, alguma criança foi atendida pelo médico?

- Sim Não

4.104- Em que ocasiões são atendidas por dentistas?

- Rotina Dor Queixas Acidentes Outras _____

4.105- Essa semana, alguma criança foi atendida pelo dentista?

- Sim Não

4.106- E nas outras semanas, alguma criança foi atendida pelo dentista?

- Sim Não

4.107- Em que ocasiões são atendidas por psicólogos?

- Rotina Dor Queixas Acidentes Outras _____

4.108- Essa semana, alguma criança foi atendida por psicólogos?

- Sim Não

4.109- E nas outras semanas, alguma criança foi atendida por psicólogos?

Sim Não

4.110- Em que ocasiões são atendidas por pedagogos?

Rotina Dificuldades escolares Repetência escolar Prevenção de dificuldades escolares
 Outra_____

4.111- Essa semana, alguma criança foi atendida pelo pedagogo?

Sim Não

4.112- E nas outras semanas, alguma criança foi atendida pelo pedagogo?

Sim Não

4.113- Em que ocasiões são atendidas por fonoaudiólogos?

Rotina Dor Queixas Acidentes Outras_____

4.114- Essa semana, alguma criança foi atendida por fonoaudiólogos?

Sim Não

4.115- E nas outras semanas, alguma criança foi atendida por fonoaudiólogos?

Sim Não

4.116- Em que ocasiões são atendidas por outros profissionais? Qual_____

Rotina Dor Queixas Acidentes Outras_____

4.117- Essa semana, alguma criança foi atendida por outros profissionais?

Sim Não

4.118- E nas outras semanas, alguma criança foi atendida por outros profissionais?

Sim Não

ANEXO 5

**ROTEIRO DE ENTREVISTA ABERTA PARA OS DIRIGENTES
INSTITUCIONAIS**

Roteiro de entrevista aberta (complemento do roteiro estruturado) para os dirigentes institucionais

2- Características das condições de trabalho

A) Características gerais

2.27- Quem é a pessoa ou o segmento da instituição responsável por receber notícias das dificuldades que as pessoas encontram no seu trabalho?

2.29- O que é incomodo no seu trabalho?

2.30- O que lhe agrada em seu trabalho?

2.31- Apresente 3 pontos positivos relacionados a instituição de abrigo:

2.32- Apresente 3 pontos negativos relacionados a instituição de abrigo:

2.34- Quem faz as cobranças?

2.35- As cobranças são feitas em relação a que tipo de coisas?

B) Características dos recursos recebidos pela instituição

2.42- Qual o procedimento adotado pelos dirigentes da instituição quando há falta de recursos?

C) Supervisão, controle e regras institucionais

2.44- Quais são os procedimentos adotados quando uma criança ou adolescente ingressa na instituição?

2.45- Quem são as pessoas responsáveis pela supervisão das crianças e jovens institucionalizados?

2.46- Quais são os procedimentos utilizados para realizar o controle da rotina das crianças e jovens?

2.47- Que tipo de procedimento é utilizado quando, por exemplo, uma criança ou jovem desrespeita as regras institucionais?

2.48- Quais as regras institucionais utilizadas na rotina do abrigo?

2.49- Em que ocasiões geralmente as regras não são cumpridas?

2.50- As crianças e jovens institucionalizados possuem liberdade para saírem do abrigo sozinhas?

2.51- Em que ocasiões isso pode acontecer?

2.52- Quais são os critérios utilizados pelos dirigentes para tomar essa decisão?

3- Características das condições de vida e saúde

C) Atividades de lazer

3.76-Quais os tipos de programações existentes para as crianças e jovens no abrigo?

3.77- Quem são as pessoas que planejam essas atividades?

3.78- Quais são as atividades de lazer disponíveis para as crianças com faixa de idade dos três aos sete anos?

3.79- Qual a frequência em que realizam essas atividades?

3.80- Em que ocasiões realizam essas atividades?

3.81- Quais são as atividades de lazer disponíveis para as crianças com faixa de idade dos oito aos doze anos?

3.82- Qual a frequência em que realizam essas atividades?

3.83- Em que ocasiões realizam essas atividades?

3.84- Quais são as atividades de lazer disponíveis para as crianças com faixa de idade dos treze aos dezesseis anos?

3.85- Qual a frequência em que realizam essas atividades?

3.86- Em que ocasiões realizam essas atividades?

D) Relacionamento

3.90- Avalie com três palavras os pontos positivos do relacionamento do abrigo com as demais entidades responsáveis pela proteção de crianças e jovens?

3.91- Avalie com três palavras os pontos negativos do relacionamento do abrigo com as demais entidades responsáveis pela proteção de crianças e jovens?

3.92- Em que ocasiões vocês dirigentes, estabelecem contato com essas entidades?

E) Problemas de saúde e tratamento terapêutico

3.93- Quais os tipos de encaminhamentos que são feitos para tratamentos de saúde?

3.94- Nessa semana, foi feito algum tipo de encaminhamento?
Qual?

3.95- E na semana passada, foi feito algum tipo de encaminhamento?
Qual?

3.96- Quais os tipos de encaminhamentos para tratamentos de saúde são feitos geralmente?

3.97- Quem realiza os encaminhamentos para tratamentos de saúde?

3.98- Qual o tipo de profissional que foi chamado nesse mês para realizar atendimento de saúde das crianças e jovens institucionalizados?

Médico Dentista Psicólogo Pedagogo Fonoaudiólogo Outros

3.99- Quem detecta os problemas de saúde apresentados pelas crianças?

3.100- Há pessoas responsáveis pelo recebimento de queixas de saúde das crianças?

ANEXO 6

**ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA PARA OS COLABORADORES DA
UNIDADE DE ABRIGO**

2.6- Qual a quantidade de horas extras que você fez em cada dia?

Uma hora () Duas horas () Três horas () Quatro horas () Mais de quatro ()

2.7- Qual a quantidade de horas extras você faz geralmente?

Uma hora () Duas horas () Três horas () Quatro horas () Mais de quatro ()

2.8- Suas horas extras são remuneradas?

Sim () Não ()

2.9- Qual o horário você começa a trabalhar?

2.10- Qual o horário você termina de trabalhar?

2.11- Qual a faixa de seu salário?

() De 1 a 2 salários () De 2 a 3 salários () De 3 a 4 salários () De 4 a 5 salários
() Mais de 5 salários

2.12- Você tem algum tipo de benefício social?

() Não () Convênio médico () Vale transporte () Cesta básica () Vale alimentação
() Outro _____

2.13- Você está trabalhando com registro em carteira?

() Sim Não ()

2.14- Você faltou no trabalho algum dia dessa semana?

() Sim Não ()

2.15- Quantos dias dessa semana você faltou no trabalho?

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

2.16- E na semana passada, você faltou algum dia?

() Sim Quantos? _____ () Não

2.17- Você costuma faltar no trabalho?

() Sim () Não

2.18- Qual o motivo de suas faltas?

- Problemas de saúde Problemas familiares Problemas com a instituição
 Outros _____

2.19- Quando você falta, quem realiza seu trabalho?

2.20- Existe algum tipo de suporte profissional (grupos de discussão, orientação, treinamento), que auxilie você a realizar seu trabalho?

- Sim Não

2.21- Qual o tipo de suporte profissional existente?

2.22- Existe uma pessoa ou segmento da instituição responsável por receber notícias das dificuldades que as pessoas encontram no seu trabalho?

- Sim Não

2.24- Avalie o grau de satisfação com o seu trabalho:

- completamente insatisfeito insatisfeito mais ou menos insatisfeito satisfeito
 completamente satisfeito

2.29- Alguém faz “cobranças” em relação ao seu trabalho?

- Sim Não

2.58- Você teve algum tipo de treinamento para realizar essa função?

- Sim Não

2.59- Em que ocasião você recebeu o treinamento?

- Quando ingressou na instituição Antes de começar a trabalhar na instituição Outra _____

2.60- Você realizou esse treinamento, porque:

- A instituição lhe exigiu Aperfeiçoamento Outro _____

2.61- Quais os profissionais responsáveis pelo treinamento que você fez?

3- Características das condições de vida e saúde

B) Queixas

3.1- Em relação a quem as crianças e jovens institucionalizados possuem queixas?

- Aos colegas As dirigentes Aos visitantes Aos familiares
 A professora Aos funcionários

3.2- Quanto à quantidade de queixas, você considera que existe em relação:

Aos colegas: nenhuma queixa pouca queixa muita queixa

3.3- Você lembra que tipos de queixas são feitos em relação aos colegas deles?

3.4- Aos dirigentes: nenhuma queixa pouca queixa muita queixa

3.5- Você lembra que tipos de queixas são feitos em relação aos dirigentes?

3.6- Aos visitantes: nenhuma queixa pouca queixa muita queixa

3.7- Você lembra que tipos de queixas são feitos em relação aos visitantes?

3.8- Aos familiares: nenhuma queixa pouca queixa muita queixa

3.9- Que tipos de queixas são feitos em relação aos familiares?

3.10- À professora: nenhuma queixa pouca queixa muita queixa

3.11- Que tipos de queixas são feitos em relação à professora?

3.12- Aos funcionários: nenhuma queixa pouca queixa muita queixa

3.13- Que tipos de queixas são feitos em relação aos funcionários?

D) Relacionamento

3.14- Que tipo de relação geralmente existe entre você e seus colegas de trabalho?

G) Banho

3.24- De que forma as crianças e jovens são distribuídas para realizarem os banhos?

- Em grupos em função da faixa etária Em grupos em função da disponibilidade
 Todo o grupo misturado Outra _____

3.25- Qual a faixa de horário estabelecida para o banho?

3.26- Os banhos acontecem:

- À noite Depois do almoço De manhã Outras

3.27- Qual a duração do tempo do banho previsto para todas as crianças?

- De 5 a 10 min De 10 a 15 min De 15 a 20 min Mais de 20 min

3.28- Quem são as pessoas responsáveis pela supervisão durante os banhos?

ANEXO 7

**ROTEIRO DE ENTREVISTA ABERTA PARA OS COLABORADORES DA
UNIDADE DE ABRIGO**

Roteiro de entrevista aberta (complemento do roteiro estruturado) para os colaboradores da unidade de abrigo

2- Características das condições de trabalho

A) Características gerais

2.23- Quem é a pessoa ou o segmento da instituição responsável por receber notícias das dificuldades que as pessoas encontram no seu trabalho?

2.25- O que é incomodo no seu trabalho?

2.26- O que lhe agrada em seu trabalho?

2.27- Apresente 3 pontos positivos relacionados a instituição de abrigo:

2.28- Apresente 3 pontos negativos relacionados a instituição de abrigo:

2.30- Quem faz as cobranças?

2.31- As cobranças são feitas em relação a que tipo de coisas?

- 2.32- Que tipo de solicitações são feitas pelos dirigentes e técnicos institucionais em relação ao seu trabalho ?
- 2.33- Que tipos de solicitações são feitas pelos profissionais do conselho tutelar em relação ao seu trabalho?
- 2.34- De que forma são feitas as solicitações dos dirigentes e técnicos institucionais?
- 2.35- De que forma são feitas as solicitações dos profissionais do conselho tutelar?
- 2.36- Em que tipo de situação você recebe críticas ou advertências em relação ao seu trabalho?
- 2.37- Que tipo de equipamento você tem a sua disposição para trabalhar?
- 2.38- Você utiliza esses equipamentos em seu trabalho?
- 2.39- Que outros equipamentos você gostaria de utilizar e não estão disponíveis?
- 2.40- Você possui uma sala própria para trabalhar?
- 2.41- Que coisas acontecem no teu ambiente de trabalho e te deixam constrangido?

- 2.42- Relate alguma situação que ocorreu e o deixou constrangido:
- 2.43- Essa semana aconteceu alguma situação que o deixou constrangido?
- 2.44- Essas situações que o deixam constrangido ocorrem:
 Sempre As vezes Nunca
- 2.45- Relate as principais atividades que você desempenha na instituição:
- 2.46- O que as pessoas fazem para lhe avisar sobre as coisas a serem cumpridas?
- 2.47- Quem lhe avisa sobre as coisas a serem cumpridas?
- 2.48- De que forma as informações circulam em seu ambiente de trabalho?
- 2.49- Já ocorrerem distorções de informações?
 Sim Não
- 2.50- As distorções nas informações ocorrem:
 Sempre As vezes Nunca

- 2.51- Quais as conseqüências que essas distorções podem ter?
- 2.52- Que coisas você costuma fazer na instituição e são reconhecidas como positivas:
- 2.53- Que coisas você costuma fazer na instituição e são reconhecidas como negativas:
- 2.54- Quem são as pessoas que costumam fazer algum tipo de reconhecimento pelo seu trabalho?
- 2.55- Quais são as formas mais comuns de reconhecimento no seu trabalho?
- 2.56- De que forma você se sente quando é reconhecido?
- 2.57- De que forma você avalia o grau de reconhecimento pelo seu trabalho?
- Pouco reconhecimento Médio reconhecimento Muito reconhecimento

B) Características dos procedimentos de atendimentos das crianças e jovens

- 2.62- Surgem imprevistos durante o tempo em que você está realizando suas atividades?
- Sim Não
- 2.63- Que tipo de imprevistos acontecem?

2.64- O que você faz para tentar resolver os imprevistos?

2.65- A instituição possui algum procedimento que auxilie você a tomar decisão quando ocorrem imprevistos?

Sim

Não

2.66- Que tipo de procedimento?

2.67- Que coisas acontecem no abrigo e são consideradas indesejáveis pelos dirigentes da instituição?

2.68- Que coisas acontecem no abrigo e são consideradas positivas pelos dirigentes da instituição?

2.69- Quais são as regras institucionais utilizadas na rotina do abrigo?

2.70- O que acontece quando alguém não cumpre as regras?

2.71- Em que ocasiões as regras não são cumpridas?

2.72- Que tipo de procedimento é utilizado quando, por exemplo, uma criança ou jovem desrespeita as regras institucionais?

2.73- Quem são as pessoas responsáveis pela supervisão das crianças e jovens institucionalizados?

3- Características das condições de vida e saúde

D) Relacionamento

3.17- Do que você gosta em relação ao relacionamento da instituição com as demais entidades responsáveis pela proteção de crianças e jovens?

3.18- Do que você não gosta em relação ao relacionamento da instituição com as demais entidades responsáveis pela proteção de crianças e jovens?

3.19- Em que ocasiões você estabelece contato com essas entidades?

ANEXO 8

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA AS CRIANÇAS E JOVENS

agrada pouco 0- 1- 2- 3- 4- 5- 6- 7- 8- 9- 10 agrada muito

colegas _____

agrada pouco 0- 1- 2- 3- 4- 5- 6- 7- 8- 9- 10 agrada muito

2.7- Quais são as coisas que você menos gosta no abrigo?

O que te desagrada quanto a:

funcionários _____

desagrada pouco 0- 1- 2- 3- 4- 5- 6- 7- 8- 9- 10 desagrada muito

colegas _____

desagrada pouco 0- 1- 2- 3- 4- 5- 6- 7- 8- 9- 10 desagrada muito

2.8- Quando você precisa de alguma coisa, ou tem alguma dificuldade, a quem você recorre no abrigo?

3- Escolaridade

3.1- Quais locais existem no abrigo para você fazer suas atividades escolares?

3.2- Você tem amigos na escola?

Sim Não

3.3- Você considera seu relacionamento com os colegas da escola?

ótimo bom regular

3.4- Existem crianças que moram no abrigo e estudam com você?

Sim Não Não sei

3.5- Você realiza suas atividades escolares com a ajuda de alguém?

Sim Quem? _____ Não

3.6- Você tem dificuldades para realizar suas atividades escolares?

Sim Não

3.7- No que você tem dificuldade?

3.8- Que tipo de atividade escolar você faz com facilidade?

3.9- A professora da escola te ajuda quando tens dificuldades?

Sempre As vezes Nunca

3.10- Você fala para ela que tem dificuldades?

Sim Não

3.11- O que a professora faz para te ajudar?

3.12- Existem outras pessoas que te ajudam nas tarefas escolares?

Sim Não

3.13- Quem são essas pessoas?

Funcionários Colegas Técnicos Outra _____

3.14- Essas pessoas te ajudam quando você precisa?

Sempre As vezes Nunca

3.15- O que eles fazem para te ajudar?

4- Relacionamentos

4.1- Aqui no abrigo existem pessoas que te cuidam?

Sim Não

4.2- Quem são essas pessoas que te cuidam?

4.3- Você gosta dos adultos que trabalham aqui no abrigo?

Sim Não

4.4- Que coisas eles fazem que você gosta?

4.5- Que coisas eles fazem que você não gosta?

4.6- Você gosta dos colegas do abrigo?

4.7- Quantos amigos você tem no abrigo?

4.8- O que teus amigos fazem e você gosta?

4.9- Quando eles fazem o que você gosta?

4.10- O que teus amigos fazem e você não gosta?

4.11- Quando eles fazem o que você não gosta?

Sempre As vezes Nunca

4.12 – O que eles não deveriam fazer?

5- Atividades de lazer

5.1- Quais são as atividades de lazer que você faz no abrigo?

- Assistir t.v Jogar bola Correr Desenhar Brincar com jogos
 Brincar com areia Outras _____

5.2- Você assistiu T.V hoje?

- Sim Não

5.3- Em que período do dia você assistiu T.V?

- Manhã Tarde Noite

5.4- E ontem você assistiu T.V?

- Sim Não

5.5- Em que período do dia?

- Manhã Tarde Noite

5.6- Você geralmente assiste T.V?

- Sim Não

5.7- Qual o horário que você assiste T.V?

- No horário que você quer No horário determinado pelas pessoas que te cuidam Depois do
horário da escola Depois do almoço Depois do café da manhã Outro _____

5.8- Que tipo de programa na T.V você assiste?

- Desenhos Filmes Novelas Programas infantis Outros _____

5.9- Você assiste T.V:

- Sozinho Com seus amigos Com os funcionários

5.10- Você jogou bola hoje?

- Sim Não

5.11- Em que período do dia você jogou bola?

- Manhã Tarde Noite

5.12- E ontem você jogou bola?

- Sim Não

5.13- Em que período do dia?

- Manhã Tarde Noite

5.14- Você geralmente joga bola?

- Sim Não

5.15- Qual o horário que você joga bola?

- No horário que você quer No horário determinado pelas pessoas que te cuidam Depois do horário da escola Depois do almoço Depois do café da manhã Outro _____

5.16- Que tipo de jogo você brinca com a bola?

- Futebol Volei Basquete Handebol Outros

5.17- Você joga bola:

- Sozinho Com seus amigos Com os funcionários

5.18- Você brincou de correr hoje?

- Sim Não

5.19- Em que período do dia você brincou de correr?

- Manhã Tarde Noite

5.20- E ontem você brincou de correr?

Sim Não

5.21- Em que período do dia?

Manhã Tarde Noite

5.22- Você geralmente brinca de correr?

Sim Não

5.23- Qual o horário que você brinca de correr?

No horário que você quer No horário determinado pelas pessoas que te cuidam Depois do horário da escola Depois do almoço Depois do café da manhã Outro _____

5.24- Que tipo de brincadeira de correr você brinca?

Esconde-esconde Disputa de corrida Outra _____

5.25- Você brinca de correr:

Sozinho Com seus amigos Com os funcionários

5.26- Você fez algum desenho hoje?

Sim Não

5.27- Em que período do dia você desenhou?

Manhã Tarde Noite

5.28- E ontem você desenhou?

Sim Não

5.29- Em que período do dia?

Manhã Tarde Noite

5.30- Você geralmente faz desenhos?

Sim Não

5.31- Qual o horário que você faz os desenhos?

- No horário que você quer No horário determinado pelas pessoas que te cuidam Depois do horário da escola Depois do almoço Depois do café da manhã Outro _____

5.32- Que tipo de desenho você faz?

- Livre Desenha a natureza Desenha a família Desenha a escola
 Desenha o abri Outros

5.33- Você faz os desenhos:

- Sozinho Com seus amigos Com os funcionários

5.34- Você brincou com jogos hoje?

- Sim Não

5.35- Em que período do dia você brincou com os jogos?

- Manhã Tarde Noite

5.36- E ontem você brincou com jogos?

- Sim Não

5.37- Em que período do dia?

- Manhã Tarde Noite

5.38- Você geralmente brinca com jogos?

- Sim Não

5.39- Qual o horário que você brinca com os jogos?

- No horário que você quer No horário determinado pelas pessoas que te cuidam Depois do horário da escola Depois do almoço Depois do café da manhã Outro _____

5.40- Que tipo de jogos você brinca?

- Jogos de encaixe Quebra-cabeças Jogos de competição Outros _____

5.41- Você brinca com os jogos:

- Sozinho Com seus amigos Com os funcionários

5.42- Você brinca com a areia do pátio?

- Sim Não

5.43- Em que período do dia você brinca com a areia do pátio?

- Manhã Tarde Noite

5.44- E ontem você brincou com a areia do pátio?

- Sim Não

5.45- Em que período do dia?

- Manhã Tarde Noite

5.46- Você geralmente brinca com a areia do pátio?

- Sim Não

5.47- Qual o horário que você brinca com a areia do pátio?

- No horário que você quer No horário determinado pelas pessoas que te cuidam Depois do horário da escola Depois do almoço Depois do café da manhã Outro _____

5.48- Do que você brinca na areia do pátio?

5.49- Você brinca na areia do pátio:

- Sozinho Com seus amigos Com os funcionários

5.50- Quais são as atividades que você faz fora do abrigo?

- Ir à praia Passear na cidade Esportes Outra _____ Nenhuma

5.51- Você vai a praia nessa semana?

- Sim Não

5.52- E na semana passada você foi a praia?

Sim Não

5.53- Geralmente você vai a praia?

Sim Não

5.54- Quantas vezes você já foi na praia?

5.55- Quem te leva na praia?

5.56- Com quem você vai a praia?

Sozinho Com os amigos do abrigo Com os funcionários

5.57- Você foi passear na cidade essa semana?

Sim Não

5.58- E na semana passada você foi passear na cidade?

5.59- Geralmente você vai passear na cidade?

5.60- Quem te levou para passear na cidade?

5.61- Qual o local da cidade que você visitou?

5.62- Com quem você foi passear na cidade?

Sozinho Com os amigos do abrigo Com os funcionários

5.63- Você praticou esportes essa semana?

Sim Não

5.64- Que tipo de esportes você praticou essa semana?

Futebol Natação Ginástica Dança Outro_____

5.65- Quem te leva para praticar esportes?

5.66- Qual o local que você praticou esportes?

no abrigo na praia no ginásio

5.67- Com quem você vai praticar esportes?

Sozinho Com os amigos do abrigo Com os funcionários

5.68- Você faz alguma outra atividade fora da instituição?

Sim Não

5.69- Qual é a atividade?

5.70- Essa semana você fez alguma atividade fora da instituição?

Sim Não

5.71- E na semana passada você fez alguma atividade fora da instituição?

Sim Não

5.72- Com quem você faz essa outra atividade?

Sozinho Com os amigos do abrigo Com os funcionários

5.73- O que te agrada quanto as atividades físicas?

5.74- O que te desagrada quanto as atividades que você faz no abrigo?

5.75- O que gostaria de mudar em relação as atividades que você faz no abrigo?

6- Visitas

6.1- De quem você recebe visitas no abrigo?

Da família Dos amigos Dos técnicos Outras Não recebe

6.2- Você gosta de receber as visitas?

Sim Não

6.3- O que você acha das visitas?

6.4 – Essa semana você recebeu visitas da sua família?

Sim Não

6.5- E na semana passada você recebeu visitas da sua família?

Sim Não

6.6- Geralmente eles vem te visitar?

Sim Não

6.7- Quem são as pessoas da sua família que vem te visitar?

Pai Mãe Avós Irmãos Primos Tios Cunhados

6.8- Quando você recebe a visita de sua família?

Dia da semana Final de semana Feriados Outros_____

6.9- Sobre o que você conversa com a sua família?

6.10- Você gosta de receber a visita de sua família?

Sim Não

6.11-Essa semana você recebeu visitas de seus amigos?

Sim Não

6.12-E na semana passada você recebeu visitas de seus amigos?

Sim Não

6.13-Geralmente eles vem te visitar?

Sim Não

6.14-Quem são os amigos que vem te visitar?

Amigos da escola Amigos da rua Outros amigos

6.15-Quando você recebe a visita de seus amigos?

Dia da semana Final de semana Feriados Outros_____

6.16-Sobre o que você conversa com os seus amigos?

6.17-Você gosta de receber a visita de seus amigos?

Sim Não

6.16- Essa semana você recebeu visitas de algum técnico de outra instituição?

Sim Não

6.17- E na semana passada você recebeu visitas dos técnicos?

Sim Não

6.18- Geralmente eles vem te visitar?

Sim Não

6.19-Quem são os técnicos que vem te visitar?

Médicos Professora Psicóloga Assistente Social Fonoaudióloga Outros

6.20-Quando você recebe a visita dos técnicos?

Dia da semana Final de semana Feriados Outros _____

6.21-Sobre o que você conversa com os técnicos?

6.22-Você gosta de receber a visita dos técnicos?

Sim Não

6.23- O que você acha da visita dos técnicos?

6.24- Você recebeu outras visitas essa semana?

Sim Não

6.25- E na semana passada você recebeu outras visitas?

Sim Não

6.26- Quem são as essas outras visitas?

6.27- Quando você recebe essas outras visitas?

Dia da semana Final de semana Feriados Outros _____

6.28- Sobre o que você conversa com eles?

6.29- Você gosta de receber a visita deles?

Sim Não

6.30- O que você acha da visita dessas pessoas?

6.31- O que te agrada em relação as visitas que recebes?

6.32- O que gostaria de mudar em relação as visitas?

6.33- O que te incomoda em relação as visitas?

7- Alimentação

7.1- Que coisas tem para comer aqui no abrigo e que você gosta?

7.2- Essas coisas que você gosta, tem para comer:

Sempre As vezes Nunca

7.3- Que coisas tem para comer aqui no abrigo e que você não gosta?

7.4- Essas coisas que você não gosta, tem para comer:

Sempre As vezes Nunca

7.5- O que acontece quando você não quer comer algo?

7.6- E quando você quer repetir o prato, o que você faz?

Pedir para o funcionário Se serve sozinho Pedir ajuda do colega Outra _____

7.7- O que você faz quando tem fome?

Pedir algo para comer aos funcionários Você pega algo para comer sozinho Você pega algo para comer com a ajuda dos colegas Outra _____

7.8- O que você gostaria de mudar em relação a comida?

8- Cuidados pessoais

8.1- Você já tomou banho hoje:

Sim Não

8.2- Quantos banhos você já tomou hoje?

8.3- Qual foi a última vez que você tomou banho?

8.4- O que tem no banheiro que você pode usar durante o banho?

Shampoo Sabonete Esponja Escovinha Outra _____

8.5- Você lava os cabelos todas as vezes que toma banho?

Sim Não

8.6- Você escolhe a roupa que quer vestir depois do banho?

Sim Não Quem escolhe ? _____

8.7- Você gosta das roupas que usa?

Sim Não

8.8- Que tipo de roupas você usa?

Camiseta Bermudas Calças Jaquetas Outras _____

8.9- Em que momentos você troca de roupa?

Quando acorda Antes de ir para a escola Quando toma banho Quando vai à algum lugar

8.10- Que tipo de calçado você usa?

Tênis Sandálias Chinelos Sapatos Outros _____

8.11- Você já lavou as mãos hoje?

Sim Não

8.12- Em que momentos você lava as mãos?

Quando estão sujas Antes de comer Antes de dormir Outros _____

8.13- Alguém pede para você lavar as mãos?

Sim Quem? _____ Não

8.14- Você já escovou os dentes hoje?

Sim Não

8.15- Em que momentos você escova os dentes?

Quando acorda Quando vai dormir Depois do almoço Depois do café
 Depois da janta Outros _____

8.16- Alguém pede para você escovar os dentes?

Sim Quem? _____ Não

ANEXO 9

**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS COLABORADORES QUE REALIZAM
SERVIÇOS GERAIS**

Roteiro de entrevista para os colaboradores que tem como função realizar serviços gerais

Data: ----/----/----

Horário de início: ----- Horário final:-----

1- Características gerais

1.1- Sexo Masculino Feminino

1.2- Idade:

1.3- Escolaridade: 1º grau 2º grau 3º grau
Completo Incompleto
Continua estudando?

1.4- Estado Civil: Solteiro Casado Separado Viúvo Coabitando

1.5- Cidade onde nasceu:

1.6- Tempo de residência na cidade atual:

2- Características das condições de trabalho

2.1- Quanto tempo você trabalha no abrigo?

Menos de 1 mês De 1 a 3 meses De 3 a 6 meses De 6 a 9 meses Mais de 9 meses

2.2- De quantas horas é sua jornada de trabalho?

De 3 a 6 horas De 6 a 9 horas Mais de 9 horas

2.3- Qual a quantidade de pausas você tem durante a jornada de trabalho?

Uma Duas Três Quatro Mais de quatro

2.4- A instituição tem solicitado a você fazer horas extras?

Sim Não

2.5- Em quantos dias dessa semana você fez horas extras?

1 2 3 4 5 6 7

2.6- Qual a quantidade de horas extras que você fez em cada dia?

2.7- Qual a quantidade de horas extras você faz geralmente?

Uma hora () Duas horas () Três horas () Quatro horas () Mais de quatro ()

2.8- Suas horas extras são remuneradas?

Sim () Não ()

2.9- Qual o horário você começa a trabalhar?

2.10- Qual o horário você termina de trabalhar?

2.11- Qual a faixa de seu salário?

() De 1 a 2 salários () De 2 a 3 salários () De 3 a 4 salários () De 4 a 5 salários () Mais de 5 salários

2.12- Você tem algum tipo de benefício social?

() Não () Convênio médico () Vale transporte () Cesta básica () Vale alimentação () Outro _____

2.13- Você está trabalhando com registro em carteira?

() Sim Não ()

2.14- Você faltou no trabalho algum dia dessa semana?

() Sim Não ()

2.15- Quantos dias dessa semana você faltou no trabalho?

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

2.16- E na semana passada, você faltou algum dia?

() Sim Quantos? _____ () Não

2.17- Você geralmente costuma faltar no trabalho?

() Sim () Não

2.18- Qual o motivo de suas faltas?

problemas de saúde problemas familiares problemas com a instituição outros

2.19- Quando você falta, quem realiza seu trabalho?

2.20- Existe algum tipo de suporte profissional (grupos de discussão, orientação), que auxilie você a realizar seu trabalho?

Sim Não

2.21- Qual o tipo de suporte profissional existente?

2.22- Existe uma pessoa ou segmento da instituição responsável por receber notícias das dificuldades que as pessoas encontram no seu trabalho?

Sim Não

2.23- Quem é a pessoa ou o segmento da instituição responsável por receber notícias das dificuldades que as pessoas encontram no seu trabalho?

2.24- O que é incomodo no seu trabalho?

2.25- O que lhe agrada em seu trabalho?

2.26- Apresente 3 pontos positivos relacionados a instituição de abrigo:

2.27- Apresente três pontos negativos relacionados a instituição de abrigo:

2.28- Avalie o grau de satisfação com o seu trabalho:

completamente insatisfeito insatisfeito mais ou menos insatisfeito satisfeito
 completamente satisfeito

2.29- Alguém faz “cobranças” em relação ao seu trabalho?

Sim Não

2.30- Quem faz as cobranças?

2.31- As cobranças são feitas em relação a que tipo de coisas?

2.32- Que tipo de solicitações são feitas pelos dirigentes e técnicos institucionais em relação ao seu trabalho ?

2.33- Que tipos de solicitações são feitas pelos profissionais do conselho tutelar em relação ao seu trabalho?

2.34- De que forma são feitas as solicitações dos dirigentes e técnicos institucionais?

2.35- De que forma são feitas as solicitações dos profissionais do conselho tutelar?

2.36- Em que tipo de situação você recebe críticas ou advertências em relação ao seu trabalho?

2.37- Você teve algum tipo de treinamento para realizar essa função?

Sim Não

2.38- Em que ocasião você recebeu o treinamento?

quando ingressou na instituição antes de começar a trabalhar na instituição outra_____

2.39- Você realizou esse treinamento, porque:

a instituição lhe exigiu aperfeiçoamento Outro_____

2.40- Quais os profissionais responsáveis pelo treinamento que você fez?

2.41- Que tipo de equipamento você tem a sua disposição para trabalhar?

2.42- Você utiliza esses equipamentos em seu trabalho?

Sim Não

2.43- Que outros equipamentos você gostaria de utilizar e não estão disponíveis ?

2.44- Você possui uma sala própria para trabalhar?

Sim Não

2.45- Que coisas acontecem no teu ambiente de trabalho e te deixam constrangido?

2.46- Relate alguma situação que ocorreu e o deixou constrangido:

2.47- Essa semana aconteceu alguma situação que o deixou constrangido?

2.48- Essas situações que o deixam constrangido ocorrem:

sempre as vezes nunca

2.49- Relate as principais atividades que você desempenha na instituição:

2.50- O que as pessoas fazem para lhe avisar sobre as coisas a serem cumpridas?

2.51- Quem lhe avisa sobre as coisas a serem cumpridas?

2.52- De que forma as informações circulam em seu ambiente de trabalho?

2.53- Já ocorrerem distorções de informações?

Sim Não

2.54- Com que frequência ocorrem distorções de informações em seu ambiente de trabalho?

Poucas vezes 0- 1- 2- 3- 4- 5- 6- 7- 8- 9- 10 muitas vezes

2.55- Quais as conseqüências que essas distorções podem ter?

2.56- Que coisas você costuma fazer na instituição e são reconhecidas como positivas :

2.57- Que coisas você costuma fazer na instituição e são reconhecidas como negativas:

2.58- Quem são as pessoas que costumam fazer algum tipo de reconhecimento pelo seu trabalho?

2.59- Quais são as formas mais comuns de reconhecimento no seu trabalho?

2.60- De que forma você se sente quando é reconhecido?

2.61- Como você qualificaria o grau de reconhecimento pelo seu trabalho?

Pouco reconhecimento 0- 1- 2- 3- 4- 5- 6- 7- 8- 9- 10 muito reconhecimento

3- Características dos procedimentos de atendimentos as crianças e jovens

3.1- Surgem imprevistos durante o tempo em que você está realizando suas atividades?

Sim Não

3.2- Que tipo de imprevistos acontecem?

3.3- O que você faz para tentar resolver os imprevistos?

3.4- A instituição possui algum procedimento que auxilie você a tomar decisão quando ocorrem imprevistos?

Sim Não

3.5- Que tipo de procedimento?

3.6- Que coisas acontecem no abrigo e são consideradas indesejáveis pela instituição?

3.7- Que coisas acontecem no abrigo e são consideradas positivas pela instituição?

3.8- Quais são as regras institucionais utilizadas na rotina do abrigo?

3.9- O que acontece quando alguém não cumpre as regras?

3.10- Em que ocasiões as regras não são cumpridas?

3.11- Que tipo de procedimento é utilizado quando, por exemplo, uma criança ou jovem desrespeita as regras institucionais?

3.12- Quem são as pessoas responsáveis pela supervisão das crianças e jovens institucionalizados?

4.- Queixas

Em relação a quem as crianças e jovens institucionalizados possuem queixas?

aos colegas às dirigentes aos visitantes aos familiares à professora
 aos funcionários

Dê uma nota de 1 a 10, sendo um o grau mínimo e 10 o grau máximo, para avaliar as queixas das crianças e jovens que são apresentadas em relação :

Aos colegas : poucas queixas 0- 1 - 2 -3 -4 -5 -6 -7- 8- 9 -10 muitas queixas

Que tipo de queixas são feitas em relação aos colegas?

Aos dirigentes: poucas queixas 0- 1 - 2 -3 -4 -5 -6 -7- 8- 9 -10 muitas queixas

Que tipos de queixas são feitas em relação aos dirigentes?

Aos visitantes: poucas queixas 0- 1 - 2 -3 -4 -5 -6 -7- 8- 9 -10 muitas queixas

Que tipo de queixas são feitas em relação aos visitantes?

Aos familiares: poucas queixas 0- 1 - 2 -3 -4 -5 -6 -7- 8- 9 -10 muitas queixas

Que tipos de queixas são feitas em relação aos familiares?

À professora: poucas queixas 0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 muitas queixas

Que tipo de queixas são feitas em relação a professora?

Aos funcionários: poucas queixas 0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 muitas queixas

Que tipo de queixas são feitas em relação aos funcionários?

5- Relacionamento

Que tipo de relação geralmente existe entre você e seus colegas de trabalho?

() Amistoso () Agressivo () Indiferente () Agradável () Competitiva () Afetiva () Amigável () Hostil
() Outra _____

Em relação aos seus colegas de trabalho:

Avalie o tipo de relação estabelecida:

Amistosa: nunca 0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 sempre

Agressiva: nunca 0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 sempre

Indiferente: nunca 0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 sempre

Agradável: nunca 0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 sempre

Competitiva: nunca 0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 sempre

Outra: _____ nunca 0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 sempre

Em relação as crianças e jovens institucionalizados:

Avalie o tipo de relação estabelecida:

Amistosa: nunca 0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 sempre

Agressiva: nunca 0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 sempre

Indiferente: nunca 0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 sempre

Agradável: nunca 0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 sempre

Competitiva: nunca 0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 sempre

Outra: _____ nunca 0 - 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 sempre

Em relação as demais entidades responsáveis pela proteção de crianças e adolescentes

Do que você gosta em relação ao relacionamento da instituição com as demais entidades responsáveis pela proteção de crianças e jovens?

Do que você não gosta em relação ao relacionamento da instituição com as demais entidades responsáveis pela proteção de crianças e jovens?

Em que ocasiões você estabelece contato com essas entidades?

- durante os encaminhamentos durante o período de institucionalização das crianças e jovens
 durante a transferência das crianças e jovens Outras _____

6- *Limpeza*

Quem é a pessoa responsável por realizar a limpeza no setor em que você trabalha?

Em termos gerais, como avalia o seu setor em termos de limpeza:

Classifique o grau de limpeza do seu setor:

Muito sujo 0- 1- 2- 3- 4- 5- 6- 7- 8- 9- 10 Muito limpo

ASPECTO	CONJUNTO DE VARIÁVEIS	SUB-CONJUNTO DE VARIÁVEIS	VÁRIÁVEIS	VALORES DA VARIÁVEL	NÍVEIS DE MENSURAÇÃO
CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS E JOVENS INSTITUCIONALIZADOS			Sexo	Masculino Feminino	Nominal
			Idade	Quantidade de anos	
	ESCOLARIDADE		Pré-escola Ensino fundamental Ensino médio	Estágio da série alcançada	Nominal
	NATURALIDADE	Local de nascimento	País Estado Cidade Tempo de permanência na cidade	Nome do país Nome do Estado Nome da cidade Quantidade de tempo	Nominal

ASPECTO	CONJUNTO DE VARIÁVEIS	SUB-CONJUNTO DE VARIÁVEIS	VÁRIÁVEIS	VALORES DA VARIÁVEL	NÍVEIS DE MENSURAÇÃO
CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS E JOVENS INSTITUCIONALIZADOS	ENCAMINHAMENTOS	Motivo do encaminhamento	Maus-tratos	Abuso físico Abuso sexual Abuso emocional Negligência	Nominal
			Falta de condições materiais	Tipo de falta de condições materiais	
			Práticas de atos infracionais	Tipo de ato infracional cometido	
			Exploração	Tipo de exploração	
			Tipo de encaminhamento realizado em relação aos problemas identificados		
		Instituição responsável pelo encaminhamento	Conselho tutelar Juizado da Infância e Juventude Escola Familiares Outros	Quantidade de vezes que foi encaminhado pelas instituições Quantidade de tempo que ingressou no abrigo Quantidade de vezes que ingressou no abrigo	Nominal

ASPECTO	CONJUNTO DE VARIÁVEIS	SUB-CONJUNTO DE VARIÁVEIS	VÁRIÁVEIS	VALORES DA VARIÁVEL	NÍVEIS DE MENSURAÇÃO
CARACTERÍSTICAS DOS PROFISSIONAIS RESPONSÁVEIS PELO ATENDIMENTO			Sexo Idade	Masculino Feminino Qtade de anos	Nominal
	ESCOLARIDADE		Ensino fundamental Ensino médio Ensino superior	Estágio do nível alcançado	Nominal
CARACTERÍSTICAS DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO		Ocupação profissional Período de trabalho Recursos do trabalho	Tipo de ocupação profissional. Quantidade de tempo que trabalha no abrigo Quantidade de horas de trabalho Quantidade de pausas no trabalho Quantidade de folgas mensais Tipo de suporte nos cuidados dispensados as crianças	Cozinheira, Faxineira, Lavadeira, Psicóloga, Pedagoga, Administrador, outros. De 1 a 3 meses, de 3 a seis meses, de seis a nove meses, mais de nove meses . De 1 a 3 horas, de 3 a 6 horas, de 6 a 9 horas, mais de nove horas 1,2,3,4,5,6. 1,2,3,4,5,6. Instrumental, social, econômico.	

ASPECTO	CONJUNTO DE VARIÁVEIS	SUB-CONJUNTO DE VARIÁVEIS	VÁRIÁVEIS	VALORES DA VARIÁVEL	NÍVEIS DE MENSURAÇÃO
	DIREITOS TRABALHISTAS		Benefícios sociais	Convênio médico, vale transporte, cesta básica, vale alimentação	Nominal
			Condição	Registrado , não registrado	Nominal
			Pagamento de horas extras	Sim, Não	Nominal

ASPECTO	CONJUNTO DE VARIÁVEIS	SUB-CONJUNTO DE VARIÁVEIS	VÁRIÁVEIS	VALORES DA VARIÁVEL	NÍVEIS DE MENSURAÇÃO
CONDIÇÕES DE SAÚDE	CARACTERÍSTICAS DO PADRÃO DE ATENDIMENTO OFERECIDO	CONTROLE	Tipo de controle utilizado na supervisão de crianças Procedimentos Quantidade Ocasões	Direto, indireto Tipos de procedimentos Muito, moderado, pouco Durante as refeições, durante as horas livres no pátio, na hora de dormir, na hora do banho	Nominal Nominal
		ADVERTÊNCIAS	Tipo Procedimentos Quantidade Ocasões	Verbal, por escrito, Cozinha, Quartos, Banheiros, SalaTV Tipo de procedimentos Muito, moderado, pouco Durante as refeições, durante as brigas, na hora de dormir, na hora do banho	Nominal
		TRATAMENTO	Tipo oferecido Tipo recebido	Agressivo, Respeitoso, Formal, Carinhoso	

ASPECTO	CONJUNTO DE VARIÁVEIS	SUB-CONJUNTO DE VARIÁVEIS	VÁRIÁVEIS	VALORES DA VARIÁVEL	NÍVEIS DE MENSURAÇÃO
CONDIÇÕES DE VIDA	CARACTERÍSTICAS HABITACIONAIS DA INSTITUIÇÃO	CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	Material	Tipo de material de construção da habitação Metros de área construída Local do imóvel	Nominal Nominal
			Tamanho		
			Localização do abrigo		
		CARACTERÍSTICAS DOS CÔMODOS	Tipo	Sala, Cozinha, Quartos, Banheiros, SalaTV	Nominal
			Quantidade de cômodos	1,2,3,4,5,6,7,8.	
			Relação da instituição com o imóvel	Público ou privado	
		CAPACIDADE DE ATENDIMENTO	Quantidade de crianças e jovens que a instituição é capaz de atender	10 a 20,crianças, de 20 a 30, de 30 a 40, de 40 a 50.	
			Quantidade de crianças abrigadas no último mês	10 a 20,crianças, de 20 a 30, de 30 a 40, de 40 a 50	
			Quantidade de crianças que entraram na instituição no mês	10 a 20,crianças, de 20 a 30, de 30 a 40, de 40 a 50	
			Quantidade de crianças que saíram da instituição no mês	10 a 20,crianças, de 20 a 30, de 30 a 40, de 40 a 50	

ASPECTO	CONJUNTO DE VARIÁVEIS	SUB-CONJUNTO DE VARIÁVEIS	VÁRIÁVEIS	VALORES DA VARIÁVEL	NÍVEIS DE MENSURAÇÃO
CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS E JOVENS INSTITUCIONALIZADOS			Sexo	Masculino Feminino	Nominal
			Idade	Quantidade de anos	
	ESCOLARIDADE		Pré-escola Ensino fundamental Ensino médio	Estágio da série alcançada	Nominal
	NATURALIDADE	Local de nascimento	País Estado Cidade Tempo de permanência na cidade	Nome do país Nome do Estado Nome da cidade Quantidade de tempo	Nominal

ASPECTO	CONJUNTO DE VARIÁVEIS	SUB-CONJUNTO DE VARIÁVEIS	VÁRIÁVEIS	VALORES DA VARIÁVEL	NÍVEIS DE MENSURAÇÃO
CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS E JOVENS INSTITUCIONALIZADOS	ENCAMINHAMENTOS	Motivo do encaminhamento	Maus-tratos	Abuso físico Abuso sexual Abuso emocional Negligência	Nominal
			Falta de condições materiais	Tipo de falta de condições materiais	
			Práticas de atos infracionais	Tipo de ato infracional cometido	
			Exploração	Tipo de exploração	
			Tipo de encaminhamento realizado em relação aos problemas identificados		
		Instituição responsável pelo encaminhamento	Conselho tutelar Juizado da Infância e Juventude Escola Familiares Outros	Quantidade de vezes que foi encaminhado pelas instituições Quantidade de tempo que ingressou no abrigo Quantidade de vezes que ingressou no abrigo	Nominal

ASPECTO	CONJUNTO DE VARIÁVEIS	SUB-CONJUNTO DE VARIÁVEIS	VÁRIÁVEIS	VALORES DA VARIÁVEL	NÍVEIS DE MENSURAÇÃO
CARACTERÍSTICAS DOS PROFISSIONAIS RESPONSÁVEIS PELO ATENDIMENTO			Sexo Idade	Masculino Feminino Qtade de anos	Nominal
	ESCOLARIDADE		Ensino fundamental Ensino médio Ensino superior	Estágio do nível alcançado	Nominal
CARACTERÍSTICAS DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO		Ocupação profissional Período de trabalho Recursos do trabalho	Tipo de ocupação profissional. Quantidade de tempo que trabalha no abrigo Quantidade de horas de trabalho Quantidade de pausas no trabalho Quantidade de folgas mensais Tipo de suporte nos cuidados dispensados as crianças	Cozinheira, Faxineira, Lavadeira, Psicóloga, Pedagoga, Administrador, outros. De 1 a 3 meses, de 3 a seis meses, de seis a nove meses, mais de nove meses . De 1 a 3 horas, de 3 a 6 horas, de 6 a 9 horas, mais de nove horas 1,2,3,4,5,6. 1,2,3,4,5,6. Instrumental, social, econômico.	

ASPECTO	CONJUNTO DE VARIÁVEIS	SUB-CONJUNTO DE VARIÁVEIS	VÁRIÁVEIS	VALORES DA VARIÁVEL	NÍVEIS DE MENSURAÇÃO
	DIREITOS TRABALHISTAS		Benefícios sociais	Convênio médico, vale transporte, cesta básica, vale alimentação	Nominal
			Condição	Registrado , não registrado	Nominal
			Pagamento de horas extras	Sim, Não	Nominal

ASPECTO	CONJUNTO DE VARIÁVEIS	SUB-CONJUNTO DE VARIÁVEIS	VÁRIÁVEIS	VALORES DA VARIÁVEL	NÍVEIS DE MENSURAÇÃO
CONDIÇÕES DE SAÚDE	CARACTERÍSTICAS DO PADRÃO DE ATENDIMENTO OFERECIDO	CONTROLE	Tipo de controle utilizado na supervisão de crianças Procedimentos Quantidade Ocasões	Direto, indireto Tipos de procedimentos Muito, moderado, pouco Durante as refeições, durante as horas livres no pátio, na hora de dormir, na hora do banho	Nominal Nominal
		ADVERTÊNCIAS	Tipo Procedimentos Quantidade Ocasões	Verbal, por escrito, Cozinha, Quartos, Banheiros, SalaTV Tipo de procedimentos Muito, moderado, pouco Durante as refeições, durante as brigas, na hora de dormir, na hora do banho	Nominal
		TRATAMENTO	Tipo oferecido Tipo recebido	Agressivo, Respeitoso, Formal, Carinhoso	

ASPECTO	CONJUNTO DE VARIÁVEIS	SUB-CONJUNTO DE VARIÁVEIS	VÁRIÁVEIS	VALORES DA VARIÁVEL	NÍVEIS DE MENSURAÇÃO
CONDIÇÕES DE VIDA	CARACTERÍSTICAS HABITACIONAIS DA INSTITUIÇÃO	CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	Material	Tipo de material de construção da habitação Metros de área construída Local do imóvel	Nominal Nominal
			Tamanho		
			Localização do abrigo		
		CARACTERÍSTICAS DOS CÔMODOS	Tipo	Sala, Cozinha, Quartos, Banheiros, SalaTV	Nominal
			Quantidade de cômodos	1,2,3,4,5,6,7,8.	
			Relação da instituição com o imóvel	Público ou privado	
		CAPACIDADE DE ATENDIMENTO	Quantidade de crianças e jovens que a instituição é capaz de atender	10 a 20,crianças, de 20 a 30, de 30 a 40, de 40 a 50.	
			Quantidade de crianças abrigadas no último mês	10 a 20,crianças, de 20 a 30, de 30 a 40, de 40 a 50	
			Quantidade de crianças que entraram na instituição no mês	10 a 20,crianças, de 20 a 30, de 30 a 40, de 40 a 50	
			Quantidade de crianças que saíram da instituição no mês	10 a 20,crianças, de 20 a 30, de 30 a 40, de 40 a 50	

